

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Programa de Pós-Graduação em Educação



Tese

Quando o Extravio é Crise
emergência e invisibilidade de um novo sujeito na educação
jurídica

Pedro Moacyr Pérez Da Silveira

Pelotas, 2013

PEDRO MOACYR PÉREZ DA SILVEIRA

QUANDO O EXTRAVIO É CRISE: Emergência e invisibilidade de um novo
sujeito na educação jurídica

Tese apresentada ao programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Avelino da Rosa Oliveira

Catálogo na publicação:
Maria Fernanda Monte Borges
CRB - 10/1011

S587q Silveira, Pedro Moacyr Pérez da
Quando o extravio é crise : emergência e invisibilidade de um
novo sujeito na educação jurídica / Pedro Moacyr Pérez da Silveira ; orientador : Avelino da Rosa Oliveira. - Pelotas, 2013.
2 v. : il.

Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2013.

1. Educação 2. Direito 3. Trânsito 4. Modernidade 5. Pós-modernidade I. Oliveira, Avelino da Rosa (orient.) II. Título

CDD 370

Banca examinadora:

PROF. DR. Antônio Carlos Wolkmer – UFSC

PROF. DR. Avelino Rosa de Oliveira — UFPel (Orientador)

PROF. DR. Hans-Georg Flickinger – Universidade de Kassel, Alemanha

PROF. DR. Jarbas dos Santos Vieira –UFPe

PROF^a. DR^a. Maria Cecília Loréa Leite –UFPel

Volume II

Sumário

Volume I	8
Introdução.....	11
1. A hipótese do extravio	30
2 Indícios de estranheza.....	78
2.1 Cinco considerações epistemológicas sobre o direito	105
2.1.1 Soberania social do direito	120
2.1.2 Independência e isolamento da ciência jurídica de outros campos de saber afins.....	135
2.1.3 Solipsismo e afastamento do sentido de Universidade	142
2.1.4 Formação de finalidades não educacionais.....	148
2.1.5 Cultivo de uma razão escravizante.....	158
3. Direito: sua partitura e regência.....	178
3.1 Acerca da insuficiência epistemológica da totalidade jurídica	178
3. 2 Sobre a origem do conceito de “homem”.....	213
3.3 A crise humana e a crise do direito	223
3.4 Desfazendo uma impressão equivocada.....	244
3.4 Savigny e a questão do método.	249
3.5 A jurisprudência dos conceitos.	255
3.5.1 Georg Friedrich Puchta.....	257
3.5.2 Rudolf von Jhering.....	262
3.5.3 Bernhard Windscheid	265
3.6 A teoria objetivista da interpretação	267
3.6.1 A fonte mais acabada do positivismo jurídico como pensamento tipicamente moderno (onde a noção de “sistema” era tão cara à intenção cientificizadora).	268
3.7 A jurisprudência dos interesses.....	274

4. As Dificuldades Ontológicas dos Direitos Morais.....	281
4.1 A oposição a alguns fundamentos do jusnaturalismo que o juspositivismo realizou. O começo, propriamente dito, da atual tradição da mentalidade jurídica.....	281
5. A Eclosão de Alternativas Epistemológicas dos Anos Noventa: um sonho natimorto para o direito brasileiro	312
5.1 Alguma chance para o direito alternativo (ou para o “uso alternativo do direito”)?.....	312
Considerações finais	372
Posfácio.....	375
Referências Bibliográficas	385
Volume II	3
Se não souberes ler, não lê	6
1. O rádio valvulado.....	9
2. Chuva fina sobre os ombros.....	67
3. Novamente as sombras e um impensável sonho	93
4. A memória é um cavalo selvagem.....	147
5. Ferocidade e miséria	172
Epílogo: um só assunto	201

Se não souberes ler, não lê

Ler quer dizer pensar com uma cabeça alheia, em lugar da própria.

Schopenhauer, Sobre Leitura e Livros.

E então, de uma hora para outra, estando em débito com meus demônios e com pouca paz entre meus dias, decidi contar parte da história da minha vida, porque de toda não lembro. O material de que fui feito é, naturalmente, humano, mas nem todos os seres humanos cumprem as mesmas sinas apenas por conta dessa simples identidade da biologia. Estou convencido de que fui extremamente contemplativo durante esses meus quase cinqüenta anos de idade, e formei convencimentos definitivos sobre não mais coisas dos que os quatro dedos e dois terços (meu anelar tem uma amputação parcial) da mão direita. Exercendo a profissão de professor de filosofia do direito, receio não ter nutrido os entendimentos mais acertados para repassar a meus alunos, mas também desconfio de que poucos buscaram isso em mim. Não fui uma luz, fui uma escuridão. Continuo sendo uma escuridão, e isso satisfaz meu espírito de pouca sede em relação ao que se considera habitualmente ser um professor. Oferecer o breu é mais proveitoso do que fazer alguém dançar inconsciente em meio a uma claridade ofuscante. Se os fiz ter mais dúvidas, cumpri meu dever, considero-me melhor em formular perguntas do que fixar respostas. De qualquer maneira, o esforço definitivo para realizar essas confissões eu o devo a um desespero interior que não me abandona há mais de quarenta anos e que me paralisa diante da maioria das atividades cotidianas. Era menino quando tudo começou. Meu caráter, minha lucidez, minha organização, tudo se definiu condicionadamente a essa paralisia. Compreenderás minha enfermidade, espero.

Conto não mais do que fatos vagos de minha vida, encontros com algumas poucas pessoas, e procuro inventariar emocionalmente meus passos. Desfavorecido por meu temperamento inconstante, maltratado por vicissitudes que não aprecio

recordar, fui vitimado por farta adjetivação, para o bem e para o mal. Todas devem estar certas, penso; afinal, eu próprio não sei bem o que significa caráter, retidão e amor. Como disse, estou pouco certo acerca dos conceitos que nos conduzem a esses impenetráveis valores, e sempre tenho a sensação de que há um juiz em cada esquina, em cada bar, em cada casa. Todas as coisas flutuam sobre a Terra, e considero arrogante todo aquele que explica essa flutuação com argumentos científicos. Aprecio as informações dos artistas, que não explicam nada. Talvez sejam mais leves, hesitem, oscilem entre vontades igualmente potentes e que não levam a um mesmo lugar. Um cientista é pesado e tem pouco pudor, quer exterminar a ilusão como um policial que mata em nome da lei. A lei e a ordem, aliás, são o que animam as almas dos cientistas, esses seres que, ao sentarem sob as estrelas, tratam de dar nomes a elas com uma emoção catalogadora.

Minha história começa na cidade em que nasci, com meus avós e meus pais. Hoje, meus avós e meu pai estão mortos e minha mãe, morrendo. Velha, doente e acamada, já não me reconhece mais em seu leito definitivo, mas seus olhos são duas pedras que se recusam a dormir como minerais.

O que vivi, imaginei, e o que imaginei, vivi. Estou aqui para enlear com um pouco de literatura os fatos brutos da minha existência. Não sou um cientista. Sou uma sopa liquidificada de todos os sucos do meu coração imperfeito. Sequer sei se me concedo o direito de revelar-me. Faltam-me alguns detalhes importantes desse sujeito que sou. Apesar dessa imprudência, estou um tanto certo de que não se trata de uma autobiografia. Há um indivíduo que meu corpo movimenta, e aquele a quem, com muito custo, chamo de *eu*, apenas o contém. Mas é algo mais e não pode ser retratado. Minha impiedade não lhe tem consideração suficiente para suportá-lo; na verdade, eu só tolero parte de mim. Desse fragmento, aliás, tenho alguma compaixão, e declaro honestamente que não é um pequeno nicho de humanidade de baixo valor. Até aprecio confundi-lo com o esconderijo que sou. Nessa gruta guardo os vários seres que me constroem, e de todos eles faço uma unidade que vive. Um ser humano não é muito, mas também não é assim tão pouco. Depois de Freud, contudo, havendo ficado explicável, ficou menos intrigante. No fundo, inventario só a minha superfície. O resto é ciência. As coisas que conto pretendem ainda viver no mesmo ambiente em que teima estar a poesia, essa velha tentativa de aconchegar a espécie junto ao belo. Mesmo que só pela beleza. Mesmo que

jamais pelo sentido das coisas. Por favor, se não souberes ler, não o faças. Mesmo em boas mãos, a incompreensão será sempre um estilete à espera de algum descuido.

1. O rádio valvulado

Manejo minha infância perdida como se fosse um chicote. / Nunca estive tão longe de mim sem me desejar tanto.

Lêdo Ivo, Linguagem: Terra Quadrada.

O pai do meu pai tinha um rádio que funcionava com válvula. Meu avô girava, um pouco antes do almoço, o botão da esquerda daquele aparelho grande para ligá-lo. O rádio era mesmo imenso. Ficava sobre uma mesa própria para suportá-lo, e somente a ele. Era uma geringonça solitária pousada sobre aquela mesa. Meu avô esperava a válvula esquentar para começarmos a ouvir, em tom crescente, a voz dos locutores, ou a música final do programa anterior ao noticiário. Ouvia-se apenas uma parte dessa música, talvez fosse muito longa para ser escutada inteira. Os programas já tinham horários um tanto rígidos. Ela tinha um tom grave, havia sons de pratos de orquestra, e isso emprestava alguma grandiosidade solene ao programa que invariavelmente morria em um *grand finale*. Esse programa, o anterior ao noticiário do meio-dia, trazia notícias da cidade através de um repórter móvel. As informações dependiam da imaginação de um repórter sem assunto, floreando pequenos acontecimentos, enfatizando as indigências factuais de minha cidade, falando lentamente para ajudar o relógio birrento do estúdio da Rádio Difusora. Sempre no mesmo horário, meu avô estalava o botão frontal do seu aparelho. Acontecia de nunca se enganar, e ao ligá-lo ouvia-se, após o aquecimento angustiante da válvula, os pratos da orquestra tocando aquela música; logo após, vinha o início da chamada, igualmente musical e invariável, mas com um tom menos circunspecto, do informativo do meio-dia.

Recordo-me do meu avô sentado, esperando o som vir. Ficava sério, com uma atenção cerimonial, até as notícias começarem. As notas lidas eram tristemente subnutridas: nada acontecia com uma importância real, mas as cidades do interior são pouco exigentes com seus realces, e toda gota vira mar. Falava-se de planos

públicos da Prefeitura Municipal para arrumar os buracos da via tal; da inauguração de alguma obra e das autoridades que compareceram; de algum acidente automobilístico; dos problemas das escolas; do frio glacial do inverno; das canículas que derretiam as pessoas no verão; havia sempre as informações sobre os horários dos ônibus que partiam e chegavam à pequeníssima estação rodoviária. Mas também era possível noticiar-se um casamento de estancieiros, ou um abigeato nas terras dessa gente fazedora de receita farta com cabeças de gado; ou ainda revelar que um negro fora visto vadiando próximo a uma loja de *gente bem*. Um negro desocupado, suas roupas rarefeitas, seu corpo sumido e sua cara de fome atestavam a existência de um bandido em estado de latência. Seria invariavelmente suspeito do que poderia fazer. A cor e a pobreza não ajudavam os negros desvalidos; e, como um negro era sempre um desvalido, todo negro era suspeito e mal visto. Minha terra há quarenta anos era orgulhosamente racista. Os negros eram só negros, tinham a cor da gatinha, em geral a população se precavia deles com uma fereza segregadora muito bem calhada à Campanha inteira. Uma faixa de terra que estende seus municípios deitados sobre o dorso do Uruguai e uma verruga da Argentina, indo talvez de São Borja a Candiota e aceitando a parte mais ao sul da Serra do Sudeste, onde se encontra apelidada a pequena Serra das Asperezas. É o que eu chamo, independentemente da ilustração dos geógrafos, a Campanha. Os únicos municípios não encostados no Uruguai eram Uruguaiana e o Alegrete até bem pouco, mas agora a sanha de independência convocada pelos espíritos arrecadadores de impostos deu vida própria a Hulha Negra e Candiota, e assim são três ou um pouquinho mais as comunas da região da Campanha que, se não são indissociáveis do Uruguai e desse apêndice argentino, não o são por causa de algum documento sem pudor, e não por vontade de seu povo.

Vendo-se um mapa como sempre se vê um mapa, de cima, a Campanha é uma faixa de montes pequenos, essas ondulações semi-esféricas parecidas com arremedos de montanhas, e suas canhadas, que são as baixadas planas entre estes montes; há pedras dentro do verde dessas elevações pouco altas, aqui chamadas cerros; esses campos são povoados por cavalos, gado bovino e ovino e uma gente selvagem e pura, cruel e cândida, com desconfianças de criança e atos brutos de adultos abarbarados. E se algum outro município aí couber e me escape, ou se um inesperado desenvolvimento humano aí se instalou de trinta anos para cá, não

quero eu saber, que a gente da minha memória é a incivil e malcriada; não foi falquejada pelos modos da elevação estética e nem catequizada pela escola a ponto tal de poder hoje estar ajustada a uma maneira muito diversa de ser.

Na minha cidade, a estação rodoviária tinha uma cor verde esmaecida, como costuma ser o verde das casas humildes ou das habitações rurais. O verde esmaecido é uma cor desvalida: os pobres a apetezem, é um cromo desprezível. Há certa humildade nele, como se fosse a impregnação de uma beleza de classe, a pobreza dentro do verde; e a riqueza, cheia de graça e invenções cromáticas, admira as cores bem postadas e berrantes. Onde está mesmo a beleza? Eu sempre soube disso: não o lugar onde ficam as coisas esplêndidas, mas que o esplendor muda de forma na cabeça das pessoas. Sempre notei isso, assim como sempre notei que todo o prédio que queria ter alguma elegância esmerada no início dos anos setenta ostentava vidros fumês, escondendo seus *voyeurs* e fazendo as pessoas nas calçadas serem notadas em seus movimentos naturais através de um fetichismo velado. Essa invisibilidade do observador também facilitava as intrigas daqueles habitantes que não tinham alguma novidade de maior saliência:

– *Olha lá a saia da mulher do Chico. Tem um cara na Caixa Federal que comeu ela.*

– *E eu sei quem é.*

As maledicências se multiplicavam entre os comerciantes, a gente do café, os botecos frequentados pelos de profissão liberal, os bancários, os hospitais, o fórum, as donas de casa e os funcionários públicos. Os prédios de vidros fumês normalmente eram públicos, e não havia nenhuma necessidade de suspeita mais comprovada sobre nada; bastava-lhes o breu dos vidros para o pecado se derramar das bocas e para os homens fornicarem com as mulheres da cidade inteira. A boataria é um látego moral para o proveito das pessoas de afazeres pequenos e as diverte nas tardes sem ocupação; mas a inventiva também compraz a burguesia – e por certo ainda mais, – refestelada que está nos mexericos e nas atoardas do verbo desajuizado e sem origem determinada. A burguesia vê na murmuração maldosa uma espécie de ocupação blandiciosa, e nada tem a temer, enquanto à gente pobre um boato identificado pode custar um emprego e uma vida de sofrimento duro e longo. Mas aquela gente da minha cidade se deleitava, cada um em sua medida, com a desconfiança, a suspeição e a dúvida, e iam tornando os fatos improváveis

em verdades garantidas, como quem, na artesanaria das difamações, fabrica ânforas apuradas desde uma terra lamacenta.

O mundo humano produziu novas culturas nessas últimas décadas, mas ainda lhe reconheço o ácido desoxirribonucleico, sua misteriosa corrente cromossômica e o prazer que lhe dá a destruição velada de uns por outros. Tenho meus rancores com a humanidade; não – é claro – pelo que ela é, mas por me ter feito uma criatura sua, aprisionando-me pelo tempo de uma gestação em seu ventre pessoalizado, o ventre de minha mãe; o ventre das mães é um hotel de transição que faz fetos virarem gente, uma fatalidade biológica inafastável de quem vem à vida. Nasci humano, e isso é um anátema do destino: ninguém realiza uma fuga biológica da espécie a que pertence.

Mas, como eu dizia, o meu avô tinha um rádio valvulado. Depois que as notícias eram dadas através de uma voz cavernosa do radialista, meu avô sentava-se à mesa e chupava um prato inteiro de sopa, inclinando esse prato quando a sopa já estava no fim, para facilitar o enchimento da colher. Fazia sons de chupada mesmo, um sibilo de quem se sentia à vontade em seu reino. Quando a comida principal chegava, ele já estava quase satisfeito e comia pouco. Ia se deitar, e eu me deitava com meu avô para ouvi-lo contar histórias. Não gostava quando ele dormia rapidamente, pois a história ficava pelo meio, ou então ele misturava narrativas e sonho, e deixava coisas absurdas derramarem-se de sua boca, uma boca já se estufando um pouco com o ar expandido de seus pulmões, o sono começando a anestesiar sua totalidade velha. Suas histórias também não tinham nenhum sentido, escapavam à lógica elementar de como raciocinam os seres humanos, mas eram adoráveis.

Falava-me de um homem muito forte, que vivia muito longe de nossa cidade, conhecido por Zé Bererão; ele era acompanhado, na sua sina de fazer justiça à maneira dos heróis em quadrinhos, por outros zés, o Zé Minhoca, o Zé Bigodudo, o Zé Tigre, o Zé Macaco e outros que não lembro mais, e o nome indicava suas capacidades impressionantes. O Zé Minhoca enroscava-se no inimigo até imobilizá-lo, o Zé Bigodudo laçava o adversário com os longos bigodes, o Zé Tigre era furioso e tinha um descontrole assassino e o Zé Macaco possuía uma incrível agilidade para andar em árvores e saltar entre telhados. Com esses personagens meu avô me contou uma infinidade de histórias, e hoje admiro como aquilo era possível. Eram

cinco, ou seis, ou sete zés, e as histórias tão variadas que chego a pensar que meu avô não os inventou, eles existiram mesmo e se meteram realmente em todas aquelas situações. Havia uma grande clareza no fundo das concepções de meu avô, uma luz proposital que ficava parada como uma pedra moral, e tudo o que me contava, de uma maneira ou de outra, sempre implicava numa lição de justiça, com o Bem esmagando o Mal. Esse esmagamento era uma vitória da natureza humana sobre ela própria. Indicava uma razão essencial para o Bem ser favorito sobre o Mal, tão favorito que exercia sua supremacia sem falhas ou riscos. Essa talvez tenha sido minha experiência mais primitiva com a idéia de Deus, ou de alguém que inevitavelmente haveria de superar a insuficiência do defeituoso diante da perfeição pelo uso de armas que convinham à retidão e à virtude. Meu avô não precisou de Esopo ou La Fontaine para imaginar a moralidade inafastável das fábulas; era pouco ilustrado, suas letras se resumiam a leituras da vida de santos, e a hagiografia o distraía com frequência na cama, à noite, quando deitava para dormir e abria um velho livro com pequenos excertos biográficos da gente tornada santa. Tinha particular devoção por Santo Antônio; lembro bem, sua imagem repousava em cima de uma escrivinha muito antiga, e ele gostava de me dizer que Santo Antônio conhecera pessoalmente São Francisco de Assis. Quando dizia isso, ficava com os olhos um pouco vagos e me dizia às vezes imaginar diálogos entre os dois taumaturgos medievais.

Muito tempo depois, desvendando meu velho avô, eu descobri o seu fascínio por pensar o mundo como ele não era ou como talvez devesse ser; essas coisas todas precisavam de imaginação e ele sentia um grande prazer em viver no universo das próprias idéias, quase sem ação. Dizia o que pensava para poucos, eu entre eles, com a necessária adequação da linguagem e dos temas à minha idade. Eu antecipava boa parte dos fins de suas histórias e me deixava encantar com meus acertos, estava me acostumando à cultura cristã através das histórias vespertinas e sonolentas de meu avô, aquele corpo muito avelhantado que deitava ao meu lado e falava com seu espírito ilustrador. Esse sentimento pelo cristianismo não vinha de nenhuma palavra sobre Jesus ou os santos, mas da moral das histórias, que se confundia com os valores centrais do discurso cristão. Eu me alegrava em me sentir bom, e agia como um pequeno santo na maioria das coisas em que me metia, à exceção das vezes em que, com o demônio no corpo, às escondidas, perpetrava

minhas pequenas maldades, logo confundidas com as artes infantis. O conceito que os adultos davam à minha perversidade – *arte de criança* – era uma indulgência que me absolvía e me fazia retornar o prazer da bondade e a impressão de que só acidentalmente eu era capaz de coisas muito indesculpáveis. Eu nublava a compreensão de uma essência horrível que poderia viver em mim, e quando recuperava os sentimentos de que estava absolvido começava a formular meus mais rudimentares entendimentos sobre a natureza humana a partir de mim, então formado por essas pequenas desconfianças iniciais de que havia coisas e mais coisas em lugares até próximos, mas que eu não via. Era o começo das abstrações, esses chamados etéreos dos raciocínios contemplativos. Eu era assim um antropólogo que cuidava da própria espécie a que pertencia, e justificava tudo com uma cognição naturalista autopiedosa.

Durante muito tempo essa justificação me trouxe alegria e calma, e quando comecei a desconfiar de que eu talvez fosse também um problema, cuidei de parir uma conclusão que me trouxe sossego: todas as pessoas tinham esses segredos escondidos por detrás de semblantes confiáveis. Deste momento até hoje, em que beiro os cinquenta anos, todos me parecem capazes de qualquer coisa. Há arte, contudo, nessa calamidade: ela consiste na destreza de escondê-la. Clarificar-se o caos é uma atividade para poucos maquiadores. O mesmo se diga a quem obscurecer o éden. Toda publicidade de nosso Mr. Hyde é uma prova que faz os promotores públicos salivarem, como sempre salivam quando atuam apenas como Dr. Jekyll. A mente generalizadora, muito comum na espécie humana, precisou aquecer-se no conceito de *sociedade* para o indivíduo não se desesperar, e essa sociedade acha que os promotores públicos são seus defensores. Essa mente danada considera maravilhoso que existam os promotores, estes *zorros* da lei que louvamos desde as Ordenações Manuelinas e da crença popular de que a democracia substituiu os desígnios de Deus para gerir o povo. Os promotores vestem-se com capa e manuseiam espadas. Vejamo-los nos júris populares: a capa está lá, e as espadas, impróprias aos estados pós-napoleônicos, foi substituída por leis escritas. Zorro institucionalizou-se e passou a chamar-se promotor público, ou, como gostam mais, de *membro do ministério público*. Johnston McCulley não imaginou que Don Diego de La Vega, o justiceiro aristocrata californiano, seria uma boa metáfora dos promotores de hoje. A democracia, contudo, já era algo que

estava por dentro do espírito de Zorro, mesmo que não da maneira como foi concebida pela nação americana desde Jefferson, mas os bons valores o animavam, e a democracia é um desses bons valores justificados pela aritmética, pela quantidade e pelos números. Zorro também fazia contas: quantos bons devo defender e quantos maus devo combater, para que o mundo ganhe alguma harmonia e certa justiça? Depois, seu lugar no estado passou a ser ocupado por vencedores de concursos públicos. Zorro sumiu, perdeu o emprego e a aventura. Os homens, mesmo reconhecendo a justiça paralela, aceitaram mais a justiça oficial, a aplaudiram a conformação organizacional do poder que sabe olhar, absolver e punir de acordo com as leis. Dom Diego de La Vega precisou civilizar-se, carecia ele também de ilustração e boas maneiras. Rodopiou no ar e sumiu, em seu lugar apareceu o Ministério Público. Lindo feito ocidental na direção da fria elegância de uma boa razão instrumental. Agora, a lei; somente ela – e o resto é pecado.

De lá para cá, gradualmente, alguns homens enfeitiçaram outros homens quando enfiaram as instituições públicas dentro de um sacrário secular e disseram que a democracia era um valor que deveria permanecer dentro de um tabernáculo na santa terra dos governos. Também acho isso bom, mas tenho sempre a impressão secreta de que a democracia é uma demonstração de estupidez e incapacidade de cogitarmos algo melhor. Fico sinistro quando penso assim, mas esta é uma história que pretendo continue vivendo apenas em mim, e não vejo razão para dar-lhe publicidade. Tenho pudor da minha individualidade, ainda que tenha mais pudor da minha espécie, mas reconheço a escassez que assusta as minorias, e permaneço tenso no regaço do meu delírio. Depois de meus vinte e poucos anos, quando conheci os promotores, passei a ter a impressão muito presente de que afiam os sabres da lei para degolar os ofensores da sociedade sem que entendam quase nada para além do corte seco das gargantas. São como operários de frigoríficos. Apenas que alimentam a idéia de justiça pela lei, enquanto os peões cortam carnes para alimentar estômagos. Mas ambos cortam e vivem de cortar.

Não sei elaborar boas idéias sobre isso. Talvez não haja mesmo um pensamento superior ao dessa superfície rasa onde se encontram as soluções apressadas da humanidade; possivelmente não se pense mais sobre isso. Já se instalaram as escolas qualificadoras dos pretendentes a ingressar, na condição de vingadores sociais, nos quadros do estado. São escolas polidoras dos espíritos

brutos, afiam-nos com as lâminas dos códigos e da jurisprudência e lhes dizem: – Isso é tudo! Sejam agora promotores e defendam os interesses sociais. Ao apagarem a última luz desse lugar terão preparado os vingadores para o ofício da desforra institucional. E batem as portas de alumínio dessas salas de aula modernas com a convicção de que formam exércitos. Os promotores públicos avançam sobre o crime com sede de cárcere, trazem a alma purgada pela missão venerável conferida pelo postulado abstrato de defenderem a sociedade. Os professores são também promotores. Isso também ocorre com os juízes, com os defensores públicos, com os procuradores, com os advogados da União, dos Estados-Membros, dos Municípios e com os delegados. O exército legal tem postos e funções para tudo, e depois acabam formando uma espécie de corporação adoradora da institucionalidade e, amando a institucionalidade, protegem-na e protegem-se, formam um clube social bacaninha de engravatados e legalistas, exatamente como requer o exercício do poder contemporâneo.

Eu acho agradável pensar sobre essas coisas todas quando, da janela do meu apartamento, olho as nuvens densas sobrevoando a cidade como um terror alado, e mesmo sem despencar um temporal, todos ficam sabendo da existência dessas nuvens. Elas passam como vigias assustadores dessa nossa vida aqui em baixo. Essa gente toda do direito olha para baixo para poder trabalhar. Anda curva olhando para nós – as bactérias de seus laboratórios racionais, seus brinquedinhos abstratos – e nos movem para lá e para cá dentro de processos, a chibata elevada na mão justiceira e o aviso permanente de que uma sentença judicial porá fim às nossas perturbações da ordem. O estado tem justificativas muito impressionantes para manter-se soberano e fatal, conforme a discursividade protetora que obteve nas fundações da Idade Moderna. Olho para tudo isto e expresso, no silêncio das minhas conjecturas, um desejo inegociável de solidão, para que eu possa sentar-me em algum lugar e conseguir ler, serenamente maduro, o livro da vida humana sem maiores sobressaltos.

Eu tive um professor, considerado um sábio de seu tempo, adepto de uma ideia muito própria aos primeiros gregos, aos Milésios, uma ideia com um fundamento infantil e próprio da geração dos idólatras positivistas. Ele afirmava que *as sentenças judiciais faziam do preto, branco, e do quadrado, redondo*. Essa frase fazia-me muito mal. Eu imaginava a vida se prestando a entrar nos moldes jurídicos.

A sentença era um parto a fórceps e trazia ao mundo uma deliberação que, por mais estúpida que fosse, se já se tivessem decorridos os prazos de desmanche, instituiria a realidade para além dos próprios fatos. A sentença, vista assim, recebia uma naturalização semelhante aos fatos. A sentença era um fato. Nunca mais esqueci essa frase abominável do sábio consagrado. Pouco a pouco fui vendo como o pensamento jurídico possui uma inteireza sofisticada, uma retórica hipnótica e um conjunto de procedimentos feitos para ganhar dinheiro. Há um padrão comportamental, os tribunais têm, inclusive, a missão de uniformizar a jurisprudência em nome da segurança jurídica. Essa expressão, *segurança jurídica*, sempre me pareceu uma locução perigosa; ali estão acomodados todos os tipos de raciocínios esperáveis, e de tanta confiança, de reprodução em reprodução, vão os advogados ganhando mais dinheiro pelo estabelecimento de um modo linguístico muito específico de comunicação. Os juizes, os promotores, os cartórios, toda essa gente vai também se aconchegando na facilidade de usar a lei, e todos trabalham menos, pensam menos, mas se apresentam como figuras gigantes. Exigem respeito, caminham como Genghis Khan caminharia pelos corredores dos pretórios, usam e abusam da confiabilidade presumida de seus cargos, e são reverenciados por uma dessas mitologias modernas. O professor da frase proverbial integrou a casta dos dirigentes da razão jurídica em Poentes. Sempre achei graça disso, sempre me pareceu um macaquinho doido dizendo coisas desconexas. Ganhou o *status* de jurista, o que é muito engraçado: um jurista é um cara engraçado, raramente tem alguma ideia própria, e se a tem, muito dificilmente será inovadora. Um jurista existe para dar continuidade a tudo, apenas lapidando aqui e ali uns oitenta por cento das ideias aparecidas ao tempo do Império Romano. O latim na boca de quem sabe apenas alguns adágios é um espetáculo de uma imensa comicidade, especialmente entre os moços. Há uma matéria morta, pesada, petrificada entre eles, um latim de Cícero, de Gaio, de Paulo, de gente ida há dois mil anos, e suas frases são reproduzidas no dia a dia desses espíritos que tocam em frente o que, miseravelmente, conseguiu se constituir como direito. O direito é, sem dúvida, um bom indicativo civilizatório, mas a reprodução de suas ideias e de suas formas expressivas hoje é, também sem dúvida, um sinal de barbárie e de falta de inventividade atualizadora. Mas, como disse, isso tudo me parece profundamente engraçado. Apenas não consigo conviver com os pingüins e suas fatiotas, suas

fardas de trabalho. Impressionam a muitos com essas vestes; eu continuo morrendo de rir, é uma contemplação e tanto. Uma comédia do cotidiano, mas que também aquela mesma arte do encobrimento permite tornar imperceptível. Assim, todos continuam andando como barcos no asfalto sem que ninguém note a pura e simples ausência da água. Um jurista é um barco no asfalto. E seus livros e os cursos que lhes tecem loas são um *photo shop* do ilusório. Consertam todas as imperfeições visuais e afirmam que no asfalto também singram barcos. *E as naves vão*, assim. E também vamos nós. Devo confessar que sinto certa felicidade diante da arte. Mesmo esta arte que identifica o *photo shop* à mesma cisma de perfeição de Michelângelo. Ambos recusam a deficiência. E mesmo que cada um a evite com seus meios, vejo que por detrás da calamidade ruma a busca pela possibilidade de tudo existir. Extasio-me com estas soluções humanas, mesmo que talvez não haja um nome suficiente para bem descrever este estado.

Mas, como eu ia dizendo, à tardinha havia o retorno do rádio com novas notícias; pareciam as mesmas com algum retoque. Havia a *Corrente da Solidariedade* da Rádio Difusora, e por ali se comunicava a cidade com o campo e o campo com a cidade. Na verdade, gente pobre com gente pobre, operários com peões de estância. Raramente os proprietários dos campos faziam uso daquele meio, a não ser para dar notícias de negócios maiores ou para anunciar leilões rurais. Por ali era possível dizer se um parente hospitalizado melhorara, se alguém fazia alguma visita no final de semana, quais remédios eram necessários para alguma doença da vaca provedora de leite a uma família inteira, se alguém havia morrido ou nascido, um punhado de tijolos de olarias em promoção ou telhas quebradas com abatimento no valor do milheiro, e todas as pequenas coisas daquela gente feudal e incomunicável. Havia mesmo um mundo feudal ao meu redor, pessoas isoladas, gente rica desmerecendo gente pobre, gente branca desconsiderando gente negra, pequenos ofícios manuais que demandavam grande força física, o cavalo e sua serventia miraculosa, o gado para dar dinheiro, as mulheres machistas, o moralismo da retidão exagerada de caráter, a medição das pessoas pelos seus feitos, mas sempre de um lado os ricos e brancos e, de outro, os pobres e pretos, ou, na melhor das hipóteses, apenas dois lados, o dos ricos e o dos pobres. Ouvi muito a expressão *gentinha* para referir pessoas desamparadas; ou *maloqueiro* para significar os moradores dos casebres feitos de latas de azeite e

algumas madeiras podres, perigosamente atentos para, a qualquer descuido, roubarem coisas de nossas casas de alvenaria e algum esmero estético. A gatinha das malocas era mal educada, sem instrução, unhas sujas e pés descalços, e toda compaixão para com eles era um ato realizado com alguma contrariedade e mau humor. Era uma misericórdia sem compaixão, mecânica, um ato de bondade cínica. Viviam tão próximos a mim, poucas quadras abaixo da grande lomba da Rua Bento Gonçalves; passavam a todo momento por nós caras desafiadoras, provocativas, mas entendi ali, com minhas formulações infantis e sem organização, a fortuidade da sorte no nascimento, e mesmo assustado eu preservei em mim para sempre o dó pelo infortúnio original do nascer pobre e sem chance.

Meu avô era alheio a isso tudo, somente gostava de notícias como se elas fossem descrições do mundo natural, e para ele o mundo humano era também um mundo natural. Não fazia considerações éticas sobre quem quer que seja, mas falava por meio de adágios morais, como que para atingir a todos os homens da Terra. Era uma espécie de áuspice da antiguidade, um homem reto e bom; alegrava-se com as mercês, beneplácitos e indulgências de sua espiritualidade elevada, sempre capaz de muitas graças e tolerâncias; gostava de me ensinar a viver a partir de alguns princípios, mas nunca me disse *não age como o fulano, que fez isso e aquilo*. Ao contrário, seus dizeres adagiários eram como os Analectos, de Confúcio, veneravam a benevolência e o consentimento gentil. Sua vocação pedagógica se dirigia a alguma coisa muito alta, onde deveriam estar sua humanidade imaginária e seus poucos alunos concretos, como eu, um guri pequeno numa cidade sem futuro, brincando com buracos na terra e com minhocas que eram monstros durante as tardes quentes de um verão que descia sem complacência sobre minhas costas magras de criança.

Aquele homem, o pai do meu pai, um velhinho de poucos e encanecidos cabelos, lia de manhã cedo o Correio do Povo, àquele tempo um jornal de folhas imensas e impressão pouco qualificada, enquanto comia um ovo duro com um pouquinho de sal precisamente às dez horas da manhã. Ele arrastava o ovo sobre o sal e o devorava lentamente, com os olhos fixados em algum ponto da velha saleta. Havia três pássaros de parede feitos de gesso, grudados nela por pregos escondidos, eram azuis e brancos e simulavam uma formação aérea. Imóveis, levaram anos voando naquela parede colorida com um verde pálido, essa cor

elementar que é a cor de todas as coisas simples existentes. Não há tintura mais evocativa da falta de esperança do que o verde pálido, penso eu, com essa minha incapacidade de entender de cores e de esperança. Talvez meu avô olhasse para eles enquanto comia aquele sempre único ovo, atritando-o contra o sal e ficando feliz só com aquilo. Era um homem para quem pequenas experiências soavam como aventuras densas, e toda banalidade tinha algum mistério. Por exemplo, quando chupava a sopa ou quando comia o ovo certificava-se de que eu estava olhando, e fazia mais barulho no prato e estalava mais a boca contra o sal. Aquilo me divertia. Também me divertia quando ele começava a imitar com o ar que fazia passar entre os dentes o barulho de abelhas. Eu tenho uma lembrança parada dentro de mim, o meu avô fazendo este barulho nos pés da sua cama, onde eu ainda estava deitado depois da sesta. E assim, de barulho em barulho, de história em história, de tantas pequenas coisas meu avô compôs grande parte do meu repertório de felicidade infantil; isso, em um tempo em que morar no interior, numa cidadezinha embrutecida, com seus personagens menores e fabulosos, com seus seres geniais e inteiramente loucos, com suas mulheres já velhas aos quarenta anos e com seus homens asselvajados era como viver protegido das coisas brutas pela intervenção misericordiosa de alguma divindade. Não tínhamos problemas, nós, as crianças de uma pequena burguesia que naturalizava a crueldade de seus preconceitos e tornava invisível toda sua grosseria e maldade. Essa maravilhosa representação indulgente que a burguesia tem de si mesmo é o que a faz feliz e sem culpa. É extraordinário ser um burguês sem culpa num mundo em que os operários e seus sindicatos sediciosos, os intelectuais e gente de toda rama de desdita vivem a condená-lo.

Minha avó se dedicava a pequenas costuras e a fazer manteiga batendo o leite. Ficou de luto por mais de cinquenta anos, perdeu um filho para a febre reumática. Uma fotografia do Tio Tomzinho permaneceu tanto tempo na sua mesa de cabeceira que talvez tenha sido como a imagem de uma lápide, lembrando-a brutalmente, dia após dia, de como ele fora em vida, mas sobre ele eram raras as verbalizações e jamais suspeitei que houvesse por ali a permanência de um amor imperturbado no ar, triste como as coisas mais tristes desse mundo, e que as roupas pardas de minha avó fossem uma reverência de sua saudade à memória de seu filho, meu tio, que morreu com quinze anos. Quando compreendi isso melhor, já era

tarde, minha avó já consumira seus dias ao meu lado disfarçando a ferocidade daquele sentimento, e já estava então velha demais para que eu a consolasse com palavras de adulto. De qualquer maneira, dei-me conta de que seus olhos muito azuis, que olharam minha infância inteira, eram olhos que estavam mortos há décadas. Meu avô, ao contrário, nunca me pareceu algum dia haver tido aquele filho, nunca sabemos bem onde estão as coisas dentro das pessoas.

Havia gatos pequenos permanentemente na casa dos meus avós. Durante grande parte dos anos sessenta uma gata parideira esgueirou-se por todas as dobras externas da casa, sempre prenhe. Era de pêlo brasino e jamais ingressou minimamente dentro da casa. Alimentava-se com restos de comida que minha avó depositava nos canteiros do pátio. Comia e desaparecia, e foi chamada de *Arisca*. Nunca foi possível tocar na jaguatirica, seus sentidos felinos estavam sempre em absoluta vigilância, e a qualquer aproximação de alguém a Arisca emitia aquele som de cobra, um sibilo horrendo. Havia alguma insolência naquele chiado, algo reptiliano na boca de um mamífero cinza de finas listas negras esmaecidas sobre o dorso elegante e ágil. Seus filhotes nasciam nos canteiros em que se alimentava e não se podia apanhá-los. Num determinado dia, porém, a gata desaparecia e deixava seus filhotes à sorte. Era a hora em que passavam a ser meus. Três, quatro, cinco gatinhos, com pelagens várias, eram agora meus brinquedos. Deitava-me no chão da saleta da frente, a *saletinha*, como era o nome que meus avós deram àquela peça, e deixava os gatinhos passearem pelo meu corpo, pela minha cabeça, e ganhava alguma alegria com o fincar de suas unhas ainda infensas em minhas espaldas nuas no verão. Divertia-me muito com aquilo. Depois, meus avós os acomodavam em alguma caixa de papelão e os alimentavam, e iam assim até serem doados a algum vizinho ou até ficarem parecidos com a mãe, furiosos e tensos, e ganhavam os muros como tigres contra uma vida que eu ainda não sabia como era. Os muros limitavam um pouco minha imaginação. Talvez as crianças limitem seus pensamentos a objetos físicos que lhes atrapalham a visão, e só consigam mesmo imaginar a partir do que enxergam. Eu não via nada além dos muros, e a vida era um mistério além daquele chapisco de cimento afiado, que maltratava meus joelhos quando eu tentava, agarrado na percinta de concreto, em vão escalá-los.

O pátio era fino e longo, interminável. Meu avô colocara uma cerca de arame bem na metade do terreno, e assim nasceram dois pátios, o da frente e o dos fundos. O da frente era onde eu mais brincava, cavando buracos atrás de minhocas, tão profundos que muitas vezes eu sumia dentro deles. Colocava meus bonecos alusivos ao *farwest* americano, militares, colonos, cavalos, índios, carruagens e gado dentro desses buracos, e me distraía com alguma minhoca que brotava da terra e se tornava um ser fantástico. Como boa parte das crianças da classe média do meu tempo - as que tinham mocinhos e bandidos entre seus bonecos - eu imaginava, pueril e ingênuo tanto quanto o são os guris interioranos, que os índios eram os bandidos, e os militares, os mocinhos. Eu criava expectativas para as minhocas aparecerem perto de algum índio e acabar com aquele inimigo agreste, cruel agressor de famílias em caravanas, fazendo-as entrar em formação circular para melhorar a condição de combate, os desafortunados homens brancos precisando de imensas superações. Li pequenos livros que tinham essas descrições, e via filmes nas matinês do Cinema Tempos Modernos, onde os índios eram mostrados como criaturas perigosas e sem governo. Se minha caixa de brinquedos caía a algum descuido meu e eu suspeitava que algum boneco poderia ter quebrado, eu logo desejava: *tomara que seja um índio*.

Fui crescendo entre a casa de meus pais e a de meus avós. Na casa dos meus pais eu fazia outras coisas. Tinha, por exemplo, amigos, e eles não existiam na casa dos meus avós. Amigos de quadra, amigos de futebol na rua, de pés descalços e esfolados, e de joelhos roxos e cotovelos em ferida. Ao futebol de botão me entreguei em 1970 e somente dele fui me separar no final daquela década. Foram dez anos ao redor de uma mesa, desenvolvendo habilidades com a palheta, o olhar de cálculo milimétrico fitava a bolinha para conceber-lhe a parábola que encobriria o goleiro, o toque seco, auxiliado pelo dedo indicador da mão esquerda, que parava o botão disparado pela direita e o estancava subitamente, produzindo um efeito único e admirável à bolinha e sua trajetória fatal, o encontro com a rede de filó que era um recorte de mosquitoireiro, a sensação do gol e o rearranjo dos botões sobre a madeira pintada e minimamente áspera, para logo em seguida recomeçar a partida.

Eu tinha sensações de glória e triunfo. Nunca mais as tive. Minhas únicas conquistas foram estas; ao menos até este momento, em que me esforço para florir

após tantos anos sem o auxílio de qualquer pólen vital. Minha floração é este inventário, esse derramamento amargo de minha substância, há tanto tempo vivendo no interior de um cérebro dócil, distraído e entregue às coisas do mundo como quem se entrega ao logro de um predador embuçado na aparência de um amigo. Vivo de roldão, sou levado por águas que nem me permitem pensar; eu vivo de sentir meu afogamento, testemunhando com mansidão e doçura meu aniquilamento. Ver-se desaparecer, para quem não descobriu bem ao que amar, é algo tranquilo como a paz de um suicida que, não podendo mais reverter seu último ato, morre sem pretender não mais morrer. Eu me vi assim durante todos esses anos; um homem com a consciência de um animal, lembrando-me que sou homem, mas perfeitamente adaptado à condição de enxergar-se como besta. Quando vivemos assim, pouca coisa há neste homem que queira assassinar o animal que se sente. Adapta-se à irracionalidade, ao alheamento, à falta de consciência, e vai emendando os dias apenas por que lhe dá algum prazer lúdico emendar elos de uma corrente. No mais, não sei o que fiz e nem mais nada; no fundo, não sei por que devo saber alguma coisa estando embaixo do céu; sou desses indivíduos que, vendo o infinito como uma totalidade grandiosa demais e fortuita, não consegue cobrar de si alguma obrigação. Apenas respiro e vejo coisas, e assim é o meu estar-no-mundo (gosto dessa locução hifenizada com que os filósofos neologistas, esses instauradores de palavras que não existem, para que existam, em desespero, as suas filosofias).

Nunca usei meus bonecos para recriar-me com outro amigo. Quando estava com eles, sempre estava sozinho, sem meus apetrechos ilusórios. O jogo de botão, contudo, pressupõe um companheiro, e eu tive um, somente um, ainda que tenha disputado campeonatos com outras turmas. Meu amigo e eu talvez tenhamos atingido uma qualidade que nunca supusemos, mas é possível que tenhamos sido imbatíveis, especialmente nas noites de domingo, quando atingíamos o final de um período de umas oito, dez horas contornando aquela mesa e apertando nossas palhetas em nossos botões, maravilhosas circunferências feitas de ossos, antes, e acrílico mais tarde. Hoje, tantos anos após esse tempo, quando a memória já danificou a precisão e ensaia esfumaçar as imagens lúdicas da inocência, sinto cheiros e ouço sons, e lembro de fatos em flashes, como se fosse um desses

devedês arranhados que tornam as cenas estáticas ou muito lentas, andando meio aos pulos.

De alguma maneira, na casa dos meus avós eu era uma criança diferente daquela de minha casa; na verdade, estar na minha casa significava estar em contato com a minha zona da cidade, ao passo que a casa dos meus avós não se estendia para além de seu pátio. Eu não andava na vizinhança por lá. Passava horas com os gatinhos ou com as minhocas, ou ouvindo as histórias do meu avô, um cicerone da sua própria imaginação, levando-me a outros mundos enquanto escapava da sua rotina ridícula de ancião aposentado. Enquanto criava os seus personagens improvisadamente, apresentando-os a mim como quem desdobra o cérebro em suas mil voltas, ele tratava de me acompanhar pelos caminhos que inventava e descobria, viajando para fora de si e levando seu espírito em folga apenas quando das arrumações da casa e do pagamento das poucas contas em bancos ou armazéns. Estabeleceu um extraordinário mecanismo de evasão da chatice daquela vida na nossa cidadezinha, levando-me como seu companheiro interessado. Éramos uma dupla formidável, eu e meu avô, um inventando e o outro aproveitando a invenção. Ele contava as histórias com os olhos fechados, e talvez por isso dormisse ao cabo de algum tempo. Eu ficava com os meus bem abertos, vendo seus gestos e imaginando as figuras que suas mãos desenhavam no ar, nós de costas para o colchão, o antigo forro de madeira pintada de cinza claro recobria nossos corpos; recordo também os móveis muito antigos, escuros e sisudos; eram testemunhas um tanto lóbregas daquelas tardes que vivem em mim como uma lembrança elegante. Em minha casa, diferentemente, eu só era alguém se estivesse junto aos meus amigos das redondezas - e tome-se aqui que existir pressupunha a companhia deles, ou de um só, caso o negócio fosse praticar o jogo de botões.

Nunca ultrapassei a pureza com alguma malícia precoce, e de alguma forma penso que ainda vivo assim, o que me faz ser tão distraído diante das responsabilidades próprias do mundo adulto. O problema é que já chego quase aos cinquenta anos vivendo no mesmo círculo de brandura. Sou manso e cândido, como uma criança, e por isso mesmo sou um homem irresponsável e desatento, com uma administração caótica da própria vida. Seja como for, deve haver alguma alegria por perto, uma esperança improvável que me anime, alguém que me desculpe pelos meus índios mortos. Na verdade, eu estou perdido em uma situação em que talvez

dissessem *precisas de ajuda*, mas desconfio muito de meus eventuais ajudantes, parece que estão normalmente dispostos a me esclarecer como é sensata a severidade da moral e como é benigna a adequação à maioria. Isso lhes parece ser tudo, a moral e a democracia são as coordenadas cartesianas por onde desfilam os assuntos humanos: levam-me a crer que os auxílios psicológicos podem ser efetuados através da ciência política, o que para mim é como explodir o indivíduo para construir o amor pelo povo, ou – o que é pior – aceitar passivamente que a melhora coletiva é o melhor que se pode fazer pelo indivíduo. Fazem orações à democracia e adoram a justiça.

Num mundo democrático e justo não parece haver espaço para as necessidades singulares. Esse abandono a que me conduzo é o caminho que minha geração me entrega por afeto. Dão-me de presente uma lição acadêmica quando eu só quero chorar. Mas as pessoas todas quando estão juntas, ou quando estão sendo *pensadas* juntas, quando atingem o conceito de *povo*, recebem este consolo dos intelectuais; ou são chamadas pela *intelligentzia* – essa elite do pensamento que atribui a si olhos que mais ninguém pode ter – para que fundem o mundo em bases racionais, para que entendam a pecinha social que cada um é e para que vibrem com a força que a totalidade de uma classe pode ter para se emancipar, seja lá o que emancipação signifique de fato para a vida de um ser humano. Eu reconheço meus iguais, aprecio meus direitos, aceito meus deveres, mas recuso minha diluição, minha pulverização em nome de uma felicidade meta-humana, uma alegria que só é minha porque é de todos, ou pelo menos da maioria. Reivindico o direito desatinado à misantropia moderada. É preciso negar aos outros algumas coisas para que somente nós possamos usufruí-las, e isso não é intrinsecamente mau, não é indigesto à moralidade; ao contrário, tenho a impressão frequente de que essa é a verdadeira e única matéria com que se forma a própria moralidade. Amadurecemos com pouco altruísmo para que, quando o altruísmo se mostre em nós, ele seja sublime, acidental e imenso. Isso me comove mais do que a benemerência constante, a bondade previsível ou a presença do amor acima de tudo. Gosto mais da eventualidade do que da constância, o bem que surge do eventual é mais grandioso do que o bem que nunca desaparece. A saudade produz a esperança de retorno, e a saudade de um bom ato reorganiza as utopias.

Eu sei da insolência desse meu entendimento romântico, mas também sei da insuficiência das turbulências menores dos pensamentos de superfície, e devo confessar minha preferência pelo incomum, pelo raro, pelo insólito. Acho que sempre acreditei no poder da arte e me senti estimulado por suas recusas, pela força heróica de suas advertências e pelo desejo superior de evitar a ordem. A arte não afaga o que se assentou, é contra o que está posto; a arte transige pouco, mesmo os artistas loucos são levados mais em conta do que o olhar incrivelmente saudável de um juiz exemplar. Os artistas são vertiginosos, os outros todos são da planície.

Minha avó era racista e preconceituosa, chamava suas empregadas de *negras*, mesmo que fossem brancas. O negro era para ela alguém que deveria ser um empregado, e as empregadas somente poderiam ser negras, e se a sua cor era branca pagavam pelo ofício; se fossem mesmo negras havia perfeita adequação entre o que eram e do que ela as chamava. Pessoas humildes talvez não tenham sido personagens em nenhum sentido na cabeça da minha avó, e seu amor, enigmático, somente se dirigia às pessoas da família. Na verdade, penso que talvez somente eu fosse amado por ela. Meus primos, vivendo em outras cidadezinhas do interior, eram esporádicos, e faziam visitas apenas no verão. Na verdade, estes eram os filhos da minha tia, que vinham nos verões. Os filhos do meu tio nem vinham, jamais os vi na casa dos meus avós. Minha avó e meu avô tinham um assunto proibido por décadas entre eles, e nunca soube bem o que era. Já adulto, compreendi que meu tio Mário havia sido deslocado para a casa de uma irmã de meu avô tão logo nasceu, para que a minha avó, que havia ficado fraca demais com o parto, pudesse se recuperar. Mas uma vez refeita das debilidades de parturiente não mais conseguiu reaver meu tio, pois a irmã de meu avô e seu marido se apropriaram dele. Meu avô teria sido o responsável por isto, afiançando à sua irmã que podia mesmo aleitar meu tio num primeiro momento e depois levá-lo a seu lado vida afora, torná-lo seu; eram fazendeiros com boas terras e poderiam dar um futuro melhor para ele.

Minha avó, que nunca conseguiu recuperá-lo, também nunca teria perdoado meu avô, e viveram com um impedimento moral definitivo pelas restantes seis décadas de casamento que existiram até que morressem. Não sei bem o que houve, não sei exatamente o que houve, mas também estranho a ausência de forças de

minha avó para buscar seu filho. Parece algo muito grave, mas inacessível a quem não participou da aridez das conversas que devem ter levado muito tempo para ganhar termo entre meus avós. Quantas noites, quantos dias, quantos anos meu tio terá sido pranteado, e por quem e em que medida, nos braços daqueles proprietários de mais de vinte quadras de campo? Penso em minha avó conversando com meu avô há mais de oitenta anos sobre porque ele havia entregado meu tio recém-nascido para sua irmã à guisa de aguardar a recuperação de minha avó para, quando ela se apercebesse, não mais pudesse ter seu filho de volta. Tudo se assemelha a um plano demoníaco do meu adorado avô, aquele velhinho do rádio valvulado e das histórias extraordinárias que vertia para mim suas composições de engenho no aconchego de sua cama após o almoço, enfeitiçando-me naquela luminosidade vespéral de seu quarto. Seria ele um homem mau, capaz de doar um filho mediante o enigma de um motivo obscuro e nunca revelado? Seria minha avó tão incapaz de buscar seu filho, arrebatando a porta da casa da cunhada com a fúria de um desespero maternal insuperável? Quem eram meus avós, pergunto hoje, e lembro apenas de seus passos lentos e de suas vozes amorosas, sempre a meu lado, naquela casa sombria onde gastei meus anos na mui enternecida tarefa de esburacar a terra em busca de minhocas, no rasgar caules em busca de resinas, no procurar bichos-cabeludos e fazê-los rolar com pauzinhos na esperança de que seu fogo aparecesse em pequenas chamas na ponta dos pêlos, no subir em árvores e arranhar os pés nas forquilhas dos cernes, no aquietar-me para ouvir o som das cigarras no verão, no chupar bergamotas enquanto recortava com meu avô latas de azeite para fazer arandelas opositoras das formigas cortadeiras, de simplesmente soltar-me naquele pátio comprido e descuidado como quem visita o paraíso e seus segredos sem alguma exigência estética de ordem. De fato, o pátio era feio, desordenado e consideravelmente sujo, como talvez devesse mesmo sê-lo diante de dificultados cuidados de velhinhos, como o era.

Isso, em minha tão ingênua percepção àquele tempo em que não havia ainda vencido minha inocência, emprestava uma beleza improvável ao pátio, mas a beleza vive dentro das crianças vinculadamente a alguma idéia de utilidade e de prazer, e a feiúra e a desordem me eram inexistentes se havia formigas e buracos, e toda confusão se transformava, por sortilégio, em uma beleza misteriosa da qual nada se exigia. Em minha pequenez física, eu sentia o pátio de meus avós sob as

árvores, embaixo de tudo, dentro dos buracos, e aquele terreno era para mim muito maior do que talvez tenha sido. Mas, se não fosse assim, se eu já fosse adulto àquele tempo, de que me adiantaria o pátio, senão para comer bergamotas depois do almoço nos tempos frios ou para matear à sombra nos verões, imerso nessa monotonia sem sentido da maturidade que traz consigo o tormento da consciência de si?

De qualquer maneira, não sou um entendedor qualificado desse processo todo, e lentamente fui inoculando em mim a imprecisão das relativizações, a dúvida de uma estética varejista, sempre atenta aos detalhes mínimos que desconfortam o espírito e desalinham a razão. Já na adolescência pude notar uma diferença em meu olhar, um peso nojento nele, uma arrogância de quem se transforma e verticaliza tudo o que vê, e se vê em cima de todas as coisas e de todos os homens. Mas eu tinha uma sutil elegância que não permitia que meus observadores vissem quão do alto eu descia meu olhar sem afeto; um aprendiz do amor comete erros naturais. Continuava gentil e camarada, mesmo arrebatado por um imenso cinismo e por uma risada secreta e má.

Durante o tempo em que vivi nas duas casas, a minha e a de meus avós, eu vi nascer em mim a impressão de que viver era não estar no mundo dos adultos, e talvez eu tenha mantido isso para sempre. Até hoje muitas das coisas em que se constitui o *viver* me parecem invasivas, intrometem-se naquela coisa branca que é a vida de uma criança e lhe conferem um segundo olhar definitivo; ela deixa então a infância já convertida em quem nunca mais irá encontrar a inocência. Essas coisas trazem consigo o pecado, o crime e a imoralidade, e também a religião, a barbárie e a lei, além de outras oposições que estão petrificadas no centro dialético da nossa civilização. Essa é uma das formas de esclarecer a evolução das instituições e dos valores pespegados a elas. Estar civilizado é assumir a fraternidade como potência para amar todos os homens, ver no crime um exagero da mente domesticada, adotar a docilidade do cumpridor das leis, amar a democracia acima de todas as coisas. Esses valores foram ingressando em mim sem que eu percebesse; um favor aqui, um bom ato ali, um encanto pelas letras, algumas certezas sobre o que deve ser verdadeiramente recusável e outras certezas sobre o que deve ser verdadeiramente aceitável e pronto: estava eu me construindo a partir do legado iluminista e do humanismo que desde então nunca mais se separou das utopias do

Bem e dos *homens de bem*. Mas eu estava longe de todas essas informações ao final da minha infância.

– Vó, eu quero mais bergamotas.

– Sim, elas são boas para comer depois do almoço. Acalmam o alvoroço que a comida faz na barriga da gente.

– Vô, acho que vou comprar uns puxa-puxas na *Casa ao Papai* (este era o nome espantoso de um armazém simples; chamávamos estes estabelecimentos de *vendas*. De qualquer forma o filho, que era o dono, não revelava nenhum indício de haver querido homenagear o pai dele com aquela merda de venda, o que tornava o nome mais desarrazoado ainda; eu lembro de cogitar as razões da tabuleta de madeira onde estava escrito esse nome; meus avós riam com minha cisma, com aquela preocupação tão ridícula quanto o nome. Salvava-me apenas a infância, porque na infância tudo se salva mediante esse entendimento adulto de que as crianças são sempre engraçadinhas, seus pensamentos são sempre inteligentes e suas tolices são sempre desculpáveis).

– Acho melhor juntares o teu dinheiro. Escreve num caderno o que tens e o que gastas. Eu fiz isso por mais de quarenta anos enquanto fui gerente do *Banco da Província*. Depois, vais saber melhor quando deves realmente gastar. Vai pelo vô, que é antigo e sabe dessas coisas.

– Vó, o *turco* da esquina deu na mulher dele na calçada, de novo.

– Faz de conta que não viste nada. Deixa os outros com o que deles é.

– Vô, vamos contar quantos autos passam na frente da janela durante um minuto?

– Vamos.

E víamos e víamos, mais e mais, e bem mais do que um minuto, e bem mais do que cinco minutos, e bem mais do que mantivemos a atenção, e no fim os automóveis não eram mais assunto, e havia um silêncio. Meu avô continuava sentado na saleta, com o olhar fixo na janela, mas não via mais nada, sua velhice de vez em quando tornava seus olhos duas cavidades esbranquiçadas e parecia anular-lhe os pensamentos. Mas eu gostava de fazer esse exercício de contar carros quando chovia. Adorava ver a chuva bater nos vidros daquelas janelas de imensos postigos, eram vidros *bisotée*, com desenhos nas bordas, fazendo um *passee-partout* no próprio vidro, uma fina moldura trabalhada. Aquela chuva, na minha Nascentes

de guri e que há tantos anos abandonei, eu nunca mais vi, era mansa, contínua, durava dias. Não havia alagamentos, só a farra da água que vinha do céu.

Foi por esse tempo que conheci os livros. Os mais grossos – que os mais finos eu já lia antes dos doze anos com afinco. Imensas coleções de livrinhos de bolso. Por essa época, deixei aos poucos de ouvir o meu avô, fui conseguindo ficar em minha casa, já não era necessário ter cuidados comigo. Tenho até hoje na lembrança o nome de alguns daqueles autores, que descobri com espanto serem pseudônimos: Lou Carrigan, e seus incontáveis livros de *bang-bang*, além das insuperáveis Giselle e Brigitte Montfort, mãe e filha, sendo que a primeira, na coleção ZZ7, apareceu como *a espiã nua que abalou Paris*, e lembro-me de minhas erotizações ao olhar para o desenho da Giselle postado na capa daqueles livrinhos. Era de tarde que eu gostava mais de olhar para aquela imagem, de cabelos voluptuosos e olhar faminto da moça estampada. Pela tarde, agora que não ficava com meus avós como antes, havia momentos em que eu estava completamente só em minha casa. A empregada já havia partido e minha mãe ainda não chegara da Delegacia de Ensino, onde trabalhava. Pela tarde, sempre pela tarde, eu lia esses livros, já que pela manhã eu passava aborrecido e triste, vendo os professores dissertarem interminavelmente sobre átomos de carbono e sobre mitocôndrias, ou sobre os tipos de movimento e de força, ou sobre o sentido do espantoso binômio de Newton ou a impensável fórmula de Báscara, conforme estivesse estudando essa ou aquela ciência particular.

Apreciava as aulas de língua portuguesa e de literatura, sentia uma estranheza formidável ao tratar do *sujeito oculto* e da *oração indeterminada*; pareciam-me algo mais do que regras do meu idioma: eram seres escondidos dentro das frases, pequenos fantasmas que de vez em quando apareciam. Na literatura, achei José de Alencar um autor cansativo, e depois entendi que o Romantismo não deixava muita chance para autores verdadeiramente grandes. Estavam obsedados por uma beleza imaginária e inventavam personagens para além do possível sem que se tratasse de um truque intencional, como o é na literatura fantástica. Assim, os personagens eram fantásticos como fantásticos eram os heróis em quadrinhos, e eu já começava a saber o que era uma coisa e o que era outra, e cansei deles. Para esse fim, eu já tivera meu avô. Fui engolido, contudo, por românticos franceses, como Victor Hugo, mas bem depois de meu enjôo pelos românticos nacionais. Aos

poucos, muito embora bem mais seletivo, eu fui gostando mesmo era de ler tudo o que me caía às mãos, e isso me foi tornando maligno. Meu olhar e minha percepção das coisas era o suco desses autores, que eu liquidificava em minha cabeça e sorvia devagar, como quem debulha milho ou escolhe feijão, e meu olhar mudava de tempos em tempos, conforme os livros que me apareciam.

Depois do almoço, já não mais num tempo tão infantil como o que eu deitava com meu avô para ouvir-lhe as histórias, eu me deliciava lendo *pocket-books*, tomando ki-suco e comendo bolachas doces como se fossem a sobremesa. Pela noite, após os temas escolares, o futebol de botão. Isso assim foi até o dia em que meu pai começou a me fornecer livros que não eram aqueles pequenininhos, ainda que a temática não fosse exatamente muito diferente. Eram os tais livros grossos. Foi quando conheci Zane Grey e Laura Ingals Wilder, e vi o Oeste americano ser contado de maneira diferente, com maior densidade literária, ainda que sem pretensões maiores. As histórias de Laura, contudo, especialmente *Uma Pequena Casa na Floresta* e *Uma Pequena Casa na Campina* formaram grande parte do que ainda hoje penso serem os Estados Unidos. Quando imagino a neve do Norte sempre recordo *O Longo Inverno*. Esses livros estavam, juntamente com os de Júlio Verne e H. G. Wells, me preparando para um encontro definitivo: Sartre, que conheci com quatorze anos. Depois, Camus, e depois – e para sempre – o modo sombrio de certa literatura francesa, o melhor dos modos, talvez. Aos quinze anos, já familiarizado com eles, além de Hemingway, passei a ler filosofia, e a coleção *Os Pensadores*, numa segunda edição, que veio logo a seguir, e que terminou em 1978, me pôs nas mãos sessenta e oito volumes e uns oitenta autores que foram me constituindo na desordem de idéias que eu não sabia juntar. Faltavam-me informações sobre uns e outros na história do pensamento, e eu os lia sem entender exatamente o significado da obra, mas lia e lia. Hoje, essa coleção está pousada em minha biblioteca como uma espécie de totem, porque significa muito mais do que sessenta e oito livros, e sua representatividade sempre me recoloca no lugar que acabei escolhendo para mim no mundo: o de filosofar, acima de tudo, mesmo que isso não tenha importância alguma.

Aliás, rio das *importâncias* da Terra. Rio de qualquer *significância*. Esse estado depressivo é bacana, ainda que catalogado como enfermidade. Mas, definitivamente, meus melhores momentos não são os alegres. A alegria me parece

sempre uma falta de opção por algo maior. A alegria é um terremoto superficial no espírito dos que não têm fundura. Sofre-se menos, o rústico se contenta com pouco, andam essas almas sem afundar os pés no charco da existência. Os outros, os de rara alegria e de pouco prazer, ao contrário, vivem imiscuídos em pensamentos sem saída e em emoções violentas e fora de controle. Quanto contam suas vidas um dia, os alegres trazem poucos fatos e um tipo de risada que não se terá desmanchado há anos, e os outros trazem os olhos atônitos, como se tivessem descido do espaço e estranhassem a tudo e a todos. Nestes, o que não se desmancha é o olhar. São pequenas diferenças quando nos reconhecemos próximos ao nada, mas que, sendo assim tão poucas, encontramos neste ponto as diferenças fundamentais. Nas consciências de uns, elas determinam o bom-humor e na de outros, o mal-estar; e isto vai durante uma vida inteira. Essa vida não vale nada e vale tudo, e é preciso relativizar a própria vida e chutar para longe as tentativas de universalização das coisas do homem. É preciso algum encanto conosco mesmos, um último instante antes da desistência absoluta de algum amor. O indivíduo precisa falar, como um *Pitecantropo* evoluído, levando lenta e levemente seu desajeitado dedo indicador ao peito, uma só palavra: *eu*.

Essas universalizações, esses *universalia* medievais, são um ponto de partida falso, não passam de um ato de vontade depositado sobre uma lupa que ilude o observador. De qualquer maneira, enquanto lia esses livros, experimentava o redemoinho de uma solidão devorando outros apetites que esperavam que eu tivesse. A velocidade, a agilidade, a superficialidade, a praticidade, tudo isso me faltava. Não me constituía um ser equacionador, mas problematizador, e isso fez com que, pouco a pouco, sobre mim fosse depositada pouca esperança nesse mundo de velocistas pragmáticos. Eu iria perder para a vida, eu não conseguiria viver. Em largo sentido, esse é o juízo que ajudei a construir sobre mim pelos lugares por onde passei e de onde venho: um perdedor, um sujeito que lida com assuntos que não interessam a quase ninguém e que jamais estão na ordenação do mundo. Tinham razão, e acho que permaneço assim ainda, um pouco pela cisma de um orgulho insustentável e outro pouco pela incorrigibilidade da alma que me comina essa existência errante.

E assim hoje, quando dei de inventariar minha vida, fixei-me nas cinco décadas em que existo neste mundo, desde que descí do útero de minha mãe

sugado por uma inconcebível e subitamente necessária ventosa (não me deve ter sido fácil abandonar seus confortáveis líquidos), que me desenhou uma auréola de sangue no crânio, e por gélidos fórceps que me arrancaram de sua vagina. Num primeiro momento, parei meu pensamento no mês de março de mil novecentos e setenta e nove quando, aos dezessete anos, parti da minha Nascentes, onde o vento minuano congelava nos invernos, e fui para cidade de Poentes ver se abria meu coração para algo maior. O curso de direito, para o qual fui aprovado, trouxe-me para esta terra úmida e litorânea, ou pelo menos quase litorânea, pois tem a seu lado a Lagoa das Garças, e isso faz toda sua gente ter a delicadeza dos pés descalços, dos sapatos leves, enquanto os brutos da minha cidade tinham os passos pesados por parecerem sempre pisar sobre o pasto, mesmo quando caminhavam nas calçadas. Mas Nascentes é uma cidade que nunca esqueço, ela permanece em mim como uma dobra frisada de um tempo já enevoadado, um lugar onde eu não era responsável por nada, onde voava pelas ruas, um caprino em suas pedras, um menino de meu avô e seu rádio valvulado, um menino andando pelas aquecidas no verão e incrivelmente frias no inverno, um rapazinho que lia Zane Grey e Laura Wilder, que se iniciou atabalhoadamente na filosofia de Voltaire, o primeiro livro da segunda edição de *Os Pensadores*, a minha coleção, e que nunca mais parou de achar tudo estranho e engraçado até os dezessete anos, e que continuou achando tudo estranho e engraçado quando chegou em Poentes.

Tudo isto assim durou até que, num só tempo, fui consumido pela solidão e pelo desespero de morar com uma tia-avó de oitenta anos e sua criada louca e quase tão idosa quanto ela, que caminhava com os pés torcidos para a parte de dentro e não dizia coisa com coisa; essa fala quase delirante não significava nada à consideração de minha tia-avó; ao contrário, bastava para o contrato que tinha o cozinhar e o limpar a casa, onde ganhava a licença para dizer coisas incompreensíveis enquanto eu via uma dentadura mover-se em sua boca de anciã pobre. O filho mais moço de minha tia-avó, meu primo-segundo, que vivia com ela, contava com trinta e oito anos quando cheguei, lembro bem, e sofria de algum retardo mental, o que não o impedia de ser muito meu amigo e conversar longamente sobre futebol e política. Eu, um menino ainda, ele um homem feito, mas com idade mental de menino. Caminhávamos à noite e tínhamos conversas espantosas sobre assuntos fantasiosos, praticamente imaginários, e ele revelava

que havia livros que lia e não compreendia, mas mesmo assim gostava dos personagens. A história dos livros e seu sentido não lhe eram tão importantes como o olhar ou uma fala de alguém que ele encontrava no meio das páginas. Recordo que ele apreciava um autor em particular, um escritor de best-sellers, J.M. Simmel, que vendia muito nos anos setenta, e que era uma espécie de meio caminho entre os minguados Sidney Sheldon, Harold Robins, Robin Cook e alguns autores de qualidade um pouco superior, como Frederick Forsyth e Michael Crichton. A cada novo livro de Simmel, lá estava meu primo, nas noites frias do inverno de 1979, na cozinha de lajotas geladas, falando sobre as figuras daquele autor austríaco que parecia pesquisar bastante para escrever seus textos. Lembro-me de pelo menos três livros que ele empunhava, *Nem só de caviar vive o homem*, *Por quantos ainda iremos chorar* e *Só o vento sabe a resposta*. Meu primo lia em pé, pelos corredores, um pouco em voz alta, e me chamava às vezes para que eu ouvisse uma passagem qualquer. Ria de forma um pouco descontrolada, entrava em seu quarto e deixava o livro lá, saía imediatamente para o corredor e ria de novo, dando a tarefa por cumprida, e essa tarefa era apenas o partilhar comigo o que acabara de ler. Era estranho aquilo tudo, parecia um ritual, uma forma muito específica de vencer um livro. Ele gostava de ler, e isso lhe era bom. Quando saíamos para caminhar pelas ruas passávamos por um boteco chamado *O Barquinho*, e perto da meia-noite já estávamos de volta. Ele chamava esses passeios de *incursões noturnas*, andávamos por lugares muito distantes de casa, e chegávamos com os olhos duros pelo atrito com o ar úmido. Ouvíamos Frank Sinatra e Tony Bennet em um toca-discos *National* que eu possuía. Ficávamos um bom tempo ouvindo aquilo, e também um pouco de música francesa. Ele comprava long-plays em sebos e trazia, presenteando-nos:

– Esse é do Yves Montand.

Ouvíamos.

Nove anos mais tarde, em maio de 1988, ele morreu no aposento quase indigente em que vivia. Coração. Senti muito, sei que gostava de mim, e eu dele. Em seu velório vi toda gente estranha que compunha o seu círculo. Estranhos que nem ele, uns pobre-coitados, vigias, desempregados, zeladores, bêbados, donos de botecos e até um anão. Nós o sepultamos com profunda consternação, em silêncio absoluto, e vi muito daqueles homens sem futuro algum chorar copiosamente

quando o caixão subiu e desapareceu para sempre ao estalar da pá do coveiro. Saímos quietos, a pé, lentamente pelo umbral do cemitério. Depois eu fui deixando de ver, um a um, pelas ruas ao longo dos anos. Devem ter sumido, morrido também. Meu primo, sempre festivo, era o centro de algum comprazimento daqueles seres. Essa lembrança, a de seu funeral e inumação é uma das recordações mais duramente humanas que preservo intactas em minha cabeça que toma agora a sua vez de ir envelhecendo. Tanto melhor que eu envelheça: mais compreendo os pequenos procedimentos e a imensidão dos atos minúsculos, ainda que o tempo engolidor de todos nós vá mostrando a sua bocarra negra sempre mais nítida a cada aniversário. Essa compreensão, mais do que me dar prazer, instala em mim uma fatal pergunta: por que o tempo é tão descuidado ao levar todos nossos corpos miseráveis para a pretura do fim sem ao menos justificar isso aos nossos espíritos impressionantes e que não querem desaparecer? Há alguma imoralidade na morte ou pelo menos certa falta de educação. Quando digo algo assim, sei que busco arenas para enfrentar a morte com argumentos, mas ela, tão calada, tem métodos mais eficazes, e me levará, e nos levará a todos, mesmo que partamos pedindo maiores explicações. Essa falta de equivalência é um erro de posologia; há alguma insensatez em sermos mortais, entregues a um destino de final pouco ilustrativo, onde toda a aventura da vida há de se passar entre o prefácio e o epílogo, mas o epílogo é apenas uma comunicação grave de que nos estamos indo, e nele não há mais história, só escolhas de fotografias para estampar as lápides.

Esses pensamentos eu os vi nascer quando ainda era muito jovem e não os modifiquei muito. Minha natureza mantém certas coisas dentro de mim por muitos anos, até minguarem e desaparecerem sem que eu próprio perceba. Antigas alegrias e novas tristezas são como seres a ir e vir por uma porta destrancada. No entanto, cuidado, juízes: não objurguem com a febre delirante de suas invectivas a impermanência de um homem dentro de si mesmo. Ela não se revela fácil ao controle simplório das almas constantes, é por certo algum acontecimento impenetrável à estultícia miliciana da magistratura social, ela sempre terá um dardo escondido em sua zarabatana para atacar os inquietos e os sôfregos, os fatigados com a massa bruta de suas mentes em movimento interminável. Há quem, como eu, altere emoções e dissipe crenças com a facilidade reconfortante de uma impudência protetora. Não sei se por amor a mim mesmo ou se por um dever de

defesa, recuso-me a perecer como um homem inconfiável, e passo a louvar a graça da inconstância e a benção do transitório até torná-las virtudes. Depois, sorvo lentamente um café no centro da cidade e, imperial como os loucos, saio para mais um dia.

Meu tempo em Poentes foi uma quadra de diferente andamento, uma ruptura definitiva com a atmosfera de Nascentes. Talvez um sentimento de desterro e morte esteja pregado na alma de todos os jovens que trocam de cidade. Apesar de alegre em sua casca, o Brasil também mostra os horrores do degredo entre seus municípios, e eu senti a vinda para Poentes como uma verdadeira expatriação, que a cidade da gente é como um amor delicado, e ir embora dela de repente é um êxodo triste. Os que se vão para sempre, como fui, são viajantes nostálgicos, e trazem consigo sempre histórias cada vez mais remotas; as estações, os anos, as décadas passando e a cidade morrendo na memória. Vivemos convencidos de certas coisas, mas elas se vão embaralhando e nos confundindo até misturarmos fatos e pessoas, a vida voando, o futuro virando presente, o presente virando passado e o passado, nada. O tempo visto assim, como um bicho esfomeado, engole sem perdão nossas lembranças e a nós, e ficamos sós com nossas impressões inventoras, e tudo o que foi não é mais, e tudo o que não foi é agora. Esses subterfúgios desesperados me foram necessários para marcar as fronteiras onde me movimentei desde o início, mesmo que essa minha tão minúscula biografia fosse se estabelecendo por criações imprecisas e alucinações oportunistas, mas o desespero dos homens por identidade é comovente.

Costumo experimentar uma indecifrável emoção por pensar que quando um de nós está atrás de si próprio há de comover a todos os outros, mas isso não é verdade, evidentemente; ao contrário, um bom número de nós esfrega diabolicamente as mãos ao ver o outro se foder. Os jovens desterrados, os saídos de suas cidades com pouca idade, sobrevoam a nova sociedade em que ingressam sem ingressar; isso leva um tempo. Como eu, por pejo certamente, muitos acabaram nada confessando de seu desconforto, e viveram os seus sofrimentos no anonimato e na impercepção. Lembro de uma manhã muito fria de setenta e nove, talvez junho ou julho, eu no meio dos meus colegas universitários, a Campanha noutra lugar do mundo e meus colegas não tendo a mínima desconfiança da importância física da minha proveniência; quase nada parece ter a ver com a origem física de onde

viemos, e isso guarda cerimonialmente nossas saudades, contidas sem alarde na recordação de nossos lugares. É uma cerimônia pesarosa, há algo grave nesse recalçamento, e a autoridade desse luto tão específico nos fios dos nossos nervos acaba, no final, importando imensamente a nós. Ninguém levará em conta meus prantos, e eu compreenderei perfeitamente este desamor que se justifica pela invisibilidade de todos nós. Mas também não deverei levar em conta os lamentos dos desconhecidos, e isso não é uma espécie de recusa de anistia ao perdão solicitado por quem não conheço. É só uma falta de afeto pelo irmão da espécie, o que me parece natural. Não ser notado e não notar. E ir assim atropelando os dias com a dureza impiedosa da urgência de viver.

Até aqui eu não tinha impressões mais nítidas da justiça. Hoje, piorado pelo tumulto empírico de minhas desventuras, não tenho sequer nenhum tipo de impressão sobre ela, e estou satisfeito com isso. Perdão: satisfaz-me a impressão de que um tão longo exílio fez de mim um prisioneiro acostumado às grades, um desterrado sem ilusões, um mercador de coisas baratas. A forja entorta como quer o ferro incandescente. Uma nova cidade é uma grande forja, e a artesanaria da construção do meu novo ser fez de mim um arpão apontado contra a vida, com alguma propensão desanimada para a subsistência e, curtido pela hostilidade desse novo ar, fui consertando meus ressentimentos a meu jeito. Tudo isto custou muito, custa ainda. É como purgar uma fratura exposta apenas com água limpa. Temos pouca força pessoal contra esses abalos. Mas vamos, vamos embora, como esses arpões apontados contra a vida, já disse. O rastro de sangue nada importa se o homem ainda caminha.

As pessoas de Nascentes são conhecidas por *diurnas* e as de Poentes, *noturnas*, muito embora saibamos que os documentos dizem *nascentinos* e *poentinos*, mas o apelido é mais carinhoso que o rigor do Registro Civil. Foi no meio dessa nova gente, a noturna, onde amadureci minhas emoções de pássaro em ninho alheio, e de certa forma até hoje me protejo. Sempre forasteiro por dentro, de tantas coisas que existem por aqui e que nunca vi na infância, onde o rádio valvulado do meu avô o fazia encostar o ouvido no alto-falante do aparelho, quieto e atento, e isso parecia ser tudo. Aqui, algo agressivo está sempre presente. Um dia, há uns vinte anos, quando eu já era professor há pelo menos cinco, na saída da Faculdade de Direito três de meus antigos professores que ainda continuavam por lá

e já eram então meus colegas, indo à minha frente riam alto na calçada; esse riso lhes era de alguma forma familiar demais, enquanto para mim o som da gargalhada foi uma estridente buzina do diabo para os meus ouvidos. Acho que ouvi o som da burguesia em sentido absoluto. Meus professores, os mais conhecidos, eram tipicamente burgueses (mesmo que nada os conceituasse com a precisão esmerada de um verbete de dicionário, mas os burgueses, da forma como os identifico, são os indivíduos que desenvolveram, em algum tempo entre a Renascença e a decapitação de Luis XVI, uma condição cromática que os faz adquirirem a cor do ambiente em que se mimetizam). Eles pertenciam a estes círculos sociais engraçados de Nascentes, onde é preciso haver algumas frases inteligentes ou qualquer erudição barata. Se não houver essa sofisticação quase burlesca, uma inquietude lhes toma conta, e costumam reclamar da mediocridade de todos os outros que não se comportam assim. Mas meus burgueses vivem fora do tempo: são os aristocratas dos dicionários; outra gente histórica, mas com espíritos irmãos quando se trata da experiência maravilhosa de viver só para si. Chamo-os assim, *burgueses*, apenas para confortar pequenas recordações amorosas do Partido Comunista Brasileiro, onde este conceito era caro e identificava perfeitamente o inimigo. Depois, seus conceitos não resistiram mais a esse mundo de intercâmbios semióticos, onde todos nos tornamos outros seres, e nossa impermanência dentro dos signos representa um pouco algo como o expurgo de nossas casas, uma questão de ecologia linguística, nosso habitat não foi protegido por essa liquidez baumaniana.

Mas eu dizia algo sobre esses burgueses, como os chamo. Esse é em grande parte o mundo dos advogados e dos médicos daqui, eles se encontram para mostrar certa suficiência cognitiva sobre as coisas, lambuzam-se de um verniz que lhes permita serem reconhecidos como bons no que fazem, mas bons especialmente em razão da inteligência ou da erudição. Isso sempre me trouxe alguma irritação, por vezes um desejo assassino, mas sempre evitei a impiedade. Esse era o mundo dos meus antigos professores do direito, um mundo burguês da pior espécie, e algumas pessoas, contaminadas por aquela impostura, ainda hoje formam círculos em torno desses valores, e jamais descuram da necessidade de serem, de alguma forma, elogiados, salientados pela cultura pessoal e pela velocidade de raciocínio. Nunca tivemos um verdadeiro diálogo. Eu não os escutava

e nem eles a mim; recusávamo-nos por um preconceito mútuo nascido da repugnância. Inquietava-me a visão dos príncipes da faculdade e os nomes das famílias a que pertenciam muitos deles; o *pedigree* era indispensável para o reconhecimento genealógico de um membro de família que havia prestado serviços ao direito. Fui vendo aos poucos que essas contribuições não passavam da escritura de alguns livros tolos e de alguma eloquência em palestras. Isso os fez tornarem-se para sempre criaturas semelhantes aos índios mortos da minha infância; recuperei em abstrato a torcida para as minhocas, após lançá-los em silêncio aos buracos do pátio de Ademar Branco de Oliveira, meu avô. Restaurei esses buracos na minha memória. Os índios e os professores eram os caras a serem eliminados, e pela mesma razão: causavam algum mal à minha ideia de paz. Essas famílias e o *espírito da faculdade*, essa auto-exaltação vaidosa e impune me cansaram ao longo desses anos todos, e quando encontro alguns vestígios dessa forma de viver desapareço por muito tempo, até ter nova necessidade de algum contato humano, pois ainda preservo a duras penas essa condição desconcertante de quem tem cravada no peito amoroso a flecha desapiedada da Grande Razão.

Quando saio à procura dos iguais, nada mais faço do que cumprir uma espécie de agenda biológica e mostrar meus olhos cada vez mais contrariados. Boa parte dos meus dias eu cumpro sozinho em casa, insulado em um exílio estratégico, tentando fazer-me bem à distância do gênero humano. Minha antiga ductilidade esvai-se por obra do meu gradual embrutecimento, cheguei por aqui com boas maneiras e palavras leves, atrás da *philia* reconfortante de uma gente boa e desconhecida, era uma flor atrás d'água, e os fatos secos de uma vida sobre um chão não familiar me trouxeram pouco a pouco também uma secura nos olhos, na boca e no espírito. Fiquei pobre e seco, rígido, tenso, um pouco mal educado, tive momentos de selvageria, briguei, tive as mulheres, tantas delas, e depois, caída a força dos anos sobre mim, passei a existir com o coração vazio. Vivi com tantas mulheres que nem as conto direito, tive dezenove filhos, amados meus acima de tudo e dois deles tirados de mim antes de tudo, nada a eles se compara, e a vida, inestancável como um transbordo aquático em que me afogo todos os dias, me fez rolar como um galho boiando nos charcos das enchentes; sem rumo, roçando obstáculos, emergindo e submergindo, extenuado e com pouca esperança.

Depois direi dos filhos meus e suas fantásticas ocupações; agora só quero dizer isso: dois foram levados para longe pela mãe quando eram novinhos ainda, muito antes daquele tempo em que eles mesmos vão embora; falar disso abre um buraco em minha garganta, o fel dessas palavras é insuperavelmente ácido, não há gosto pior no mundo do que o sabor muito sofrido dessa lembrança. Mesmo quando se tem dezenove filhos um só deles vale por todos e um pai não distingue a imensidão de afeto como quem compara coisas em balanças de peso. E assim fui, e assim vou indo, com esta estaca dura e imóvel fincada neste peito de tantos choros. Ainda estou por aqui nesta vida, com outra mulher, com outra gente. Por conta destas questões familiares, convivo hoje com pessoas muito crédulas, gente confiante na força das ervas medicinais, tipos humanos de uma simplicidade impossível, cuja troca de informações sempre se refere a assuntos práticos, de uma elevação baixa, e aí me movimento com uma intrujice treinada e alguns ardis de sobrevivência.

Minha família atual tem uma constituição mental trabalhadora, vê no obrar uma concretude de valor moral superior a quase todos os valores, e esse trabalho há de ser utilitário e prático, pois o ócio desconstitui o vigor de um homem, ele não é mais válido. A vida intelectual não grassa com facilidade entre essa minha família atual, eu sei das exigências de uma comunidade realizadora. Eu não sou um realizador, ocupo grande parte de meu tempo com coisas improdutivas, dedico-me à filosofia, e a filosofia em meio aos trabalhadores não tem sentido algum; sou confundido com um ocioso contemplativo e problemático. Essa relativização me incomoda, minha filosofia é vista com desconfiança, ela é olhada como um assunto infértil, um passatempo sem fundamento, uma forma de nos perdermos das coisas úteis mergulhados em pensares de merda, inservíveis, próprios de gente afetada e pedante. Um homem diverso de todos os homens valorosos, um dândi não integrado, o oposto do que queriam para a minha mulher. Eu sou um aristocrata para a minha família atual, eu sou um merda, tornei-me um dos meus antigos indígenas.

Misteriosamente, esse julgamento bruto não me parece dos piores, devo dizer que também pouco os entendo. Ao largo, cansamo-nos todos uns aos outros, e sinto vontade de encontrar os pseudo-tudo até que me cansem também, e atravesso os dias em câmbios secretos, onde não divulgo as razões de estar em um meio ou

em outro. Normalmente, me divirto em ambos, mas quando canso, afasto-me rapidamente até que minha solidão me console com a identificação de meu ser de condição fugitiva, e eu encontre a paz que construo para mim através de caminhos muito privados. Os seres mais sofisticados, os pseudo-tudo, como eram meus professores mais antigos, apesar de tudo eram menos rudes, ainda que eu os identificasse com certa forma de barbárie; afinal, a razão jurídica é bárbara, embora apresentada como um bichinho conciliador, um *pet* criado para o prazer da humanidade. Mas àquela época ainda estávamos longe do pior. A partir de meados dos noventa, essa humanidade se direcionou para um tipo ainda mais bárbaro de direito, e a autarquia da lei governou definitivamente toda a imaginação jurídica. Curiosamente, aqueles outros, os parecidos com meus professores antigos - e como rareiam os remanescentes extraviados! – estão ficando loucos em pequenos grupos diante da rudeza coletiva desse mundo bruto. Quando estão somente entre eles, libertam um animal que pode rugir, mas que não amedronta mais ninguém. Perderam a autoridade. Todos os de sua espécie rugem e murmuram, num solipsismo de classe que afirma para si entender o que é o mundo e a beleza. Num certo momento eu comecei a achar a burguesia algo relativamente natural embaixo das estrelas que a todos nós alumia de noite; passei a ser como uma dessas estrelas paradas do céu, não fazendo considerações maiores. Os preconceituosos eram um pouco melhores do que os robôs da contemporaneidade, eles tinham como exercer a volúpia torpe de um nojo pelos inferiores, mas os de hoje, os da moral objetiva, não tendo nojo pelos inferiores só têm amor por si. E eu continuo por aí, como um arpão apontado contra a vida, como disse. Um dia desses, na janela de meu apartamento, pensando em cigarros que já não fumo há nove anos, dei a perguntar amalucadamente se não serão as estrelas uma simples metáfora dessa bosta toda. E respondia para mim: claro, são uma metáfora dessa bosta toda, mas as metáforas não são explicativas o suficiente para quem não as entende, e a gente contemporânea não entende metáforas, ou, se as entende, não se dá por achada. Essa é, numa classe média de baixa evolução política, a nova burguesia, ainda mais estúpida. Burguês, hoje, mais do que um estado econômico, é a ausência, o vazio, o nada e, claro, a falta de dificuldades maiores para viver. Podem comprar suas cervejas, suas camisas-de-vênus, pagar seus motéis, ter seus carros, boa casa, boa cama, boa comida, e uma cabeça com a potência de um ruminante. O burguês me

desacorçoou sempre, mas o burguês atual venceu minha paciência, me fez desanimar, eu saí do ringue.

Penso em mim: como é grande o sonho de um homem de meia-idade perdido em devaneios sofridos de imensidão! Está tudo bem, pouco entendo do mundo, mas devo confessar que desafio, mediante argumentos bons e fortes, quem se oponha à idéia de que tudo é pequeno e de que somos medíocres, e afirme que tudo já é grande, Deus meu. Deus meu? Às vezes não entendo minhas vozes interiores. Como estou a invocá-lo, deixe isso só por uma interjeição, um modo de mostrar espanto, que espantado vivo. Richard Dawkins, o mundo em que sofro é sem garantia alguma, e eu gostaria de pedir a ti alguma coisa que me proteja, mas eu sei que, mesmo que tu sejas tão impressionante, nada há a mais entre nós dois. Quero fazer uma pergunta aos ateus, Dawkins, e não sei se tu és mesmo um deles: as gargantas dos ateus nunca secam? As dos crentes, não, penso; há sempre alguma esperança a confortar-lhes as goelas, o peito não aperta com tanta facilidade, as mãos devem tremer menos. Mas, Dawkins, não pense que estou contente com a simplicidade, acho que também não há muito sentido em não secar a garganta. Pior do que tudo, amigo, é a dúvida, ou melhor, é o porquê de haver dúvida. Eu sou dos que duvidam, sei do meu treinamento no racionalismo, mas a falta de um deus empresta um poder a mim que me faz temer-me; não sei do que sou capaz, como disse Dostoievski, num mundo sem deus.

Acho melhor, por aqui, voltar ao que estava contando. Para ter razão, para que teus argumentos ateus convençam a humanidade, tu podes estar neste momento rezando a um deus desconhecido e perigoso, e não sei se esse deus mantém, por seus motivos irrevelados, todos os homens em pé. Aproveita a companhia de Onfray, que vai dizendo em filosofia as teses da sua biologia, Dawkins: aprecio vocês dois, quero até mesmo conhecê-los, não para ouvi-los, mas para olhar seus olhos, quero ver os olhos declaradamente ateus e com argumentos. Não os olhos dos ateus frágeis que me circundam às vezes. Quero um ateu fundamentado, e sei dos seus esforços, vai ser bacana nosso encontro mudo. Nosso silêncio será uma atividade extensionista, dessas à maneira universitária. Eu serei um destinatário das suas teses, contaminem-me. Apenas lhes peço uma só coisa: convençam-me, convençam-me mais do que burguesia e esse clero que já não assusta ninguém, e pouco ou nada convence um novo espírito sobre a densidade

etérea de um conceito como o do Espírito Santo; esses burgueses e esse clero são a aristocracia decaída do meu tempo. Essa gente não é confiável, ainda preciso de Voltaire depois de duzentos e cinquenta anos, preciso da pedagogia iluminista. Preciso ver, abismado, o fulgor de uma estrela já morta há milhões de anos. Tenho sede deste clarão, deste relâmpago transformador, deste embrião do ser nascido e vingado com defeito, hoje transformado, em sua vida adulta, em uma modernidade monstruosa, ainda que permaneça sofrendo, encarcerado em sua Grande Razão. A falta deste entendimento não tem importância alguma para quem vende peixes, constroi prédios e até advoga; mas esta incompreensão, em mim, é um vácuo em que tudo dança no espaço, sem peso, nada cai e nada sobe, tudo flutua estupendamente. Eu demando o conceito desta criatura em que me constituí, exijo explicações justificadas, não me bastam os pequenos risos dos pragmáticos vitoriosos.

Este ser é um animal na jaula desde que Descartes anunciou existirmos por apenas pensarmos. Fosse ele menos apaixonadamente lógico do que sensível, talvez pronunciasse seu corolário de outra forma, como *penso, logo apenas existo*. A verdade laicamente messiânica trouxe consigo uma fantasia, um delírio alcandorado para os homens sonhadores do meu tempo. Podermos ser Deus é uma poesia que, quando entra hoje no espírito de um amoroso utopista, enlouquece-o, e a ciência precisa tratá-lo em consultórios psicanalíticos. Antes que morra por sonhar, antes que a candura se torne incurável, antes mesmo que se refaça de sua alegria voadora, antecipa-se uma receita médica para roubar-lhe do cérebro a demência que o faz crente nas raízes da Razão no Ocidente, e ele é afastado rapidamente dos demônios de sua esperança porque mesmo a ambição doce pode ser demoníaca. Os demais, os que pararam de sonhar e foram dados por curados, com seus olhos duros e corpos ágeis não querem luz, só dinheiro. Eu os observo com respeito, admiro seu estágio antropológico com gravidade, inundo-me de comparações e passo a entender a superioridade da biologia de um burguês verdadeiro.

Neste exato momento, quando tudo poderia levar a crer que reverenciaria meus superiores, caminha em minhas veias uma vontade descontrolada de matá-los e me preparo, então, para os atos de eliminação. Costumo dizimá-los aos grupos, desviando os olhos de seus bandos sonoros, e enquanto gritam nas calçadas e nos cafés. Estou eu já em fuga após meu sutil desrespeito à sua presença. Não olhá-los;

esquecê-los. Vê-los como o futuro que devesse ser o passado me parece ser um bom método de genocídio com a pior das mortes: o não reconhecimento do bando rival, a indiferença, a sobrançeria atrevida. Passo ao largo, constatando a diferença e adivinhando sua intolerância a mim, e ponho lá bem em meu fundo um sentimento desprezível a qualquer bondade religiosa: a repulsa e o fastio. Igualo-me, uso as mesmas armas, faço o que posso nessas lições mentais contra um inimigo impiedoso. Normalmente estão vinculados às famílias fundacionais desta cidade, ou querem a elas estar, ou aderiram a seu ar ostensivo e irão sempre exercitar a refração aos plebeus e à classe média fodida, que é onde me encontro. Melhor agora retomar a história que conto, pois senão irei me distrair com inconfidências irredimíveis e enfurecer-me à toa com as evocações abstratas que me ressecam a língua e me produzem um hálito maligno.

Mas, como eu estava dizendo, meu pai, de tempos em tempos, me passava um livro. Quando eu tinha lá uns quatorze anos ele me estendeu sua mão que agarrava um livro grosso e o passou à minha. Eu olhei a capa, onde havia a imagem de um homem de nariz fino, cabelos longos, lábios apertados e estreitos escondendo um misterioso sarcasmo – gente visivelmente doutro tempo, um ar irônico inegável. Era a imagem de Voltaire, e o livro era o *Dicionário Filosófico*. Imediatamente comecei a lê-lo, e fui correndo páginas e verbetes, e vendo que o que ele escrevia era diferente do que eu lia num dicionário tradicional, e vi que havia humor nas suas palavras, e senti que havia algo maior por ali que eu não estava percebendo. E fui e fui, e estou indo até hoje, trazendo a filosofia comigo desde aquele dia em que sua peçonha me envolveu no meu quarto da Rua Ambrose Bierce, lugar em que a casa alugada por meus pais me testemunhou até meus dezesseis anos. O que agora conto juntamente com o que desapareceu para sempre de mim e ficou guardado entre seus tijolos, até ser reformada há já quase trinta anos por moradores que nunca soube o nome e que possivelmente jamais saberei porque me falta o desejo de reconhecer a substituição de meus domínios, como quem deixou a guarita e jamais voltou os olhos para trás. Não me apetece a ideia de saber que me renderam na guarda de meu pequeno reino. Em certo sentido, sou um desertor de meu próprio passado, pois tudo que retenho em mim está atrás das retinas dos meus olhos que já se cansam de mundo. Mas a filosofia, por sortilégio de sua insinuante sedução, acabou por me tornar totalmente livre

dentro da prisão de seus conceitos, e ela me auxilia, em minhas pobreza da memória, a manter a soberania das emoções, emprestando alguma dignidade aos meus descasos. Naquele tempo – e por vezes ainda assim me surpreende – a filosofia era uma espécie de masmorra com frigobar, ou seja, uma série de palavras incompreensíveis para um adolescente, um discurso de cifras raras, mas que me atraía muito e me punha em estado de graça no meio daquelas tardes distantes. Devo a meu pai e a Voltaire o começo de tudo o que veio depois.

E o depois começou violento. O meu sentimento mais nítido começou a ser o de recusar as pessoas que fui considerando parvas, e gradualmente todas começaram a ser consideradas imbecis. Eu tinha uma espécie de tabela medidora do nível de idiotia, tinha meus graus escalonados, e em alguns deles o menor convívio era impossível. Noutros coeficientes ainda era possível algum contato, mas sem troca de informações significativas, só cumprimentos e conversas baratas sobre a meteorologia. Muito raros eram os que me davam prazer. Foi por esse tempo que deixei de ser humano e me tornei uma espécie de deus, um deus do mal, formado de vaidade e negação. Mas os deuses não se consideram muito cruéis, cultivam a auto-piedade com um gracioso excesso, e alguns ainda impõem que se lhes deva amá-los sobre todas as coisas.

Minha vida de deus durou pouco, até que fui apresentado a Freud, que me fez voltar a ser homem, muito embora um homem ainda desagradável, como desagradáveis são os moços perspicazes. Eu passei a *imaginar* um pouco da obra de Freud, muito mais do que o *li*, evidentemente, e me tornei um terapeuta silencioso, realizando interpretações fabulosas dos atos humanos, e meu olhar era o olhar de quem estava entendendo alguma coisa que os outros não faziam qualquer idéia. Aí residia meu aspecto insuportável, minha superioridade asquerosa, mas isso foi o que me fez perder o *status* de divindade para ser apenas um menino soberbo, mas um menino que lentamente foi reentrando em sua espécie. Isso durou até minha vinda para Poentes, onde perdi tudo na vida aos dezessete anos, e onde nunca mais encontrei a mim mesmo; minha superioridade nojenta, que me fazia existir de algum modo, recuou até uma individualidade acuada, e deixei de existir quase completamente para manter-me vigilante em relação ao improvável, como os solitários soldados de *O Deserto dos Tártaros*.

Desde o primeiro dia em que pisei em Poentes para sempre, eu fui só medo. A esse medo, o do menino-homem que diminuiu como um rei deposto aliou-se o medo da minha doença, a Síndrome do Pânico, que degolava meu pescoço desde meu primeiro ano escolar e era muito mais insuportável agora que eu estava inteiramente só. Eu tive o primeiro sintoma dessa doença terrível aos sete anos de idade, no primeiro dia em que entrei em uma escola. Nunca mais parei de ter os sintomas. Apenas consigo passar algum tempo sem manifestações muito fortes, mas posso afirmar, não sem uma dor imensa, que somente pude vir a ser aquilo que a Síndrome do Pânico permitiu que eu fosse. E fui pouco, muito pouco. Tento agora me fazer algo maior; antes de tudo para mim mesmo, pois que morrer tendo vivido todos os anos mediante a ameaça do pavor deve ser algo parecido a um sequestrado jamais ter sido libertado do seu cativeiro, e de lá ser levado pela morte natural. Morrer entre as tábuas do esconderijo feito por bandidos cruéis, com fome, com sede, reduzido ao que se pode fazer em um cubículo. Ao longo do que vou contando acho que mostrarei não haver passado muito disso. E, se um pouco mais me mostrei, obtendo por aqui e por ali algum reconhecimento, foi porque utilizei espadas de Toledo, feitas do melhor aço medieval, para combater o ser monstruoso da minha doença.

Deixei tudo para trás num piscar de olhos, meus pais, minha cidade, meus amigos, meus imbecis, meus índios. Fui aprovado no vestibular para Direito num janeiro muito quente, e em março eu já estava em Poentes, em meio a sua pequena e nada receptiva burguesia. Eu não conhecia bares e boates, e não me comportava como cúmplice de jovens que eram czares ferozes em grupo e inconfiáveis caras legais quando eram apanhados fora dos grupos. Percebi logo que não tinham opinião alguma e que eram covardes. A força deles vinha dos companheiros, uma *gang* de bacanas, mas bastava ficarem sozinhos com um forasteiro para borrarem as calças. Foi quando eu conheci o Monte Olimpo dos noturnos, que era uma espécie de conjunto de moços agrupados parecendo cumprir papéis entre eles. Gargalhavam debochadamente em conjurações perversas, sem me revelarem completamente os assuntos; conheciam pessoas pelo nome e sobrenome. Aquele que só tinha nome ou apelido não tinha estirpe, era de uma linhagem plebeia demais para os meus colegas de dezessete, dezoito anos no início de um curso que, junto com a Medicina, reinava soberano sobre todos os demais. Fiz a prova do vestibular

com sono, passei a noite lendo coisas e coisas, um livro em que estava escrito *Conhecimentos Gerais*. Meus pais me acompanharam até Poentes para eu prestar os exames. Eu era suficientemente bom para vencer aquelas questões. Uma cruz no *a*, outra cruz no *d*, uma no *b* e talvez outra no *a*, e pronto: fazia o curso que me ensinaria as fronteiras densas com que o direito constroi a liberdade. Um curso em que a liberdade fosse vista como filha do direito, e este como um produto da imaginação do Homem sobre o mundo seria suficiente para a conquista da alma de um menino que gostava de olhar para o céu. Realizei provas de qualidade intermediária em ciências exatas e biológicas. Conhecia bem o inglês e o português, lia jornais e revistas sempre, estava sabendo o que se passava no mundo. Acertei todas as questões dessas provas, sem exceção, e fiz uma redação exemplar. As notas nas ciências exatas e biológicas poderiam ser até mesmo baixas. Meu lugar estava garantido.

Fui para as provas por quatro dias seguidos. O vestibular era mais longo e melhor de ser feito do que hoje, em que uma das habilidades requeridas é pensar rapidamente para dar tempo de terminar as avaliações; meus pais, dentro de um Dodge Dart vermelho, me esperavam com vaga ansiedade. Penso que não acreditavam muito em mim. Acho mesmo que não acreditavam em quase nada, não se moviam por crenças, tudo era flutuante neles, pareciam não ter princípios e nem finalidades na vida. Lutavam apenas por ter uma saúde que os fizesse acordar vivos. De vez em quando, meu pai tinha arroubos de paixão por algum aspecto humano, especialmente pela bondade exemplar, e minha mãe parecia apreciar o cumprimento heróico de algumas obrigações. Gastavam um bom tempo falando sobre a bondade e sobre os sacrifícios, mas depois tudo desaparecia e eles voltavam a ter apenas a vontade de permanecerem vivos. A saúde era em si um valor formidável, e um corpo que não estivesse gripado era o corpo de uma pessoa feliz. Estou quase certo de que esse amor desmesurado pela vida biológica está no fundo das minhas crises de pânico, meu espírito vive espantado por não saber o que fazer quando meu corpo vai bem. Mas eu não sei bem isso: meus pais, completamente loucos, auxiliaram-me a ser também louco, mas não fosse essa loucura eu poderia ser um juiz calmo e sem inquietações maiores, ou um advogado respeitável, com seus arquivos repletos de pastas com nomes de clientes e seu

olhar bem-sucedido, desfilando pelos corredores forenses com algum orgulho da própria agilidade diante dos juízes calmos e passivos, o que me parece horrível.

Não sei de onde vem minha suspeita, mas meus medos me põem tanto a pensar, com receio tantas vezes de dar dois passos para fora da minha casa, que boa parte das conjecturas que me alegam somente foram possíveis porque meus pais, loucos, me amaram desesperadamente em todos os seus dias delirantes, querendo apenas que eu não morresse; e eu, com extremo medo de fechar os olhos na direção de uma eternidade assombrada, dei de pensar, e ao fazer isso, por mistério casual de uma metáfora cartesiana, também dei de existir, e por isso penso, logo existo. Ainda que exista pensando só em não morrer, que morrer me levará para braços que não enxergo. Sobre Descartes já falei um pouco, mas falo de novo: ele roubou a ingenuidade dos olhos religiosos, ele sentou-se à mesa com Deus, ele o olhou nos olhos e desconfiou de algo. Quando escreveu, ainda manteve suas reverências aos céus, mas Deus passou a ser escrito com minúsculas. Assim, deus. Depois, a história se encarregou dos outros atos de deposição, mas Renatus Cartesius, mesmo no frio de Estocolmo onde ensinava uma rainha madrugadora, Christina, às cinco da manhã, sabia que mudara para sempre o mundo e a nós todos. Hoje repousa na Igreja de Saint-Germain-des-Prés o precursor de toda a Modernidade, mas quando seus pulmões não resistiram ao gelo nórdico e a pneumonia o levou, foi enterrado em Estocolmo num cemitério de crianças não batizadas, ainda tendo esse deus para si, esse *Grande Relojoeiro*, que sua matemática procurou demonstrar a existência sem as confusões e as improbabilidades escolásticas. Fico pensando, apenas por pensar – e muito penso apenas por pensar em tantas coisas não feitas para viverem no pensamento –, em Descartes saindo de sua casa muito cedo, a neve caindo, dirigindo-se até o palácio de Christina, livros e apontamentos embaixo do braço, anunciando-se à porta, sentando-se ao lado do seu leito e começando a falar na dióptrica. E nos meteoros e na geometria, apresentando suas idéias contidas na abertura desses estudos, o *Discurso sobre o Método Para Bem Conduzir a Razão e Procurar a Verdade nas Ciências*, este opúsculo que mudou-nos, a mim, a ti, a ele, a nós, a vós e a eles. E – no silêncio sueco – que a Suécia há de ser silenciosa até hoje, pensando enfim naquelas duas figuras a conversarem sobre esses temas. Isso me evoca certa graça, uma sensação de que não sabiam o que lhes acontecia, um momento tão

distante e sem testemunhas, que se sabe apenas o que se pode imaginar. Essa imaginação, essa encantada imaginação, eu a tenho para pensar esses momentos perdidos e que somente os séculos, com todos os seus escritos, vão selecionando dentre os fatos da humanidade que tiveram alguma importância, quase sempre póstuma. Essa nostalgia do que não vivi, do que só suponho, é uma espécie de poesia livre que me alimenta quando fico muito quieto e dou marcha à ré no tempo, levado apenas por minha ternura e por essas fantasias.

- Acho que deu. – disse-lhes no quarto dia, após a última prova, de volta ao Dodge Dart vermelho onde haviam passado algumas horas meus pais; estou certo de não haverem saído a caminhar um pouco, eu poderia voltar a qualquer momento e não encontrá-los e sabiam de meus nervos. Não senti a mínima ansiedade ao prestar as provas, mas retornar para o automóvel e não encontrar meus pais poderia produzir o som apocalíptico que o desespero tem quando me invade. Meus medos não são medos normais, vêm de alguma idéia de desproteção inexistente nos seres humanos sadios. Onde eles assobiam eu me urino; onde eles se urinam, eu posso assobiar.

De fato, venci o vestibular e ingressei no curso de direito da Universidade Federal de Poentes.

Precisava agora realizar minha mudança para Poentes urgentemente: as aulas começavam em março de 1979. Trouxe meus livros de filosofia e os de literatura, instalei-me na casa da minha tia avó, já muito velhinha, sua empregada doida e meu primo caminhador. Ele se tornou meu grande amigo, meu único amigo durante todo aquele ano. Em nossas *incursões noturnas* andávamos mais de cinco, seis quilômetros, muitas vezes sob luas muito brancas e um ar permanentemente úmido. Fizemos isso durante todo o inverno de 1979. Eu não encontrava sentido em nada. Meu negócio era apenas dar um passo atrás do outro enquanto as calçadas iam me distraindo, esvaziavam-me a cabeça e eu não organizava os pensamentos. Às vezes não dizíamos nada, era só o toc, toc, toc dos nossos pés batendo no chão, noites altas e vazias. De vez em quando ele me dizia:

– Fulano de tal mora nessa casa.

Eu não sabia quem era fulano de tal.

– Fulano de tal já morou aqui.

Eu também não sabia quem era.

– Fulano de tal e fulano de tal e fulano de tal.

E eu já não o ouvia.

Em relação a alguns ele fazia alguma reverência oral, uma entonação que revelava a importância do morador. Era quase como visitar cemitérios de gente viva, e as casas eram os túmulos, gente desconhecida por mim, cuja importância era semelhante a dos livros que citam pessoas e dizem o que elas foram numa biografia de três linhas.

– Somos noturnos noturnos, falava, acentuando esse exagero para tirar um bom efeito. Tentava me acostumar, por amizade, à sua cidade, mas não me converteu ao nível de me sentir, realmente, um noturno. E muito menos um *noturno noturno* (na minha voz, que nunca fui nem um e nem outro, a estupefação precisa alojar-se na locução inteira; essas palavras me são tão desconhecidas quanto “*contentamento*” e “*verdade*”). Eu não sabia quem eu era, e nunca soube.

A funcionária doméstica amalucada chamava-se Antonieta, uma senhora que viera dos campos situados nos arredores da cidade. Uma figura sombria da colônia alemã, penso, e que tinha os pés torcidos de tal forma que as pontas se encontravam a cada passo, um curupira fora da lenda. Caminhava e parecia que sempre iria tropeçar. Dizia poucas coisas compreensíveis, seus olhos eram fundos e ela dormia na peça da frente, onde alguns anos antes minha irmã morara, fazendo mais ou menos o mesmo percurso estudantil que eu. A vida se repetia comigo naquela casa, e minha tia era muito apreciada por meus pais. Ela já havia, durante muitos anos, acolhido vários moradores, quase todos estudantes, e graças a ela muita gente pode se manter em Poentes a um custo barato e uma permanente camaradagem. Dona Antonieta, quase tão velha quanto minha tia, preparava o café da manhã para mim e eu o sorvia rapidamente, pois ela o fazia frio, por certo bem menos do que morno, mediante a justificativa espantosa de que era para andar mais rápido com as coisas todas e para que eu não me atrasasse para a aula que começava às oito da manhã.

Da casa da minha tia até a faculdade eu caminhava um bom tempo, mas sempre, graças aos obséquios aluados daquela senhora estranha, cheguei a tempo em todas as aulas. O café frio e duas fatias de pão com manteiga eram o meu combustível matutino para enfrentar o curso que desde o início tratou de ensinar-me a sagrada lição de que precisamos ser considerados iguais perante a lei. Se nossa

crua desigualdade natural se estabelecesse também na lei surgiria um problema de ordem material que nunca poderia ser solucionado pelo curso. Caso quiséssemos discutir isso, deveríamos fazer outros cursos, ou ler livros de importância menor para o funcionamento da ciência do direito. Desde o primeiro dia em que ouvi esta definição desconfiei que dentro da cabeça daquele professor deveria flutuar uma série de pensamentos confusos, e que ele também não conseguiria, com o que parecia saber, justificar a sua posição perante pessoas mais atentas. Ele saberia – depois entendi tudo – justificar perfeitamente essas informações. Os que o ouviam é que não saberiam afirmar se estava louco ou se aquelas eram mesmo as regras da brincadeira, pois em matéria de regulamentos de jogos, principalmente os mais infantis, quanto mais inventivas as fórmulas, mais divertem. De qualquer maneira, levei algum tempo desconfiando que o argumento da igualdade perante a lei iria ser a tempo revelado como um disparate, e que tudo não passava de um truque didático para que entendêssemos, no tempo certo, o que realmente interessava. Essa aula nunca foi desmentida, entretanto; o mundo inteiro a leva a sério. Minhas aulas de filosofia, desde a primeira delas, continuam tentando sabotar esse argumento, sempre procuro minar a fleuma dessa ficção, esforço-me grandemente para arruinar o curso que me emprega. As ratificações constantes dessa estultice acabam por me trazer uma breve irritação, logo superada pela sensação de que sou uma pequena ilha e que não devo satisfações ao continente. E nem ele deve a mim. Vivemos dessa forma, juntos sobre a crosta terrestre, olhando um para o outro, sem assuntos agradáveis. Acho que uma academia não é muito mais do que isso, um punhado de divergências apaziguadas ao final de cada mês, quando desce, encantado e sobre todos, o salário, essa retribuição corruptora e imoral que transforma todas as coisas sérias em risinhos de convívio.

Pois bem, começávamos então com uma boa ficção, e, em grande parte, eu realizei o curso como se os códigos fossem livros de má literatura, mas os professores, os colegas, os profissionais e o Poder Judiciário foram me mostrando que ninguém via literatura naqueles códigos, que eles estavam no mundo para valer, que deveriam ser levados em conta os seus princípios e que o direito era, enfim, esse punhado de ficção disfarçada procurando justificar-se entre os que mandam e os que obedecem. Vi a desconfiança que havia crescido em mim transformar-se em um desejo obstinado de destruição e montagem de outra coisa no lugar daquela

porra toda. Sempre me pareceu que somente seguiam o Direito e o aplicavam os desatentos puros ou os mal-intencionados, porque algo grave havia dentro dele, de seu discurso, no interior das aulas, na leitura das leis, na aplicação de seus preceitos, no atendimento às pessoas, de tal forma que não seria possível sustentá-lo sem explicações muito mais potentes do que aquelas sandices que eu parecia ouvir. E que ouço cada vez mais, mas agora estou cansado.

Lembro que uma força desconhecida me atraiu, dois anos após me haver graduado, para dentro daquela casa, ou Casa, como se costuma chamá-la, apelidando-a, ainda, de *Casa de Bráulio Laranjeira*, em alusão a um antigo diretor e professor que marcou época por sua capacidade administrativa e por sua polivalência acadêmica. Nos tempos de idolatria da erudição, quanto mais, melhor, e nos tempos do amor pela larga cultura, quanto muito mais, muito melhor ainda, e assim foi que o tempo da cultura e do heroísmo sagrou Bráulio Laranjeira como o ícone maior de uma casa legalista e de apreço reverencial pelas boas frases e pelos efeitos retóricos. De qualquer forma, pelo que fez na vida pública e privada, penso que o doutor Bráulio deva ter sido mesmo uma espécie de paladino das boas causas, merecedor dessa homenagem, mas sua pior herança acabou sendo a lenda que criou em torno da Casa, que abrigou curso certamente bem menor do que o seu espírito. Eu cheguei a conhecê-lo, foi num *canto de cisne* em 1982, quando palestrou na faculdade sobre algum tema sociológico. Recordo-me perfeitamente que dizia imensas obviedades bem organizadas, em um discurso aprontado anteriormente e guardado meio de memória, para ser dito com a simplicidade de um sábio. Ele parecia ser um velhinho acanhado, e recordo seu terno surrado. De qualquer forma, aprendi a desconfiar da modéstia, e hoje não sei se por detrás de sua singeleza não se escondia a pior das vaidades, a obscura ostentação da humildade falsa, que disfarça tigres em gatos. Quando o vi, fazia dezessete anos que havia deixado a direção da Casa, após mais de trinta anos à sua testa, em tempos intercalados. Quando ele entrou naquela sala, meus antigos professores, muitos dos quais haviam sido seus ex-alunos, pareciam estar tendo contato com uma lenda, e a sala ficou lotada para reverências. Sentado, eu o assisti bem ao fundo de uma grande sala de aula, local em que palestrou, e recordo que falou todo o tempo de pé, com voz baixa e olhar cândido, e aquilo me causou uma impressão terrível de que a lenda sabia que era lenda, e que retornara ao seu templo de

adoração para salientar aos seus fiéis que não o esquecessem. Mas isso tudo passou, o doutor Bráulio faleceu já há vários anos, muitos que estavam naquela sala também já morreram, e a vida vai mostrando a mim que, de fato, há alguma valia quando uma divindade reaparece para lembrar a todos de sua autoridade. Não estava errado o doutor Bráulio, eu é que era muito jovem e não compreendi a epifania dos adultos e o prazer da única divindade que a Casa produziu até hoje.

Mas a Faculdade de Direito cada vez mais ia se tornando uma espécie de lugar para onde eu não deveria nunca ter me dirigido, com seu pé direito de alguma imponência e mais majestade na sua mitologia. Local de professores tidos por extraordinários. Pouco a pouco, quase sem exceção, fui logo os considerando incrivelmente comuns, até considerar a todos os professores do passado pessoas que não mereciam nenhuma consideração justificada. Viviam na mente dos adoradores de oratória. O falar bem, o falar bonito, o efeito das palavras era a sua magnificência, e isso eu detestava. Os de quem gostei não eram centrais na faculdade, lecionavam as matérias propedêuticas ou eram esquisitos que conseguiam fazer da própria esquisitice o seu charme pessoal. Apreciava este charme, sabia que entendiam muito bem que o curso a que pertencíamos era ridículo, se divertiam dentro dele disfarçadamente, engolindo gargalhadas e fazendo ares de distração, como convém a gênios estereotipados. Eu ri muito deles; nunca souberam, até porque minha risada não lhes fazia sentido algum: afinal de contas, mesmo sendo diferentes, não deixavam de ser poentinos, ou já estavam incorporados indissociavelmente ao modo noturno de ser. Na verdade, pensando bem, não eram em nada diferentes dos professores sisudos; eram iguais, apenas apreciavam fazer alguma graça que, aparentemente, os diferenciaria, mas o que realmente faziam era apenas, como estúpidos, rir dos mais estúpidos ainda, ou seja, daqueles que não tinham sequer essa hipótese de humor. A vida humana é tão cheia de esconderijos e solturas. Dificilmente saberemos onde estamos no labirinto em que caminhamos todos. Nestes vinte e cinco anos que lá estou, passei algum tempo sendo, a início, um porteiro vigilante; depois, com nova tecnologia, um detector de metais; agora, num mundo *high tech*, sinto-me às vezes um GPS. Leciono em minha ilhota, mas sempre com a guarda costeira em alerta. Preciso saber onde estamos todos. Se bem eu facilitar, bem minha ilha irá ser invadida; não assim, com barulho e tiroteio, mas à sorrelfa, com agentes infiltrados para

informarem da falta de importância absoluta que essa pequena gleba possui na amplitude dogmática que forma o verdadeiro direito. Cuido para não entrar em risco de extinção, mas meus descendentes, se demitirem a guarda costeira, irão ser invariavelmente invadidos, e em alguns anos teremos, no lugar de filosofia do direito, alguma matéria optativa e já incorporada ao continente.

Era um tempo, aquele, pré-internet. Ainda era possível apreciar a palavra bem colocada, o beletismo, a sonoridade de um assunto numa voz empostada. A inteligência era medida assim, e a erudição era venerada pelos ídolos dos demiurgos educadores. Na verdade, todos apenas totemizavam a lei, todos oravam diante de leis e códigos, e todos se achavam dotados da impressionante capacidade de saber manusear a lei. Moviam-se aparelhados por uma organização mental que esperavam fosse invejada por quem não dispusesse de tais arranjos subjetivos. Viviam dessa fotossíntese, acoimavam os desprovidos do conhecimento das escrituras de Pontes, Bevilacqua e Hungria. E assim funcionava a casa – e funciona até hoje, e ainda pior: explicadores de leis que sobem as montanhas onde essa compreensão é considerada extraordinária, e quando estão lá em cima ocupam postos de relevância social. Quase todos se preparam para essas montanhas. Quando puderem galgá-las, conseguirão ganhar dinheiro com essas escarpas altas do raciocínio. Nunca suportei isso, e os desaprovo declaradamente desde aqueles primeiros tempos, ainda que tenha feito muitas amizades com boa parte deles, e muitos se tornaram amigos muito verdadeiros e leais. Mas sempre lembro, diante dessa questão vagamente epistemológica, que o mundo não é o mesmo para nós a ponto de autorizar nossa amizade a nos estender todas as suas irmandades e confidências, e sou lanceado por essa idéia: *estás falando com um deles, cuidado*.

Mil novecentos e setenta e nove foi um ano assustador. Minha síndrome do pânico instalou-se definitivamente em meu espírito de jovem estrangeiro. Eu não sabia o que eram aqueles sintomas, morri inúmeras vezes e renasci outras tantas, mas sempre com o medo sentir tudo de novo a qualquer momento. As crises são devastadoras, eu me convencia de haver chegado o momento da minha morte, o coração se esboroava contra minhas costelas, queria saltar tórax afora; vinha-me a impressão de que precisava me despedir de todo mundo, mas não havia mais tempo, o coração mata rapidamente demais. Tornei-me um péssimo intérprete dos sinais físicos: uma dor muscular no braço, uma extra-sístole, alguma dor de cabeça,

tudo isso era um trajeto para o fim. Ataques cardíacos, acidentes vasculares cerebrais, pressão descontrolada, assim entendia eu essas manifestações físicas insignificantes. Enfrentava a morte imaginária como se ela fosse o prato de cada dia, e nisto está a diferença entre a graça de uma ilusão sabida e a convicção de que os sentidos não estão mentindo. Vivia sem mobilidade, em trincheiras constantes, onde tudo terminava ao redor de mim. Tudo segue mais ou menos igual ainda hoje. Apenas conheço um pouco mais o ser vivo que pareço ser. Depois dos colapsos, uma imensa placidez retorna para dentro de mim, mas aí já sou um homem dilacerado e esta pequena paz restaurada ainda não é um consolo; esta paz inicial, lenta, ainda não é um bom valor. Quando olho para a minha vida inteira e vejo que hoje ainda sou controlado por medicamentos e por uma terapeuta atenta ao *homem doente* de quem cuida; que eles não me deixam morrer com facilidade, que me sossegam e aquietam, sinto um grande espanto diante de tudo, uma falta completa de explicações e uma vontade de morrer de verdade. Acho meus requerimentos muito exigentes, nós não temos mesmo explicação. Isso, contudo, não me impede de ficar pensando na própria sina, neste trajeto inevitável que a genética parece me ter regalado. Procuo meus uísques e deixo minha cabeça ferver. Meus porres são intencionais na maioria das vezes; estou procurando liquidar uma química com outra, um bom álcool fazendo voltas no cérebro e o tornando outro. Mas tudo recomeça quando o álcool termina. Ser assim, ser *isso*, é como levar a vida de um pistoleiro sem o seu revólver, de um espadachim sem sua espada, de um juiz sem o seu código. É ser e nada ser além de um mero projeto, aquele que se esqueceu de nascer, e a quem não é dado pensar no futuro porque só lhe vale o presente. É não ter esperança porque a esperança se torna uma questão de lógica e não um assunto da vontade.

Um pouco mais serenado pelo cansaço de tantos anos vivendo no interior desses horrores, deixo o sofrimento intenso aos poucos, as crises têm rareado, o ar me tem ingressado com mais tranqüilidade, minha pulsação de mamífero aos poucos tem sido a de um réptil. Eu estou pacato como um desses bichos encouraçados, um crocodilo dormindo, sedado por sertralina e clonazepan. Meu tempo de felino inquieto está ficando para trás, sou uma alimária rastejante indo na direção de algum sossego. Por dentro, contudo, ainda se agitam coisas misteriosas, uma tontura eventual, uma gastrite, uma vontade de esvaziar uma garrafa de uísque

e abrir, lentamente, a jaula do grande felino. Ele não acorda completamente sem álcool. Mas este animal é exatamente o que combatem os que me querem bem. Meus auxiliares, meus remédios e minha médica, todos querem me tornar o crocodilo imóvel de baixa pulsação cardíaca. Aceito. Concordo em virar um crocodilo; lá vou eu para as sessões. Lá estou eu com meu copo d'água pondo comprimidos sobre a língua pela manhã e fazendo-os deslizar para a disciplina de minhas vísceras até que o cérebro reconheça seus amigos. Reptilizo-me com alegria em meio ao amor de meus auxiliares, mas aqui e ali às vezes começo a ter saudade do velho animal que está partindo. Ele, se vivia atormentado com a permanente vigilância predadora, era ao menos mais criativo. Estou trocando a criatividade pela paz, a agonia pela pasmaceira, o medo pela falta de inimigos. Enquanto pensam que estou apenas mais velho e aceitador do mundo, não desconfiam que o predador talvez apenas descanse, e esse grande crocodilo em que estou me transformando tem uma agressividade sem movimento. Considero isso, embora um mecanismo salvador, uma grande merda; de certa maneira, tenho saudade da besta que se está mingando em força como quem se despede da criatura que, mesmo brutal, vivia em si, vivia em mim, era eu.

É um alívio, uma impressão de fim de guerra. O grande adversário de quem começo a ter a insuportável sensação de haver me deixado vazio, algo oco, foi identificado e está sendo sacrificado pela medicina. Não sei o que pensar; sou um navio que mira a costa, mas sei não haver calado; neste mesmo momento acho que devo decidir pelo mar infinito e nunca mais jogar a âncora. Eu sei que o chão, a terra me porá em pé e me tornará mais firme, mas venho de longos movimentos e enormes ambulações. Do espírito, é claro, que o corpo sempre esteve imobilizado pelo medo. Por um instante não sei se saio da terra para o mar ou se venho do mar para a terra. Perco a noção do que me movimentava, se a água ou o vento das florestas, e novamente meu pânico se disfarça, não diz de onde vem. Sei melhor essa geografia agora, há vários instrumentos novos para descobrir rotas e estranhar caminhos. Mas tudo não foi sempre assim.

Somente em mil novecentos e noventa e dois foi diagnosticada a doença que se iniciou quando eu tinha sete anos, o que significa que vivi cerca de vinte e cinco anos com a sensação de morte iminente quase todos os dias. Depois de 1992 eu melhorei um pouco com a informação do que eu tinha, e que a síndrome do

pânico era algo que muito recentemente havia sido estudada e isolada como uma enfermidade específica. Essa melhora, contudo, não me curou. Isso não tem cura. Ainda. Ou nunca terá, não importa. Tive uma pequena vantagem: eu passei a morrer com mais classe. Pelo menos, eu anuncio a cada deflagração do horror:

– Estou tendo uma crise de pânico!!!

Isso já me alivia, e a morte vai se distanciando, distanciando, até um ponto em que devo parecer um naufrago resgatado.

Há alguns anos comprei um aparelhinho de medir a pressão. Quando as crises chegam, eu muitas vezes digo para a minha mulher:

– Tira.

– Sabes que tua pressão está normal. Tu sabes disso, meu bem.

– Tira.

– Vai estar doze por oito, eu sei.

– Tira!!!.

E está sempre doze por oito. E eu estou sempre ótimo. E morto.

Quando eu não sabia nada sobre essa doença, quando eu era estudante de direito, durante as minhas aulas na faculdade eu normalmente estava desatento. Passei cinco anos ouvindo coisas espantosas, especialmente quando os conceitos eram fornecidos como pães recém saídos da fofnalha, e aquilo pressupunha certo didatismo louvável. O professor que dava os conceitos como quem vende pães quentinhos era um professor bom. Os cadernos se enchiam de coisas assim, e quase todos copiavam aquilo. As meninas, principalmente. Eu nunca copiei uma só linha durante os cinco anos. Eu nunca tive um só caderno. Eu me alimentava das cópias fotostáticas que já circulavam naquele tempo. Eram as cópias dos cadernos das meninas. Com as aulas de inglês que eu dava, conseguia comprar livros. Estudava neles, com um tédio maior do que o do hotel em que passei a morar em 1980, o Hotel Bioy. Vivi lá por quatro anos.

– Usucapião é...

– Codicilo é...

– Venda a *non domine* é...

– A expressão *propter rem* significa...

– Fato gerador é...

- Lançamento é...
- Licitação é...
- A diferença entre proponente e oblato é...
- Poder de polícia é...
- Tratado internacional é...
- Concordata é...

E assim as aulas seguiam um curso admirável. As coisas do direito eram miraculosamente conceituadas como se fossem coisas da matemática, devia haver algum deus inicial que ensinou o primeiro homem sobre os riscos enormes de dizermos que as coisas do direito poderiam ser outras coisas, ou que o direito poderia ser estudado sem aquela de conceitinho pra cá, conceitinho pra lá e pronto. Eu sempre desafiei silenciosamente a autoridade dos conceituadores, e em algumas provas e aulas ousei opor minhas considerações, fazendo oposições aventureiras. Não recordo de ter tido algum êxito. Eu somente poderia fazer isso se eu falasse de cima das montanhas, não do sopé, e todo estudante de direito está sempre no sopé; não é ouvido mais ou menos pela mesma razão que muita gente não enxerga os negros. A montanha para os negros é ainda mais alta no grande território gelado do direito, e sua subida requer outros equipamentos. Um negro bacharel em direito era coisa bem rara quando eu estudava. Eu gostava dos negros, achava-os muito parecidos comigo, de alguma forma eram estrangeiros naquela casa de brancos metidos a besta, de professores chamados de doutores cheios de empáfia, uniformizados com uma indefectível gravata e um paletó que os fazia porejar no verão, pingüins em expansão territorial. Hoje, esses caras estão mais modernos, a gravata já está deixando de ser um símbolo; mas, se mudaram por fora, talvez tenham piorado por dentro: a altanaria, em muitos sentidos, aumentou, e devoram-se uns aos outros porque replicaram como insetos nos últimos anos, um retorno da praga egípcia dos gafanhotos. O mercado oferece cenários de observação esplêndidos, e acho graça da autofagia propiciada pelos defensores da sociedade aberta. Engolem-se, reclamam, e continuam a defender a outra face do que reclamam. Ou seja, só há problemas quando eles sofrem, mas basta engolirem alguns que já estão satisfeitos. E famintos de novo. As pessoas pobres continuam fodidas, e não percebem nada. Continuam querendo comida e saúde. Só. E assim o mundo vai.

- Sua carteira de identidade. O senhor tem que me trazer sua carteira de identidade. O xérox. E esses documentos, ó.

- E depois?

- Depois vamos entrar com a ação e esperar para ver o que o juiz diz. A outra parte vai fazer o mesmo. Vai contestar nossa ação e dizer o que pensa do que afirmamos.

- Mas eu tenho direito.

- Claro, mas vamos ver o que o juiz diz.

- E se ele disser que eu não tenho razão?

- Faz parte do jogo, amigo. Os documentos, não se esqueça dos documentos.

- E se eu falar com o juiz?

- Com o juiz não se fala. Escreve-se pra ele, os advogados fazem isso. Ele analisa e diz, ó, quem tem razão é esse aqui. E pode ser que cada um tenha um pouco de razão também.

- Então, tudo é possível?

- Claro.

- Todos podem ter direito?

- Claro.

- Vai depender...

- Isso, vai depender do juiz. Os documentos.

- E se eu...

- Não, agora é tudo comigo. Um abraço. Até logo.

- Os documentos.

- Os documentos.

- Depois, o juiz.

- Depois eles e depois o juiz.

- Depois de tudo, é o que o juiz pensa.

- Isso, depois de tudo.

- Mas mesmo que o juiz diga que eu não tenho direito eu posso continuar tendo razão?

- Pode, mas aí já não adianta nada. O direito só se tem quando o juiz diz que se tem. E isso se não houver recurso que modifique a sentença dele.

– Isso pode durar?

– Anos.

– Eu posso ter direito desde sempre e levar anos para que o juiz diga se eu tenho mesmo, não é? E só aí é que eu vou ter *mesmo* esse direito?

– Em poucas palavras, sim.

– Adeus, doutor, obrigado.

– Um abraço.

Eu era treinado para esses diálogos também. Não nos falavam sobre como atender clientes. Eles eram também algo parecido com uma letra, os exemplos eram sempre dados como se *A* tivesse feito alguma coisa a *B*, uma coisa legal ou ilegal, e assim aprendíamos o direito e não aprendíamos nada sobre gente. Esses *as* ou *bês* também não eram do mundo em que estávamos, eram abstratos como os anjos, viviam num recanto improvável de algum lugar aéreo da Terra. Exemplificativamente, litigavam. Exemplificativamente, resolvíamos os problemas, tão imaginários quanto os próprios anjos, e raciocinávamos no terreno inflexível de uma legalidade compreensiva, justa e piedosa por princípio. A lei tinha esses atributos por causa da democracia, o homem democrático não poderia construir algo ilegítimo ao final de seus trabalhos legislativos. Havia alguma alvura na vida apresentada pelos professores. Ela era uma vida plana, mostrada num gráfico semelhante a um eletrocardiograma de um coração saudável, sem sobressaltos, uma vida onde a violência era serena e parecia um beijo de amor. Ninguém usava as palavras *pobre* ou *rico*, e falar a palavra *sindicato* era somente para ilustrar o conceito jurídico de legitimidade das partes que peleavam diante dos juízes, a engraçada *legitimatío ad causam*, ou para mencionar a contragosto que eram entidades cobradoras de mensalidades e impostos. Falar em sindicato para além das exigências processuais, ou para além de um conceito, implicava em intrometer um assunto político fracassado e repulsivo dentro do direito, e isso era macular a integridade positivista que construía – e constroi – a mentalidade obtusa que vagava – e vaga – como um fantasma na faculdade, arrastando correntes dentro das cabeças pousadas sobre os ombros de professores que se orgulhavam por carregar com eles a força de uma tradição.

Os sindicatos eram coisas de gente desocupada, baderneira, que se organizavam longe da ordem do direito, que faziam as pessoas saírem às ruas

bradando impropérios contra gente de bem, contra as empresas, contra o setor produtivo. Queriam exercer direitos mais facilmente em conjunto, e esses direitos eram uma licença inaceitável dada pelo estado à gente perigosa, gente que arrancava dinheiro dos patrões a qualquer descuido. Os sindicatos eram uma coisa negativa, a ditadura ia para o fim e parecia que a gentalha poderia ocupar espaços políticos que não lhe eram naturalmente concedidos. A negrada, os operários, os peões rurais, os desvalidos em sentido geral viam nos sindicatos uma porta muito aberta para suas ousadias, e o velho patrimonialismo brasileiro se reunia nos sindicatos patronais para também se organizar coletivamente. Na faculdade de direito essas disputas entre capital e trabalho eram semelhantes à luta entre o bem e o mal, sabendo-se perfeitamente quem representava o bem e quem se constituía no mal. Estudei a CLT assim, com mocinhos e bandidos em seus postos, e jamais o nome de Marx ou Engels foi pronunciado em nenhuma aula de direito do trabalho. Minha faculdade estava maravilhosamente instalada sobre as pedras de um edifício que ignorava a pobreza do mundo e que localizava nos pobres apenas a gente que servia ao treinamento dos estagiários, já que não se prestavam à clientela profissional. Só eram apreciados, constrangedoramente, pelos trabalhistas, que ganhavam honorários através do conjunto de postulantes. Mas mesmo aí eu pude ver que advogados trabalhistas, alguns ex-professores meus, desdenhavam dos que os enriqueciam, e continuavam tão reacionários quanto um general discursando para os seus na caserna. Os sindicatos eram úteis, mas esses advogados lidavam com uma verticalidade impiedosa com as negras que empregavam como domésticas, as pobres faxineiras, os jardineiros, os dos *serviços gerais* e todos aqueles que pudessem depená-los por obra e graça da merda que o Getúlio Vargas inventara em quarenta e três, agradando a quem não merecia em troca de glória e história. Recordo vagamente de, em um dia já perdido no passado, haver lembrado os meus índios de infância, meus brinquedinhos simbolizadores de uma versão iníqua de colônia, império e mundo, e ter tido a certeza de que o meu curso era um canteiro semeado de entono e avidez.

A tradição da Casa, e de resto do Judiciário inteiro, eu fui compreendendo pouco a pouco: bastava abstrair as pessoas, retirá-las da história, era a tradição de imaginar anjos no meio das pessoas, de ler códigos com atenção cristã e de amar com candura a forma do direito. Joga-se um jogo de certo e errado e entrega-se aos

juízes a missão de definir futuros. Quem soubesse se movimentar nessa plenitude cínica se tornava um profissional elogiável.

Um promotor público mostrou-me um dia uma caderneta onde constavam os nomes das pessoas que ele havia conseguido condenar nos júris que realizara. A cada um na cadeia, a inscrição na caderneta como uma cruz na culatra e o júbilo na alma. Exprimia grande orgulho pela truculência de seu espírito perverso e nefando, disfarçado na simplicidade do exercício de seus misteres. Muitas vezes percebi a formação de uma casta agressiva no ministério público, e vi que a ele a sociedade recorre para realizar os atos de vingança específicos dos estados de direito. A lei basta. A lei justifica. A lei legitima o homem mau quando ele a abraça e permite que ela fale por ele. O homem mau abre a boca e a lei sai como esterco, um excremento legitimador do seu argumento. O homem bom também faz isso, mas quando a lei está acima dos homens já não sabemos identificá-lo. A lei nubla tudo, a visão se torna turva e os sentidos se atrapalham. O curso de direito mostrou-me a torpeza de sua orientação, e eu fui detestando aqueles detritos ideológicos todos, os professores, os autores, os recém-formados de fatiota, os juízes, os promotores e toda a racionalidade jurídica.

– O pré-contrato é...

– A escritura é...

– A responsabilidade civil é...

E eu dizia pra mim mesmo: – e esta bosta toda o que é? Que coisas são estas que vocês nos põem nas mãos como se fossem lâminas, que vocês nos põem na garganta para cuspirmos fogo, que faz vocês andarem em círculos e terem a certeza de que vão para frente? Enfim, o que vocês ensinam?

Em um final de semana, lá por oitenta e dois, em que estava especialmente entediado, eu me apercebi de que não havia nada no mundo que me alegrasse, e senti isso na minha janela do quarto, no Hotel Bioy. Era o apartamento de esquina, segundo andar, um dos melhores daquele lugar cheio de baratas e morcegos. Eu tinha uns vinte anos, estava só, olhava para a Praça Salvador Dalí, era uma tarde quente e eu tinha prova no turno da noite. Direito Civil. Contemplei as árvores e as pessoas em meio à canícula, uma onda de calor parecia se elevar das tijoletas quentes da praça e as pessoas pareciam derreter. Fiquei um tempo assim. Acendi um cigarro e o fumei inteiro enquanto olhava para a praça e para as pessoas

suadas. Retornei para dentro do meu quarto, encostei os postigos e fiquei na penumbra. Pensei que aquela seria uma boa hora para realmente morrer. Tentei me distrair inventando cenas de meu velório; tendo, contudo, ficado sinistro demais, recorde de haver criado um medo muito real de desaparecer, e ele logo se transfundiu com os horrores doentios, com os medos falsos. Minhas opções me deixavam pouca margem para alguma calma.

Não morri. Tudo o que consegui foi me envolver com a prova de Direito Civil.

– A tradição é para os bens móveis.

– A transcrição é para os bens imóveis.

– A compra e venda é...

– A alienação fiduciária é...

– A reserva de domínio é...

Fechei o livro. Fechei os olhos. Fechei o espírito. Aguardei a hora de sair para a faculdade. Meia hora antes abri os olhos e meu espírito se encheu de luz. A prova seria o único acontecimento do dia capaz de me fazer mover algum músculo. Saí. Fiz a prova. Voltei. O quarto da noite estava muito igual ao quarto da tarde, eu estava igual. Tive uma crise de pânico e desci as escadas. Fiquei no saguão disfarçando o horror que estava dentro de mim. Quando passou, subi para o meu quarto e deitei. O outro dia me devoraria provavelmente do mesmo jeito. Não havia nada a fazer. Só me restava dormir. Dormi. Durante quatro anos tudo foi mais ou menos assim.

Abria todos os dias algum livro que à época eu guardava em caixas de *manzañas argentinas*. Elas eram de madeira e eu podia empilhá-las. Colocava lá o que podia, qualquer livro, e no último ano em que morei no hotel minha estante já estava perto do teto e alguns livros já estavam sendo colocados no chão. Sartre e Camus, Camus e Sartre: eu não precisava de mais ninguém para dominar o desânimo e tirar algum proveito dele. Foi por este tempo que compreendi que preciso de alguma tristeza para escrever, e que nem toda a tristeza eu devia evitar. Com os anos eu descobri a dosagem, de tal forma que se tornou possível a mim experimentar alguma alegria com certo tipo de tristeza, sem paroxismo. Fiquei até bom nisso, fiz uso razoável da emocionalidade existencialista.

Eu gostava de escrever alguns poemas. Eram muito ruins, mas eram meu vômito produtivo. A estética capenga dos meus versos me parecia suficiente para

meu auto-entendimento. A cada estrofe eu me espantava com o que entornava dos meus órgãos, do meu cérebro, era uma espécie de substância secreta que eu mesmo desconhecia. Quando eu olhava a folha de papel com minha letra desalinhada eu me sentia tão único que passava a viver intensamente na minha singularidade. Eu exalava toda a potência de um indivíduo, toda a força de uma dor somente minha, uma idéia de futuro não repartido. Minhas poesias vagabundas se tornavam outras pessoas, ficavam sobre minha cama de lençóis amarrotados, espalhadas, eram gente que me acompanhava. Eu não me reconhecia nelas, mas sentia um orgulho petulante por criar meus companheiros como Deus formara seus seres. Eu pensava que Deus devia ser um homem eternamente desacompanhado, andando a esmo pelo infinito, criando companheiros no ermo do céu para aplacar o desespero de não ter ninguém. Em lágrimas, quando dava certo alguma de suas invenções, abraçava um ser qualquer e dizia *eu te amo, amigo, fica mais um pouco ao meu lado*. E os seres, nos corpos celestes, fundavam igrejas por dó daquele deus triste.

Eu continuava imerso em pensamentos assim, desconfiado de toda ordem e de toda lei, de toda instituição, de tudo o que as pessoas repetiam, de toda notícia, de todo o universo humano. Eu nunca entendi o caralho dessas coisas, mas mantive minha desconfiança de que ninguém entendeu nada também, e me enchi de um sentimento de repulsa por todos aqueles que falavam como se tudo abaixo do sol fosse uma ordem pura e normal. Pior eram os que falavam com essa pretensão toda, de conviver com o mundo estando *por dentro das coisas* sem serem religiosos. Os religiosos eu desculpava um pouco, a fé é tão escura como o meu coração assustado. Mas os incrédulos, ou os indiferentes a Deus, eram muito piores:

- Tudo tranquilo?
- Tudo.
- Fim de semana vai ser “aquela” festa. Não esquece.
- Claro que não. Vou “matar” um engradado de “cevas”.
- O alemão vai levar a banda dele.

Eu ouvia essas conversas e me sentia meio morto. O tédio entrava pela minha garganta e mordida minhas tripas. A aproximação dessas festas, que eu ia como se fosse um boneco de carnaval, me deixava completamente inquieto. O momento mais horrível era chegar na porta do lugar onde estava acontecendo a

festa e ver todo mundo embalado, dançando como ursos alegres, fazendo caras de profundo entendimento sobre o sentido das canções, os olhares de cumplicidade momentânea, como se tivessem nascido com as almas coladas, as cervejas passando de mão em mão. Eu buscava apenas encontrar alguma menina para beijar e quem sabe levar para a cama. Faria amor com vigor, amaria minha criatura, eu, o deus triste pondo companhias em meu céu até a próxima manhã.

– Já vou. – diziam.

– Ok

– Onde é que eu te encontro na noite?

– Por aí, não tenho lugar certo para ir e também nem sempre saio.

– Tens onde anotar meu número?

– Não.

– Bem, eu estou sempre na boate do direito.

– Ok. Eu te acho.

– Beijo.

– Beijo.

E eu, na véspera da festa, já estava suficientemente abatido para enfrentá-la, sabia dos ursos que por lá se balançariam, sabia do som hipnótico e das cabeças em transe fazendo movimentos repetidos, o queixo ia rapidamente de ombro a ombro, um frenesi assustador. De fato, não gostei daquele tempo. Não tive alegrias nas minhas tentativas frágeis de ser feliz conduzido pelo contentamento incondicional da juventude. Fui um rapaz triste, sorumbático, e hoje só não cultivo arrependimentos desse tempo porque até o momento ainda não consegui entender os motivos verdadeiros da alegria. Ser alegre sem saber os motivos não me apetece. Hoje há uma música cantada por um sujeito do samba que arrebatou multidões com o refrão “*deixa a vida me levar, vida leva eu*”. Eu a detesto: ela traduz grande parte do que recuso, não estou aí para ser conduzido assim, como um seixo na onda, uma folha ao vento, um idiota por seus senhores. Quando a sensibilidade nos abre um sorriso alvar é preciso vigilância, um imbecil pode estar se instalando clandestinamente entre o coração e o cérebro, o vírus de um idiota pode estar caminhando por ali, nesta região sanguinolenta, cheia de órgãos e vísceras, onde talvez esteja a casa do nosso espírito.

Nestas ocasiões, apurados o cuidado e a atenção, abandona o bloco carnavalesco, deixa a pista de dança, te afasta das caixas de som, esquece a fome de felicidade mostrada na coreografia descuidada dos ursos sambistas. Retoma a calçada e anda, somente anda, e determina o lugar das coisas dentro de ti. Depois, desaparece, e só volta após a festa, numa segunda-feira de manhã. Feliz como o diabo.

2. Chuva fina sobre os ombros

Que não se desesperem os doentes. Daqui a duzentos anos, a Ciência terá descoberto a cura para todos os males.
Eno Teodoro Wanke, Pensamentos Moleques

Como eu ia dizendo, a infância já contém todas as maldades. Não somos julgados porque guardamos certo ar de pureza barroca, um antídoto visual contra os juízes. Eu também dizia que esses juízes assumem simpáticas familiaridades; gostamos deles principalmente quando são nossos vizinhos ou conhecidos, e de certa forma até esperamos a complacência bovina de um pai. É mesmo agradável transgredir a moralidade humana quando somos pequenos e escondemos nossa perversidade diante da lógica imprudente da mitologia donde nascemos, onde viceja a piedade absolutiva do auto-engano. Quando esta bonificação vem do espelho em que se olha a espécie, uma autoridade bondosa e superior desce aos nossos corações e nos indulta. Os mesmos gatinhos que me deliciavam com suas patas suaves nas costas eram, por vezes, enforcados por mim, e eu também matava pequenas aves. Eu via nisso um domínio orgástico do selvagem que escondemos sobre o ser domado em que nos construímos. Esse prazer é o mesmo das coisas escondidas e que não devem ser contadas. Todos nós as temos. Alguns em tal medida que continuam matando quando adultos. Eu, como a imensa maioria dos que a cultura freou, parei de matar quando a infância me abandonou; foi quando me dirigi, para sempre, à direção de Poentes, onde cá estou ainda e continuo a amadurecer empeçonhado pela Grande Razão e sua infinita filtragem classificatória do que presta e do que não presta. Aos tempos de Nascentes, não tinha mesmo qualquer consideração recomendada pela humanidade; enfim, eu era assim, exatamente como os adultos, só que divertido e com uma impostura sem conserto. Matar assim é tudo o que um homem talvez deseje pelo mero prazer do exercício da

força, especialmente se tiver dentro de si uma inclinação magnífica para a brutalidade que algum deus lhe semeou no espírito. Hoje, quando compro meus jornais matutinos e inauguro os dias com as mortes aparecidas em notícias, percebo êxito em certos talentos infantis, quase nunca compreendidos pela estupidez dos grandes símios que estão sentados neste restaurante. De dentro da minha solidão, vejo como eles comem. Lidam polidamente com os talheres, conduzem-nos aos lugares certos, uns para servir, outros para cortar, outros para levar à boca, e sorrio silenciosamente diante do prazer gastronômico de um orangotango. Aprecio com fastio e certa exaltação contida as suas medidas burguesas. O gesto preciso para convocar um garçom, dissimulando a ordem que se traduz num suave pedido. Lembra a bondade dos generais quando solicitam amavelmente aos soldados que lhes tragam a farda. E se ao garçom é alcançado um excedente, aos soldados lhes é elevado o brio, e assim ambos são pagos, um com metal e outro com reconhecimento: eis a dupla face da moeda dos impiedosos que tanto admiro.

Quando este sentimento está vivendo em mim, sinto o doce prazer que só o ato de oprimir produz. Mas, em verdade, não oprimo ninguém. Sou um vagabundo sem destino, e todo o poder que tenho é só o conteúdo de alguma ideia vaga que possuo sobre como devem ser os tiranos por dentro, como experimentam o sabor da crueldade na saliva. Sempre mantive uma atenção curiosa à consciência de quem, sentindo-se profundamente mau, mantém-se profundamente mau, pelo simples fato de a maldade lhe parecer preferível aos poucos benefícios da bondade. Um calculista diabólico, um utilitarista invertido buscando o máximo acrescentamento pessoal; nada de felicidade coletiva, esse pode ser um idealismo hipócrita. Vivo só na aparência humana; lá no fundo, não há piedade e nem auxílio. Uma pessoa assim tem um caráter que me interessa, não por sua estupenda imoralidade, mas por sua sobrevivência ao outro. Minha moleza humanista, entretanto, me faz apenas um observador de um ser com tal potência, jamais um imitador. Tenho limitações culturais elementares; um padrão psicológico de uma inexplicável filantropia. Ando de mãos dadas com a benemerência e o préstimo rápido a quem necessita: sou presa fácil até para porteiros de festas medíocres.

Um dia, passado lá atrás da minha vida, desprovido de um convite, não comi de graça numa pequena homenagem prestada ao conhecido de um amigo. A força miserável de um pedaço de papel autorizou os lordes da periferia a viverem bons

momentos no lugar em que eu, pela esperteza do fardo, havia descoberto sem me haver, contudo, prevenido. Sem a infame credencial, eu não fui ninguém, e fiquei profundamente parecido comigo mesmo. Ainda assim, diante dessa situação constrangedora, devo confessar que senti algum prazer vendo a subserviência daquele porteiro cumprindo ordens sem pestanejar e sem abrir exceções. Gostei do seu caráter. Pareceu lamentar por mim, mas não havia nada a fazer. Tivesse permitido meu ingresso eu apreciaria restaurar minha identidade imoral e me lambuzaria do pequeno êxito de uma autorização ridícula, pois os seres menores não têm lugar na sociedade organizada e vivem de vitoriazinhas abjetas. Mas eu, de desordem em desordem, de erro em erro, pelo menos sou um recalcitrante compreensivo, e também sorvi com algum deleite a recusa. O porteiro era um bom pau mandado e nada questionava, exatamente como devem ser esses escravos das portas. Aprecio a pequena lucidez dos bárbaros pelo mesmo motivo que desprezo a imponente luz dos sábios. Os ilustrados têm dúvidas muito complicadas e discutem demais enquanto os estados não hesitam em matar. Aprecio os bichos e a estupenda ausência de impugnações aos fatos da vida. Só viver, só viver. Respirar e morrer. Sem tristeza. Sem alegria. Sem julgamento. A falta de delicadeza é uma grande riqueza, e eu, um misto de estupidez e estupefação, gosto de sentir a chuva fina molhando meus ombros enquanto caminho nestas calçadas imundas a pensar sobre os homens mansos de espírito e ferozes de gesto. Logo a seguir, esqueço a todos e trato de dormir.

Há também os cinemas, onde me divirto normalmente até a terça parte dos filmes. Depois sou invadido pelo presságio horrível de que a arte que me apresentam tem uma previsibilidade desestabilizadora; os modos imaginativos dos diretores dos filmes vão se tornando antecipáveis, e então me entretenho a imaginar os infinitos términos a que aqueles artifícios dos roteiros podem conduzir; começo aí o exercício insuportável de cicerone do cérebro e da emoção dos idealizadores, e o filme, como um todo, vira outra coisa, uma brincadeira de adivinhação. Então eu passo a ser o ascensorista das elevações emocionais de gente desconhecida. Sei onde querem parar. Começo a fazer em silêncio minhas apostas, e tudo perde a graça. Desagrado a quem assiste comigo a um filme, pois abandono meu silêncio e vou fazendo comentários sobre o que deverá acontecer, ou me dedico a conversas apenas paralelamente convergentes, como procurar saber em que outro filme um

ator encenou. Há algo talvez ainda pior: inicio minhas considerações sobre o filme antes de ele acabar, e com isso distraio minhas companhias. Torno-me um mau parceiro, um incômodo na plateia, percebo que sou indesejado. até que me convenço de que o cinema é uma arte única e cansativa que traz consigo um preceito de rigor ético: não podemos dar mostras de nosso entendimento durante a solenidade estabelecida a partir de nossos pousos nas cadeiras.

Sou pior ainda nos filmes vistos em casa, onde noto certa autorização para a informalidade junto de minha família. Mas essa é uma impressão que acaba produzindo em mim alguma irritação em relação aos outros, os que estão comigo durante os filmes. Tratam-me como uma presença inconveniente; na verdade, sinto uma imensa nobreza quando estou nesses momentos, no meio das salas de espetáculos como um equipamento tóxico e ineficaz, anonimamente irmanado aos autores da concepção artística fatalmente destinada à fundação de algo sublime. Evito filmes comerciais quando meu coração não está leve. Essa gente acaba conduzindo a gente ao lucro antes da magnificência. Os buscadores do sublime, os tais caras que se deliciam por estragarem a ordem do mundo, são envolvidos por um encantamento que também me devora. Nessas ocasiões, faço funcionar uma artimanha que a muito custo ousou agora confessar: eu cultivo platéias imaginárias, e toda minha pobreza é minha única dádiva. Só e épico, sou o monarca das salas, sem nenhuma distinção aparente, e saio imperceptível como o mais desprezível vassalo, deixando atrás de meus passos silenciosamente arrogantes a minha glória partilhada em silêncio com os artistas. O que, em termos práticos, é o mesmo que não partilhar nada. O bom filme é sempre *nosso*, saio um pouco honrado, tenho pequenos regozijos pelas minhas participações invisíveis, mas talvez seja isso que pretendam os artistas mais dignos: contaminar com estéticas mais ou menos específicas os que assistem os seus produtos.

Talvez isso deva ser a arte, não sei, nunca saberei. Qual a finalidade que há de ter essa vontade de emocionar alguém? Acho pouco provável que seja o amor, mas também é pouco possível que seja outra coisa. Se não for o amor pode ser o pior: uma mostra petulante da superioridade que os artistas podem sentir sobre a idiotia que vaza os olhos do mundo para que não saíamos da superfície e da praticidade. Um artista pode ser um partilhador imaculado ou um canalha que mostra o profundo para debochar da humanidade rasteira. Não posso afirmar a

quem prefiro. A ironia, depois de Kierkegaard, tornou-se inseparável do tempero das coisas feitas para provocar. Gosto da política da ironia, de sua desumanidade monstruosa; uma ironia chega a um resultado até melhor que o da bondade de um coração religioso. Ela é mais eficiente para desconcertar.

As conversas incidentais durante os filmes são bem piores do que as impressões chegadas sem ruídos. O que fica dos filmes é algo que se incorpora ao plasma, à emotividade total de uma pessoa, se hospeda nela muitas vezes para sempre. As televisões de pessoas que vivem sozinhas têm um pouco esse poder. Lembro-me quando, pouco depois de minha chegada a Poentes, a passos largos voltava para a gleba do meu quarto de hotel na esperança de que a televisão funcionasse, contrariando seu estado tecnológico àquele tempo: – *É um problema um pouco sério* – uma vez me disse Wilson, um técnico em eletrodomésticos. Aquele homenzinho fazia, ainda na proto-época do que hoje temos, onde um televisor Telefunken era uma janela por onde desfilavam artistas, mostravam-se shows, davam-se notícias com imagens dos fatos, o mesmo papel dos investigadores medievais da alma. Vejam só: a alma de uma televisão! De qualquer maneira, ela só vivia para mim se me mostrasse alguma coisa. Uma televisão é mais ou menos como um homem: só vale a pena se for informativo. De coisas sabidas estamos todos fartos. Um canal que repete um programa é como um homem que reproduz um assunto: totalmente desnecessário, e a partir daí já não faço mais distinção entre um aparelho de televisão e seus canais de recepção, da mesma forma que não me interessa mais por outras idéias que um homem possa ter ao menor sinal de que possua uma concepção central e de que sinta algum alento com aquela repetição fastidiosa e indefinida. Uma idéia muito forte dentro de um homem é muitas vezes todo aquele homem e isso me faz desviar-lhe o olhar talvez para sempre.

Tenho alguma pena das vítimas da minha impiedade, mas dou garantia de qualidade aos meus critérios. Padeço de imenso receio de ser julgado sem perdão e sem nenhuma qualidade, e temo ainda mais as considerações morais ruidosas que me encontrem eventualmente como objeto público de apreciação. Quando se constitui silenciosamente, essa ordem de considerações costuma apodrecer na memória dos juízes até serem esquecidas para sempre. Já os julgamentos estrepitosos permanecem muito tempo com sua matéria original numa lembrança

difusa, e a perda do seu sentido primordial costuma torná-los piores na seiva malsã da história humana, movida por um desejo incontrolável de caos e perdição. Quanto pior o estado dos réus, maior o júbilo sádico dos acusadores. Mas, de qualquer maneira, ao final de tudo, tudo é esquecido, morremos e nada sabemos depois, se nos tornamos suaves espíritos ou corpos descarnados engolidos por vermes. Um dia, numa longínqua geração já nada haverá desta além de mínimas pistas arqueológicas. E esse nada miserável é o grandioso tudo enquanto aqui ainda estamos.

A angústia que às vezes experimento sob a chuva fina é a consequência horrível desta tensão, temperando meus humores entre o tudo e o nada (que são a mesma coisa dependendo de onde os olhamos) e fazendo muita força para encontrar alguma diferença entre a insignificância de ambos. Mas, estranhamente, só recupero a calma quando os dois me parecem a mesma merda, e então não há com o que me preocupar. Retomo a idéia de dormir o mais rapidamente possível. Antes de dormir, eu sempre tenho a esperança metafísica de acordar outro homem, um que não perceba a tensão e que caminhe soberanamente sobre a Terra como um imperador de seu minifúndio psíquico. Teimo sempre com essas aproximações das figuras da nobreza, onde não há cargos, mas condições. A República acabou com boa parte da beleza em sua busca pela felicidade ampliada. Esse é o utilitarismo clássico, o que o mundo liberal fundou, o de Bentham e Mill. Eu gosto da ideia dos estuporadores dessa seita definidora da democracia ocidental. Chutar os cânones, recusar o óbvio, renegar a História como o que já passou; ela está sempre passando, nós estamos sempre passando. Podemos ser felizes em meio à feiúra; basta que nossa arte torne o repugnante em alguma coisa bela, seja seu salão de beleza; transforme, com o seu discurso reformador, o ser monstruoso da ordem e da lei em um poema de princípios para os homens viverem.

Reflito um pouco mais nesses momentos, normalmente em busca do sono, e percebo que poucos homens mereceram a minha misericórdia. Lamento, talvez grosseiramente, ter sido misericordioso com quem não compreendeu minha grandeza, e toda a minha imensidão humana então talvez não tenha passado de um gesto menor, destes iguais a um cumprimento que se dá pelas manhãs quando nos transformamos, sem muita razão, em aristocratas polidos.

– Bom dia, como vai o senhor?

Mas eu também devo ter merecido injustamente certas complacências, e talvez tenha até me sentido agrado diante de um desprezo que não entendi. Mas isso pouco importa, como nada importa ao que ignoro. Buscando a paz, vi nela certos desmerecimentos. A paz traz consigo o infortúnio da universalização da bondade e do merecimento, mediante o tolo princípio de que somos todos iguais. Reivindico o direito de negar direitos a outros, e reivindico o direito de outros me negarem indultos piedosos. Reivindico o não, a hipótese da censura diante da infâmia. É preciso não ceder pacatamente à violência do poder. Amanhã, se refulgirem ainda em mim as memórias destes pensamentos, começarei o dia identicamente a como terminei esta noite; caso contrário, irei jogar damas no parque, e já terei outros inimigos. Sim, eu jogo damas no parque da cidade, à sombra de uma magnólia de copa muito abrangente, como se fosse assombrada por espíritos de uma sinistra indolência. Apertando-se sob essa sombra, uns jogando e outros vendo jogar, lá estão os sem ofício, meus parceiros, olhando a vida com espanto e brandura, deixando resvalar dessa experiência uma incongruência existencial que encontra no jogo de damas a solução frívola necessária para vencer os dias com alguma coragem.

Nos ardis estratégicos dos jogadores, eles movem as peças, estão envolvidos numa invulnerabilidade moral contra o mundo das pessoas *de bem*; as consideradas, em nosso mundo, aquelas ricas ou empregadas, sem dívidas ou com dívidas suportáveis, mas que modulam seu soberbo agir na idéia de retidão que o mais sórdido princípio capitalista semeou nos corações moralistas para depois colher nas mentes desalmadas.

– Estou tentando esquecer minhas dívidas – digo ao homem sem dívidas.

– Deverias te preocupar em pagá-las – responde-me a moral que brota de sua boca suavemente militar.

Dois séculos e pico de malvadeza adulta outorgaram-nos a contemporaneidade, onde Michael Moore acoima os réus e eu jogo damas, cada um com uma denúncia na cabeça. Ação e contemplação, amizade, potência e ato, ócio e negócio, Aristóteles e Platão, os dois, sempre os dois para tantas coisas. De vez em quando, detido a pensar nalguns assuntos que me distraem com a dor de suas flechas, eu fico lembrando os filósofos e suas propensões explicativas a uma humanidade selvagem. Tanta energia rupestre em covas antes de termos até

mesmo só um nome, tantas luzes parcas na antiguidade, em casas de pedra, tantas tochas medievais, tantos lampiões renascentistas, tantas penas e tinteiros numa modernidade inicial, até que a luz elétrica facilitasse os trabalhos noturnos para os homens mais recentes e seus pensamentos pudessem ser facilmente deitados em papéis a qualquer hora. E os filósofos computadorizados, sentados na frente dessas maquininhas extraordinárias perguntando a elas mesmas se o que escrevem está errado? Nossos Delfos pós-modernos moram dentro dessas telas, se escondem no interior de grandes empresas americanas e solucionam tudo. Os pensadores muito dedicados aos computadores são um pouco como os felinos dorminhocos, que caçam espreitando os que a seguir irão assassinar e somente quando estão com fome. Há neles algo de uma natureza imoral, que nada deixa à defesa da vítima, virtualmente abatida num vôo veloz na direção de seu pescoço, como os dedos que consultam o Google na esperança de que a mente seja criativa. Os pensadores da época dos livros e das dificuldades da penumbra eram eqüinos abrutalhados a relinchar entre a perdição de folhas e mais folhas, para encontrar algum princípio de ordem nos fragmentos de tantas idéias untadas com óleo escorregadio a lhes deslizar dentro da cabeça. Nada como um computador amigo para, com a destreza de um descuidista, roubar-nos a força das idéias originais para logo confundi-las com as que já existem dentro da máquina. A autoria se liquidifica e a titularidade de um pensamento se esvai.

A atualidade das coisas humanas funciona assim hoje, sem o orgulho pela gênese dos pensamentos e com o mais absoluto desdém pela finalidade do pensar. Não importando o destinatário, não importa também o remetente. As próprias cartas viraram e-mails, e são enviadas para vários de uma só vez. Reenviamos mensagens para gente que não conhecemos; há uma circulação sem sentido informativo real, o que produz interlocuções ridículas, filmezinhos, piadas, correntes de auxílio a paraplégicos e acidentados, fotografias da natureza, músicas, curiosidades, um verdadeiro almanaque para ser lido em telas retangulares à frente dos olhos, cabeça ereta. A leitura da palavra escrita em papeis é outra coisa, uma espécie de deformidade monstruosa. Deixo-me sevciciar por esta ultra-modernidade, entrego meu corpo para permanecer parado olhando para esses retângulos. Pareço um boneco imóvel e sem expressão vendo mercadorias de bazar, tudo me é igual, não sério, não importante. Já não sei o que é importante; a própria importância me é um

conceito dançarino. Há algo arenoso, poroso demais, por onde todos os conteúdos passam pela gentil portaria que a nada recusa. A portaria sou eu mesmo, somos nós, usuários dos filhotes do rádio valvulado do meu avô. Tudo se acrescenta a tudo, os assuntos são a falta de assunto. Minha debilidade catalogadora, contudo, acha legal essa tecnologia. Mas não sou saudosista, nunca soube o que amei. Fico pensando nisso, depois meu pensamento se desocupa e uma espécie de bolha interna me produz sono. Permaneço com a vontade de ficar dentro dessas cogitações, mas canso, e logo realizo outra coisa. Posso sair disso para dentro de um supermercado e comprar carne para bifés.

– Faça o favor de passar na máquina. Se possível, não os corte grandes.

– Claro, doutor, só um minutinho. Alguma coisa mais? Temos picanha maturada com preço bom (não gosto de “*temos*”, não gosto da negação matemática de uma natureza contabilizável, um “*eu*” não poderia falar um “*nós*”, um homem singular não pode apresentar-se no plural, há um deslocamento gramatical assassino, muito disfarçado, mas eliminador do sujeito e de sua autonomia quando um só homem diz “*temos*”).

– Não, obrigado.

E mantenho minha alta educação e meu verniz nojento. Afasto-me do açougueiro empurrando o carrinho com a carne dentro e alguns refrigerantes, trago em meu olhar um certo orgulho desiludido; teria preferido permanecer atento àquelas histórias dos filósofos, das dificuldades, mas vivencio nesses momentos a sensação da completa inutilidade de tudo isso frente a um açougueiro cortando bifés e querendo me vender picanha maturada. Um açougue é um lugar de carnes, de cortes de carnes, de estômagos satisfeitos, de gente estufada. Nesta minha região do mundo é também um lugar de churrasco e carvões, de aventais e facas, além de uma sorte de produtos que vão se sofisticando com o tempo. Há espetos inoxidáveis, bandejas de preservação de temperatura das carnes servidas, panelas de mil serventias, queijos múltiplos e temperos variados. Olho os açougues com desdém; aborreço-me seus donos gritões, seus barulhos de facas em chairas, seus estatelares de carnes sobre mesas de granito para amostragens aos fregueses. É uma parte da vida – essa, a da comida – em que não conseguimos ser mais do que indivíduos que se alimentam. Essa condição se assemelha a uma estupidez natural, abrir e fechar a boca com alimentos que começam a descer as

tripas até saírem pelo rabo, nutrindo o organismo. Todos os dias, várias vezes, a mesma coisa: deglutir, deglutir, deglutir para o corpo viver.

Mas sei que, de alguma forma, também há filósofos que já levaram em muita conta essas sensações fodidas, e me recupero um pouco. Penso em Montaigne, sua coragem inaugural de perguntar para si mesmo sobre as coisas do mundo, independentemente de um deus punitivo, me entusiasma. Gosto dele: *quem sou eu? O que sei eu? Por que um porco mijá?* De qualquer forma, volto a atenção para a literatura, normalmente, e abandono a filosofia enquanto estou na fila do caixa. Tudo é tão díspar que novamente lembro o epilético Dostoievski murmurando através de Ivan Karamázov aquela frase, a que já disse e digo de novo: *se Deus não existe e a alma é mortal, tudo é possível*. Sorrio, mas não com a boca, pago a dívida e volto ao meu automóvel, retorno à minha casa para nada, à exceção de trazer os bifés que alimentarão minha família e a mim no próximo almoço em que direi coisas elementares sobre futebol e política, dois assuntos que motivam meu espírito quando estou desconcentrado. Mas isso não deixa de ser bom. A vida segue e a ternura entre todos nós torna-se dançadeira durante a refeição. Há poucos meses, nestes momentos de blandícia no almoço, meus cachorros estariam presos no canil, e nisto havia alguma sensatez. Hoje meus cachorros eu os vendi, sumiram dos meus dias, o macho morreu há meio ano, a fêmea nunca mais vi. Vendi ambos a bom preço, mesmo aos seis anos cada, cães veteranos na lida bestial de vagar pelo pátio e latir aos passantes. Foram-se. Uma parte da vida se administra assim, e o sujeito espartano em que nos tornamos pela urgência de uma decisão chora como um comovido bardo ateniense depois.

Envolvido com esses agudos sentimentos e essas tão pífiás conclusões, reduzi a mim mesmo a uma totalidade mínima. Eu sou o que de ínfimo se precisa para existir, mas trago comigo o horror da angústia e da tensão entre o tudo e o nada; e, sendo nada, almejo ser um pouco mais. Sofro muito dentro do redemoinho das minhas trevas, e a água que se forma ao redor de meus pés, nas calçadas despovoadas e muito retas desta cidade que me recebeu com o afeto de seus dentes caninos, tem um pouco do sal de minhas lágrimas. Imperceptível, é claro, como imperceptível é o sofrimento de um homem sem testemunhas andando na chuva fina.

De qualquer maneira, quando eu era estudante de direito as minhas sombras internas e o meu caminhar contemplativo não foram suficientes para evitar meu encontro com a atendente da casa de chá *Vivenda*, uma estudante universitária de filosofia e uma poetisa iniciante, de olhos vivos e expressão ansiosa como se buscasse algo além do que em toda a sua vida admitisse encontrar. Durante muitas de minhas idas à casa de chá fui atendido por ela sem percebê-la. No meu pires vinha sempre um *cake* acompanhado de um refrigerante com gelo. Fazia essa refeiçãozinha sempre no meio da tarde quando me invadia uma fome invencível. Escolhia habitualmente a *Vivenda*, adaptara-me à sua pequena geografia e à disposição das mesas com toalhas quadriculadas e simples. Eram nove mesas, e no fundo ficava o balcão onde estava a caixa registradora e a dona do estabelecimento, uma senhora árabe que parecia estagnada entre um vago ponto intermédio da madureza e da velhice, cujo nome nunca consegui gravar. Havia duas atendentes: uma delas, após eu conhecer a outra, esqueci para sempre. Depois de algum tempo jamais deixei de ser atendido por Regina após ter percebido a sua mão perfeita a me estender o pires com o *cake*. Tive uma imediata fascinação estética por aquela mão e não tardei a me interessar, qual amante de um só fetiche, por quem a possuía.

Regina era uma moça de gestos rápidos, talvez decorrentes de sua ocupação naquela casa de chá, onde precisava atender com presteza os muitos clientes que se dirigiam pelas tardes para lá, pessoas normalmente mais velhas do que eu, senhoras, como se estivessem usando aquele horário mediante uma inevitabilidade de convívio e uma necessidade assustadora de não desaparecerem sem estar na lembrança umas das outras. Ouvia suas vozes baixas enquanto, com uma voz menor ainda, fazia meus pedidos de freguês às meninas. Minha invisibilidade era proporcional ao meu ânimo. Eu não era notado por causa do meu pequeno conjunto de desejos. E as senhoras velhas, buscando a eternidade do corpo, pouco entenderiam minhas aflições e minhas ambições pequeníssimas, aprisionadas no limite imposto por estes desejos de tão raros objetos. Assim, sentava-me nas mesinhas da *Vivenda* e emitia meus sinais de quem quer ser atendido, um vago levantar de mão, um aceno com a cabeça à atendente como se esta houvesse pressentido minha habitual solicitação pelo *cake*. Ou simplesmente um olhar que buscasse uma espécie de entendimento telepático efetivado entre nós dois. De qualquer maneira, antes de Regina ser a única que me atendia, a senhora

árabe ou a outra atendente vinham sempre à mesa perguntar-me o que queria, e isso me desagradava. Fazia-me notar minha incompetência comunicativa. Acalmei-me algum tempo depois, porque resolvi entender que o problema era delas, incapacitadas em fazerem o automatismo de se dirigirem aos fregueses ser superado por qualquer tipo de sinais que nós, os freqüentadores, emitíssemos. A sutileza estava na evidência solar do que queríamos, e sempre que essa sutileza era insuficiente eu via crescer em mim a impressão de que as pessoas superficiais eram mais exitosas e tinham menos problemas. Uma vitória da estreiteza dos aparvalhados, lambuzados de estupidez e felicidade. Eu pensei em ser um idiota, até desejei isso profundamente, ter a profundidade subjetiva de um orangotango (os cientistas desconfiam, arrebatados pelo propósito de buscar irmãos na natureza, que esses macacos simpáticos são providos de alguma reflexão), vir a ser uma criatura mínima e feliz, mas já havia sido contaminado pelo amor estético a alguma sofisticação. Depois que isso acontece os teóricos críticos da moral costumam jogar-nos no ambiente dos que não terão mais paz até morrerem com os olhos assombrados de horror.

Passei a pertencer a uma espécie que, notadamente em vão, elabora um duro humanismo de combate aos seres mais duros ainda (e eles sequer percebem que estão sendo combatidos). Mas o mundo preserva seus acanhamentos, e nós, habitantes dos grandes planaltos da compreensão, iludidos de que somos muitos, passamos, com os anos, a ouvir apenas o eco de nossa própria voz. Enfim, eu era apenas um que, lentamente, começava a desconfiar da validade moral de meus propósitos e da elegância elevada de meus sonhos. Foi quando eu estava mastigando essa sensação que, numa tarde, Regina conseguiu desconfiar da matéria de que era feita a minha contenção e resolveu puxar assunto. Eu estava vivendo um daqueles dias em que a razão, a Grande Razão me visitava. Punha-me absorto, um ar beatificado, afastado de todos os sentimentos, reduzido a um punhado de raciocínios sobre assuntos incompreensíveis à maioria dos símios. Eu era uma vítima do racionalismo renascentista; era também um iluminista desalmado e inútil ao coletivo, cuidava eu de envolvimento com minha própria pele. Não tinha pudores quando a misoginia me acariciava, eu precisava mesmo de carinho, minha cara sem amor ou expressão não me preocupava. Pensava que um homem assim poderia ser criativo, e para ser criativo tudo o que não precisava era dos outros. Eles

atrapalhavam minha inventividade. Eu morava em mim por algum tempo, gostava de mim nesses dias, eu existia mais. Hoje ainda me hospedo em mim mesmo, só que pago a conta. O carinho que eu queria era só o dos corpos, porque as almas nunca se encontram, como tão bem descobriu a psicanálise poética de Manuel Bandeira. Regina trouxe o pires com o *cake*.

- Hoje estás com um ar mais solitário do que nunca.

Olhei-a fixamente. Seus olhos eram o retrato de uma indagação perturbadora.

- Hoje eu estou pensando. - e esbocei um sorriso apertado. Ela retornou para trás do balcão de atendimento e eu percebi que estava *existindo* tanto que até Regina, para além de meu Berkeley contemporâneo e fatal, me percebeu.

Achei rapidamente que aquelas duas frases haviam cravado fundamente em minha intimidade e senti-me flutuar sobre a incógnita daquela aproximação. Não tardei, porém, com o auxílio de uma sagacidade misteriosa que nasceu em mim naquele momento, a perceber que havíamos derramado venenosamente nossos impulsos sensuais, vertidos das entranhas de nossa timidez e recolhimento. A garçonete estava cifradamente despejando no ar o orvalho de sua jovem carne, atraindo-me mortalmente para suas trêmulas mãos, e não estava com exata consciência de sua armadilha; eu, por minha vez, extraído do marasmo de minhas conjecturas e do meu ar distante, farejava a moça, totalmente desconcertado. Também não sabia o que estava ocorrendo, não havia nenhum sentido no que faláramos. Mas o rocio espargido na entrega sub-reptícia daquela mulher tão nova era percebido por meus instintos de homem moço, um homem impreciso ainda, mas já um razoável conhecedor dos segredos femininos, o que me dava alguma vantagem.

Eu poderia dar as ordens dali para frente. Ser o ditador sonhado por mim. Comandar militarmente Regina. Mas ela estimulava em mim apenas o que de mais doce eu cultivara numa vida consumida pelos sortilégios inesperados que todos os sentimentos humanos, quando condensados numa só pessoa, podem nos acarretar. A sequência dos dias que eu então cumpria era movida pela esperança de minha libertação desses feitiços. Eu entendia a vida como um conjunto de flashes dela mesma, aos pedaços, como fatias de um alimento pouco estimulante do apetite. Não tinha fome daquela vida. A borra dessa totalidade de sentimentos é como a borra do

vinho, um sedimento final, uma impureza, mas é uma impureza notada apenas quando bebemos vinho. Eu somente sentia o peso parado dessa enormidade emocional quando minha garganta apertava e algum choro nascia de um fundo escuro que não compreendia e que era um monstro parasitando minha cabeça, molestando minha liberdade, tornando-me outro dentro de mim. Esse monstro ainda me habita, ainda sinto sua respiração. Visitei um bom número de psiquiatras por sua causa. Andamos juntos à sua caça, mas ele é ágil e fugidio, esconde-se em palavras, em olhares, em abstrações metafísicas, e de seu lúgubre local lança muitas vezes o som de minha voz e fala por mim. Repousando em meu coração, é uma anomalia minaz nadando em meu sangue. Uma criatura asquerosa que faz turismo em minhas veias e se nutre, ávida, do que meu corpo – esse exausto anfitrião – lhe oferece.

Eu dizia que todos os sentimentos humanos têm algo de bom, de comovente, de emocionante, mas raras vezes entram, como um rumor da história de todos os homens, em apenas um de nós. A reverberação desse ruído dissemina-se por sobre a humanidade e ela começa a cultivar as coisas que lhe são familiares. Estabelece seus padrões com paciência, ruma em sua bocarra o que a cada dente pertence. Com Regina, penso ter sido a humanidade inteira que me presenteou com essas vibrações físicas, essas crispações, e assim toda a perversidade que mastigamos na ausência de um amor tornou-se somente leveza e doação.

A vertigem que senti naquele instante – lembro-me bem – foi semelhante ao início de um ataque de pânico. Comecei a morrer, remexi-me na cadeira, busquei posição melhor para respirar, tive a impressão de que os sons, todos os sons da *Vivenda*, eram mais altos, as vozes ribombavam nos meus ouvidos. O coração acelerou e eu senti meus calafrios de moribundo. Mas a moça para quem eu olhava requeria um renascimento. Se eu morresse ali, seria necessário ressuscitar rapidamente. Eu não poderia perdê-la para as alegorias nefandas das minhas ilusões, para os incômodos da minha moléstia. Minha síndrome era desconhecida àquela época, e quem a tem saberá que somente o diagnóstico é uma notícia salvadora e uma alforria assinada para nossos nervos, aprisionados no crepúsculo de emoções devastadoras e pensamentos de loucura. Quando a masmorra em que vivemos está instalada em nosso coração, quando o horror passeia nas artérias e toda nossa fisiologia animal se atrapalha na frente do monstro, não passamos de

bichos desvairados, com mortalhas imaginárias pousadas em nosso peito sem vida. Depois dos achques repentinos, tudo passa, mas ali só há um ser humano arqueado e sem vigores. Um sobrevivente sem entender por que ainda lhe resta alento para ir adiante. Alguém a exercer uma soturna idolatria por consultórios e medicamentos. De paz e de guerra é feito um homem assim, e eu sou um deles; nosso problema não são nossas armas, mas o inimigo transparente, diáfano, invisível, que sai dos bueiros, de arestas de ruas, de trechos das rodovias, de todos os lugares. Um ser aziago, um filho da puta zombeteiro, que dança em nossas entranhas. E queremos matá-lo sem perdão, com crueldade, com facas de pouco fio cravadas e giradas. Com baionetas, com tiros, afogado, queimado, atirado das alturas, desmembrado, para depois salgarmos a terra de seu sepultamento e fazermos sua encomenda ao inferno. Meu diagnóstico viria apenas muitos anos depois. Até lá, meus dias foram de guerra e horror. Quando o médico falou *Síndrome do Pânico* eu senti que um fuzil me fora posto nas mãos: o combate seria outro. Coloquei a cabeça para fora da trincheira eterna e aponteí minha arma. Mas isso foi depois, já disse, bem depois. Por enquanto, eu não passava de um bicho assustado em uma cidade estranha.

Assim que Regina ganhou distância, retornando para trás do balcão de onde ouvia a solicitação dos fregueses, remanesci em meu lugar por um tempo desigual e mais longo ao que inicialmente pretendia. Ali permaneci como um quadro, uma fúnebre pintura em meu canto mal iluminado. Talvez não se percebesse vida para fora da moldura imaginária que me imantava ao centro daquela concepção artística sem autor. Um personagem patético olhando respeitosamente para um insuspeito lugar. Fosse eu recortado, pendurado em alguma parede de exposição e ninguém formularia idéia sobre Regina. Ela estava fora da estampa e além do intérprete, vivia apenas em mim e por frágeis momentos. Meu olhar criou uma ruptura – talvez inconciliável durante toda aquela tarde com meu pensamento – e tratou de acompanhar autonomamente a garçanete, abandonando-me à morte na solidão de minhas obscuridades. Este olhar voltaria mais tarde e alumiará minhas tristezas, trazendo Regina para acompanhar minha aflição. Ali comecei minha vida-morte, sucumbindo a tudo e me pondo novamente em pé, sendo herói, domesticando com afobação as dificuldades que só a Grande Razão traz nessas horas, quando senta em sua poltrona estofada e procura, com seus movimentos de caçadora,

compreender tudo. Nada lhe pode escapar. Eu não podia parar, eu tinha medo da só-morte. Regina me perfumaria as trevas e me iludiria sem muito sofrimento. Ela me seria útil e eu lhe daria prazer. Não era uma má troca, afinal.

Eu mantinha uma idéia aquecida dentro de mim, acho que nos pulmões; eu respirava essa idéia quando pensava em outras pessoas, e especialmente em outras mulheres. Pensava na verticalidade radical do tempo, como se nele fôssemos caindo para baixo e isso era o mesmo que ir para frente. Eu explico: o tempo tem uma assombrosa fundura que nos engole e nos dá rugas e modifica nosso olhar, e isso parece estar embaixo da gente; contudo, quanto mais nos afundamos nesse desfiladeiro, mais parece que vamos retamente para diante, pois o futuro está adiante, e essa cisma mitificadora tem uma inexplicável geografia.

– *E as mulheres? Onde ficam as mulheres no meio dessa porra toda?* – eu pensava.

As mulheres sempre me acompanham, dificulta-me não imaginá-las ainda a meu lado ao passar de uma década, por exemplo. De uma forma ou de outra sempre as tenho. Não sei ser sem elas, não me completo como homem; um homem sem mulheres é um homem parcial, e é difícil também que seja apenas uma, que uma não tem tudo que um homem pode amar. Penso que um só homem também é pouco para uma mulher, porque também não há de ter tudo o que ela ama. Igualdade de desejos; nunca de direitos, que direito e amor são incompatíveis. Agora já se passaram três, não apenas uma década, e eu continuo com esse mesmo pensamento. Necessito das mulheres, ao menos da ideia delas, das suas figuras frágeis próximas a mim. Eis a radicalidade do tempo: fazer-nos imaginar as companhias no seu compasso. Estaria Regina dormindo a meu lado quando vinte anos se tivessem passado? Teríamos morrido, ou – o que não sei se é certamente pior – não nos suportaríamos mais, e não conseguiríamos mais viver sem ser apenas para importunar um ao outro? De qualquer forma, isso pouco importava. A Grande Razão reconhecia em mim uma vítima elementar. Eu a percebia como um estúpido algoz, uma coisa superior, mas sem ter uma virtude insuspeita para me esmagar. Habitualmente tínhamos, eu e a Grande Razão, um convívio tenso. Não gostávamos um do outro, mas eu sabia que se a abandonasse ela perderia um bom hóspede. Ela vive normalmente disso, da impaciência que causa e que nos faz sofrer. A Grande Razão escolhe os seus pobres; é um verdugo masoquista. Dá a

fome e chora por compaixão. Eu, um dos seus pobres, imaginaria dia após dia se o corpo nu de Regina seria o último autorizado à minha visão. Eu tornado casto pela monogamia exigida nessa parte do Ocidente cristão. Eu tão pequeno e tão atual para uma moral tão grande e tão antiga. Tempo vertiginoso que sombreia o universo, Cronos imperdoável que a tudo devorais, por que nada tem lugar certo e somos cegados pela noção de que há coisas tão grandes? Debaixo das estrelas, qual é nosso sentido? Estas perguntas eu me fazia àquela tarde, sob a chuva fina, ao mesmo tempo em que me apunhalava a certeza de que qualquer resposta me seria insuficiente e tola. Pretensioso, eu não merecia por certo outra sorte. A pequena consciência que temos de nosso lugar no mundo é o estojo em que nos escondemos uns dos outros para não deixarmos perceber a diminuta e imprecisa caverna em que nos abrigamos e onde possivelmente iremos morrer. A esperança da perenidade é o amoroso beijo que damos em nosso estojo, entregues ao nada e a um deus necessário. Regina era minhas duas mãos enluvadas de boxeador abatendo a solidão, como já haviam sido, mais palidamente, outras mulheres. Mas Regina era também Regina, a que não me pertencia, e essa era inexata como são inexatos todos os seres que vêm de fora de nossa idéia.

– Mais um cake? - perguntou-me.

– Sim. - disse-lhe, e a sua voz pareceu tão externa a mim que me assustei com sua autonomia. Entretive-me, com um sorriso disfarçado, diante da hipótese de ela ser um fantasma. Logo a seguir, porém, uma desconfiança silenciosa ingressou no ambiente: e se o fantasma fosse eu?

Depois do cake, sentindo ainda seus mil pedaços incomodamente perdidos entre minhas gengivas, fui embora sem me despedir. Quando encontrei a calçada fui novamente envolvido pela chuva fina, e também pela noite, cuja boca já se abria sobre a cidade. Nessas horas eu me sinto bem. Dentro de mim parece nascer uma sensação de perfeita identificação de minha natural rudeza com a impiedade da meteorologia, maltratando os seres que chamam a chuva de *tempo ruim*. Eu não, eu gosto da chuva. Com perfeita calma, vejo todos se apressarem embaixo de guarda-chuvas que se fazem estalar quando a água se torna rapidamente abundante. Um som de água sobre lona, um som grave, ruído de gotas grossas que se estilhaçam contra o tecido dos guarda-chuvas, onde há embaixo sempre uma pessoa reclamando, os passos rápidos. Há também os que se avolumam sob marquises,

esperando tréguas do tempo. Eu caminho altivo e irônico entre todos, sem nada a me proteger. Como eu disse, nesses momentos eu estou identificado com a chuva, eu sou um ser da chuva, um tranqüilo batráquio em seu ambiente. Abandono todo o pensamento que até a chuva me acompanhava, e passo a me dedicar à análise das criaturas que parecem lesmas derretendo no sal quando chega a seus dorsos a batida pluviosa desses dias em que tudo é água. Rio profundamente em silêncio, e passo a apreciar o cheiro que se levanta do chão. Paro apenas quando já estou molhado demais, e não há sentido para entregar o corpo a um resfriado. Até esse momento, contudo, lá estou eu, sentindo as gotas do céu atrapalharem o mundo dos homens, e tenho um misterioso tremor ao notar que eu sou um desses homens e também não o sou, com minhas esquisitices disfarçando-me a espécie e dando substância à minha linhagem de mutante, um homem que vive de atravessar o nada com a disposição obsessiva de Sísifo. Mas, pior do que Sísifo, eu sei que atravesso o nada, e também diferentemente dele não tenho a impressão de que fui condenado a este castigo. O nada é um objeto sem ônus que adquiro no mercado das idéias duras: eu o compro e a ele me dedico, mas não posso evitar a ausência que ele me faz crescer no olhar e não conheço os meios para desvencilhar-me de seu vácuo e de seu absurdo. Mas, como também não conheço o que é certo, não estou em boa posição para entender o absurdo, e o nada é meu companheiro há muitos anos. Em silêncio, passamos várias horas juntos; ele também não me entende e sei que não aprecia questionarem-lhe a existência. Está correto, penso: tudo o que existe não deseja morrer, está lançado à esperança de eternidade mesmo diante das evidências da finitude.

E assim, com pensamentos vazios e sem futuro, com os olhos cerrados de concentração sem valia, costumo elaborar um raciocínio final para abandonar minha posição contemplativa: é melhor ter prazer no centro vulcânico de nossas esquisitices do que recusar tudo em nome da ordem e da normalidade. Sim, eu não gosto da ordem, e tenho farto desprezo pela normalidade. Eu não entendo porque realizei o curso de direito. Novamente me vêm estes pensamentos. Mas essas palavras comuns também me incomodam exatamente por serem comuns. Há tanta gente que afirma ser contra essas mesmas coisas. Há outros que até têm suas biografias conhecidas precisamente por conta desse fato psicológico: o amor à ordem. Eu tenho vontade de afirmar que, em mim, isso não parece ser um fato

psicológico, mas uma questão moral. Acho que a moralidade escondida na ordem e na normalidade é de baixa estética, e a recusa em nome da beleza esplêndida e rara que sempre busco; ela jamais poderá estar no seio da ordem. Toda organização parece uma falha de quem não consegue se virar na vida sem manuais de sobrevivência. Ainda mantenho um sentido grego em relação à ética e à estética, elas não são coisas muito diferentes em mim. A forma feia do que não considero moral me faz recusá-la às vezes mais por sua forma do que pela evidência de seu reprovável conteúdo. Um estado de espírito talvez parecido com o de um artista a emitir opiniões sobre a política. Há coisas feias e coisas bonitas. Eu me movo entre essas coordenadas, e engulo todo o resto da vida com esses conceitos básicos que nascem como cactos em plantações de tulipas.

Está certo que não devo estar sendo claro, mas nossas penumbras nem sempre fazem sentido aos outros. Talvez seja melhor que não façam mesmo. Minha vida é tão estranha, tenho vontade de lançar um palavrão. Que só não sai porque há hora para todas as coisas, e um erro é muitas vezes o pior: só um erro. Nada acrescenta. Nada muda. Destina-se a ser esquecido, mas enquanto vive é um estorvo e uma má coisa. Melhor guardar meu palavrão, que hora para ele também haverá.

Se Regina compreendesse perfeitamente o prazer que sinto embaixo da chuva, talvez pouca coisa me restasse como segredo e eu seria tanto dela que já não seria nada de mim mesmo. Continuo incompreensível? Tudo bem, não há problema. Não estou querendo que também esse segredo alguém compreenda. Por meu lado, também não me dedico a aprender os segredos dos outros. Receio que todos fiquem completamente desinteressantes e jamais possam ser misteriosos; essa transparência reclamada por uma parte ridícula da moral é inimiga da singularidade. Todos precisam ser transparentes, e quanto mais iguais, melhor. Essa merda de projeto moral tem sempre um dono: são os puritanos com novas roupas a cada século. A pureza não é sempre a mesma coisa. Eu perderia o apreço por pessoas assim, tão reveladas a meus olhos, e elas poderiam ter a impressão de que eu lhes roubara, como um descuidista que furta as profundezas humanas, a autonomia subjetiva, que sempre realiza seus movimentos a partir dos segredos de cada um. Os transparentes entregam suas substâncias. Ninguém as rouba, mas depois as pedem de volta, desamparados como filhotes que perderam a mãe. Não

conseguem mais ser os mesmos, mas já fizeram o pacto da coerência nas suas relações sociais. Todos esperam que não mudem, que se mantenham apegados a uma espinha dorsal ética. Mas, havendo o mundo os tornado um pouco diferentes, ou até mesmo outros indivíduos, não conseguem soltar seus espíritos como são soltos os animais na minha Campanha. Acabam soterrados pelos fatos que nunca param de acontecer. São vítimas de uma maturidade, de outras vivências, mas a força da palavra não pode torná-los criminosos morais. E seguem formalmente iguais por fora. Por dentro, já não existem com prazer.

Gente de minguada potência, gente sem mistério aparente, faz o seu espetáculo existencial acontecer conduzindo o estandarte da bondade cristã pela vida afora. Todos bons e caridosos, sempre vivendo pelos outros, são completamente imprescindíveis para o tipo de coexistência que tem algum sentido previamente identificado pelos arautos que anunciam a virtude da ordem. Mas eu, complicado como sempre, não gosto deste sentido, ele não é moral porque é feio. Acho feia a doação completa de uns em relação aos outros, uma espécie de moral nascida para nos salvar, e à qual uns se apegam com medo de julgamentos derradeiros e fatais, da Terra ou do Céu. A sandice é a rainha desse tipo de homens puros. Talvez pensem que aprecio o mal. Não, a princípio também o acho feio. Aprecio o pensamento e as emoções genuínas, mas preciso incluí-las na beleza, a única que precisa ser santificada. Pois mesmo genuínas, as emoções podem ser baratas. Como creio ter deixado ver, careço do sublime.

Enquanto assim movimentava meu pensamento, dirigi-me para minha casa alugada a bom preço, que a ruim preço não poderia eu ali viver. Dinheiro faltava sempre a estudantes vindos de fora para Poentes. A noite era funda, pretíssima. Eu precisava chegar rapidamente, estava com muita vontade de urinar e sentia o sono pesar-me as pálpebras. Abri a porta com um movimento de mão habituada às chaves de sempre e fui direto ao banheiro. Fiz minha necessidade, fui para a sala e sentei-me no sofá, apanhando – disso recordo bem – uma revista furtada ao barbeiro e comecei uma leitura que pretendia breve. Vencido muito velozmente pelo sono, adormeci ali mesmo, para acordar por volta das quatro e meia da manhã em meio a mosquitos que me haviam maltratado a pele. Cuidei das pequenas feridas que se haviam formado especialmente em meus tornozelos, esfregando-as com sofreguidão. Quando haviam aliviado, dirigi-me a meu quarto para ganhar a cama.

Meu corpo recusou minha intenção, e manteve meus olhos totalmente abertos, uma atenção própria da vigília que não mais me abandonou durante as próximas horas. Esse período eu passei morrendo em meio ao nada, lembro bem, uma crise de pânico súbita como um ataque cardíaco me destroçou em minha solidão e estrangeirice. Não me movi durante duas horas, sentado no sofá, para onde havia retornado. Ao amanhecer eu já estava bem. Como disse, tudo passa. Pensei em Regina. Precisava vê-la.

Pela manhã, a *Vivenda* não abria. Atendia por certo a sua própria finalidade comercial, uma casa de chá não tem nada para fazer pela manhã. Assim, alonguei meu tempo fazendo coisinhas até o almoço. O velho e imenso nada permaneceu dentro de mim, mas esqueci-o enquanto mastigava a comida do meio-dia. O nada é assim, uma visita que não chega com avisos muito claros, mas que também não vai embora com facilidade. Eu almoçava sempre assim, sem a menor reflexão. Entregava minha boca àquele ritual repetitivo de alimentação e tinha gestos de um animal. Quando pagava a conta, após tomar invariavelmente um cafezinho (grátis aos comensais), eu começava e me encher de um conteúdo psíquico que gosto. Eu começava a pensar e a viver com o espírito. A partir desse momento, eu tinha opiniões que sabia defender. Seria melhor encontrar Regina após esses meus nascimentos diários. Seria mais fácil esconder-me e manter meus mistérios. Pelas manhãs, eu era uma presa mais fácil para ser decodificado e virado pelo avesso. Não havia ainda apanhado minhas armas. O almoço gerava a magia do trânsito para uma vida mais racional e mais impura, o que significa dizer mais humana. Pelas manhãs, ainda não humano completamente, eu era um anjo distraído, e poderia revelar sem maiores problemas todos os meus segredos ao primeiro que demonstrasse interesse por eles. Pelas tardes, eu abandonava meu paraíso e me tornava o demônio de que me orgulho.

Regina estava com um vestido leve, branco e lilás, e já se movimentava com rapidez atrás do balcão de atendimento, recolhendo pedidos e solicitando prontidão da cozinha. Olhei-a da porta. Parecia tão serena e simples. Será que eu lhe roubaria segredos de que ela não queria me tornar conhecedor? Sentei-me e aguardei providências da casa para com um freguês. Não sou exigente. Satisfaz-me o mínimo. Alguns minutos depois, Regina, ao lado de minha mesa, com uma caneta e um bloco na mão, dizia, sorrindo, um largo *boa tarde*, ao mesmo tempo em que me

perguntava o que eu iria querer, como se não soubesse que eu buscava o *cake* indefectível. Fiz alguns gracejos estúpidos e a convidei para sair à noite. Ela aceitou, assustando-me. Não estava preparado para tão pronto acolhimento. Dez e meia da noite eu poderia passar lá e apanhá-la. Ela me disse que também estava querendo falar comigo há algum tempo. Assim, muito de perto, Regina tinha uma expressão e um cheiro muito próprios, e eu fiquei algum tempo encantado com isso. Quando se afastou e, logo após, me trouxe uma cerveja (que foi a única coisa que bebi aquela tarde), e depois se afastou de novo, eu percebi que talvez fosse melhor não comparecer ao encontro, ainda que isso pudesse ser visto como uma grande falta de educação. Regina seria apenas uma vagina a mais em minha vida. Eu precisava da contundência de um amor infinito. Fui embora e nunca mais voltei. Somente a vi alguns anos depois, quando ela empurrava um carrinho de bebê em um dia muito quente e eu ainda esperava um amor que me devorasse.

Por muitas vezes, recorro agora, pensei em procurá-la na *Vivenda* por aquele tempo; depois, quando cansei das rotinas da minha pobre juventude, esqueci-a. Finalmente, quando eu a vi sem a estar procurando, aparecendo subitamente diante de mim naquela esquina, pude perceber que ela não significava alguma coisa que eu pudesse identificar ou me enternecer. Era uma mulher completamente adulta, mas dessas adultas sem traço algum de meninice, que tinha os traços muito marcados, como são aquelas pessoas muito parecidas com seus antepassados. Quando há uma fisionomia muito determinada por certos traços, certamente ali está uma conseqüência genética indesmentível. Parecem faces de família, essas. Eu não conheci nenhum parente de Regina, mas seria capaz de apostar que ela era a cara da mãe ou do pai. Ninguém teria ao acaso uma boca que se abria tão impressionantemente como aquela e um olhar tão singularmente específico sem que ali estivesse uma semelhança evidente com algum ascendente. Eu a achei tão elementar que precisei atribuir aos meus sentidos muito treinados com a beleza uma elevação maior, busquei o motivo para ter montado esperanças em relação a Regina. Quando somos bastante jovens não é incomum que nos apeteça a miséria de um leve traço fisionômico. Somos capazes de nos apaixonar por um desses traços. Depois, olhando Regina após tantos anos, não sei exatamente o que poderia me ter atraído; talvez a boca, talvez o olhar, certamente não os quadris baixos, que faziam suas nádegas misturarem-se com suas coxas e

essas parecerem ser apenas uma protuberância superior. Não, não foram seus quadris. Quando forço muito minhas recordações emocionais quase nunca entendo meus ímpetos do passado.

Muito certamente eu não conseguirei jamais restabelecer uma recordação plenificada e exata daquele arroubo de meses e daquele antigo desejo de ver Regina, a mulher de meia-idade que há tão pouco tempo desfilou à minha frente com seu vestido cinza sem nenhum adorno, sem nenhuma costura extra de vaidade. Ela me cumprimentou e não me pareceu que eu poderia algum dia lhe ter merecido alguma consideração mais detida; ao contrário, foi vaga e ligeira. Sumiu em segundos, dobrando a mesma esquina, e acabamos por fazer o trânsito de cada um ao contrário, ela virou o canto do quarteirão por detrás de mim e eu por detrás dela. No lugar de algum perfume, ou daquele cheiro tão específico, senti apenas o cheiro de carne crua das peças bovinas que estavam enfiadas nos ganchos de teto do açougue por cuja porta eu passava em frente. Lembrar dela agora, depois de tê-la esquecido por todas as noites de minha madureza, é um acontecimento pífio, minúsculo, que se presta apenas para fazer-me sentir o hálito do tempo a tragar minha existência sem que me dê alguma alegria.

Desistira dela como de um emprego, e isso era tudo. Lembro-me que decidi voltar-me para mim. Estava na hora de cumprir algumas das atividades reservadas aos adultos normais. Se um homem não as realiza não será jamais compreendido, e sua contemplação diante do absurdo dessa própria exigência será tida como sinal de fraqueza e frouxidão. Um homem que se lança sem assombro ao destino de sua raça cumpre bem o seu papel na sociedade. Um desses papéis era o de trabalhar com algo. Uma ocupação seria fundamental para meu ingresso em outros meios, uma caminhada senhoril na ordem dos homens responsáveis. Eu era agora todo disposto a isso. A ordem, enfim, parecia me cooptar com sua odiosa irresistibilidade.

Um dia eu pensei em ser manobrista de estacionamentos de automóveis. Imaginava aquilo como algo bom. Cumpriria um turno entrando e saindo dos carros. Eu aprenderia rapidamente a dirigi-los em pequenos espaços. O automóvel que eu mais admirava era o *Galaxy*. Havia um homem, o seu Gomes, que tinha um desses carrões. Eu preferia o *Galaxy* a todos os outros. Não andaria mais de sete ou oito metros dentro do *Galaxy*, mas seria tempo suficiente para eu compreender como a imponência pode ser o embrião da nossa arrogância. A origem da coragem e do

desassombro pode ser um carrão para os espíritos que não têm muito a dizer. Para mim, ter um *Galaxy* significava não ter nenhum motivo para olhar para os lados e cumprimentar alguém. Ele era imponente demais para que o seu dono pudesse ser confundido. Deslizava silencioso sobre tudo e todos. O seu Gomes certamente tinha o direito de matar alguém que se pusesse diante do *Galaxy*, o automóvel em si era a evidência de muitas garantias. Um homem que tivesse um carro daqueles certamente não era processado como outro qualquer. Os juízes perceberiam a elegância desse seu bem de passeio. A condenação também não poderia ser a mesma. Deveria ter um salvo-conduto permanente, ou enquanto durasse a propriedade sobre o *Galaxy*. Eu sopesava minhas convicções sobre o poder de uma maneira muito simples: não tinha eu lá esse pensamento tão abstrato que as pessoas mais organizadamente estudiosas desenvolvem, mas era capaz de compreender, com uma mera visão do rosto daqueles proprietários, o porquê de não se dever esperar que o mundo termine cedo com a sua pluralidade. Conveniências são conveniências. Algumas delas evitam guerras só para preservar certo estado de coisas. Inventar-se, aí, o Direito, por exemplo.

Eu podia notar de que lado estava o Direito quando via os proprietários e suas máquinas dentro daquele espaço fechado cheirando a óleo de motor. Hoje, quando escrevo essa minha história, já mudei de opinião. O poder é outro. Está em outras mãos, mais invisíveis e menos dispostas à tolerância. Naquele tempo, quando os primeiros sinais do apocalipse eram dados, ainda era possível amar e ser romântico. Tenho a impressão de que tudo se fodeu. Ainda estamos todos aí, mas meu singular espírito blasé, que era um charme pessoal em meio à minha tristeza, hoje parece tomar conta de todos. E isso é a perda do charme, é só a indiferença por desamor. O mundo ficou horrível também fora de mim, e aí não há elegância, humanismo, poesia ou qualquer atrativo, só o fel de uma existência coletivamente sem sentido. Há um toque de recolher acionado permanentemente no mundo, e nos recolhemos a nós mesmos, só a nós. Eu preciso encontrar algum caminho para manter a melancolia somente em mim, ao mesmo tempo em que devo fazer alguma coisa para alegrar os outros. Um palhaço, um riso vermelho e um olho que chora, uma personalidade aberrante como a dos palhaços, é isso que devo ser. O planeta apagou sua luz.

– Bem cuidado, aí, tio.

O que é a esperança?

– A esperança é...

– A felicidade é...

– O homem é...

– A verdade é...

– A propriedade é...

Eu preciso de um professor de direito que possa me dizer todas essas coisas. Esses conceitos devem estar na lei. A lei quer bem o homem, eu aprendi isso quando estudei a lei e a democracia. Preciso beber um pouco, esses conceitos dançam melhor dentro de mim quando a bebida lhes abre o salão.

– Um uísque duplo, copo alto, bastante gelo.

A noite se fechou sobre mim. Eu tava legal naquele momento.

3. Novamente as sombras e um impensável sonho

Ao ver nossos maiores com a mesma dor /Nossas misérias perdem o seu valor. / Quem sofre sozinho esquece suas raízes, / Não lembra mais fatos, nem tempos felizes. / Quando a dor tem irmãos e a angústia amigos / A alma nem sente inúmeros castigos.

Shakespeare, O Rei Lear, Ato III (Trad. de Millôr Fernandes)

Conto minha história num ir e vir de fatos porque a ordem dos acontecimentos na alma dos desesperados não tem um significado importante para eles. Neste desafogar de assuntos tão meus, em que já muito cansado mais ainda canso, deponho sobre a mesa agora um pouco de minha esperança. Nutro a convicção de que os materiais de que é feita a esperança sejam mais eficientes para atrair as comunidades de otimistas e as congregações dos resignados spinozianos. Esse é um tipo de gente crente na dosagem de Deus para a felicidade e para a tristeza, velhos aristotélicos em busca de conforto racional, o que é uma boa e louvável saída neste labiríntico mundo onde a virtude é um troféu. E nós, seus perseguidores, cada vez mais desconfiados, ao longo de tantos séculos, de que a virtude não tenha sido, afinal, escondida na confusa meada feita para organizar os homens privilegiados, os descobridores do esconderijo. A virtude pode não ser um prêmio ao melhor espeleólogo.

Mas, para as pequenas coisas que aqui apresento, faço a opção por falar em esperança aquém desses altos cumes do pensamento; a esperança ainda é um argumento de predileção entre os seis ou sete únicos assuntos do mundo. De fato, não creio que existam mais assuntos no mundo; e, dentre estes, alguns até de pouca importância, como o sexo e outros prazeres incidentais entre o nascimento e a morte. Assim, andando pela vida no ventre ácido de um fantasma desatencioso, sempre pensei em ver rutilar sobre mim alguma alegria, um estado de espírito fúlgido que me desencarcerasse da sombra e do medo. Esse medo doentio que se

danou a me afligir todos os dias, arruinando minha natureza inocente, até extenuar-me e me tornar um homem sem perdão e sem pecado, indiferente a quase tudo porque a certeza permanente de que morro a todo o momento não me deixa o tempo desejável para amar a beleza ou para odiar o repulsivo. Ocupo-me com meus desastres a maior parte do tempo. Eu sou um desastre, uma colisão entre uma vontade de ir e um vento que me traz de volta, e caminho pela vida como os guerreiros da antiguidade, lanceando para não ser lanceado, matando para não ser morto.

E é por isso que num desses dias em que algo estranho e triste nos agrava o espírito e desapiedadamente nos faz o peito apertar e nos trava a garganta, e esse algo nem sabemos nós o que é, e nublamos nosso olhar e falamos pouco e baixo, eu me empenho em tentar fazer alguma coisa, qualquer coisa, para não morrer. E se estes dias são de chuva, se o céu está coberto por nuvens que amassam meu espírito como uma avalanche plúmbea que desce do ar, as coisas ficam piores e nasce por dentro de mim uma espécie de declínio, de descaimento, até aquela aflição definitiva me invadir com seus pavores. Eu não estou me referindo, como o leitor desavisado talvez possa desconfiar, a alguma tristeza existencial ou ao fato de não encontrar algum sentido para a vida. Essa é uma noção de intelectuais nos pronto-socorros, é uma noção tão repetida que já há especialidades médicas para atendê-los. Saem dali já restaurados pelas equipes tranquilizadoras de jalecos alvos, seus males eram puramente racionais. Nada que um comprimido e um repouso não lhes mudem o olhar na direção da luz. É possível pensarem que sou pessimista, ateu e desdenhoso da vida, mas, ao contrário, apraz-me viver e eu tudo daria para viver bem, sem esses assombrosos e súbitos sentimentos de horror e de corrosão que meus fantasmagóricos espectros me trazem especialmente nesses dias em que o sol não me aquece e a chuva inunda de presságios o mundo que vejo.

Imagino que eu possa ter a mente de um homem da Antiguidade, permanentemente atônito, pressentindo castigos aleatórios e erráticos que lhe chegavam de deidades impiedosas, sem que ele soubesse a justeza de o oculto lhe impingir as punições. A imprevisibilidade, sempre a imprevisibilidade, leitor, essa é a vida de quem não sabe o que há na esquina, se uma padaria ou um esquartejador. Ou talvez – e pelos mesmos motivos – eu tenha a mente de um homem medieval, tomado pelas superstições e pelos agouros cultivados nos frios e lúgubres mosteiros

de uma Europa fanática e perseguidora. Eu sou assim, um homem que veio depois da Ilustração, depois da ciência e da técnica, depois das máquinas frias como esse computador (eu cedi, perdão, eu cedi) em que escrevo agora minha agonia, mas um homem que mantém uma fisionomia psicológica preservadora dos grandes medos sem explicação e sabe que Deus é uma possibilidade tênue.

Sinto agora um desejo de continuar contando a alguém minhas desventuras, todas pouco atraentes, atrapalhadas mesmo, que tenho vivido ao bater dos relógios que olham silenciosos para mim de todos os lugares em que estão. E estão escondidos nas minhas histórias de amor, nas plantas de antigos jardins que tive, nas cadeiras em que sento, nas noites que me atravessam, e confundo essas batidas do tempo – fim único dos relógios – com as batidas do meu coração apertado pela letal consciência da minha finitude. Li há poucos dias que um evangelho recentemente traduzido, apócrifo e desqualificado como são todos os que não forem um dos Quatro, afirmava, comparando espírito com corpo, *tão rica substância para uma morada tão pobre*. Algo assim tão excelso faz-me perceber sua verdade e a terrível dificuldade que me causa: sou pobre em tudo, ainda que faça pequenas apostas sobre a vitória de meu espírito só para torná-lo mais duradouro do que este lastimoso corpo que o faz cativo. Esta é a esperança, eu alertei que sobre ela falaria. Mas depois, exercitando a metafísica em que me treinei como quem se adentra em artes marciais, prontifico um argumento qualquer para pensar que meu espírito é que escraviza o meu corpo sem qualquer indulgência. E pensando assim, em corpo e em espírito, busco a misericórdia de meus algozes, sejam eles quem forem, até chegar à conclusão fatal de que ambos foram mal feitos. Que sou o resultado de uma genética pouco cautelosa com o ser que produziu. Este satã combate minha esperança, de certa forma se apronta um ringue para acolher minha expectativa e seu mefistofélico opositor, numa luta em que tenho poucas chances. Mas entro no tablado da contenda com a coragem imensa com que vivo, e minha utopia de salvação ingressa em sua milésima luta contra os infernos com que me deparo. Nunca fui nocauteado, mas já vi árbitros realizando a contagem sobre meus olhos tontos. Levanto-me cambaleante e esmurro o demônio com as forças que me restam, e deposito confiança de que a campanha dos árbitros será ouvida antes da minha morte. Até hoje, penso ter empatado todas as lutas, nunca dei chance demasiada ao oponente, mas ele é um antagonista de qualidade – não

posso negar. É preciso entender nesse ambiente a minha coragem e a minha esperança. Sei que corro o risco de ser tido, paradoxalmente, como um suicida que se recusa a morrer, mas este não é um problema meu. Aliás, este não é um problema para ninguém: é só uma atividade alheia que não me interessa. Assim costuma ser a hermenêutica dos espíritos apressados, só. Não temo essas interpretações, costumam ter má pontaria. Erram o alvo e produzem um novo ser. Uma nova coisa. Esses hermeneutas esquecerão meu desejo de ganhar a primeira dessas lutas e evitar um novo desafio. Quero instalar o meu pânico no demônio e assustá-lo na mesma moeda. Como eu riria se fosse o vencedor, mas só consigo empates, e minhas machucaduras e sangramentos habitualmente fazem a platéia compreender que perdi. Quando os jurados anunciam o resultado, há vaias, e sofro ainda mais com elas. O público não entende os jurados: eu disse que árbitros são incompreensíveis. Também saio com a certeza por vezes de que ganhei o combate, mas o empate é anunciado e desagrada a mim e ao meu satanás particular. Compreendes isso?

Sempre, antes de tudo, faço um grande esforço para me dar a entender, e um descuido pode me atribuir conceitos que não aceitarei jamais. Afora isso, afora essas coisas que vem desses nascimentos constantes através de uma biologia previsível, e de onde, noutra momento, há o nascimento de uma vida imprevisível, há o mundo. Sempre o mundo, o mundo todo e a hostilidade dos meus iguais, e hoje, quase aos cinquenta anos, ainda estou longe dessa paixão por meus irmãos de espécie. Ainda sou muito primitivo para amar a humanidade. Sou confortado, porém, pela consciência de que também não espero dela algum amor, e considero um prodígio meus disfarces de homem e meu cinismo perverso que me permite esse impressionante mimetismo com a multidão. Com alguma elegância, uso o estratagema da afeição dedicada e das palavras bem medidas. Mas – e isso confesso com todas as forças do meu coração – não o faço por um traço de caráter duvidoso, exercito essa camuflagem para contrapor-me à hostilidade geral, essa falta de polidez, essa barulhenta intromissão de todos em tudo, essa condição inamistosa dos meus semelhantes. Eis aí minha sofisticação: impressiono pela camaradagem e pelas boas maneiras, e não me é difícil concordar com alguém apenas para ver o assunto acabar. Assim, não contrariando, sou pouco contrariado. Mas mesmo diante de tamanha delicadeza estou certo de que dei a mim uma figura

que parece representar algum conjunto definido de idéias. Um comunista, um anarquista, um homem de esquerda, mas como não defendo com estrépito minhas posições, dei a entender de que me trato de um humanista repleto de afeição pelos injustiçados do mundo.

É uma boa imagem, de fato, mas nem todos os espelhos me mostram assim, as mãos que moldaram minha argila estavam por certo trêmulas e produziram uma criatura dúbia. Por vezes, quando estou diante do acaso de olhar as estrelas, penso que nenhum de nós escapa dessas mãos trêmulas, e sinto um pouco de calor me invadindo diante da impressão de que os outros sejam mais cínicos do que eu porque nada confessam. Mas, não sei, talvez eu nunca venha a saber isso, ou a saber algo, ou a saber completamente que o conhecimento vale alguma coisa diante dessas estrelas que me fornecem os pensamentos céticos. O ceticismo não é um subproduto da covardia ou o receio de um convencimento mais definitivo, mas uma impossibilidade de fé até mesmo na ciência, essa soberana fonte que vomita as verdades do mundo há mais de quatro séculos. Quando uma dúvida faz de mim a sua casa, dependendo da sua natureza, eu a convido, gentil, para morar em meu cérebro porque sei que há muitas claudicações racionais que vivem como mendigas, reclamando por uma mente que as adote e as afirme. Rastejam ao solo, filhas do homem, mas esse homem as quer ali, pedintes, moribundas. O homem quer dedicar-se à certeza para andar tranqüilo na direção do futuro, e toda dúvida atrapalha e perde a importância simples de ser, mais do que uma dúvida indigente, uma pergunta que desespera. Eu, ao contrário, acolho dúvidas e me comprazo com elas. Parasitam-me, comem minhas vísceras, mas esse é o preço de ser uma pousada indulgente. E abençôo tudo aquilo que não me convence e que me faz, como naqueles acasos, ver-me de repente fitando as estrelas, cheio de hóspedes e de suspeitas.

Sou como um hotelzinho vagabundo, acolhendo essas coisas todas do espírito, mas não me sinto menor do que as enormes redes de hotelaria, com seus grandes prédios, para onde se dirigem os inquilinos que sabem perfeitamente o que são e para onde vão. Para alguns dos meus hóspedes, sou até mesmo misericordioso: dou-lhes a oportunidade de viverem em mim para sempre, pois preciso de suas inquietações para me manter ocupado. Nem lhes cobro; ao contrário, sinto-me devedor. Acho que tudo isso assim contado traz alguma

insegurança a ti, que podes não estar entendendo mais exatamente o que estou dizendo. Talvez eu também não saiba, não é uma tarefa fácil verter toda nossa seiva só para obter a compreensão de alguém, especialmente se estou admitindo que esse é o único caminho para uma pequena redenção diante de espectadores que não sei quais são. Mas que imagino como uma platéia de juízes muito atentos às minhas misérias, e que estão, silenciosa e sinistramente, me considerando um credor impróprio ou um devedor sem retidão. Essas misérias costumam aparecer na minha vida, e fantasio outras tantas, de tal forma que às vezes não sei o que é a dureza do mundo e o que é delírio meu, e vou dormir como uma madeira derrubada por um raio.

Essa vontade de relatar minhas desditas, me fez escolher você, esse vago leitor que desconheço, para compartilhá-las comigo, e o tratarei como um amigo recém feito, com medidas respeitadas e com a fugidia e tormentosa impressão de que poderei não estar sendo entendido. Só não conseguirei mais tratar-te, como insinuei, de *você*. Meu pronome de tratamento será o *tu*. Na região do mundo em que vivo e na de que vim, as pessoas não falam *você*, e consagrá-lo assim pareceria uma afetação e uma impostura. Vá à Campanha. Venha a Pontes. Ingresse na parte de baixo do Rio Grande do Sul, faça uma linha entre Uruguaiana e Porto Alegre e desça. Fale *você* e logo será visto como um forâneo, uma espécie de alienígena, um visitante que talvez não se queira agradar, como não quiseram me agradar, por outros motivos de estrangeirismo, quando cheguei a Poentes. Quero que você saiba que essa minha fala é respeitosa, e ainda que soe mais direta é apenas um indício dos locais do mundo onde vivi, nada mais. Já me perdi de tantas coisas, não me faça perder-me também de minha língua, de meu sotaque, de minhas expressões, de meu discurso, que sem isso mais falsificado ainda ficarei neste mundo em que toda originalidade se relativiza diante da tipologia do consumo. Pergunte a Adorno, ele saberá lhe explicar isso melhor do que eu.

Mas vou contar-te um pouco mais sobre mim, agora num modo mais dialogado, que preciso da caloria de uma conversa mais do que apenas da escrita. O inverno começou. Se acaso eu te desagradar, abandona-me, como quem fecha um livro que não merece estar em tua estante, ou trata de me esquecer, como quem esquece um ser humano que não está pronto para a sua acolhedora amizade. O que escrevi antes não foi para ti, ou pelo menos não exatamente para ti, antes foram

recordações difusas, embaralhadas, mas eu precisava delas para organizar minhas informações agora.

Como? Ah, presenciaste meus atos de esconjuro nas páginas anteriores? Fico-te muito grato pela atenção, mas agora sei que estás aí, e eu também devo dizer que te vejo em tua fantasmagoria, tu és uma hipótese que torno real na minha busca sôfrega por companhia. Eu preciso de ti antes de retornar à caverna que habito. Não minha casa, é claro, que essa está cheia das pessoas que vivem numa casa, a família e uma empregada doméstica (eu a pago com muito custo emocional, acho muito triste pagar um empregado; acho muito triste a existência de nós dois e da relação que temos). Mas a caverna de onde vem minha voz mais desorientada sai dos meus calcanhares, ganha força em minhas pernas, faz meu intestino de tobogã, sobe meu tórax, passa com dificuldade por minha traquéia e se derrama de minha boca. Essa voz não é a voz da casa normal em que vivo. Essa é a voz lá do fundo, e se tu ficares atento também escutarás essa tua voz. Ela é pouco amiga do exterior, é arredia, sai espremida de nossas vísceras nojentas como as de um boi com o ventre aberto. Ela estranha tudo o que toca, e entre recuos e pequenas coragens ela expressa o meu ser. Quando falo, há o eco de minha caverna em minha voz, mas tratei de apurar meu disfarce com tal esmero que falo como se estivesse perfeitamente instalado em minha casa normal, essa onde estão os meus e a minha empregada.

Como te direi mais adiante, sou um homem doente, e minha doença não me traz medos de mesma origem que os pobres homens pré-científicos, muito embora eu sofra muito e de forma parecida, pois sofremos diante do desconhecido. Tu viste meu exorcismo; de certa forma estou te repetindo obsessivamente esse assunto, mas precisas aceitar essa repetição. Ela é um mantra a me acalmar. Perdão, amigo, perdão, mas se tu não existisses eu estaria aqui falando sozinho, convocaria meu mantra para reproduzi-lo por um tempo interminável, e seria, como talvez o sejam muitos, considerado um desses loucos da rua. Como dizia durante o ritual de expulsão demoníaca, meu medo é de simplesmente morrer. Essa é minha doença. Morrerei, é claro, mas não parar de sentir a morte a me rondar é uma mitificação destruidora do meu próprio fim, e faz-me morrer lentamente sem quase viver. Esse é o pânico, corajoso leitor feliz, essa é a Síndrome do Pânico, o nome que a ciência do meu tempo entregou ao meu mal. A morte, vigilante sobre meus passos, a morte e

sua imprevisão, a morte que sabe onde estou, mas que não sei de onde me espreita. A morte, fim de tudo, talvez, mantém-me acossado em potencial desespero, como quem, na selva, sabe-se entre feras, mas não enxerga bem o que se move por detrás das galharias e nem quais são as folhas que farfalham sem estarem tocadas pelo vento. Esse é, de certa forma, o amplo espelho onde me contemplo, um ser absolutamente só, perdido no ambiente de sua espécie, parado, contemplativo, e curiosamente sempre alerta em relação à lâmina que me porá fim. A lâmina fina e emblemática que separa a vida da morte sem avisos necessários. Pior que os guilhotinados do Terror francês, que ao menos enxergavam o cadafalso. Subiam nele, sentiam a sua fatal realidade sob seus pés, depositando sua cabeça no buraco das tábuas à espera da descida veloz do fio oblíquo em seus pescoços. De semelhante, talvez apenas a sensação de injustiça acompanhe a todos nós, morrer por idéias é o mesmo que morrer sem respostas do carrasco. Todos nós perguntamos por que este é um fim justo, e um silêncio imenso se faz à nossa volta. O carrasco não responde, não sabe o que dizer. É apenas preciso pôr em prática a execução.

Contemplo a vida com esses pensamentos, por vezes. Minha contemplação não é meditativa; ao contrário, exercito a autodefesa enquanto me deixo absorver por pensamentos de sobrevivência. Sei que o leitor que se conduz calmo no percurso ligeiro com que atravessa a sua vida não deve estar compreendendo minha aflição. Talvez não consiga mesmo compreendê-la, há assuntos que se dirigem apenas para iniciados. Por exemplo, eu o invejo em sua paz, mas não consigo entender como pode assim viver. Não sou mais do que um aprendiz precário na história das almas em quietude, e não será então possível nosso diálogo. Bem sei que o leitor em paz também nada deve conhecer das almas desesperadas, mas, enfim, é assim mesmo esse mundo, feito para grupos, não para a idéia metafísica com que se conseguiu construir o conceito de humanidade, onde estamos todos numa infinita planície e nossas bocas falam uma só língua. Talvez o Sol e a Lua, essas bolas fabulosas girando entre si, gerem essa consciência poética, pois embaixo dos astros estamos todos nós, tão diferentes, mas amassados num conceito de igualdade necessário para um humanismo venenoso.

Não respeito muito o fabulismo da minha espécie. Inquietam-me alguns princípios. Vivo desconfiado de nossas conquistas, e muitas teorias são uísques

duplos em copos altos e uma mulher nua que mal conhecemos e para quem juramos amor perpétuo e desejo infindo em noites de embriaguez e selvageria. Ser humano é ser desumano, e experimentamos algum prazer em reprimir a maldade em nome dos seres bons que nossos espelhos pessoais refletem. Mas aí está, amigo, o problema é sabermos em que nos constituímos, a ponto de nos alegrarmos, por exemplo, com a construção de novos presídios e com o estalar de suas chaves demarcando onde devem estar os celerados e onde nós devemos nós estar. Essas chaves são como os velhos obeliscos de fronteiras, mostrando territórios e direitos fixados pela lei, a lei que pune com um regozijo capaz de torná-la simultaneamente adequada e imoral, para que seja então consagrada pelos homens como um achado da razão, a vibrar o justo chicote de seu desapego contra o ladrão e o assassino. Essas mentes cristãs deleitam-se com a punição, e os emissários do povo são também eleitos para levar adiante propósitos assim, formando um bom currículo para apresentarem ao Senhor no fim dos dias. O paraíso é feito de infernos como o Bem é feito do Mal, numa dialética pouco complexa, mas que rende boas doutrinas. Eu as estudo, essa é, em grande parte, uma forma de exercer minha profissão. Um professor precisa organizar-se e não falto a meus deveres. Mas convido-te a visitar outros túmulos neste meu cemitério emocional, onde estão mortas, mas insepultas, outras criaturas de meu tédio. Quando vagam, cuidam de me assombrar, embora me dêem grandes e súbitas alegrias, todas feitas de uma matéria certamente não verificável por ti, leitor equilibrado e feliz.

Escondido atrás de um personagem qualquer, faço-te uma revelação: tenho uma finalidade literária. Talvez a palavra escrita realize a ablação consensual de meus satãs, que para descerem à luz oferecem a resistência de uma apostasia litigiosa. A fala não é suficiente para me libertar porquanto essa sempre parece propor outro itinerário ao meu pensamento, e me calo. O movimento da fala, nas conversas, supõe o barulho da voz e o ir e vir da interlocução, o que me cansa e atordoa, devo confessar. Sinto-me um pouco melhor nas aulas e nas palestras. Bem sei que te dou poucas pistas para que me entendas, mas não acredito que possa ser-te mais claro, perdão. Assim, perscrutando minhas trevas, penso conseguir trazer-te o que de pior há em mim. Uma doença que permite o meu julgamento moral, pois estou no mundo de uma maneira tão solta e tão irresponsavelmente a

ponto de aceitar por vezes que, a exemplo de um alienado mental que percorre sem razão e sem pecado as vias públicas, tenha eu também extraviado meu superego, e desconheça os motivos da ordem e recuse a imposição das leis. Esse assunto novamente! Sempre. Já te disse: há menos assuntos no mundo do que os dedos das minhas mãos.

Não sou o homem ideal para trabalhos que exijam meu corpo físico, sou dado a pensar, a preparar aulas e a entender livros de filosofia, história e política, onde me deparo com gente que, normalmente, quer explicar a espécie pelo gênero. Trata-se de gente voltada à abstração ou a interpretação sistêmica das coisas da vida humana, e possivelmente poucos seriam pessoas comovidas verdadeiramente com as vicissitudes de um ser, um só serzinho, do grande gênero humano. Pelo menos, não são tão habitualmente positivistas como os juristas, onde essa emoção é rara como um diamante. Desculpa-me, estimado leitor, sei que meus impulsos de formulação teórica, ao menor descuido meu, podem se manifestar. Vou manter-te longe disso; esses assuntos, a exemplo do outro de que te falei, são também para iniciados. Iniciados que descobriram que a mais extraordinária alegria é exatamente a trajetória parabólica que realizam na vida; ao início, para o alto, ao fim, para o chão. Os iniciados não se importam se nada terminam. Possuem júbilo pelo trabalho inacabado, pela obra aberta, pelo simples fato de haverem gastado a vida a ensinar e a formar outros iniciados que, como eles, também se regozijarão diante da idéia de que o fim não se alcança. Eu também fui assim, e em grande parte ainda sou.

Sabes como essa história de contaminação acadêmica é mais letal do que as infecções hospitalares em um mundo onde os micróbios fazem festa quando nos matam, invisíveis como fantasmas com idéia fixa. Uma vez tocado pelo vírus do saber, nós, homens assim, vemo-nos nascer o gáudio da vaidade e passamos a nos dedicar a competições cínicas nos locais em que trabalhamos sem que digamos aos outros que, sim, somos melhores do que eles. Professores são, em geral, assim, e eu, professor, inclino-me também um pouco às destinações da minha manada. Com uma diferença: eu sou mesmo melhor do que eles, e é por isso que já me dei conta de como é ridícula tal competição. Caro leitor incrédulo com minha petulância: calma, eu não disse em que sou melhor do que eles. Não sou mais inteligente ou mais erudito; esses são dois ingredientes usados para o *metron* da excelência repulsiva dos competidores, sempre indóceis nos partidores de seus prados. Suas

academias são suas sociedades hípicas, e eles não são os jóqueis. São talvez os outros, os que andam embaixo dos jóqueis: os animais que apreciam o vento na cara sem saber para onde correm, e adoram linhas de chegada. Os jóqueis são seus alunos. Eles gostam de suas bestas, os bichos fazem-nos voar, tratam-nos com a reverência de quem idolatra um dragão chinês, cheio de mistério, sabedoria e violência.

Cada aluno escolhe seus animais favoritos, seus dragões de predileção. E ao final do ano realizam as homenagens em teatros lotados. Os animais vestidos com togas sobre o corpo, porejando o suor vindo de uma iluminação artificial e ardente como febre. Um bom animal é até conduzido a um púlpito para falar das aventuras de suas relações com seus jóqueis, e um dentre todos os jóqueis dessas solenidades agradece aos seus dragões homenageados e aos seus dragões primordiais, que são os pais e os padrinhos daquela amorosa relação eqüina. Parei de competir: um pouco por conta dessa percepção, outro pouco em razão da minha doença. Seja como for, minha imensa decepção do que fiz com minha vida, faz-me invejar apenas os homens alegres, bem mais do que os sábios. Ou talvez os alegres sejam os verdadeiros sábios, mas a academia não os considera assim, e eu, como disse, sou da academia. A alegria é um conceito difuso na cabeça de um professor de filosofia. Estamos mais acostumados a debater a felicidade, a qual, em relação à alegria, possui uma diferença mais ou menos equivalente à existente entre uma ou duas doses de uísque. Conheço uísques, já o sabes. Posso falar sobre eles, mesmo que precise de uma imensa sobriedade para ficar mais embriagado. Mas, tornando ao assunto que a mera referência ao álcool já me fez afastar-me um pouco, preciso afirmar-te que ser um homem totalmente comum e tranqüilo implica em estados de espírito que me fazem notar a tênue vidraça que nos separa. Eles não vêem essa vidraça de cristal límpido, esse ar tornado sólido e cortante, que os põe de um lado e a mim, de outro. Eles percebem pouca coisa além da graça de serem felizes, e dão a vida por completa, e vêem televisão, e trabalham em repartições públicas, e ganham dinheiro e o economizam, e fazem pequenas viagens com a família, e recomeçam tudo com prazer após as férias, e não sofrem com facilidade. Essa gente é a utopia do meu coração e eu represento o que não deu certo, o que foi mal aprontado, o que precisa sonhar em ser aqueles que já se aperfeiçoaram, os

ditosos. Mas não posso esquecer, pacífico leitor, de te contar alguns detalhes a mais sobre essa minha tão penosa existência.

Hoje chove, e fico estancado em meu apartamento como um bicho que protege a sua toca. Na verdade, protejo a mim, pois meus sentidos experimentam grande efervescência emocional e o pânico doentio se avizinha, como sói ocorrer sob a manta enfumaçada das nuvens escuras. Isso eu já te disse, não recrimina minha amargura, por favor, estás avisado. Se acaso cansares de mim, já te disse para me abandonar; estou acostumado à solidão, e compreenderei teu gesto e a tua grandeza em tomar uma decisão soberana, opção que não é fácil para mim. Pois bem, a chuva, a chuva, ela me deixa desse jeito, nem sei se conseguirei prosseguir. As sensações de frio e calor simultâneos já começam a me invadir. É mais uma crise. Vou tentar continuar, contudo, e te revelando coisas que me são caras. Meu peito já dói e minha respiração já está difícil. Estou suando e as mãos que tenho não parecem minhas, e a mesa em que escrevo tem a aparência transfigurada. Os médicos chamam isso de despersonalização e desrealização. Acho que não vou morrer, mas nunca sei. E assim é quando já nem idéias tenho e sou só sentir.

Por dentro de mim, guardado em mim, há um sepulcro onde deposito tudo o que não mostro ou não consigo mostrar. Lá estão, por exemplo, algumas canções antigas e evocativas de um algo indizível e que me atemoriza de tal forma que não gosto de revê-lo. Há um punhado de segredos menores que para mim são imensos, alguns há tanto tempo assim deixados que já se enraizaram em meu pálido espírito e fizeram com que eu, como um todo, fosse um pouco também esses segredos. Há frutas e carne, que isso é alimento. Mas são frutas do mal e carne deteriorada. Lá bem dentro de mim, no sepulcro de que falo, reside o sempre tão cansativo cabo de guerra, a vida numa extremidade e a morte na outra. Assombrações, coisas muito feias, um reduto de esquisitices que procuro abrandar através da peculiar maneira de lembrar aspectos emocionais da família donde descendo e seus ares de loucura. Sou um herdeiro desse espólio adoentado, um desaguadouro genético de aflição e temor, estados habituais das almas dos meus pais e dos meus avós paternos, e sabe-se lá como viveram meus ascendentes mais longinquamente desaparecidos. Quem foram essas pessoas, quem foi o tataravô do meu tataravô? O que lhe dava um pequeno prazer, que ato fugidio de uma vida tão passada restou? Nada, não há nada, não há memória, não há registro. Há apenas uma obviedade científica: eu

venho, como todos nós, descendendo e descendendo de gente que vai morrendo e morrendo. No fim, bem no fim da fila, deve haver um imenso *Cro-Magnon* deitado embaixo de uma árvore copada, e isso é, para o efeito dessas nostalgias do que não vivemos, de uma poética monumental. Um ser peludo que um dia trepou com uma fêmea peluda e a engravidou, e todos os que dali vieram não pararam de trepar e engravidar, e aqui estou eu, um resultado de trepadas em série, uma maravilha da evolução e da continuidade. Às favas com essa maravilha! Quero a luz que faltou a Goethe, quero que abram as janelas, quero sentidos esclarecidos. Depois, uma vez esclarecido, voltarei à perdição, que a perdição é boa, mas uma perdição de quem sabe respostas é muito diferente do que uma perdição à maneira medieval. Pior: não me resta sequer um deus confiável.

Uns ainda vivos e outros já mortos, penso que todos temos uma incômoda familiaridade com a atmosfera dessa cripta que nos suprime a natureza humana mais elementar. Exercito a auto-absolvição nos momentos silenciosos, quando em minhas rezas domingueiras penso cheirar o hálito de Deus. Um deus convincente, não esse deusinho vagabundo que comove os filósofos. Recomendo a ele piedade de mim, tão necessária para tocar a vida. Depois, Deus se perde de mim e eu dele, e nos lançamos às dobras infinitas dos outros poucos assuntos do mundo. Enredo-me em aflições financeiras seguidamente, e sou acusado de irresponsabilidade por minha mulher. Tudo fica muito difícil de compreender à volta, pois ela, nestas ocasiões, perde toda hipótese de carinho, e eu a vejo como alguém que, postada na minha frente, assume ares de inimiga, com seus olhos grandes e muito claros. Essa inimizade simulada não é tão aparente nos olhares terríveis que me dirige, e me confundo, pensando que ao meu lado tenho alguém que somente pode me amar na ventura e no prazer, e que não sofre comigo, mas que apenas me faz sofrer com suas palavras-estilete e suas fixas miradas de distanciamento hostil. Sei que não é assim, tudo. Mas não sei bem o que é e o que deixa de ser como vejo. Por certo que ela suporta meus desvarios e vê em mim boa parte dos motivos que lhe trazem padecimento, e talvez não consiga organizar-me noutra consideração, nem pelo amor que me tem. Quando assim estamos, crus, em momentos difíceis, toda beleza se esvai e toda treva nos engole. Não minto, caro leitor, não minto, não me olha com desconfiança. Ao longo do que te narrarei, eu vou ficar um pouco mais abstrato,

metafísico até, mas não te preocupes, espero que me entendas ao final. Tu és de certa forma minha única esperança.

Minha vida dissoluta me deu, como disse, dezenove filhos, todos em Poentes, eu os fabriquei como brinquedos, com o esmero de um escultor. Fui lhes dando nomes, vendo-os sair das minhas mulheres, seus ventres murchando imediatamente. Assisti a todos os nascimentos com os olhos de um pai zeloso e atormentado. Sempre soube que estava cumprindo um papel biológico, aquele da descendência e sua continuidade interminável, ao mesmo tempo em que essa continuidade se tornava terrível porque eu era invadido pelo amor e pela capacidade de defendê-los até a Via Láctea desaparecer. E nada disso eu entendia. O amor, a poesia, o lirismo e todas as coisas leves sempre se embateram em minha cabeça contra a brutalidade da existência que se dá pela fortuidade de um ato sexual e que traz ao mundo uma pessoa. Quando vejo uma criança, meu primeiro sentimento é uma devastadora culpa triste que sinto por sua felicidade, sua extrema dependência de um adulto, seu estar em um lugar sempre condicionadamente aos adultos e suas companhias ou permissões, sua falta de independência, sua tênue autonomia, sua sina de somente ser livre no limite autorizado pelos cuidados normativos de quem as tutela. Os responsáveis por elas sempre as levam para onde querem, as põem em escolas, ensinam-lhes os modos de portarem-se à mesa, estabelecem os horários, cobram-lhes os temas, e as crianças, aculturadas em meio a esses cuidados e ensinamentos não são capazes de, solenemente, num momento de consciência e recusa, mandar seus pais tomar no cu. Sempre acreditei que um filho tomasse providências enérgicas contra minha regulação, mas não o fizeram até hoje. A ordem do mundo também a eles cooptou. Tragou-os para a obediência e para a organização mínima da educação. Meus filhos, que esperava me mandassem um dia tomar no cu, tiveram os nomes de Ablau, Pinu, Velile, Luisa, Lafayette, Malô, Luis Antônio, Hércules, Melle, Plankle, Zumil, Faguse, Heloísa, Fenenda Li, Cor, Terra Um, Terra Dois, Terra Três (minhas trigêmeas de bochechas pálidas e que eram calvas absolutas ao nascer) e meu caçula, Heráclito.

Eles todos foram criados pelas suas mães exaustas, com minha supervisão frouxa e leniente. Tolerava todos os excessos, ria das artes, estimulava-os a debochar de todas as pessoas com ar sério na televisão e nas ruas, e minhas mulheres sempre reclamaram de minha mansidão tolerante, de minha lhaneza tibia.

Eu recusava, uma vez mais, a ordem, mesmo conhecedor dos males que podem causar os espíritos livres. Fui um apologeta dos conselhos. Sempre me pareceram mais respeitosos com as crianças. Mesmo que todos os psicólogos, os psiquiatras e qualquer outro especialista (sinto pena da solidão cognitiva dos especialistas) fossem favoráveis à imposição de limites devido aos arranjos sempre adequados desses regramentos domésticos. Fui sempre uma voz irritantemente contrária. Para que as crianças não se encantassem irrecuperavelmente com o prazer absoluto do exercício de uma liberdade ontológica, os especialistas sempre recomendavam que os pais se impusessem, que formulassem as regulações constitutivas de um bom adulto.

Sempre olhei com uma desconfiança instintiva a força desse padrão. Os *filhos precisam de limites*, sempre dizem. É verdade, mas nem toda verdade deve merecer amor ou ser seguida. Todas as verdades sobre os seres humanos que a ciência trouxe à luz formam um conjunto de desconstituição do humano. *Come esta comida para teres mais saúde. Exercita-te. Vive com saúde, ou seja, com qualidade. Tem uma existência mais longa e com saúde, alimenta-te, faz exercícios, tem um bom lazer, descansa, dorme oito horas, faz seus pratos serem formados por alimentos da múltipla coloração, não bebe, não fuma, cuidado como o sedentarismo, a pressão alta e o diabetes são doenças silenciosas, faz surpresinhas para a tua mulher, ela vai gostar, compra-lhe uma lingerie provocante, não polui o ar com teu automóvel, procura andar de bicicleta, não maltrata os animais, eles têm direitos, poupa, gasta bem, viaja, tem uma lua-de-mel por ano. Cria teus filhos com limites* era só uma a mais dentre esses comandos de Esparta, elaborados por um general severo e bondoso com a Humanidade. Alguém que deseja o bem coletivo através da disciplina e da orientação maximamente moral e voltada à preservação de uma certa mocidade para viver, um deslumbramento extasiado pela própria saúde perfeita. Isto tudo está correto. Naturalmente, tudo isso está correto dentro de certos parâmetros incrivelmente chatos e disciplinadores. Parâmetros semi-morais que fixam, a partir de uns, como devem viver todos.

Mas, enfim, as pessoas que são assim sabem melhor o que fazer com seus filhos enquanto crescem. Quando os meus iam, um a um, ganhando algum vigor juvenil, eu via o parto de suas tenências como uma flor que nasce nos corpos sólidos da gente adulta, essa mesma flor que não brotou no solo infértil desse meu

cérebro inseguro e imperfeito, de emoções atravessadas e pensamentos tortos. Todos os meus filhos se estabeleceram bem em nossa espécie, um bibliotecário, três artesãos, seis astronautas, dois ladrões, um dentista, um boêmio multifuncional, duas dançarinas, um ator e dois contorcionistas. Sempre tive dificuldades em entender Plankle, o dentista. O que o terá feito optar por mexer nos dentes dos outros? Apreciava meus astronautas. Como eu eles estavam sempre impressionados com o céu. Dentro de astronautas e filósofos repousa, incontrolável e em silêncio, o universo inteiro. Pensava em meus dois filhos ladrões, Luis Antônio e Velile, e sempre os perdoava porque os fiz e nunca lhes disse que a humanidade era reta. Eles também foram os que mais debochavam das pessoas sérias quando incitados por mim; agora escrevo meus desesperos a ti, mas não precisas fazer esse ar de censura escondida. Eu aceitarei tuas ponderações. Não suponho, ao contrário de ti, que uma coisa tenha a ver com a outra. Meus filhos ladrões seriam ladrões independentemente de mim e de sua mãe; em dezenove irmãos, estatisticamente é um bom número haver dois ladrões. Todos os outros, o bibliotecário, os artesãos, o boêmio, as dançarinas, o ator e o contorcionista cumpriam o destino com alguma alegria que somente a arte pode proporcionar. O bibliotecário e o boêmio não são artistas, é isso que estás me dizendo? Mas eles o são, insensível leitor, dependendo do que tu faças com livros, com álcool e com mulheres.

Sei que essa minha vida faz Kafka tomar um café comigo ao nascer do Sol, ao mesmo tempo em que Mefistófeles nos serve as xícaras com seu bule incandescente ao cair da noite. Ao início, quando alguns de meus filhos partiram de Poentes, muito frequentemente eu pensei que tudo se desfaria e eles voltariam para meus braços por um sortilégio favorável do curso imprevisível das coisas desse mundo incerto. Mas agora tudo parece definitivo. Quando lhes ouço a voz ao telefone, faço-lhes as fugazes visitas que me restaram. Foram levados para lá e para cá por conta e obra dessa energia incompreensível com que a sobrevivência faz suas convocações. A sobrevivência, sempre ela a desfazer ninhos, libou todas as gotas que o castigo de seu látego impôs a meu coração sofrido. Vitoriosa e indecente, a sobrevivência faz convites irrecusáveis num certo momento da vida de cada um de nós, mas não costuma possuir mecanismos de restaurações futuras para atenuar as conseqüências. A violência desses chamamentos, uma vez dentro dos ninhos humanos, nunca mais arrefece seus barbarismos. A lembrança de cada

adeus fica pousada no coração dos pais para sempre como uma brasa incandescente, queimando, queimando. Até hoje estou caído, embora, otimista que sou, sempre mova o corpo dolente para levantar-me e me banhar um pouco no sol que aquece os bem-aventurados.

Exatamente na semana em que o World Trade Center caiu por ação dos fundamentalistas islâmicos – lembro-me bem –, uma dessas solicitações irrecusáveis levou meus três artesãos para a cidade toscana de Artesania, onde o ofício da manufatura é a atividade normal de seu povo. E eu, naquela vez já com o convívio escasso e encontros difíceis, meus artesãos pouco mais do que adolescentes, eu com os outros filhos para ver, meus livros para ler, meus pensamentos para pensar, a mãe deles me cobrando o motivo de um dia eu ter saído para comprar cigarros e não haver retornado mais, uma mulher geniosa e danada, eu nesse dia os vi extirpados desse meu já tão pequeno convívio e disse *merda, merda de vida, eu os amo tanto e vão embora, lá vão eles fazer suas pequenas esculturas, suas pinturas em seus cavaletes pobres, tentar comer com dignidade e paz; essa vida que lhes dei biologicamente eles precisam preencher com esse conceito sobre o viver que leva em conta o tempo e o espaço – essa arena onde gastamos a finitude – como algo obrigatoriamente aproveitável, e que deve apontar urgentemente para a alegria e felicidade. Depois, morremos todos.*

E foram, e já dois não estão em Artesania, espalharam-se pelo mundo de tal forma que não recordo direito o nome dos lugares em que vivem. Muitos pais se alegram de fato quando os filhos vão embora para ganhar a vida. Eu senti minhas vertigens. Não entendi o desfazimento. A Terra não é minha casa. A Terra é cheia de retiros e escondedouros. Meu apartamento, onde não há mais filhos (até meu caçula contorcionista foi-se embora com o *Gran Circo Duchesne*), é feita de pequenas peças e só ali tenho alguma noção amorosa da geografia. Fora dali, a geografia é uma peçonha para meu espírito pouco afeito ao espaço, ainda que meus astronautas me orgulhem porque, como eu, amam o ambiente sideral. Esse espaço de que falo é feito de distância, desamor e desamparo. Não tem fim esse breu, e mais saberás quanto mais eu contar minha história feita de amargura, malvadeza e alguma esperança, que sempre mantenho por dentro para emprestar algum fundamento às rezas de domingo (sim, eu rezo aos domingos, mas aos meus deuses, também sou feito da mesma matéria mística que tu, leitor sobressaltado).

Meu otimismo, esse estado de espírito que é a pequena labareda que trago por dentro, mantém-me aceso como uma vela de catedrais. Farei mudança em breve, sairei deste apartamento para ir para outro apartamento, um pouco maior e mais central. Tudo ficará para trás novamente, como em cada mudança de endereço, os vizinhos, a zona, as calçadas. Vou me desfazer de alguns móveis, questão de acomodação melhorada no novo apartamento. Deixo estas peças em que me acostumei a andar de tal forma que meu corpo automaticamente se inclina para cada curva, para entrar na cozinha, no banheiro, nos quartos, no escritório. Saio com a certeza de que esquecerei em breve este apartamento, até mesmo seus sons, as vozes conhecidas dos moradores, o barulho da engrenagem do portão da garagem; esquecerei tudo. Minha mente precisou treinar-se na arte do esquecimento para não morrer de saudade de tudo que fui deixando ou perdendo. Terei de recusar a oferta de Lamego, o dono da fruteira, que me prometeu um pequeno elefante encontrado órfão em seu pátio. No novo prédio não são aceitos animais. Lamento por ele. De certa forma sempre quis ter um elefante, muito embora os transtornos evidentes que teria para obter sua melhor alimentação. Talvez ele tivesse uma aparência de permanente, mas sei que numa próxima mudança ele também iria embora porque tudo já foi ou está indo e eu não consigo impedir a impermanência do que gosto.

A vida no novo apartamento irá me confortar. Ouvirei o barulho de outras pessoas transitando e ganharei companhias que não saberão de meu apreço pelos sons de seus passos nas áreas comuns do prédio como um contraveneno à solidão. Mas sei que essas companhias, como as atuais, são pouco para dar sentido às coisas e para me alegrar mais verdadeiramente. Os pedaços da vida sempre me custaram juntá-los para melhorar os dias, tudo me parece confuso. Não há uma conexão muito real entre os acontecimentos para que eu saiba sem dúvidas as origens dos prazeres súbitos que me dão aquele riso branco e enorme com que mostro uma alma esfuziante e um tanto falsa. O mesmo ocorre quando uma tristeza e uma desesperança me consomem e me afastam de todos. Eu me escondo em algum canto e fico desaparecido até que uma nova alegria me invada como um sol de verão. Sou assim: um alegre ou um triste, ou um estágio intermediário do qual não tenho consciência e tenho a impressão de que sou levado por águas que não me molham. Mas me movimentam nesse meu absurdo existir, em que nada prevejo

e que, por último, também já quase não me assombro com praticamente nada. Tudo é possível em minha cabeça desorientada, mas tenho receio quando ouço a Grande Razão pousada na cabeça de alguns que me ensinam como o mundo é. O Homem Organizado é uma lei que fala, admiro sua loucura, mas detesto seu enfatuamento, especialmente pelo fato de que não pressente que dentro dele está acomodada e pulsante a demência. O caráter dos loucos não importa; importam os loucos.

O caráter deles é repugnante, ainda mais o caráter dos loucos professorais, os obdurados por esta planilha atual dos feitos acadêmicos, o *Currículo Lattes*, são os juntadores de títulos recicláveis. É espantoso como vagam pelos corredores das faculdades; sua loucura é estupenda quando coletam, cegos a tudo, cada folhinha que o sopro da excelência faz rolar pelas ruas. Adoro ver um *magister* bem nutrido, mala cheia, pastas e mais pastas de certificados que migram para o Lattes rapidamente; gosto de ver como finalizam suas presas em qualquer lugar, pois qualquer lugar é um bom lugar para abrirem suas malas cheias e explicarem como são todas as coisas que verdadeiramente importam. Se tens um assunto que não está dentro da mala dos subjugadores, tu já não tens nada de importante para falar, e já não interessas mais. O subjugador vai deixar-te em pé, normalmente, mas dentro da cabeça dele tu já estás derrubado, ele já te deu um *knock-down*. Não sentes aí dor, mas o *magister* se alimenta do júbilo de ter-te massacrado: ou porque te disse quais são as coisas importantes ou porque te ignorou. Naturalmente, isso exige testemunhas, que esses loucos são mostrados. Gente incrível, exibida, colorida, come casca de ferida, come bem, come mal, come tripa de animal. Gosto deles, quase falam sozinhos. O caráter deles é um lixo, mas e daí? Não estou para julgar corações brutos e nem mentes empedernidas. Sou também um louco ao olhar deles, com uma diferença: eles me reprovam, enquanto eu apenas os analiso para sentir essa diferença essencial. Trabalho como um identificador da diferença. Apenas gosto de fotografar a loucura com olhos perscrutadores. O resto é apenas o resto; também tenho um caráter duvidoso. Pergunto novamente: e daí? Fodamo-nos todos, não nos merecemos. O resto cansa e enjoa, mas antes dele há, na mesa das minhas observações, o núcleo de uma mente que não desconfia de si e funciona sem chamar a atenção.

Essa mente é a deles, os mansos e adaptados. Muitos até seguem essas mentes, o que é estupendo; a pluralização do desatino com aparência tranquila é um

espetáculo que mereceria a venda de ingressos. Recomendo. Com cuidado, naturalmente, senão tu podes te incorporar ao séquito dos malucos e participar das cerimônias de exaltação do Lattes. Aí, não apreciarás mais a loucura; também serás um louco; eu não te desejo este fim, leitor tentado. Pensando bem, não sei que fim desejar-te, nunca estou bem certo de nada, como sabes. Não me apetece convencer ninguém sobre qualquer coisa; mas tenho uma gana impressionante de dissolver em ácido os que desejam me convencer de alguma coisa. Não estou para o aprendizado. E nem para o ensino. Sou um professor, e isso explica tudo. Claro, num outro plano; não fiques com as palavras fáceis e os conselhos elementares. Nutre-te de Shopenhauer, *o destino baralha as cartas, e nós jogamos*. Compreenderá melhor o que te digo. Ou Nietzsche: *e se tu olhares, durante muito tempo, para um abismo, o abismo também olhará para dentro de ti*. Sem essas compreensões não haverá compensações do tipo *tu me entenderás aqui e não me entenderás noutra momento*. Não, tu nunca me entenderás. É preciso saber do que falo. Faz-me a gentileza que tenho procurado fazer-te: apresenta-te a mim, mostra-te. Não fica com esta hipocrisia adulta que traz os pudores que impedem a ti de enfrentar os entendimentos habituais. Rompe isso. Quebra isso. Sê um pouco meu amigo. Eu estou precisando de gente furiosa.

Mas que é a loucura, meu senhor, se não a sentimos e se ela sempre precisa de que algum outro a atribua e conceitue? Eu mesmo sou tido por estranho por parte do Homem Organizado. Quase também um louco (ou coisa bem pior), e isto está certo, eu admito as limitações da minoria a que pertenço. Reconheço meu lugar no mundo, amigo leitor. Já te disse, sofro desde muito da esconjurada *Síndrome do Pânico*, que me consome brutalmente a ambição, a ousadia e todos os arranjos pessoais, pois sou obrigado a parar o que estou a fazer ou evitar alguns desejos porque os horrores dos sustos inopinados desapidadamente me devoram de um instante para o outro. O receio de ser acometido pelas crises subitâneas de pânico mantém-me em permanente e nervosa vigília, levando-me facilmente a sabotar a mim mesmo, numa espécie de jogo solitário de eliminar cobiças e de dar cabo de quaisquer sonhos arrojados o suficiente e que exijam minha soltura no mundo para que eu possa realizá-los. Eu sei que começo a cansar-te com algumas repetições, mas me é difícil evitá-las; talvez poucas coisas, amigo, sejam maiores do que nossas vidas, mas elas existem.

A idéia de Deus é maior do que nossas vidas, mesmo diante de suas imprecisões, o céu é morno quando Deus está nele e é apenas um azul astronômico quando a ciência o esclarece. E a cultura, a Cultura (perdão, talvez seja exigente com os signos) é essa mãe laica assustada de quem não podemos desprezar o amor desorientado e tenso, mas também a violência legislativa com que nos trata. Ela dá a nós a beleza, mas ela diz o que deve ser belo; ela deposita no colo aquecido de sua alegria os seus vassallos, mas exclui de sua tepidez amorosa toda a contracultura, essa reação afrontosa dos recusadores de seu sentido. Reconheço esta Cultura como minha mãe, tenho dificuldades com Deus, talvez depois eu retorne a esse ponto. Vou contar-te um pouco mais sobre mim, perdão.

Há mais de vinte anos estudei filosofia intensamente, beijava a Grande Razão todos os dias durante dezoito meses. Meus estudos foram na capital, duas vezes por semana eu viajava de madrugada para Alísios e chegava às oito horas na rodoviária; dali eu ia para a Praça Carthesius e procurava meu ônibus; *universidade* era a placa do ônibus que ficava sobre a cabeça do motorista, estatelada na parte de dentro do pára-brisa, e eu subia trôpego aqueles degrauzinhos, o coração saltando, pensando em ambulâncias e funerárias. Cursei uma só matéria, genericamente chamada de *Hegel*. O professor foi o filósofo mais extraordinário que conheci pessoalmente, mas tantas foram minhas crises durante as viagens e aulas que precisei abandonar o curso e meu admirável professor. Meu corpo exausto não conseguiu mais viajar; no banco ao lado sempre estava a morte, este fim danado de grandes olhos abertos fixados em mim, e uma terrível hostilidade nascia desse olhar. Morrer a qualquer tempo, assim como quando vejo minha gata preta saltar sobre um passarinho tranqüilo andando sobre o parapeito da janela e meio minuto depois vê-lo morrer entre suas garras. Morrer, o leitor entende? Morrer, acabar, até finalmente desaparecer mesmo na lembrança de alguém que me possa ter querido quando eu ainda andava por aqui, entre a gente das ruas, dos cafés, das faculdades, dos meus alunos, entre todos os vivos. Amigo, acho que perdi a esperança que tinha quando era mais jovem. O quase meio século com que os calendários definem há quanto tempo nasci exigem que eu reinvente algumas probabilidades; de alguma maneira, o tempo tem uma significação petrificadora diante da consciência de que somos finitos. Para os que têm a minha doença, isso é pior: a finitude, mais do que um conceito, é uma boca com dentes afiados e garganta

preta. A inutilidade de ser aquele passarinho, um passarinho que morre assim tão absurdamente nas patas da minha gata preta, morrer assim, pluft, é a mesma inutilidade que vejo em mim, morrendo e morrendo e sempre vivendo para morrer novamente a cada dia, eu, esse passarinho destinado a patas negras súbitas, fatais e inexplicáveis.

Há dois movimentos para a vida: o de retornar para desfazer o que agora nos devora como arrependimento – e esse movimento é essencialmente impossível aos fatos reais –, e outro, o que nos leva para o fim, cujo conceito em nós é, também essencialmente, pura cogitação. E nós todos, de um lado para outro, desequilibrados como pescadores no convés em uma agitação marinha, nos pomos a olhar para cima tentando achar as mãos e os olhos de Deus a nos guiar e compreender. E quando nos faltam as certezas, a voragem do desconhecido nos assusta a todo instante. Falta de certeza, compreendes leitor instruído, os males dos positivistas, essa gente que assassinou a fé com as insígnias de um exército prático?

O fundamento mais crível, de acordo comigo mesmo, para minha doença é um só: uma pulsão entre minhas impossibilidades humanas e a frágil luz que parece iluminar o firmamento. Contudo, como essa impressão se constitui antes de tudo em uma dúvida, não me alivia este sentimento como a esperança alivia o crente.

Mas sempre fui confiante e animoso, e jamais deixei de pensar que um dia encontrarei a cura que me erguerá a uma natureza próxima à da espécie de seres absurdos a que pertenço, e assim estabeleço a base de uma concepção admirável e terrível: eu desejo uma parte desses seres para mim. Eu reclamo um pouco da minha espécie para mim. Eu desejo ser como os que têm experiências tranqüilas atravessando a vida, mas eu detesto também esta espécie, formada por indivíduos que raramente valem a pena, tanta gente para tão pouca arte, tantos cérebros para tão pouco engenho, tanta estranheza no mundo para tão grande paz interior desses epidérmicos que varam os dias felizes em filas de banco, em açougues, dirigindo automóveis lentamente, uns atrás dos outros. Isto é uma aporia psicológica, amigo leitor, mas essa insuficiência não atormenta o espírito dos enfileirados e nem lhes abre os olhos nas madrugadas. Isto alquebra apenas a minoria a que pertenço, a dos que têm consciência da situação tão desesperadora a que somos lançados. Integramos a burocracia emocional sem que tenhamos aprendido a lidar com seus

papeis, com suas funções, que não sabem o que fazer com seu amor. E enquanto as investigações da medicina me desalentam eu permaneço assim, um tanto inexplorado, habitualmente sedado por drogas que ingiro há vinte e muitos anos e longe de muitos encantos que teria se findassem os medos.

Aliás, sonho em um dia chacinar esses alarmes infundados e que impõem tremores a meu corpo com um simples comprimido que algum homem de gênio produza na quietude de seu laboratório. Um pesquisador em seu laboratório. Preciso aqui fazer outra confissão: traz-me um alento de natureza interesseira e quase constrangedora, pois sempre espero que esteja a desvendar os mistérios apenas do meu problema. Penso que o leitor também se tornaria um egoísta maravilhoso se padecesse desse pânico inexplicável ao longo da vida. A sedação de que falo também causa desconforto na minha relação com minha mulher (eu casei, estás informado, desposei outras mulheres, eu esqueci Regina, mas essa é uma história que não te interessaria), pois nem sempre parece que estou sob efeitos medicamentosos, e faço lembrar uma pessoa preguiçosa, que aprecia descansar, fechar os olhos em horários próprios para a atividade. Um homem precisa prover o lar responsabilmente, como diria uma formiga precavida a uma cigarra jubilosa, como afirmariam Esopos e La Fontaines palestrando a nosso mundo com todos os alunos interessados, um homem dos bons sabe o que fazer. Mas um homem como eu, endividado e sonolento, não se presta para ser chefe de família e não deve ser um bom marido, não lhes parece, leitoras contemporâneas? Dirijo-me agora só às leitoras cujos olhos fazem movimentos diferentes daqueles dos homens quando passam por trechos assim, e a atualidade desse olhar bem exemplifica meu pequeno acolhimento às leis da Cultura, como confessei, assim como me motiva a contrariá-la, tenho sede de uma justiça ideológica. De uma emoção alta. Meu coração é vingativo e meus pretextos são abstratos demais. Tão abstratos são esses pretextos que minha justiça se equivale a algo atroz, um cutelo que faço cair com o desnecessário rigor das paixões. Julgo através da história das coisas, e isso conduz a complacências reprocháveis e a punições inesperadas. As mulheres que me vêem como um homem de quem se deve esperar alguma coisa em nome do cumprimento das leis da Cultura são desprezíveis para mim, não obedeco a nada, sou um homem fora dessa legalidade, um bicho sem senhores. Mas também não

entendo isso profundamente, quase não entendo, para dizer a verdade. Movo-me por instinto na maior parte das vezes.

Quando não estou com essas abstrações na cabeça, contudo, amiga leitora, penso em mim como um animal imputável, um desses homens igual a todos os homens que pertencem ao conceito elementar do que chamamos de ser humano. Vejo minha culpa, meu erro, minha miséria. Assumo, como um desses homens elementares, a culpa. A culpa é mesmo nossa, animais que ao longo da evolução lenta do domínio sobre nossas fêmeas não conseguimos cultivar a sofisticação para tratá-las com refinamento, amor desabrido e cuidado sem fim, e exigimos de vocês, leitoras tristes, conforto, favores e sexo sem horário.

Começo a sentir algum aturdimento, é tão difícil repentinamente analisar sem critérios questões evolucionistas em meio a pecados cotidianos. Deus e o Diabo, juntos, produzem uma festa para poucos, eu sei, e quando isso não é compreendido, as acusações são fartas. Minha sexta mulher (sim, tenho alguma experiência em vidas conjugadas), que amo e que é a luz da minha vida, é uma pessoa absolutamente fabulosa, a despeito de seu gênio irritadiço. Culta, leitora voraz de tudo o que vê, tem o espírito refinado, o que se revela no conhecimento culinário, no vestuário incomum que aprecia e na impressionante memória sobre personagens de literatura. É de pouca fala e muito concentrada, na maior parte do tempo, mas também é dispersiva diante do que não lhe interessa. Um tanto impositiva, é também a legisladora do lar e exerce com aprimorado requinte seu domínio sobre mim, o que de pronto me afasta alguma reação mais chã, pois resto inerte diante de sua autoridade, que se projeta mesclando maciez e dureza, candura e rispidez, meiguice e militarismo. Imagino que talvez nunca venha a ser dado a nenhum homem encontrar mulher assim, e me regozijo diante do que sofro porque não poderia ter algoz mais aperfeiçoado na arte de fazer alguém sofrer sentado na enorme pedra que ela própria nomina de amor.

Submeto-me com tolerância e fúria ao verdugo caricato que ela encarna – e por vezes encena: é que aos cinqüenta anos, vividos quase todos entre paixões e mulheres, aprendi muitas das faces caleidoscópicas com que se mostra o amor, e sei que o carrasco que me apresa é a claridade que vem lá bem de longe, sem se conter, para me dizer eu te amo, nem que para tanto apresente aos meus olhos apenas uma espécie de fria intolerância ao que sou. Com os anos, eu, de minha tão

pobre parte, porque penso que pobre em quase tudo sou, hoje já a amo com outra disposição e natureza; essa disposição e natureza novas elas foram nascendo em mim e me permitiram assimilar minha mulher de uma forma tão mais elaborada que sinto algum orgulho desse aperfeiçoamento sutil que me faz entender a sua extravagância silenciosa, o curto bordado de sua fala seca. Eu não sei esconder a paixão em lugares tão profundos e tão ocultos como ela sabe, a ponto de revelar ao avesso essa paixão, confundindo, não deixando rastros, cultivando charadas e esboçando mapas psicológicos de rara decifração. Mas eu, eterno perseguidor desses encantos ao mesmo tempo pequenos e imensos, deixo-me apreender por minha nobreza para tornar minha libertação, antes de um ato de coragem, um caminho romântico.

Faço de conta que me perco, brinco e jogo, mas ela não parece lúdica, o que torna o convívio difícil porque somente após muito padecimento é que vejo seu sorriso estampar-se como uma cortina branca da paz, dando conta de que encontrei a nudez de seu espírito e que nada mais há atrás do véu diáfano com que ela recobre seus mistérios. Assim, metaforicamente desnuda, está normalmente em sua melhor roupa ou em improvável combinação estilística: é quando faz a cara da mulher que sonho e que tenho, mas que somente se mostra como tal após exigir-me o percurso de todas as veredas que levam a si, para que eu peregrine e perceba a dificuldade que há em obter o seu fulgor e certificar-me de sua unicidade. Tudo isso poderia ser compreendido como uma simples arrogância da minha mulher, ou uma injustificada e rude ascendência, mas se constitui numa partida de xadrez invertida, onde a vitória cabe a quem deita seu rei sobre o tabuleiro. Eu aceito passivamente a deposição de meu monarca, e ela também. Eu a domino nos momentos de exagero, quando meu ânimo não se contém com pequenos exercícios de felicidade. Eu a levo junto com meu riso e minha estimulação superior, obediente a um voluntarismo e a uma forma espiritual que me impede a contenção. Gasto, planejo, torno-me megalômano, e mesmo que todo este estado seja efêmero, ela sabe que de certa forma vale a pena acompanhar-me na imensidão de meu apetite. É quando ela deita o seu rei com uma espécie de alegria assustada.

Quanto a mim, minha principal peça é jogada ao chão quando o seu olhar profanador me toca ou sua energia de amor lhe falta, tornando-me destinatário exclusivo da sua lei doméstica e marcial. Eu a enfrento no âmbito inexpugnável da

sua potência regradora, onde ela impera com força e desencanto. E assim vamos, eu e ela, nutridos pelo que o outro tem de pior, mas tomados de um amor que, sádico, aprecia machucar e, masoquista, apetece padecer. Ela normalmente faz as vezes de caçador, mas eu nem sempre me presto a ser a presa. Também me permito certas ocultações, algumas tão longas que nem mesmo ela sabe se sou ou não de certo jeito em relação a algum aspecto da vida, pois posso ter fingido desde os primeiros rumores de que nos estávamos enamorando. Isso me diverte muito, mas nada celebro com visibilidade suficiente para ganhar o lugar comum das pessoas meramente alegres. Tenho meus pudores, e a alegria estabanada e descontraída traz consigo um improvável desconforto. Vexo diante da clareza compartilhada com todos, e por essa razão reprovoo o democrata feliz com a partilha das intimidades devassadas, porque pensa que o indivíduo não importa tanto. A democracia tem algo de devassidão, de composses de segredos e de publicidade do que não se quer ver ampliado. Seja como for, dessa forma tenho me conduzido na vida, vendo destruído o que construí e tentando me recompor do desalinho. Percebo que talvez tenha a mim sido dada essa maneira de viver, e assim penso que hei de encontrar, para não morrer, a hipótese da felicidade silenciosa, que aprecio sobremaneira e que, como te disse, integra minha utopia, a de equiparar-me a um homem comum. Por que pensaste que era o contrário o que eu te dizia? Avisei ao início, se não souberes ler, não lê, será melhor para ti, não te surpreenderei tanto. Ok, tu és quem sabe o que deves fazer. Incomoda-me dirigir-te, mas tua expressão não me é conhecida, estás muito ausente, talvez não devêssemos nos haver encontrado nem mesmo por aqui, nestas páginas desnutridas de normalidade humana.

O leitor talvez esteja motivado a duvidar da veracidade de minhas informações. Seria mesmo sensato fazê-lo. Devo fazer constar, contudo, que não estou prestando informações, mas inventariando minha vida emocional de tal forma que meus contágios, vindos do exterior para dentro de mim, encontram-me sempre com um mínimo de resistência racional para negar de pronto o que me causa má impressão ou me assinala a contragosto. Sou tributário de favores à dialética, que me animou a duvidar por princípio. Entretanto, o que já está dentro de mim e quer ganhar o ar, o que de mim quer sair para infectar o exterior, não sou eu próprio o seu dono. Meus desgovernos evitam dar-me o leme para reencontrar as rotas de

correção. O leitor, uma vez mais, talvez tenha motivos para afirmar que não está entendendo aonde quero chegar. A regular gentileza que anima meus modos tentará esclarecer melhor este estado de coisas e de fatos psicológicos. Vê bem: o recato de meus gestos, mesmo diante da alucinação e do frenesi causados pela clausura do que sou, me tornam uma pessoa que faz minhas ações discreparem do que estou sentindo, de tal maneira que costumo parecer incongruente, contraditório, disparatado até. Mas em verdade apenas não faço voarem os animais desbravadores que abrigo no peito através de gestos barulhentos ou da propaganda de meus planos. Simplesmente, quando transbordo, já apresento o resultado de algo que amadureci em meus delírios, e o faço com a expressão de uma pessoa compenetrada. Assim, revelo objetivos que frequentemente são tidos por espantosos e que me confundem aos olhos dos que avalizam a sanidade.

Estes seres humanos, os abonadores da normalidade, têm-me por uma criatura desarrazoada. Fazem uma espécie de silêncio obsequioso para não darem a entender que me estão a analisar. Essa dissimulação insuportável me faz lançar-lhes um sorriso propositalmente desvinculado do assunto. Esta imperfeição quase inteiramente visual os confunde ainda mais, e então experimento o meu verdadeiro riso, o que mora em meu cinismo debochado. Bem sei que esse caráter duvidoso não me bonifica na vida coletiva e nem se traduz em uma alegria para mim, mas me divirto um pouco, e a importância do divertimento está em passar o tempo sem aquele clarão de consciência que nos sussurra salmos para sermos justos o tempo todo. Tu deves estar pensando o que imagino da justiça, não é mesmo? Pois penso que ela deve ser como a caridade, apenas uma hipótese da vontade. Quem não quiser ser justo não será um mau homem somente por isto. A justeza do que fazemos tem uma relação rarefeita com a matemática, e não será a estatística uma lei para os homens, a não ser que queiramos, como já querem tantos, um homem que se exprima em gráficos desenhados nas lousas de universidades. Esses homens, os que fazem o bem ou o mal de acordo com critérios objetivos, são julgados pelos funcionários administrativos da moralidade. Esses que estão cada vez mais espalhados pelas ruas, pelos órgãos públicos, dentre os professores, nos cafés e nas casas políticas. A totalidade de um homem perdeu a importância. Só suas parcialidades é que são estudadas, e esses empregados assalariados para divulgar as ideias alheias, esses cultores do Bem que uns inventam e que distribuem

as cartilhas de adoração, acreditam que juntando todos os pedaços formam novamente um homem inteiro. Essa é a pedra angular do ensino multilateral, pluralista, e tem um fundamento crivado pela idéia de partilha amorosa do conhecimento, mas esconde no fundo o vício de uma deficiência venenosa: não sabem mais qual o homem que estudam, e esse sujeito, o que chamam petulantemente de *Homem*, já não é mais do que um miserável conceito de constrangedora fantasia.

Minha alma se contenta com as distrações apoucadas que tais reflexões me produzem, e que eclodem com alguma valia mais densa umas duas ou três vezes por ano. Mas que são, comparadas com os meus propósitos de professor de filosofia, bastante úteis. Algumas conclusões a que vou chegando ficam paradas no ar por uns cinco anos e animo minhas aulas com o sentido de suas significações. Meus livros me ajudam, estou sempre a manuseá-los, até o ponto em que preciso soltá-los para que não me iludam de que o mundo possa ter alguma viabilidade e que existem, de fato, algumas pessoas extraordinárias como super-heróis de histórias em quadrinhos. O que significa ser extraordinário? Um homem extraordinário movimenta-se dentro de seu reino, refestela-se em seu poder, dá braçadas no oceano de seu saber invejável ou de seu talento desmedido. Boa parte desses homens precisa escrever livros para não morrer na miserabilidade de um anonimato quase desonesto. Eu compro livros de homens extraordinários, pedintes de reconhecimento. Reconheço suas solicitações e a justificativa da demonstração de inteligência e sensibilidade, são apenados dessa gigantesca penitenciária que é o mundo da invisibilidade. Não querem desaparecer junto com suas pegadas. Alguns preferem as pegadas a eles próprios, eu os entendo. Mas lá no bem fundo de mim percebo seus perigos e suas insinuações dissimuladas. Eu compro seus livros para identificar os exércitos da Grande Razão, mas eu os abandono ao menor sinal de que estão a me persuadir com a insídia de sua magia desesperada. As palavras são juntadas para fecundarem frases poderosas. São sementes espalhadas no solo desértico da vida. Os homens extraordinários as produzem em busca de algum sentido. Mesmo frágil, um significado qualquer aquece a si mesmos com as luzes de seus corações solitários e frios, mas que ficam ardentes quando são percebidos. Nem todos conseguem deixar suas pistas, como pinturas rupestres agarradas nas paredes da eternidade, e sua incompetência os tornarão esquecidos para sempre.

Nem um gesto sequer de suas vidas inteiras será lembrado meia dúzia de anos depois de suas mortes, tudo se resumirá ao não cumprimento das exigências irredimíveis da arte e do sublime. Há escalonamentos, níveis, nessa merda de sermos lembrados, e muitas vezes a mediocridade é mais eficiente do que a elevação. Um homem mediano, quase apagado, pode perenizar-se na humanidade à custa exatamente de sua pequenez, o que faz com que o sublime perca a hierarquia e um pequeno gesto incruste-se na História com mais fixidez do que a mais comovente beleza. Veja os Conselheiros do Espírito, esses indivíduos que mercanciam o consolo aos aflitos. São menores, mas mais eficazes para grudarem-se na memória de gente triste. Merecerão o favor da permanência nos espíritos que aconselharam. Nem sempre a arte é fundamental, leitor aristocrata, tenta entender melhor como as coisas estão postas neste mosaico fodido em que caminhamos anos a fio. A compra desses livros também me diverte um pouco, ainda que meus cobres se dissolvam na acrimônia enganadoramente neutra das caixas registradoras de livrarias, que vendem livros como quem comercia peixes.

Isso é suficiente para enxertar em minha mulher um estado mental de desespero e terminação. É quando ela me entrega os olhos de que falei e corrompe o amor evidente pelo amor escondido atrás de palavras e atitudes que o escondem de tal forma que parece inexistir. Eu fico nervoso, músculos retesados, desamparado, como se estivesse só, sem família, sem mulher, sem nada. Tomo uns tragos em casa, e o álcool reage mal à combinação com meus remédios, e apago tudo da cabeça quando a ressaca aparece em meu corpo decaído. Não é uma solução que procuro com o auxílio de uma consciência desenvolta, mas uma espécie de aproximação quase fortuita de alguma garrafa com destilados, única formulação química que me apraz ingerir. Aprecio uísques, especialmente os vagabundos, que bebo sem a culpa de ter de apreciar um sabor culminante. Sei que são ruins, mas se prestam ao resultado. Fico curiosamente hostil e digo coisas impensáveis quando o uísque se dissolve no meu plasma em proporções entorpecentes. Empresto ironia exagerada à minha discursividade. Acabo sofrendo um processo de soltura demoníaca de recalques quase alegóricos. E não tenho um deus para o esconjuro de seu anti-nome. Nestes momentos, por sinuosas razões, brincamos de estar presos à liberdade e libertos na prisão. É legal isso tudo, mas

não sabemos direito como sair dessa filigrana cúmplice, e sofreremos juntos a loucura do amor e da indisciplina.

De vez em quando, reúno-me com amigos. O álcool está sempre presente, mas nem sempre bebo. Aliás, na maioria das vezes, bebo pouco. Reservo-me pequenas quantias. Quando, ao contrário, acabo ingerindo mais do que posso, produzo falas arrastadas e divulgo idéias súbitas que parecem morar em mim desde que nasci e as defendo com a propriedade irritante de quem anuncia impressões frágeis com a qualidade de axiomas. Meus amigos também bebem, ministramos lições singulares sobre muitos assuntos, uns ao mesmo tempo em que os outros, com particular apreço pelas análises políticas. Antigamente havia em nós uma concentração formidável de amor pelos trabalhadores, especialmente os mais humilhados, e procuramos manter esse amor em nossa fala como uma grande gosma moral, essa mesma gosma que nos faz amar as coerências mesmo quando não têm nenhum sentido.

De uma maneira ou outra, a Guerra Fria pousou em nós uma análise dogmática do mundo que precisamos manter, sentimos um pouco o peso do pecado e do erro nas interpretações diferentes da nossa, e toda a direita deve ser combatida. Mas, amigo leitor, preciso fazer-te uma confissão: eu, que já não gosto mais de ir tanto para frente, passei a desconfiar de que também já não aprecio muito ter de ir para trás. Perdi meu lugar. Minhas referências, mesmo as teóricas, me trazem o sabor de uma urina azeda, parada em um vaso sanitário há muitos anos; tenho vontade de vomitar em mim mesmo e na Grande Moral, aquela filha da Grande Razão que um dia me levou distraído para nunca mais me devolver à inocência que tinha quando nenhuma crença me era necessária para viver e de nenhum saber tinha eu precisão; bastava-me somente ouvir o rádio e as histórias do meu avô, naquelas tardes de pouca luz vinda das pequenas frestas existentes nas dobras dos postigos antigos e semi-abertos daquele quarto. Daquela peça que foi o único aposento que conheci nesta minha vida de tantos leitos.

Há algum concerto tácito para que, ao final de análises estorvadas, eu e meus amigos nos aproximemos de conclusões parecidas, ou cheguemos à falta delas, o que, para bêbados, pode ser a mesma coisa. Na casa de um ou na casa de outro nos encontramos; já estamos em uma idade em que largamos os bares para trás. E levamos as mulheres e as apartamos de nós e as ajuntamos num grupo em

que só elas ficam com seus assuntos, e elas vêm de lá buscar a carne aquecida que preparamos, e todas visitam nosso grupo e não se integram a nada do que dizemos. Formamos dois ajuntamentos independentes, cada qual com seus particulares, mas a razão dos encontros é masculina e nos revela varonis, com uma potência manifesta e falsa de machos não mais jovens; nossas mulheres nos secundam, nos coadjuvam, nos servem e são chamadas a recordar coisas que nossas cabeças embriagadas já estão a confundir e a esquecer. São reuniões improdutivas, como improdutiva é a amizade, mas dá prazer, como dá prazer a amizade. Entre a produção e o prazer, entregamo-nos ao churrasco e rimos de nada. Emitimos nossos juízos proféticos sobre política e futebol como se vaticinásemos academicamente sobre a vida humana. Enquanto não recupero a lucidez permaneço entristecido após os encontros, afinal um tanto brutos porque as amizades antigas, vencendo os anos, dão-nos às vezes a impressão de que a delicadeza pode ser deixada um pouco de lado. As ressacas alcoólicas, hoje cada vez em menor número, já foram grandes. Temos conversas de paixão pela humanidade ao mesmo tempo em que, traídos por nossos demônios ideológicos, rimos, do alto de nossa tímida opulência, dos pobres e negros, das putas, dos doentes e dos fracassados; enfim rimos do que é diferente e distante de nós; por enquanto, nossa saúde e nosso dinheiro de sobrevivência intermediária introduzem em nossa mentalidade pequeno-burguesa alguma ideia de força e de esperança num mundo que sempre está por vir e por cujas mudanças nos sentimos responsáveis desde o centro de um inconcebível humanismo e de uma lídima esperança de imortalidade e de dominação.

Falamos como esquerdistas; talvez daí venha a confusão que produzo. Analisamos e julgamos gente feita de outra matéria, e os condenamos porque são de outra matéria. Isto hoje já me cansa; há muito meus julgamentos são aleivosos, não odeio mais nada ou alguém, mas também me é muito difícil discernir claramente sobre o que amo. Essas pessoas, nossos condenados, nem sabem que viemos de cima das nuvens, anunciados pelas trombetas de nossa própria deselegância, e essa soberba está oculta a sete chaves por nossas impossibilidades emocionais de admirarmos a riqueza e os ricos. Admirá-los significaria que perdemos o pudor, e a coerência da Grande Moral nos espatifaria o destino diante de tão imensa falha de caráter. Mas...chega mais perto, amigo, penso que nossa deslealdade em relação

ao credo ao qual abertamente ainda muito dizemos professar, o comunismo, é um segredo bem maior, mais constrangedor. Nosso apreço por estar onde estamos, bem no centro da classe média escolarizada, pulveriza a realidade de nosso amor à humanidade. Pulveriza? Talvez não, talvez nossos satãs não nos tenham levado ao interior da perfídia mais pecaminosa, mas nos tenham mantido no estrato do romantismo ingênuo, onde os discursos socialistas, e mesmo os comunistas se prestam para, em nossas biografias atrapalhadas, nos absolver da gravidade e do paradoxo de nossa vida dupla e sem má-fé. Estamos envelhecendo aos poucos e nada vai se mostrando como algo que possa superar esse longo estágio de convívio das noites de algaravia amistosa, a filosofia ao derredor de churrasqueiras, a conversa esclarecedora cultivada pelas bebidas entorpecentes, a sabedoria de rodapés de obras menores e o processo de cultuarmos a nós próprios por acanhamento e embaraço de encontrar alguém melhor e mais luzente.

Mas meus amigos são meus amigos, e isso basta; não sei para o quê, mas basta. Talvez para a pequena diversão de vermos a alma saltitar em cumplicidade, uma espécie de jogo que impede a morte solitária. Isso é, de fato, muito. Nossa maturidade é medida por nossas mulheres, e não temos as melhores notas, somos casais soltos no universo e na totalidade humana, sem termos, em alguns momentos, nenhuma justificativa para sermos um casal. Mas talvez nenhum casal tenha alguma justificativa para tanto, a não ser que o amor se sublime como conceito absoluto e sobre todos ponha suas mãos salvadoras para que não pensemos em mais nada a não ser nos olhos dos que amamos. E nos braços e nas pernas, e no sexo e na paixão, e no companheirismo e no convívio afetoso, ainda que isso não se possa explicar nem sob a clareza do sol e nem sob a escuridão das noites. Viver juntos por viver juntos, uma sina humana inescapável a quem precisar de outro corpo e de outro espírito para contar as experiências do dia e os desprazeres do trabalho. Vida áspera. Oh, quão farpado é o viver de um homem e de uma mulher! E, apreciado leitor, lembra-te bem: eu não minto.

Mas é exatamente na abrasiva e rugosa vida dos casais que, como disse ao amigo leitor, amo com imensa sofisticação minha mulher, recolhendo-me aos recônditos lugares onde estão as dobras mínimas dos desencontros para reaparecer, logo depois, salvo pela dialética dos amores que tão bem domino, noutra dobra, já sorridente e carinhoso, levando-a comigo por caminhos que invento

com finalidade redentora. Ela também faz isso, e vem e vai, sumindo amofinada por detrás de uma porta batida com força e ressurgindo fulgurante, com olhos de paixão, nalgum cômodo deste apartamento em que estamos instalados, e jura amor e jura união, e juramos coisas e mais coisas, tantas coisas que são até mais do que as coisas que digo sem saber quando o uísque me envolve em seu torpor deletério. Assim é, tu podes acreditar, eu não minto nunca.

Um dia desses, estava sentado na sala de estar folhando um livro do Ken Wilber quando chegou o jardineiro da casa ao lado para me dizer que o meu vizinho estava morto na cama e que seu cachorro o lambia sem parar, ganindo agitadamente. Disse-lhe para chamar os para-médicos e a ambulância, para que pudesse ser atestado o óbito se morto mesmo estivesse. Walter poderia não estar morto, mas cataléptico, ou ter tido um desmaio profundo, sei lá. Ele disse que já havia chamado, e quando entrei na casa de Walter ouvi já próxima a sirene do carro branco. Dele saltaram três homens, um deles trazia um desfibrilador em mãos, e estavam todos de luvas e uniformes. Fiquei do lado de fora do quarto e percebi um movimento intenso e muitas vozes e conversas apressadas entre os agentes de saúde. Dez minutos depois, saiu na porta um homem cujo crachá indicava tratar-se do doutor Álvaro. Com um ar bastante pesado, olhou para mim e para o jardineiro e disse:

– Quem são os senhores?

– Esse rapaz é o jardineiro da casa e eu sou vizinho, fui chamado por ele.

– Faleceu, não há o que fazer. Onde estão os familiares?

– Seu filho é uma criança, e presumo que esteja no colégio. Sua esposa trabalha em uma loja no centro da cidade, mas não sei bem qual é.

– Nem eu. – disse o jardineiro.

– Preciso entregar o atestado de óbito a algum familiar em primeiro grau.

O jardineiro disse que sabia onde localizar o telefone celular da esposa, mas que não tinha coragem para dar o telefonema. Eu disse que ligava, e liguei, e falei e contei tudo, e ela disse que estava vindo, e desligou o telefone chorosa e com voz de desesperação. O cachorro estava sentado nos pés da cama. Eu vi, pela réstia da porta do quarto, o corpo imóvel deitado de barriga para cima – a camisa aberta até o umbigo.

– A princípio, foi problema cardíaco: ou um enfarte, ou uma morte súbita por outro motivo. – disse o médico.

– É. – disse eu. – Só pode ter sido. Ainda ontem à noite o vi guardar o carro na garagem.

E Cristina chegou, e mal conseguiu falar com todos e foi logo pranteando Walter e o abraçou na cama, e não acreditou que tivesse morrido. Recebeu o atestado de óbito e chegaram os outros familiares avisados, e alguns foram dar conta da funerária e da programação fúnebre.

Eu, após duas horas dentro da casa de Walter, voltei para a minha, e quando entrei já encontrei minha mulher. Ela achou aquela desocupação da carne uma pena e demonstrou a surpresa própria de quem vê sumir para sempre alguém que se enxerga todos os dias. De qualquer forma, ainda conseguimos almoçar. Eu pensava no cachorro.

Passei a semana regurgitando o conceito de fim da vida, e vivi fixamente a idéia de que tudo se agrupa enquanto vivemos e forma um todo que desaparece junto com a gente; transformamo-nos, nas rumações nostálgicas dos que ficam por aqui mais um pouco, em uma etiqueta indicativa do que fomos: o João da Sapataria Silva; o Marquinhos engraxate; o Prefeito ordinário; o pai do Celso. Alguns merecem um adesivo com uma espécie de logotipo: o dono das Lojas Baroque; o deputado dos Aposentados; o Chico Defunteiro. Há outros que somem os nomes e são lembrados por referências: aquele que andava sempre junto com o Paulo Farmácia; o cara que comeu a mulher do Japonês; a mulher do Provedor da Santa Casa de Misericórdia. Ser algum desses equivale a um pedacinho desse todo que custa mais a minguar. Mas esse todo também irá desaparecer por completo quando os que ficaram lembrando os que morreram também tiverem morrido, e se não houver qualquer legado de alguma importância muito considerável que esse grupo possa deixar. Também ele todo irá desaparecer da lembrança de todos os homens e mulheres vindouros. Neste dia, o nada me pareceu como nunca que será para sempre, e esta descoberta, este *nec plus ultra* da antiguidade, é ainda o que de mais inexorável há. O pó, somente o pó, *memento, homo, quia pulvis es et in pulverem reverteris*. A frase em latim, sendo mais lapidar, conta tudo. Seu eco se produz como uma sentença vinda através dos séculos e ainda superior a qualquer esperança vulgar de imortalidade. O olhar integral para o nada produz algo maior do que um

acidente da reflexão. Enxerguei a garganta do nada, a sua imensa cratera, e ele me pareceu a única coisa a fazer sentido entre todas as coisas. Tive medo deste sentido, mas reconheci respeitosamente a sua lógica inflexível. O fim existe e faz sentido; mesmo estúpida, pode ser bela a torpeza de uma significação.

Retomo agora aqueles pensamentos de transposição de nossos tempos para outros. Noto que este tipo de desaparecimento talvez tenha acontecido a algum cidadão romano que muito riu com algum amigo aos tempos da Velha República, antes do Império, e que hoje não apenas ninguém sabe o motivo da risada como especialmente se desconhece se houve um sujeito que riu assim. Pode ser o caso de uma mulher medieval que pediu emprestado um pente de osso a um trabalhador de alguma guilda alemã e ele se sentiu cortejado, mas ficou em profundo silêncio e jamais contou a ninguém porque a mulher era casada com um rico aldeão local, que empregava matadores para cuidar de seu ciúme, e jamais saberemos se isso foi verdade e quanto custou a emoção da desconfiança de tal homem sobre o possível cortejo da mulher. E quem sabe uma relação sexual extraordinária mantida entre um prisioneiro judeu e uma disciplinadora da Gestapo, os oficiais distraídos com o pôquer, e depois desse dia nenhum deles viu o outro, mas ela envidou todos os esforços para retirar seu arfante e veloz amor da fila das execuções. Sem êxito, contudo. Hoje, ambos já mortos, o que sobrou daquele gozo senão o aplauso de uma platéia abstrata àquela fatalidade momentaneamente exitosa do fervor e do sexo? Estes são apenas exemplos – arquetípicos para o imaginário, é verdade, mas o que são os exemplos? De exemplos não vivemos, e nem os exemplos formam a realidade (são forças empíricas radioativas: ensinam o futuro, mas não se repetem; a realidade nunca é. Apenas no máximo está. Meu caçula Heráclito ainda haverá de pronunciar *phânta rheî, tudo flui*).

As esforçadas metáforas da arte ou do discurso, em situações muito específicas, são insetos à procura de suas espécies, mas os entomologistas da Grande Razão sabem muito bem onde colocá-los – espetados em alfinetes, dorso encostando em isopores, um nome científico, sempre em latim, logo abaixo. Admiro o fascismo dos grandes diagramadores da vida, impõem ao indivíduo a espécie a que pertencem, mesmo que não queiram pertencer. Não há dissidências possíveis na ciência: ou você pertence a isso, ou àquilo. Mas a escolha não é tua, nem que te constituas em um ser humano. Os cientistas são do caralho, relacionam coisas,

bichos, plantas e minerais com um prazer próprio dos fatiadores do mundo. À força. Militarmente. Nada se pode contra os cientistas. Admiro seu poder, sua capacidade de constituir fatos, sua incapacidade de trocar opiniões com quem não seja cientista. Os poetas, tantas vezes seus opositores, têm aquela voz fraquinha para plantar a verdade, mas tem um som tonitruante para cultivar arrepios até mesmo nas carnes enrijecidas dos seres mais brutos. A arte contra a ciência; a primeira abre fogo, mas a segunda é desdenhosa, e não aparenta sequer ter identificado o inimigo. Mas os poetas adoram as metáforas, adoram tudo o que irrita aos cientistas, adoram a ilusão, a mentira interessante, a falta de solução. As metáforas são os amores perigosos dos poetas. Sempre correm riscos: se não é a ciência que lhes desdoura em vida, a morte, a própria morte, sem metáfora alguma, lhes chegará também algum dia. Trará consigo a cruzeira de uma arma tão real que pode ao amante arrancar o coração e fazer-lhe jorrar o sangue numa calçada infecta, sem dó, sem comiseração, sem clemência. Deus está por todos, mas a alguns ele é mais claro. Sim, essa é minha opinião, amigo leitor, e eu não minto; entende melhor o cientista e o poeta, mede o poder, mede a verdade, e verás como tudo nasceu para ser feio e obscuro no que interessa verdadeiramente.

O resto, a arte, será apenas uma elegância sem efeito, uma bebedeira interminável, necessária apenas para embaralhar a visão dos que desejam morrer sem perder para ninguém, especialmente para os cientistas. A natureza, amigo, esse conceito tão formidável, é uma coisa na cabeça do cientista e outra no interior de um poeta. Tu verás. Vive cinquenta anos como eu, e tu já verás. Nesta idade, pormo-nos nus não causa embaraço. Temos um orgulho não mais físico, a ironia já é um vício incurável. Mas não confia muito: dentre nós, os que vamos envelhecendo, há inúmeros que continuarão idiotas até morrerem. Dói-me apenas que, no segundo imediato após o falecimento, sejamos tão completamente iguais. Meu pequeno prazer nesta área verifica-se no fato de que, no segundo imediato antes do falecimento, eu saberei perfeitamente o que está acontecendo, enquanto o idiota deverá estar apenas apavorado. A morte verdadeira não é um problema para mim; meu medo é a sua hipótese antes de ela começar a acontecer. Tu sabes, já te disse tantas vezes, essa é a doença magistral que me decompôs, eviscerou-me, arrancou-me os membros, e, feito um torturador que gosta de seu trabalho, costurou-me com arame para não me deixar morrer de verdade. Só por diversão. Minha enfermidade é

uma diversão. Mas eu nunca ri, só tratei de me esconder. Não sabes o que é isso, amigo, tu não sabes. Passa-me, entretanto, pela cabeça uma conjectura gelada: e se o idiota for eu?

Passei uma semana inteira deitado, pensando em todas as coisas da minha vida.

E foi assim que, depois de uma semana de suposições e de fatos muito intensos, que cheguei ao café para ter com amigos e ouvi a frase que gravei com facilidade.

- O democrata matematiza o mundo e lhe solapa a alma.

Isso foi dito por quem não participava com consciência da própria frase, era um frentista de posto de gasolina que trabalhara para um industrial rico e fora demitido por motivos não bem esclarecidos. De lá saiu para trabalhar no posto.

Disse duas vezes:

- O democrata matematiza o mundo e lhe solapa a alma.

Não falava comigo, estava numa roda que sequer era a sua, para a qual havia afluído antes de minha chegada, mas foi ali que pronunciou a tal frase para risada dos demais, que também não estavam interessados na materialidade do que ele havia dito. Materialidade? Sabes bem o que é isso, não é, amigo leitor? O frentista se prestava, como tantos seres perdidos nos cafés, a ser uma espécie de parvo que sabia estar sendo zombado por vários, e estes se sentiam mais espertos e tudo gerava um divertimento epifânico. Mas ele, por isso mesmo, permanecia na condição de bufão com alguma alegria, até dizer alguma coisa que, mesmo não havendo entendido, sabia possuir algum elemento de desconcerto. Não conseguiu desconcertar o grupo de risonhos, mas plantou em mim uma dúvida que, dali para frente, eu saberia que iria levar comigo até a morte, quando talvez não a tivesse dito para ninguém. E séculos depois eu seria um modelo do mesmo nível daqueles exemplos que eu próprio imaginei sobre as figuras humanas. Meu túmulo, meu silêncio, meu desaparecimento e meu inescapável esquecimento através das gerações para as quais não serei referência alguma, exatamente como quase toda a humanidade morta não o é para quase toda a humanidade viva. O que de mim restar permanecerá imêmore, e mesmo que meu epitáfio possua algum engenho será também deslembrado, e ficará coberto pelas urzes que lentamente fazem a cobertura vegetal dos que submergem no chão e são engolidos pelos tenebrosos

buracos sempre abertos dos cemitérios. Os coveiros os tapam como quem agrega selos a correspondências, na expectativa vaga de que os remetentes cheguem ao destinatário, aqui nominado habitualmente *Deus*, para aplacar a ânsia das almas chorosas de saudade. Em que sítio me soltarão os anjos-carteiros quando eu me for? O serviço desse tipo de correio tem suas estranhezas, e o extravio de um corpo pelo caminho é coisa grave demais que se possa aqui comentar. Dentro de mim, para sempre morta, a frase do frentista: – o democrata matematiza o mundo e lhe solapa a alma. Tu saberias de algo, leitor talvez atento à Plataforma Lattes, tu saberias de algo localizado entre a lucidez e a demência e que seja apreciado por ambos os lados?

Deixei o frentista e o grupo para trás sem ser percebido. Bem ou mal, fiz as refeições com alguma tranquilidade durante aquela semana, exercitei-me ridiculamente em casa, li alguns textos de filosofia, fiz amor incompleto com minha mulher na sexta-feira. No sábado, vivi outra experiência interessante. Para que eu a conte, preciso relatar ao leitor que desde os vinte e um anos interessei-me por libélulas; apreciava vê-las no verão zigzaguearem no pátio de uma casa em que morei no *Las Araucárias*, um pequeno condomínio de imóveis bons e sons raros, com vizinhos caminhando com suas crianças e seus chimarrões nos finais de semana, um pouco distante do centro de Poentes. Sobre as plantas, perto de mim, os pequenos helicópteros davam rasantes nas folhas, desciam sobre elas, alimentavam-se ali. Sempre as achei assim, insetos-aeronaves, bichinhos intermediários entre insetos e pássaros. Essa casa ficou para trás em minha vida, aquelas ruas do bairro, aquelas caras públicas de espíritos privados que tinham os vizinhos, as pinhas para iniciar o fogo da lareira, um ar pseudo-rupestre, uma aparência de isolamento dentro de um recorte parado da humanidade, o vento álgido no inverno. Saí de lá tão pobre quanto um retirante; vim tentar viver novamente no centro da cidade.

Depois das quatro da tarde, quando está bem quente, as libélulas volteiam sobre os matos, sobre a grama, sobre as cabeças da gente, invadem as casas e, retidas, esboraam-se contra os vidros das janelas em busca de soltura, revelando visão mínima e pouca esperteza. Mas são lépidas, bonitas e de forma rara. As asas, mesmo que paralelas na horizontal, me fazem recordar as asas paralelas na vertical do 14Bis, e as imagino transportando pessoas dentro de si. Um vôo espetacular, a

visão do mundo a partir do interior de um inseto, curvas impensáveis, loopings, parafusos, aterrissagens instantâneas, corpos soltos no ar chupados pela gravidade até caírem sobre uma folha.

Em meu estado, e isso talvez o leitor já tenha ouvido falar, toma-se o chimarrão, e quando o sorvemos sozinhos nos prestamos muitas vezes a pensar no mundo. Pois mateava eu no último dezembro quando, por dentre as poucas plantas que possuo na grande sacada do apartamento, saiu uma gigantesca libélula. Estava escondida atrás de um fícus bem copado que mantenho dentro de um vaso grande; nem sei como não a vi, pois era bem mais larga do que o volume das folhas do fícus e até mesmo do que o vaso que o acolhe. Batendo asas sem sair do lugar, aproximou-se de minha cadeira e soltou-se levemente sobre as lajotas aquecidas. Sua cabeça era maior do que a minha, ficou inclinada sobre as patas traseiras, mais curtas que as dianteiras. Achei quealaria, mas nada disse. Contemplei-a, assustado e muito curioso; tinha pêlos acanhados e olhos enormes, mexia levemente as asas transparentes e muito fortes. Permaneceu algum tempo ali, e depois levantou vôo fazendo barulho e atijando a poeira das lajotas; subiu em alvoroço impressionante e em instantes voltou a ser uma libélula normal, apenas um inseto, e perdi-a entre as folhas das minhas plantas e as outras libélulas que por ali voavam. Eu não minto, leitor, nunca minto, não me observa assim, por favor.

Há mais coisas que preciso dizer-te. Presta bem atenção, portanto. Neste meu apartamento há uma criatura que somente aparece à noite, e ela afirma vir de uma antiga lenda narrada e recontada no século XIV a partir da obra *Reductorium morale*, escrita pelo prior da abadia de Saint-Eloi, Pierre Bersuire (que alguns biógrafos chamaram de Bressuire, mas que importa agora?). Nessa obscura história, tudo o que sei é que a fortaleza de Lusignan foi fundada por um cavaleiro e uma fada, a qual veio a ser sua esposa posteriormente. Essa fada, num livro de mitologia organizado por Pierre Brunel, era a antepassada de uma grande quantidade de nobres e de personagens de importância histórica ímpar, e os reis de Jerusalém e de Chipre, assim como os condes de La Marche e de Parthenay vinham a ser seus descendentes. Um dia, essa fada foi apanhada nua próxima ao leito por seu marido, e mediante não se sabe quais ameaças e confrontações, se transformou em uma serpente, assombrando o castelo até os dias de hoje. Cada vez que um novo proprietário o assume, ela aparece rastejante pelos corredores ou escondida nos

cantos de qualquer ala do prédio medieval. Jean d'Arras fez dessa lenda uma história romanceada, um tanto imaginativa demais. Em sua abstrusa versão pouco representa a mudança física da fada em um ofídio, e bem mais importante é a história de reis, de aristocracia e de poder que se encontram no livro *Melusina*, o qual veio a ser, por tortuosos caminhos genealógicos, o nome que o autor deu à fada. Pois bem, essa fada aparece para mim durante as noites em que estou triste e sozinho nalgum canto do apartamento, nunca fora dele. Somente a vi uma vez em sua fisionomia de cobra, e em todas as outras vezes ela estava incrivelmente branca, translúcida até, como que sem tocar o chão, levitando, flanando, e não lhe vejo completamente a parte inferior, dos joelhos para baixo. Ela me sorri candidamente há algum tempo, e em seguida se dirige até bem próximo a mim e me lança palavras sussurradas, onde me conta quem é e porque estava nua quando o cavaleiro, seu marido de tanto tempo atrás, a encontrou aflita no quarto, andando danada entre a cama e a janela. Esperava um homem por quem se apaixonara de forma absoluta e contava que seu marido retornaria após caçar com seus amigos nos verdes campos franceses, tornados lilases pela lavanda que recobre as encostas. Ocorre que começara a chover e a caçada teve de ser interrompida, fazendo com que o marido retornasse antes do que supunha. Estava já nua porque sempre fazia um amor apressado com o amante, temerosa de que algo desse errado, e padeceu um longo tempo dessa culpa religiosa, sofrendo a cada vez que se entregava com profundo desejo ao homem por quem caíra de amores. O amante era um homem rude, um aprendiz nas corporações daquele tempo, um ferreiro amador, de mãos grossas e olhos fundos, mas que a conquistara desde a primeira vez em que esses mesmos olhos fundos a desnudaram sem dizer palavra, tornando-se um violador consentido. Praticamente nunca haviam falado, nem antes e nem depois do sexo, pois ela o recebia até ele gemer como um animal sobre ela e ela achar aquilo lindo e gemer logo depois, quando então ele partia rapidamente, quase sem repor roupas, exaurido pelo esforço veloz e intenso. Ela sabia que se chamava Gérard e conhecia seus afazeres, os quais o amante apresentava como se fossem credenciais meritórias, já que acreditava que tudo o que um homem pode oferecer de bom eram notícias de um labor honesto e dignamente exercido. Essa fada, quando assim me sussurra seus segredos me torna imóvel, e eu escuto sem dizer palavra todas as suas frases, depois ela vai ficando mais e mais diáfana até que

simplesmente sua imagem se extingue no ar. Na penúltima vez que eu a vi, contudo, não sei bem explicar o porquê, um pouco antes de ela se evaporar em minha frente ousei perguntar-lhe se, para além do amante de que me falava, ela levava uma vida dissoluta, encontrando outros homens e lhes confiando o corpo em fogo. Tão-logo findei minha pergunta nascida da simples curiosidade e pude assistir, então, à transfiguração daquela criatura dócil e etérea em uma serpente repugnante, que emitiu o som arrastado de sua garganta rósea e pavorosa. Em seguida, saltou em mim e enfiou seus dentes na minha mão direita, enquanto eu perpetrava algum gesto de defesa por instinto. Senti muita dor, e a vi novamente desaparecer e não mais retornar; ao menos não voltou até agora, quando ultimo essas confissões. Não tinha peçonha, pois apenas sofri com a dor da machucadura, mas antes de ela ir pude perceber nos seus olhos já não mais fisicamente humanos uma compassiva expressão de descoberta e medo, de culpa e acusação, de sina e condenação. Faz dois meses isso, leitor amigo, e eu não minto.

Mas eu gostaria de falar um pouco mais de mim, se possível. É sobre meus filhos. Sei que te canso, mas tu não estás obrigado a nada, podes ir embora. Não tens filhos? Tens? Bem, então não deves saber o que é tê-los à distância desde crianças, como tenho aqueles meus dois. Não conheces essa dor, essa sombra parada no pensamento de tantos anos e de todos os dias, essa agonia de não poder tocá-los. Não te culpo por não me entenderes; ninguém entende isso a não ser que se tenha visto diante de algo igual. Sou um pai muito sofrido, amigo, mas não tens nada a ver com meus problemas. Só espero que não te aconteça isso, que nunca venhas a me entender completamente. Não me pergunta de onde vem essa minha súbita compaixão por ti. Há coisas que nunca saberemos os motivos.

De todos meus filhos, recordo mais especificamente de Terra Três, uma das trigêmeas calvas que se tornou bailarina. Quando tinha dois anos aprendeu a ler e a cultivar estranhezas em relação ao que imaginava e que, aos poucos, lhe parecia ser mesmo, imaginação. Mas, entre a imaginação e a realidade ela viveu um bom período de apuros mitológicos, temendo animais que ela própria desacreditava. Morou com um monstro de cabeça de búfalo e corpo de cavalo em seu quarto até ficar um pouco mais velha e banir o espectro apavorante daquela criatura para sempre de seu quartinho quando lhe floresceram a adolescência e o tempo das desconfianças. Olfateava a realidade como quem recém chegou do útero, e dizia

coisas com a lógica própria dos que ainda não receberam a ação contagiosa da estupidez adulta e que desde quatro ou cinco séculos vem sendo chamada de Razão. Assim mesmo, com *erre* maiúsculo, uma espécie de instituição normatizadora da moral e da verdade, uma província mental encantada capaz de julgar a todos e de refletir sobre si mesma para buscar fundamentos. Já falamos tanto sobre ela, lembra? Sei que estou um tanto teórico, até doutrinal, mas isso se torna necessário, amigo leitor. Não te preocupa que não te esquecerei. Afinal de contas eu escrevo para ti: é esta organização do pensamento que tenho chamado de Grande Razão. Nada alarmante, não há nada de novo. Minha filhinha provavelmente ainda não sabe nada sobre a Grande Razão, talvez nunca vá saber. Num dia muito chuvoso, quando eu ainda estava deitado pela manhã, ela me disse que *não devíamos atirar o pau no gato* porque isso é errado, e devemos proteger os animaizinhos e nos comportarmos de acordo com o Bem. Temi que a Grande Razão a estivesse engolfando com a habitualidade contemporânea das milícias morais pós-modernas, incapazes de qualquer maldade. Vi como é insidiosa a moral controladora e como fazem mal os postulados repressores, ainda que boa parte deles seja útil para a manutenção de uma certa ordem na vida dos homens. Mas eu não fui feito para a ordem e nem para a obediência, já bem o sabes, e fico tentado a ver minha filha escabelando-se para ver qual opção tomar diante da liberdade total que possa ter. Os rigores da ordem eu deixo para outros invernos, não os invernos que espero vivam meus filhos. Sei, contudo – e isso, oh, tão duramente sei – que não vou salvá-los; eles sucumbirão e virarão soldados do mundo.

Eu mesmo, de certa forma, sou um soldado do mundo, faço coisas que sempre detestei apenas porque há uma exigência ritual para que eu as faça, e ninguém entenderia alguma eventual omissão de minha parte. Afinal de contas, os países sempre esperam alguma coisa dos seus cidadãos, especialmente que cumpram a lei, ou seja, não apreciam a liberdade e os sonhos. Vou fazer uma confissão mais forte agora, e espero tenhas compreensão suficiente para mantê-la em sigilo, pois que senão a ordem institucional virá me buscar e irá me prender e eu vou morrer numa cela escorregando lentamente sobre homens suados e ferozes. Há dois anos eu escolhi três pessoas que deveriam ser mortas, e também escolhi a mim como o matador por uma questão de justiça. A ninguém fizeram tanto mal quanto a mim, e eu não poderia faltar à cerimônia da eliminação. Eram um banqueiro, um juiz

e um advogado, cada um por razões que, dando-me a conhecer como parece que estou, não te serão difíceis de compreender. Silenciosamente, de posse de uma pistola com silenciador, realizei notavelmente meu intento, deixando-os sem vida já ao primeiro tiro. Fiz viagens, escondi-me em hotéis descascados, usei disfarces, enfim, fiz tudo o que pude para não ser reconhecido e nem para denotar meus interesses. Ao cabo de oito meses o mundo tinha um banqueiro, um juiz e um advogado a menos a atravessar suas calçadas. Regozijo-me de meus atos, tenho prazer na lembrança de suas quedas como bergamotas apodrecidas e o charco de sangue que se formou sob seus corpos. Nunca falei para ninguém, a não ser agora para ti, apreciado leitor. Eu não minto, eu nunca minto. E te afirmo: gostaria que acreditássemos em seres com cabeça de búfalos e corpos de cavalo. Queria ver o discurso da Grande Razão diante de um mito que não é reconhecido como tal. Queria viver em um tempo sem muitas postulações tão rigidamente racionais, tão científicas, tão pouco românticas. Gosto da ingenuidade original que brotava como água cristalina de mentes historicamente jovens. A mente envelhecida por Descartes fodeu o espanto. As cabeças antigas e medievais, em muitos pontos, me parecem bacanas.

Recordo-me estranhamente agora dos cigarros do meu pai, sempre acesos; o filtro amarelo. Ele fumava quatro maços de Hollywood até ter uma dor anginosa perto dos cinqüenta anos, mais ou menos a idade em que estou agora. Essa dor fez com que eu me preocupasse com sua morte repentina até que, de fato, morreu, mas vinte e seis anos após, e de uma doença que não tinha nenhuma relação com os cigarros e nem com a dor anginosa. A iminência de sua morte foi-me um fantasma apavorante, e meu próprio pai e minha mãe estimulavam em mim este medo, dizendo-me que não o incomodasse porque poderia morrer do coração diante de aborrecimentos. Seu músculo essencial não resistiria às travessuras de seu filho de dez anos, e me tornei quieto e silencioso, e meus sons não foram mais ouvidos na casa em que cresci, e quando, ainda adolescente, meu curso superior me trouxe para Poentes, permaneci quieto. Todas as brincadeiras, todas as tolices, todas as bebedeiras e tudo o mais que fiz com alguma saliência ruidosa eu cometi longe de meus pais. Seus olhos não eram de censura explícita, mas havia uma espécie de moralidade densa e sub-reptícia, uma espécie de censura de comportamento e não de valores, muito mais pela forma dos atos do que pela vontade intrínseca de

realizá-los, e essa censura era exercida sem evidências maiores, simples olhares, palavras emblemáticas, citações.

Adquiri meus primeiros conhecimentos e fundei minhas emoções iniciais mediante a violência da integridade dogmática e dos símbolos elementares da justiça. Não fui treinado para a desconfiança e nem para a estranheza, mas me submeti a uma pedagogia de aceitação de tudo o que parecia ser correto. As exceções a essa retidão, porém, eram inúmeras, e eu nunca soube exatamente o que era reto, pois seguidamente ouvia justificativas que meus pais faziam nos seus julgamentos alegando sempre, como Nietzsche, que algo era humano demais para ser condenado por quem quer que fosse. Essas folgas no ajustamento ético confundiam-me, e eu por vezes não sabia se deveria detestar um criminoso ou me emocionar com suas motivações, até que via os olhos do meu pai, especialmente. Se eles estavam enxutos eu deveria reprovar alguém de quem falávamos, mas se estavam aguados era sinal de que algo havia para desculpar os descuidos dessa pessoa. Recordo-me de um assassinato cometido em uma cidade não longe de Nascentes por um homem apelidado de *Deusinho*, um protestante fundamentalista e louco, o qual matou sua própria mãe e devorou seu coração.

Meu pai disse: – imagina a desordem do mundo desse homem.

Foi assim que aprendi a me emocionar profundamente com as coisas dos indivíduos e a compreender as coisas da sociedade como uma abstração que nunca ganhava qualquer concretude. Entre o todo e a parte, ficava sempre com a parte, mas como estudei filosofia precisei voltar-me para o todo, e politicamente tornei-me um comunista. Meus amigos e os livros de então, ao começo dos anos oitenta, trouxeram consigo uma seringa com um líquido alucinógeno e o depositaram na veia pálida do meu braço. A partir dali experimentei por muitos anos uma sofrida contradição a me atrapalhar o amor patético pelos indivíduos. Metafísico, o amor pela humanidade é de um tipo tal que os teóricos precisam estender como uma colcha sobre o gênero humano, para então confortá-lo e aquecê-lo com um calor encantado e deletério ao mesmo tempo. O arrebatamento e a insalubridade, quando se encostam um no outro, fazem nascer uma criatura híbrida. Bela e perigosa.

Eu nunca compreendi com maior exatidão alguns dos conceitos genéricos que o Homem construiu, nem mesmo o dele próprio, *Homem*. Minha compunção pelo sujeito vivo e que enxergo sempre se sobrepôs ao tal Homem, que transcende

os limites reais de uma rua ou de uma casa para viver na discutível autoridade de uma idéia. Quando pousei a xícara de café sobre a mesa, no quinto dia após a morte do meu vizinho, senti o caos em que estava meu pensamento, a desordem de meus sentidos, o significado do latido do cachorro do Walter, que remanesceu na casa enquanto não providenciavam a retirada dos móveis, conforme havia sido dito que faria a viúva. Acendi um cigarro, inalei longamente a fumaça e a traguei como quem fuma maconha, custando a soltá-la. Os carros passavam na frente da minha janela frontal, chovia um pouco, vi uma senhora com um guarda-chuva balouçante carregando uma criança pela mão, a motocicleta de um jovem estúpido roncar irritantemente o seu motor possante, um pequeno gato desaparecer no telhado da residência do doutor Macedo. Fumei todo o cigarro perdido em lembranças velozes como flashes. De alguma maneira fui invadido pelo sentimento de que eu estar precisamente ali, alimentado, fumando e olhando coisas da vida de minha cidade no século vinte e um era uma fortuidade absoluta, algo que impedia todas as conexões necessárias a um sentido. No entanto, como eu nunca minto, precisei dizer à minha mulher que o Sol estava por nascer, o dia ficaria bonito e eu havia lido sobre a meteorologia nos jornais matutinos. Ela me disse que precisava sair para trabalhar cedo, havia papéis com os quais precisava lidar e colocar em dia. Estava linda ela, com um *tailleur* azul e uma calça larga que exaltava sua elegância. Mais cedo, eu ficara na cama admirando seus pés perfeitos, suas unhas sempre tratadas, enquanto ela dormia sem saber que fora dos seus sonhos havia um sujeito apegado a detalhes, pedólatra, olhando com satisfação quase sexual seus inigualáveis pés. Dentro dos seus sonhos, possivelmente seres mais comuns e normais do que eu certamente transitavam.

Levantei-me e a deixei dormindo profundamente; depois quando ela apareceu na sala, vestida como estava, pareceu-me que ela era a libélula que saíra de uma forma para ingressar noutra e quase lhe disse isso, mas resolvi refrear minha fala ante a inconsistência de seu conteúdo. Uma libélula? Eu sei que minha mulher compreenderia, mas ela nunca veria minha libélula e jamais se sentiria como tal. Minha libélula era só minha, estava somente na minha percepção e eu jamais conseguiria explicar-lhe adequadamente este assunto. Esperei que ela saísse, ouvi-a dar a ignição no carro e partir. Fiquei só, meu filho dormira na casa de sua avó. A chuva se intensificou até virar um aguaceiro. Levantei-me, fui até a janela e fiquei ali,

em pé, observando a calçada e seu movimento, como um vigia da vida, atrapalhando-me em emoções e já fumando outro cigarro. Depois outro. No quinto cigarro eu tive uma idéia. Acho que devo ter expressado um sorriso curto. Fui até meu quarto e coloquei meu terno azul com gravata cor de rosa e os sapatos pretos. Depois de vestir-me, lembrei que talvez eu devesse ter tomado um banho, mas agora era tarde. Derramei loção de barba sem qualidade na face e enrosquei as mãos ao redor do pescoço, um pouco acima do colarinho da camisa, para espalhar mais o odor madeira do perfume. Com os dedos apartados, penteei-me, que me dá mais gosto pentear-me assim. Caminhei vagorosamente até a porta e a abri, fechando-a atrás de mim. Chaveei-a. Ganhei a calçada e comecei os passos da caminhada. Andei por alguns minutos com a impressão de que não tinha muita convicção sobre algo que é a significação primordial do pensamento menor. Eu não sabia nada sobre origem e destino, de onde eu vinha e nem para onde ia. Eu não sabia o que era muito antes de saber quem era. Essa noção, tão louvada na filosofia séria, essa chave socrática – e isso eu bem o sabia, um professor qualquer de filosofia sempre sabe essas coisas básicas e repetidas –, em nossos dias integra os livros que vertem adágios baratos, embala leitores de segunda ordem, produz estímulos que reforçam a crença que devemos ter em nós próprios. Tudo dito por psiquiatras, psicólogos e esotéricos que apreciam mais o êxito editorial do que a dedicação virtuosa aos pacientes. É o mundo, amigo leitor, é o mundo, essa gente não é tão diferente de nós, e eu não minto.

Enfim, nas calçadas, atravessando as ruas, equilibrando-me propositalmente sobre os meio-fios, eu andava sôfrego, sem muito ar, sem muito amor, sem muita vida, mas andava. Eu não sabia de onde vinha e para onde ia. Eu era um Sócrates sem sustentação contemporânea, um filósofo que se desencontrara da galhardia com que aquele grego fundou a noção central de autonomia e perdição humanas, a sua sedação pela frase inscrita no pórtico de Delphos, “*γνώθι σεαυτόν*”, chegado a nós pelo latim, *nosce te ipso*, aquele aforismo obsedante trazido por Querofonte, desde a pitonisa até Atenas, para danar Sócrates e inquietá-lo até morrer, *conhece-te a ti mesmo*, e nada mais foi preciso para todo o resto que veio após. Esta possibilidade de pensar dentro de diagramas mentais que os homens de vários tempos aceitaram e repetem, mas que não é aceita pelas formulações fáceis, tão próprias do que em nosso tempo e em meu país se chama de auto-ajuda, esta

possibilidade estava me incomodando aquela manhã. Eu seria um dos confusos transeuntes atenienses desconcertados pelas perguntas sábias e loucas daquele Sócrates caminhante. Eu não estava sendo didático comigo mesmo. Consumia-me um fogo terrível, doía-me a cabeça. Era preciso uma resposta imensa para aquela plenitude vazia que me ocupava, alguma pista, mesmo infantil. Uma trívia básica para me acalmar já poderia servir. Tu não estás entendendo? Peço-te que não me interrompas e nem reclames de meu hermetismo, fiel leitor, ele é aqui necessário, e – vê bem –, nem está sendo tão inexpugnável neste momento. Quero agora apenas dizer-te que eu continuava minha marcha, totalmente encharcado pela chuva; embora diminuída, não cessava de cair. Na esquina da Faculdade de Direito, onde há vinte e cinco anos leciono essa filosofiazinha mixuruca para alunos habitualmente sonolentos (perdão se os esclarecimentos sobre a Casa que te fiz anteriormente não foram suficientes para bem fazer-te conceber esse lugar que nunca compreendi, e cujo espírito sempre me pareceu avesso a tudo o que, com sofridas penas, com minha doença, minhas marcas duras e minhas crenças, levei em conta para fazer minhas apostas definitivas), eu estanquei. Olhei para o prédio, vi um professor, um colega meu, saindo do edifício onde trabalhamos, vi os carros ao redor do quarteirão, lembrei de como não havia carros por ali quando eu era apenas um estudante interiorano. A vida da classe média era parecida com a da classe pobre naqueles tempos, e fiquei estático na esquina como uma imagem a olhar um adorador. Sim, esse professor foi meu aluno, muitos foram meus alunos, e muito frequentemente ele afirma que fui seu mestre, o único professor que o fez desconfiar do óbvio, mas eu estou mais velho e ele me esqueceu para sempre. Cumprimenta-me assim apenas por um cacoete do tratamento, mas já se sente grande o suficiente para me sentir como um amalucado que não saiu do lugar, teimando em manter posições ideológicas (ele não sabe – e creio mesmo que nunca saberá - o que são posições ideológicas e o que são condições psicológicas) diante da mudança de tudo.

O universo humano tem outras informações. Eu não faço mais diferença alguma, muito embora, quando as emoções eram ainda importantes, eu fosse uma espécie de esteio de resistência ao que oprime. Hoje, o importante não é arrostar a opressão, mas ser opressor. E opressor sem culpas, o que impede de sentir uma mínima vontade de remição. Eu ainda me admiro da recomendação de Marx para

modificarmos o mundo e não apenas pensá-lo, mas minhas insuficiências psíquicas não me tornaram um filósofo satisfatório para manter o encanto de tal chamado e espargi-lo entre a juventude que costumava me assistir muito atenta. Hoje, não: como disse, os jovens me ouvem apenas com a esperança de que a aula termine rapidamente e eles possam assistir alguém que lhes fale da lei, da ordem e da normalidade. Fiquei ali parado, vendo meu ex-aluno ingressar em seu carro bacana e ir embora. Acendi outro cigarro. De repente, olhei para o lado e vi minha libélula, igualmente assustadora e com asas transparentes. Olhamo-nos por alguns instantes, eu estava padecendo de uma demência suficiente para não desconfiar de seu ser descomunal e absurdo. Subi em seu dorso e ela consentiu. Eu não sabia o que ela poderia querer, mas isso não importava, eu também não sabia o que poderia querer sentado sobre sua penugem, os pés entre as asas. Não quis trocar palavras, mesmo porque a libélula era praticamente muda. Ela alçou vôo e eu me vi ganhar os ares como um homem ultrapassado que procura a luz para se reencontrar, e nada há melhor do que a altura para a formulação dos mapas e da geografia. E a geografia, em um sentido formidável, explica muito a história. Subimos do chão, voamos por longo tempo, passamos por tudo o que a vida tem a oferecer, animais, vegetais e minerais, em todas as formas, e por fim pousamos no chão da Terra. Pela primeira e única vez, minha libélula me falou:

– Eis.

– Eis – eu disse. E pedi-lhe para voar um pouco mais.

Ela me respondeu que tinha poucos minutos antes de tornar a ser um inseto comum. Eu disse que aproveitaria todos esses minutos. E ela tornou a ser meu helicóptero, e vi a maldade, o cinismo, o sexo, o homem e a mulher, a criança, a riqueza e a pobreza, a mentira e a verdade, o declarável e o inconfessável, os poetas e os maus, o sujeito e a humanidade, a amizade e o desprezo, o ar e o fogo, a terra e a água, os elementos todos e a quintessência, o deus e o crente, o crente e o ateu, todas as coisas do mundo. Até que houve um instante em que a libélula pousou sobre a areia de uma praia. Lentamente descii de seu dorso, ao mesmo tempo em que ela se transformava no inseto que conhecemos, e então me vi rigorosamente desacompanhado. Foi quando sofri a dor imensa de estar só e mais sábio. Entreguei-me, sem palavras que pudesse escolher, ao desejo de esclarecer a delícia de poder informar ao leitor que havia atingido algum vértice qualquer do

mundo, onde se encontram os elementos que formaram a minha sina de ser voejante e desatinado. Que culpa têm, Senhor dos Destinos, aqueles que não compreendem por que vieram? Sem respostas e sem recordar como, voltei para casa e encontrei minha mulher já preocupada com minha demora. Abracei-a como quem abraça libélulas, e tive um desejo que não sei explicar de liberdade e de consternação. Durante o sono, à noite, vi a fada medieval. Ela nada falou e eu fiquei com uma impressão de que a injustiça tem uma voz inaudível. Fiquei esperando sua transformação em cobra por muito tempo, mas ela continuou sendo fada até meu despertar, seus olhos eram de perdão ao topete que tive ao lhe dirigir aquela pergunta. Até mesmo as fadas magoadas, descobertas imprevistamente no íntimo de seus segredos, podem perdoar os que não mentem, e eu não minto. Também anseiam a verdade como eu, mas não conseguem por muito tempo ocultá-la sem sofrimento.

Acho que minhas confidências de integridade devem ter convencido o leitor de que não minto realmente, mas de certa forma devo declarar... ai, o que há comigo, que o desejo de enganar parece ter começado a viver em mim? Gente como eu precisa morrer para o mundo continuar vivendo. Não conseguiremos nada se falarmos do alto de nossa probidade e inteireza. O socorro não chega, os Esclarecedores atrasam ou trocam de lado, o bom moralista é apenas um reprovador, o mau moralista infecta as gentes com a insuspeita solércia de sua persuasão, aos líderes basta um só olho, ao povo esse único olho está bastando, nenhum cérebro, nada mais faz falta ao mundo. Os Esclarecedores, esses serão vistos pelos oprimidos como videntes enganosos, arrogantes, possuidores ensimesmados de uma verdade que não pode ser apenas deles, toda tentativa de repartição amorosa desse saber será recusada, os defeitos da democracia – aqueles defeitos de que te alertei – os treinaram para evitar quem faz coisas ajuizadas; o povo, os líderes e – pranteio isso – a academia, terão sempre na boca declarações de morte aos Esclarecedores que formulam conhecimento com independência de tudo que pode subjugar-os ou dobrá-los por medo ou descaso. Eu já tive projetos de ser um Esclarecedor, minha mulher sempre exortou meu ânimo iluminista. Mas aqueles carros bacanas ao redor do quarteirão de minha faculdade, aqueles alunos de boas vestes e más maneiras, aquela refração às convocações políticas não permitiram que eu, que nunca minto, continuasse. Não muito tempo

atrás, estudantes desse feitio seriam chamados de alienados, burguesinhos nojentos, filhinhos-de-papai, mas hoje são tidos por compenetrados idólatras da ciência do direito, dos regramentos, das forças mandamentais do poder; jovens que não oferecem contratempos e nem cogitam subversões. Deles se espera que dêem bons juízes, promotores, procuradores, delegados, defensores, e façam do estado um empregador que lhes financie a vida e demarque o feudo onde haverão de apodrecer felizes.

O leitor, já talvez intranquilo, deve estar agora compreendendo melhor porque – repito – gente como eu precisa morrer para que o mundo possa continuar vivendo. Seriam imensas a insolência e o entono de uma declaração como essa que te faço se já não estivesse eu agora incerto de que te conto a verdade. Nada mais sei, a não ser que não minto, nem para revelar-te, amigo leitor, com tristeza e fadiga, meu atual desapego desiludido pela verdade. Lembro-me, agora, do paradoxo do cretense: Epimênides, um cretense, dizendo que todos os cretenses são mentirosos. Rio dessa sacanagem hiperbólica, e acho mais graça porque não é um sofisma, não é um papinho de Górgias ou uma armadilha de Protágoras. Há uma grande evaporação das coisas que respeitei sempre. Dei-me conta disso quando passei a compreender Wittgenstein como o grande sofista da história, seguido por todos os que procuram ciência na filosofia, procuram chão, segurança, algo mais do que ela própria. Wittgenstein serviu este prato, foi um bom garçon, mas os cozinheiros foram os velhos sofistas. Górgias, o velho siciliano dialético, preparou todos os temperos, preparou a temperatura da frase, e quando estalou o botão do forno elétrico Wittgenstein passou rapidamente pela cozinha e anunciou, bandeja na mão, que sobre *aquilo que não se pode dizer, é preciso calar*. Górgias, sumido da cena há dois mil e quinhentos anos, nem sabe que ressuscitou, e que lhe saboreiam o manjar. Questão de grau, amigo: um sofista é só um sofista; um filósofo da linguagem é um pensador revolucionário. Tudo bem, meu espírito aos poucos se anima a brincar. Começo a achar graça se a verdade se foder, mesmo diante do meu posicionamento dogmático diante de seu valor. Sempre afirmo que não minto, sei que não minto, mas algo me diz que isso não tem nenhuma importância; de imposturas sólidas se disfarçam os homens de um tempo nos homens de outra época. Isso é só um bailado. Bailam as concepções. Volteiam-se os seres. Gira a verdade. Todos trepam com todos, e então baila o caráter, que é um sonho imbecil.

Será isso, amigo? Não, não conseguirei precisar quando isso começou, quando a verdade se tornou em mim um conceito vazio. Uma evidência malvada. Um mistério incomum. Como é o conceito – admitamos isso pela força do exemplo – de valor e de justiça. Nem a libélula, a fada e até mesmo minha mulher puderam me dizer com alguma certeza desde quando notaram esse estado de espírito florescer, como aquelas plantas sinistras das necrópoles, no meu olhar.

E se eu tiver mentido desde o início, respeitado leitor, o que farei com meu apego e minha dedicação moral à verdade? Andei pensando bem, depois de sentar novamente por longo tempo em minha sacada e não avistar mais a libélula com quem me aventurei: por tudo, agora que deixo de cansar-te com meu fastidioso inventário, acho sensato desautorizar, até segunda ordem, essa minha tão custosa autobiografia, e penso até que eu nunca venha mesmo a recomendá-la. São melhores as biografias, apesar dos biógrafos, esses fanatizados torcedores de futebol que se apresentam deslavadamente como imparciais. Mas talvez sejam mais verdadeiras. Os outros nos conhecem melhor do que nós próprios. Padecemos do fato de sermos, para nós, apenas um espelho obediente a nossos desejos. De qualquer forma, ao menos por enquanto, adeus. Um dia eu tornarei a provocar-te, reencarnado num homem melhor numa vida distante. Se não creres, se não te animar qualquer transcendência religiosa, tu, paciente e absurda criatura que me dás ouvidos e olhos – e eu sei quanto custam a crença e a fé –, talvez então eu volte ainda nesta vida um pouco melhorado moralmente, e consiga ser-te um amigo benevolente. Ou quem sabe eu não volte nunca mais, e isso seja melhor para nós dois. Em um par de anos somente nos envolverá a treva do esquecimento. Há, contudo, uma vantagem: esquecidos, ninguém identificará nossos fantasmas, e pairaremos invisíveis sobre essa gente toda que ainda caminhará sobre a Terra como se fôssemos libélulas bizarras a rondar homens de razão. Pensa nisso e me procura. Ou então rasga toda a esperança despejada por mim nas linhas que te dediquei. Crê-me: isto fará, de fato, pouca diferença para o deserto que se estabelece como caminho a todos nós. Uma só esperança no centro de um ambiente desertificado não vê fertilidade para vingar como alento. Acostuma-te às coisas duras, que navegar é preciso.

Como, tu queres um pouco de ação? Mas eu já terminava minha história. Achaste monótona a vida do meu espírito, queres um espírito hegeliano, alucinado

para fazer a História? Não sei se mereces esse regalo depois de desaprovares minhas pequenezes, acho que elas são tudo o que tenho. Talvez seja melhor não te revelar ações; afinal, acho que não nasci para fazer coisas no sentido que me parece estar pensando. Mas, em agradecimento à cortesia de tua tolerância até aqui, vou contar-te um pouco mais do que já vivi, algumas memórias ridículas, um pouco cômicas, mas acredito que deves ter notado que não fiz muito mais do que ver e pensar, sempre recolhido a minhas escuridões.

Estou pensando em Abdul, um jordanês que conheci no passado e que tem algumas histórias mais movimentadas do que as minhas. Adventício demais para emaranhar-se em definitivo com o que por aqui se costuma admirar e reter, Abdul era um inigualável sobrevivente das vicissitudes. Um homem que não vejo há muitos anos, e sobre quem devo contar algumas coisas antes que ele desapareça também para mim. Como te disse, sumimos todos. Ao início, aos poucos; depois, definitivamente abandonamos todas as memórias. Algo precisa ser feito em homenagem a Abdul, e falar dele será como lhe despejar algum produto feito dessas químicas conservantes, para que custe mais a deixar-nos ou pelo menos deixar a mim, que ainda o mantenho flutuando como um ectoplasma em minhas reminiscências. Farei o possível para recuperá-lo, contando a ti as suas peripécias e espertezas quando fugia como mercúrio dessa nossa raça de seres sem complacência, forcejando contra a falta de dó que resulta da orquestração biológica imperfeita que nos produziu com a crueldade de podermos nos imaginar melhores, mesmo quando entregamos todo o nosso coração apenas à bondade.

Abdul era um aprendiz em meio aos fatos e raciocinava de acordo com as exigências de suas experimentações. Eu nunca soube o suficiente para classificá-lo, se safado ou sobrevivente, se atento ou ladino, gentil ou finório, mas isso pouco importa. Ele me parecia apenas um imigrante que fazia suas coisas como um cigano sem pátria conduz seu cotidiano. A dedicação que agora empresto à sua memória é conduzida apenas pela força do seu olhar, e esse olhar, agora sei, é a essência do que dele ficou impregnado em mim. Um olhar de aparência maligna como o de Khomeini, a severidade de um lacedemônio com impulsos lentos e contínuos para resolver as pequenas equações da vida ao redor de si, mas com uma misteriosa bondade que se manifestava quando ele, lá do fundo de sua quietude, mostrava as medidas do homem que aprendera a ser. Mais não sei por que mais não lhe

perguntei; sou testemunha de poucos acontecimentos dentre os que vou relatar, quase todos eles me foram contados pelo próprio Abdul nas noites lânguidas e tristes que nós dois tínhamos naqueles tempos em que ele viveu por aqui, quando nos encontrávamos no *hall* do Hotel Bioy ou nos bancos da praça escura que lhe fica à frente, onde ele elevava sua tenda sarracena e onde depusera os objetos que vendia. De sua vida poucos souberam. Eu fui um, ouvindo-o no hotel ou na Praça Champolion, e o que agora te conto espero que ele, se vivo for e a isto ler, me perdoe pelas revelações de algumas intimidades que talvez preferisse ver resguardadas, por cautela, dentre os segredos que um mouro há de ter para viver no Ocidente desde que, há quinhentos e dezenove anos, nosso deus os convidou a retirarem-se para sempre da Península Ibérica. Fernando e Isabel, nossos reis católicos, incumbiram-se do ato, e as chaves de Granada foram deixadas para sempre em suas mãos pelo mouro Boabdil, recriminado por sua mãe, quando, deixando o último posto islâmico da Europa, em um aclive lateral à cidade onde já mal avistava o Alhambra, ouviu dela *agora choras como uma mulher pelo que não pudeste fazer como um homem*.

De lá para cá, *toda sanha arranha o carro e todo o sarro arranha a Espanha*, assim como todo mouro vive a sina de nunca ter tido casa própria na América. Como? O leitor está com pressa? Ok, sei que me demoro com essas divagações. Conto-te, assim, o que sei de Abdul e, como sempre, não minto, retomei o amor pela verdade após uma ligeira tontura. Permite-me refletir sobre a moralidade dessa restauração, um homem trazido do passado para o presente pela lembrança de outro é um ser sem defesa diante de qualquer imperfeição narrativa. Os biógrafos, esses seres absurdos, são violadores de intimidades, reveladores de pequenas frestas ocultas da vida de alguém, normalmente já morto. Os biógrafos são essencialmente perigosos quando trabalham, suam diante de fatos empoeirados, alegram-se ao descobrir segredos que o biografado não gostaria jamais que se tornassem coisas públicas, ficam insones diante de pegadas imaginárias e lidam com uma lógica assustadora de construção de um indivíduo. Os biógrafos, ao terminarem seu trabalho, vomitam um ser gosmento, cheio de bÍlis, mas que apresentam como uma criatura que a História empoeou e os outros homens admiram de tal forma que a recuperação da vida desse ser é de uma inevitabilidade a toda prova. Eles precisam justificar o seu produto, legitimar o seu filhote como se fosse

uma fotografia tirada em palavras, eles pousam os biografados nas prateleiras das livrarias e os fazem dormir por muitos anos nas velhas estantes das bibliotecas. Pensam em assim ajudar o mundo, repondo a luz ou a treva de quem biografam para que sirva de exemplo. Eu estou quase me tornando um biógrafo – despretensioso, é verdade –, de Abdul, mas ele merece mais do que minha recordação e minha fantasia. Eu errarei, inventarei um jordanês, vomitarei minha criatura gosmenta. Dessa forma, enquanto te conto sobre ele, irei me divertir. Apenas me divertir. E me divertir com meu engenho, somente com meu engenho. Quando a ti, Abdul, já não importarás mais para a tua própria história. Perdão, velho amigo, mas tu viraste poeira e podes te materializar em qualquer coisa que eu, agora, imaginar. Te fode.

4. A memória é um cavalo selvagem

Por que será preciso termos bastante memória para retermos até aos menores detalhes o que nos tem acontecido e não termos bastante para nos lembrarmos de quantas vezes o temos contado a uma mesma pessoa?

La Rouchefoucauld, Reflexões

Pensei melhor, não vou contar-te a história de meu amigo jordanês. Ela está dentro de uma memória traiçoeira, é um quebra-cabeça que, se não tenho a peça para pôr ao lado da outra, eu a construirei com invenções demasiadas. São raros, mas ainda tenho alguns pudores mesmo com quase cinquenta anos. Não era para tê-los mais, fiz cálculos de que os perderia a todos por esta idade. Pensei até que não haveria excessos reprováveis se eu mentisse tudo sobre Abdul, se eu o tornasse um filho da puta qualquer, um árabe aventureiro desmedidamente safado, mas minha natureza teima em manter-me um homem moral. Combato as infâmias e as falsidades que se movimentam como micróbios em meus órgãos, querendo saltar para os atos como aleivosias inevitáveis, e muitas vezes apenas no último instante consigo impedir uma ação reprochável. Contudo, não gosto desta minha moralidade, dessa minha submissão à moralidade. Ser um subproduto da humanidade sendo a humanidade é uma condição inafastável e irritante desse bicho de Deus e de Darwin, esses nossos densos esteios para os assuntos do Céu e da Terra, com suas explicações, seus esclarecimentos e sua fadiga para nos convencer. Tenho a frágil, mas não incorreta impressão de que hoje Abdul deve viver dentro de mim como uma figura extática, um produto da minha vontade de aumentá-lo, de torná-lo mais volumoso e interessante, de revelá-lo mais inverossímil e fascinante. Mesmo engolfado pelos ímpetus próprios de contar coisas, não posso superar meu limite moral em relação à verdade, e não mentir é mais do que um princípio moral, é um impedimento desta minha substância, algo que não sei explicar, mas sempre me parece que serei castigado quando me dedicar ao engano tendo-lhe consciência.

Castigo físico, castigo psicológico, todos os tipos de castigo. Um juiz imaginário está sempre retendo seu olho perscrutador sobre mim, invadindo meus segredos, minha intimidade e o valor dessa relação com a verdade. Eu nunca sei por que devo ser verdadeiro, mas devo sê-lo; escandaliza-me a fraude, a falsidade, a impostura. Mas, amigo, não pensa que essa imobilização marcial em que se treinou a retidão que me provoca é louvada por mim. Não, não. Eu adoraria mentir, enganar, ser sinuoso. Odeio a legislação da coerência, e o homem que nunca mente anda de braços dados com a coerência, essa uniformidade no proceder que nos cobram tão injustamente diante dos intermináveis vincos da vida.

Mas esse não é o meu assunto agora. Na verdade, quero apenas te dizer que não irei contar nada sobre Abdul porque a memória é um cavalo selvagem que, estando aqui, está já acolá, para não estar mais à vista. O galope da memória a torna traidora, e ela não corre atrás de destinos e nem tem mais origem. É um animal livre indomado, ganhando o campo com músculos imprevisíveis, o ar lhe despedaçando as narinas, as coxilhas da minha Nascentes apontando-lhe à frente, e quando se vê já não é nada senão apenas a natureza com sua insensatez pura. A memória é uma dor poética dentro de mim, uma reminiscência de pouca luz, mas um alimento para a criação. Como eu pretendia te contar uma história real, tal qual aconteceram os extraordinários fatos que envolveram a vida de Abdul, esse alimento trazido pela lembrança se desfaz em mil partes e eu já te contaria o que nunca existiu, ou, se existiu, não saberia eu onde estou certo. Não sou um historiador, mas tenho um pouco de medo dos historiadores, sempre os imagino padecendo das fúrias falsificadoras que infectam de fantasia as mentes reprodutoras do passado. Os biógrafos são historiadores de pessoas, e tu sabes o que penso dos biógrafos. Gosto de ler os historiadores como quem lê romancistas, aprecio suas ficções dissimuladas, e reconheço o poder de seu amor pelo que foi e a angústia pela possibilidade de se terem comportados como hermeneutas fracos. O historiador que não sente essa possibilidade deve ser desprezado mais do que os outros, mas não sabemos nunca a qual classe pertencem. Somente lhes temos os livros, e o mundo anda assim, informando-se pelos restauradores, reconstruindo na abstração uma humanidade morta como se ainda estivesse viva. O que estariam mesmo os petrificados de Pompéia fazendo quando as lavas os mataram a todos? Os historiadores, juntando as peças de lego daqui e dali, colhendo relatos raríssimos de

quem viu ao longe a fabulosa erupção daquele demônio de fogo, analisando a posição ao solo das pessoas, vendo seus filhos, suas crianças, afirmam que se tratava de um dia feliz naquela cidadezinha. No instante fatal de dois mil anos atrás, à beira do Vesúvio todos cumpriam suas tarefas mundanas. Será mesmo, amigo leitor estranhamente comovido por mortes tão antigas? É possível, mas na estrutura de um romance. De qualquer maneira, afora meu justificado temor aos historiadores – essas pessoas que se aventuram na contabilidade das ocorrências essenciais para a remontagem de sentidos humanos –, preciso dizer que admiro suas aventuras retroativas. Não pelo resultado, mas pelo percurso. Pela impudica recuperação de fragmentos de um ser humano domesticado por esses historiadores biógrafos, por exemplo, esses pacientes restauradores da objetividade de uma vida, de fatos em repouso, de coisas esquecidas. O problema é que seus leitores não se instruíram o suficiente para notar-lhes uma imperfeita reconstituição, e muita gente ressuscita em palavras incompletas e até mesmo injustas.

Eu me lembro dos domadores da Campanha, dos peões de bombacha quebrando os maxilares de potros indomados com rédeas e freios, usando rebenques e esporas, ferindo as nádegas e as virilhas das montarias futuras. Um pouco de sangue lhes escorria pela boca, giravam dentro de pequenas mangueiras; o peão com suas pernas de forquilha enroscadas no dorso dos bichos era um ginete com a finalidade de reduzir fúrias e impedir rebeldias. Os biógrafos são ginetes, e domesticam seus seres com a respiração apressada e seus olhares de passado. Seus objetos não podem se rebelar contra sua força. A potência de um historiador torna propriedades suas os seus objetos. Eles agora pertencem aos historiadores – um pertencimento desvantajoso para o biografado, ele não tem chance de defesa. A memória é um cavalo selvagem, leitor de olhos cansados. Um cavalo selvagem que passa a servir a seu dono. Essa vassalagem é quase imperceptível, mas os sentidos de um filósofo não podem fazê-lo dormir, e minha vigília é longa. Sei um pouco o que acontece no mundo, ainda que não saiba explicar o sentido desses acontecimentos. Desafio – perdão a todos os Esclarecedores – quem possa explicar o sentido das coisas para além da religião e da metafísica. Ou para aquém, que nada mais há além. Há de ser aqui, perto daqui, o local onde possa repousar uma explicação segura sobre o sentido de todas as coisas. Essa é uma maravilhosa tarefa da filosofia e da ciência, mas os filósofos e os cientistas continuam com sua

limitação de homens. Ainda que se vejam, nos espelhos de seu orgulho, como arcanjos dotados de poderes estupendos, hauridos através de uma providencial amizade com Deus.

No final de semana passado fui a Nascentes. Saí de Poentes de madrugada, levei minha mulher, e nosso carro deslizava na estrada vazia. Tenho um carro pequeno para o meu tamanho. Sou um homem grande, se não tanto por altura, ao menos por volume. Aos cinqüenta anos o abdômen está crescido e somente atividades físicas e dietas podem melhorá-lo. Tenho pouca paciência para isso, e meu abdômen me força a colocar o banco do carro bem para trás, para que minhas pernas possam se esticar adequadamente e eu tenha algum conforto com a distância do volante. Assim íamos, minha mulher e eu, em nosso pequeno carro pela madrugada na direção de Nascentes. Eu vou tão esporadicamente até lá, que sempre me parece um lugar diferente, nascem bairros, zonas novas – o aspecto da modernidade lentamente vai ingressando em suas ruas, e em seus prédios. Os vidros fumês não são mais o esconderijo dos *voyeurs*. Os vidros fumês estão até fora de moda. Sempre passo na frente da casa dos meus avós, onde plantei uma ameixeira e onde estão meus índios assassinados pela cavalaria americana. Vou aos lugares de sempre, a Catedral, as duas praças centrais, o Clube Comercial, o meu antigo colégio, a avenida principal, as galerias, os antigos cinemas, o lugar onde ficava minha casa. Depois, ando por onde nada existia; o progresso, vindo de algum lugar, muda a cara das coisas. Mas o que mais me impressiona é a gente das ruas, todos desconhecidos, saí de lá há mais de três décadas, e ando pelo que é meu e que não me reconhece mais e nem eu reconheço direito. Um anônimo em casa. Alguém poderá dizer que sou uma espécie de filho ingrato de Nascentes, que só vou lá por acaso etc. Talvez seja um pouco apressada essa condenação, mas não quero julgar os julgadores, não quero me igualar aos julgadores, ainda que saiba que ninguém está livre de ser um criminoso como os julgadores. Eu não valho nada, esta é uma boa premissa, mas gostaria de conhecer alguém que valha alguma coisa. Quando me encho de humanidade sinto um frio misterioso descer-me pelas costas, assombra-me meu gênero. Por que devo ser grato ao lugar em que nasci? Por que devemos viver em permanente homenagem ao nosso chão inicial? Nada mais fortuito do que isso, não devo favores a uma cidade, não devo favores à Terra, toda menção ao amor telúrico não pode ser mais do que uma concessão

poética. Parecem-me desajuizados, perversos até, os juízes do tipo de esquecimento a que chamam ingratidão.

– Sê sempre grato ao local em que foste parido – dirá um conterrâneo moralista.

– Sê sempre grato ao local que te acolheu – dirão os adeptos da moral aduaneira.

– Sê sempre grato – dirão os de moralidade religiosa.

– Vão tomar no cu – direi eu.

Uma espécie de névoa me ingressa nos olhos, sou também estrangeiro onde nasci. Aqueles antigos homens da pampa, com suas botas, suas guaiacas, seus lenços e seu cheiro de gado, alguns tilintando suas esporas contra as tijoletas cada vez mais modernas das novas calçadas da cidade, os mambiras, a gente rude da Campanha, alguns castelhanos, o som, especialmente aos domingos, dos cascos de algum cavalo vagando lentamente pelo ermo de paralelepípedos, o zumbido das moscas vespertinas, o nada ter para fazer, isso tudo foi embora. Pouca coisa resta, ainda vi um homem de tal jaez, com seu fardamento tradicional, mas me pareceu ter um olhar tão urbano que lhe imaginei apenas usando alguma alegoria burlesca, um pierrô de calças largas, telefone celular ao ouvido, chaves na mão, dirigindo-se a um Ford Focus muito limpo e novo. Um fingido, um disfarçado, um rapazote de fato fantasiado, um menino *alternativo*. A aparência gaudéria é uma alternativa estúpida quando fugida do campo e utilizada por pessoas da cidade. Esses não são os homens do meu tempo de guri, estes homens foram sumindo com um mundo que foi se transformando e matando culturas, *globalizou-se* – o cavalo é recordação e a Terra inteira é, como diz esse pesquisador financiado por uma empresa de computadores, Thomas Friedman, uma *coisa plana*, sem referências, sem locais, sem identidade, onde todos nós somos um gel humano indiferenciado. Apraz-me integrar essa gosma, uma gelatina pegajosa, uma parte de um ser coloidal, onde talvez se aprenda a força de uma igualdade grudenta. Não há espaços entre todos para que se mostrem as diferenças. Fazemos tudo igual, nos comportamos de forma parecida, o mundo inteiro é nosso. Minha antiga Nascentes e minha Poentes, cidades de um cosmopolitismo abstrato, de uma propriedade total: vocês não são minhas. Vocês são de todos, mas eu também sou de todas as cidades. Eu não tenho lugar, eu não pertencço a nada, eu sou anônimo como uma libélula

sobrevoando com seu grupo uma vastidão gramada. Diriam os meus amigos juristas que estamos todos vinculados a uma titularidade indivisível de um domínio total, mas eles não gostarão disso, preferirão a propriedade individual, e dirão que esse é um assunto filosófico e não jurídico, e rirão muito de Friedman e dele debocharão. Mas Friedman, com seu realismo seco e sua maestria analítica, é um homem mais perigoso do que meus colegas juristas. Ele, considerando o mundo *plano*, vai além do que o Direito ainda enxerga, esse Direito vitimado por sua substância romana e pelas raízes liberais da Modernidade pós-renascentista. Thomas já vê o mundo como ele está se constituindo, e a gosma em que nos põe a todos é o resultado de tudo o que não queriam os meus colegas juristas, mas que, trabalhando em defesa de tanta liberdade e de tão frouxo mercado, acabaram por constituir pela lei e pela ordem.

Esse estado falimentar da Modernidade, essa agonia moribunda em que vivem os valores de que ainda se alimentou a minha geração, é um tiro pela culatra. Os burgueses e os juristas (que são quase sempre também burgueses ou para a burguesia trabalham ideologicamente) queriam tanto a riqueza e queriam tantos ricos caminhando no mundo. Queriam formar uma turma de prazeres caros: gente do *jet set*, essa gente afetada e muito delicada com seus bens faiscantes e sua aparência empoadada, levaram a um tempo em que dois ou três indivíduos possuem mais dinheiro do que toda a grana da África. E em tão pouco ficaram em número que toda a população de gente muito rica do mundo não é maior do que a décima parte dos munícipes de Poentes, uns trinta mil dormindo em ouro. A pobreza grassou, milhões morrem inanidos, gelados, no calor, no frio, no meio deprimente da desesperança, da dor de viver sem nada. Mas agora somos um gogo indivisível e não enxergamos mais o inimigo, não há espaço entre nós para que enxerguemos melhor uns aos outros. Esse anonimato me produz uma sensação de bem-estar e de horror, e eu preciso escrever, contar minha história antes que até mesmo ela não pertença mais a mim. E nessa falta de pertencimento, também não pertença a ninguém, pois sendo tudo de todos, tudo é também de ninguém. Como dizia o Kelsen, ensinando a indiferença de rapina do Direito, *a norma jurídica é para todos e para ninguém, simultaneamente*. Até que pouse sobre nós, a águia somente voa. Essa idéia sempre me pareceu bacana, mas me assusta o sobrevôo do que me pode dilacerar. Eis a vantagem da gosma: deixamos de ser presas, deixamos de ser

vistos; nossa unidade sumiu, não somos mais indivíduos e nem nossas coisas são importantes. Tudo é de todos e de ninguém simultaneamente. A natureza espalha sua necessidade de cuidados coletivos, a ética ultrapassa as nossas cabeças de vida solitária, gosto de ver esse espetáculo a partir do horror que me invade e do bem-estar que esse mistério me produz. Não entendo nada; procuro, contudo, alguma noção satisfatória sobre mim, ainda me persegue o pórtico de Delphos. Mas, quando pareço me encontrar, vejo um homem sem rosto e vejo todos ao meu redor sem rosto também. Vejo um bocado de gente cada vez mais sem sentido experimentando a aspereza de seus destinos e a inconsciência sobre seus lugares nesse ambiente de humanidade restrita. Por aqui me espremo, lembro de Regina, lembro de Abdul, lembro de meus amigos de infância, de meu pai, de meus avós, de todos os que vi e imagino muito os que não lembro que vi e nem sei se há verdade nessa recordação. Mas ando triste no cumprimento dos meus dias: algo se perdeu, ficou para trás, morreu, e eu estou me dedicando a utopias animadoras. Penso no futuro ao meu jeito para suportar o presente que não fiz. Sou um arpão apontado contra a vida, recebo a vida como posso, e sempre me acompanha a sensação de desabrigo. Mas vou em frente. Vê só, tchê – e te peço muito grande desculpa por este extremo de proximidade – no que deu o comunismo: essa gosma. Formalmente, há pouca diferença entre essa baba espessa e viscosa que foi o igualitarismo marxista e este escarro adoentado que torna invisíveis as diferenças e fulmina as identidades. O humanismo, lembrás, sumiu com a baba espessa e não renasceu no escarro adoentado. Contemplamos nosso extravio sem espanto. Sequer o notamos. Na verdade, nós somos também a causa da perdição. Não há nada a perceber. Naturalizamos a estranheza e a tornamos nosso líquido amniótico. Aquecemo-nos no ventre dessa grande mãe, em cujo útero ingressamos de fora para dentro, por escolha própria, para fingirmos um parto orientado pelo mistério da fecundação, e com o qual nada teremos a ver se melhor aperfeiçoarmos a forma de divulgar o engodo em que nos fingimos gestar.

Em termos materiais? Por que queres saber isso? Já não te perguntei antes, por mais de uma vez, o que é a materialidade? O que queres saber não é dado ao entendimento. Esse é o mundo do *noumenon*, de que nos falou Kant. Contenta-te com a superfície fenomênica, não ingressa dentro das coisas que lá só há o que Freud chamou de *núcleo duro*, o que não pode ser representado. O quê? Achas que

o *núcleo duro* somente se refere à mente humana? Sugiro-te contratares um bom *buffet*, convocares vinhos de inverno, esperares uma chuva fina, e reunires, na hipótese de um pensamento volteador, Kant e Freud numa mesa de toalha muito branca. Enquanto degustam iguarias correspondentes à excelência de ambos, deixa-os discutir isso. Talvez não cheguem jamais a uma conclusão, mas nem por isso serão arrancados das prateleiras onde repousam os melhores autores. Assim, leitor encanizado, ao final pouca diferença fará se o *núcleo duro* é só o que a mente não representa de si ou também é o que não se pode representar fora dela, no mundo objetual. Quando ambos forem embora, após os protocolares cumprimentos, talvez levem consigo a íntima sensação de que não foram entendidos. De qualquer forma, num jantar assim é possível imaginar que a voz do mundo produzirá um murmúrio mais inteligente, e mesmo diante de discordâncias, Kant e Freud continuarão a chefiar os seus exércitos. Deixa-os ir. Sob a chuva têm-se bons pensamentos. Enquanto isso, esquece a materialidade. Não é assunto para ti, é para poucos.

Não faz muitos dias o Egito explodiu, o povo pacífico derrubou o ditador com suas marchas pelos incontáveis logradouros do Cairo. Vi a multidão com cartazes, vi deserções militares, vi palavras escritas em inglês nas grandes faixas levantadas ao ar, sobre as cabeças. Vi um povo com uma alegria nos olhos acabar com a tirania de que se queixavam. Não eram religiosos, não se martirizaram fanaticamente, não houve detonações de bombas, foi uma revolta com aparência ocidental. O Facebook foi talvez o principal meio de comunicação para se amotinarem contra Mubarak. A internet, essa coisa tão nova e tão inacreditável, conseguiu o prodígio de unir as pessoas conduzidas medianamente pela fé, mas foi uma revolta de natureza laica, não houve a experiência brutal do martírio. A democracia era o objetivo, essa democracia do Ocidente. Vejo agora esses motivos contaminarem os países árabes. A Líbia, o Marrocos, a Tunísia, a Síria e o Bahrein têm seus ditadores perseguidos como Luis XVI, a revolução egípcia será para o mundo árabe o que a francesa foi para a Europa? Talvez, o povo de Abdul é de outra linhagem. A fúria leiga é também respeitável, muito embora seja aterrorizantemente belo matar por um deus. Os Estados Unidos voam como corvos sobre os árabes, espreitam a carniça. Dissimuladamente estimulam o abate. Querem a grana do petróleo e aplaudem a hipótese democrática como se fosse o centro do seu interesse. É interessante um

coração cruel. Intervêm pouco ou quase nada na África, negros pobres não valem nada. Mataram Bin Laden e agora negociam os territórios de Israel com os palestinos: que sejam levadas em conta as fronteiras pré-67. Essa desfaçatez é do caralho, o poder é do caralho, os Estados Unidos são do caralho. O dinheiro quer aceitação e reconhecimento em nome dos conceitos civilizados da legitimação política. Eu os aceito, a eles, os Estados Unidos, como quem aceita cestas enfeitadas e com víboras dentro. É um belo souvenir de quem vai matar o presenteado. Há uma ironia estupendamente fundada em bons valores que viram outra coisa para fora dos discursos. O homem civilizado aprendeu isso, e não podemos deixar de amar a civilização. Mas a civilização não vê a si mesma como cestas enfeitadas com víboras dentro. A civilização não se assume pecaminosa. Como um indivíduo, também vexe e se disfarça, esconde seus desvios. O interior do poder é vulcânico, há uma lava que destrói tudo, a víbora tem presas enormes. Domina-me fisicamente neste momento a ideia de legitimidade, eu não consigo me mexer, não consigo ir na direção de um argumento melhor, meu humanismo é uma flor murcha dentro de mim. Há países bons? Acho que isso interessa pouco para que funcionem.

Meu avô dizia que nem toda a beleza é boa e me mandava olhar os raios das tempestades e ouvir os trovões no céu. Entendo a estética do assassinio, e às vezes ela é tão sedutora que preciso respirar fortemente o ar para povoar-me de um humanismo e de uma ética que me façam piscar os olhos e retomar alguma virtude. Alguma virtude, bem entendido, leitor sonolento, nunca algum sentido, que sentido não há nem para a vida e nem para a morte, muito menos para o que fazemos entre as duas coisas como uma seta lançada em parábola do início para o fim. Entre o alfa e o ômega há a triste curva do desaparecimento, e isto parece ser tudo o que temos a dizer diante da boca imensa do universo.

Como, entretanto, para evitarmos o delírio, o sentido das coisas todas não deve ser pensado, o que dei a mim para viver com alguma alegria foi a melancolia meditativa, lugar psicológico de onde emito meus juízos e onde fundo meus pequenos planos. Esses objetivinhos que os homens como eu precisam para colocar um dia sobre o outro, como se construíssem uma escada, tentando ver, depois de algum tempo, se há alguma paisagem nova que valha por si mesma e não exija planificações ridículas para distrair o pavor do espírito que nos acompanha.

Como? Esse pavor não te acompanha? Entendo perfeitamente a placidez de uma alma em quietude e louvo tua paz. Daria todos os meus membros para ter uma cabeça feliz como a tua, invejado leitor.

Estou com fome, e a bem dizer talvez tenha mais sede do que fome. Tenho me alimentado mal e apreciado em demasia o álcool, ele me faz ter idéias de que gosto mais. Não me embriago, mas sou melhor espeleólogo das minhas profundezas quando encontro aquele ponto, aquele exato ponto que entorpece em minutos contados a razão. Depois daqueles minutos é preciso retomar o copo senão volto a ser humano, demasiado humanoide, e preciso de alguma arte que me torne outra criatura. Essas bolachas estão velhas demais, esqueci o pacote aberto, elas têm uma tira adesiva vermelha ao redor do invólucro plástico para manter-lhes quebradiças e saborosas. Uma vez violado o lacre, ou as devoramos todas ou precisaremos de algum artifício para preservá-las. Uso prendedores de roupa, uma improvisação de todos os lares, mas esqueci de usá-los e elas estão moles. Enquanto mastigo a segunda dou-me conta de que já deveria ter desistido na primeira, mas sigo em frente, não há prazer algum em comer essas bolachas, apenas tenho fome. Tomo água, bastante água, fico olhando os vários ímãs na minha geladeira, propagandas de ofícios, gente que quer viver através das geladeiras dos outros precisam ser lembrados. Fico olhando para o ímã do gás. Depois olho o de uma pizzaria, o de um restaurante, o de um moto-taxista, o de uma farmácia. Detenho-me na marca deste meu eletrodoméstico da cor do gelo. *Cônsul*. Rio um pouco do nome e fico pensando no exato instante em que o fabricante de geladeiras, após dominar o processo de sua industrialização, escolheu o nome *cônsul* para nominar os seus produtos. Não vejo nada que justifique. Fico um bom tempo olhando para o nome em relevo. Percebo que todos os nomes não têm justificativa, são só processos de amadurecimento de um idioma através das necessidades dos homens, a linguagem é instituinte, já o dizia Searl, mas e daí? Fico pensando na lógica desse argumento, *a linguagem institui o objeto*, depois penso na fundamentação da filosofia da linguagem, depois penso na lingüística, depois vejo Saussure e Wittgenstein, depois volto os olhos para os ímãs. Preciso beber um pouco mais, esses pensamentos estão me confortando um pouco, mas, como tudo, não valem nada.

Estou sem sono, minha mulher já está deitada, possivelmente está lendo algo. Também pode estar dormindo, não sei, meu quarto está quieto como sempre e não ouço o farfalhar habitual, lentamente ritmado, das folhas que vão sendo vencidas pelos leitores. Ela é uma ótima leitora, seus olhos são velocistas correndo sobre as linhas, quando menos espero, ela põe para o lado um livro já lido e apanha outro, ela lê como quem come pipocas, a toda hora põe nas mãos novos punhados de páginas. Gostamos de ler juntos, adormecemos muitas noites com os livros ao lado, eu gosto disso. Mas, no outro dia, cada um levanta como um ser impregnado de universos diferentes, os livros ficam mais dentro de mim emocionalmente, ela os supera de outra forma. Eu posso acordar como um personagem, ela acorda como ela é mesmo, independentemente do último livro.

Amanhã cedo tenho compromissos, coisas burocráticas, ver meu nome junto ao Cartório de Registros Especiais, ver qual credor perdeu a paciência por me esperar além dos prazos de pagamento das dívidas. São sempre poucas, passo largo tempo sem elas, mas nunca me sobra nada ao final do mês, vivo há muitos anos de renovações de empréstimos bancários e esses valores sempre são para o custeio de algo de importância duvidosa. Como lhe disse, levo uma vida de despesas difíceis de superar, mas sou gentil com os credores como um estelionatário profissional, sempre penso possuir a natureza branca de uma boa moral. Dentro de mim não viveu jamais a torpeza ou a vontade medíocre de enganar alguém, mas o que há dentro de mim também me fez um péssimo organizador de despesas. Pagando alguém aqui e não conseguindo pagar outro ali, passo os dias com a agonia de poder ser incompreendido com justa razão. E assim vão os meses, os anos e, em alguns casos, as décadas. Sim, tenho credores de pequena monta a quem devo algum trocado há mais de uma década, e meus apertos sempre me impediram de acertar as contas e andar mais sobranceiro por Poentes.

Eu gostaria, na verdade, era de chamar essa meia dúzia de credores que possuo para um jantar, oferecer-lhes boa comida e bebida, fazer uma pausa e contar-lhes a minha vida. Um ou outro, ou talvez todos, não me perdoariam, mas eu teria dito o que ulcera meu estômago há tanto tempo, e me aliviaria, e me embriagaria e não ouviria o que diriam, e iriam embora e eu dormiria bêbado com um contentamento derramado por todos os poros do meu corpo. No outro dia, obteria a altivez que nunca tive, não dobraria as esquinas, esses vértices dos

quarteirões que nos reservam encontros inesperados, me esquivando. Eu não faria olhos de bonecos de cera para evitar alguém nas calçadas, daria mostras materializadas de minha boa moral. Leitor tolerante, é muito doído produzir dúvidas sobre o teu caráter quando te sabes alguém melhor do que os juízos formulados a teu respeito, e desconfio desses disse-me-disses das ruas. Talvez eu seja alguém comentado como um inconfiável de merda, um homem perigoso, um irresponsável. Na verdade, pouco me importa o que consideram a meu respeito; o ato de julgar é pior do que tudo que possa o julgado ter feito. Sou camusiano nesse particular, mas de fato me incomoda muito a imperfeição interpretativa. Tenhas, leitor – não tu, perdão, falo abstratamente – uma síndrome do pânico vinculada a uma permanente e insuportável dor na coluna e verás que teu andar não será talvez muito reto. Uma coisa não se relaciona com a outra? Então sou obrigado a desejar que tenhas ambas as coisas e me procures depois. Mais: não esquece a melancolia meditativa, essa de que te falei; tem ela também e verás como tudo perde importância. A responsabilidade é algo secundário diante do pensamento e da poesia. Tu serás tomado por muitas dúvidas e gostarás bem mais de perguntar do que de responder. Cuidado apenas com os espíritos práticos, eles estão por toda parte e te exigirão coisas a todo o momento. Afasta-te deles; na verdade, afasta-te da Humanidade, essa pasta informe e aflita que não consegue viver fora da realidade nem para escrever poemas.

Estou dormindo agora, desenvolvi a capacidade de escrever mesmo dormindo. Não tenho sonhos, nada está na minha cabeça, quando acordar não lembrarei de coisa alguma. Vejo pequenos sóis, os mesmos que enxergo quando apenas fecho os olhos e aperto as pálpebras. Desde criança isso me diverte, mas agora eu não estou fazendo de propósito, os sóis apareceram neste meu sono. Não, tu não tens razão, eu não estou sonhando. Esses sóis são apenas pequenos fachos reais na escuridão da minha noite. Enquanto dormimos perdemos o controle sobre tudo. Eu não controlo esses astros que enxergo, mas não são um sonho, são só as ilusões das pálpebras apertadas. Não te incomodes, para de gritar comigo, tu não serás a minha lei, não me diz o que fazer, acalma-te. Vou repetir: eu não estou sonhando. As estrelas luminosas são multicolores. Gosto das verdes, elas dançam todas dentro dos meus olhos fechados. Isso está somente dentro dos olhos, não está na mente. O cérebro apagou. Fechou as portas aos interlocutores. O cérebro

está dormindo. Deixa-me divertir-me com o balé desses meus sóis. Vejo que começas a acreditar em mim. Tu também já estás dentro dos meus olhos. Pega esse foguete e tenta subir aos sóis verdes. Fico feliz que tenhas a mesma predileção de cores. Cuidado, abastece bem teu *rocket*. O combustível precisa ser suficiente. Vou ficar aqui dormindo de barriga para cima, só de cuecas, esperando voltares para contar o que viste lá em cima. Por que não vais mais? Ah, tens medo da realidade dos meus sóis e desse velho foguete? Afirmando-te que são reais e eficientes. Não, não sai daí, fica dentro dos meus olhos, deixa-me ver bem quem és, como é esta tua cara de gente satisfeita. Essa expressão está sempre em ti?

Pena que não cheguei a ver bem o teu rosto ontem de noite. Essa madrugada visitaste meu olhos em silêncio. Minha mulher não acordou, nada viu, apenas disse pela manhã que eu estive muito agitado enquanto dormia. Eu sei bem como são essas agitações quando não sonhamos. Quando só as pálpebras fazem histórias. Ela jurará que sonhei e eu me calarei. Não aprecio conflitos, ainda mais sobre minhas verdades. Produzem inconfidências e agressividades terminativas. Tu bem sabes, eu não minto.

O dia me esperava para fazer coisas, como sempre. Tomei um copo d'água, mais não tomo pela manhã, e saí na direção do Café Signo. Encontrei conhecidos, fizemos um semicírculo em relação ao balcão, à espera das atendentes com seus cafés quentíssimos servidos em xícaras escaldadas. Em vários momentos falamos todos ao mesmo tempo, não nos ouvíamos, não queríamos ser mesmo ouvidos, falar era o objetivo daquela visita veloz ao Signo, logo em seguida iríamos todos embora. O futebol, as mulheres, a política rasteira, alguma exibição de erudição vaidosa, as maledicências, análises rápidas e improváveis sobre os levantes na Líbia e Tunísia, alguma leitura de algo dos jornais matutinos, e pronto: nada mais havia a fazer conosco mesmos senão o retorno à individualidade. Só isso. Compreendes essa diáspora e o abandono à sorte individual sem lógica? Compreendes? Fico contente com tua sensibilidade, boa parte das pessoas é estúpida demais para entender a sina de um mamífero racional tragado pela solidão e pelo acaso. Esses são a maioria da humanidade. Bem vindo à minoria, amigo, acho que tu começas a sofrer algum processo de sensibilização mais profunda. Estás deixando a felicidade bruta para ingressar na angústia inteligente. Podes retornar ao teu lugar, se quiseres. Bem mais difícil é vir para os campos cerrados da

angústia por um desejo nascido no imo da felicidade. Ninguém faz essa visita, ninguém é visitante. Quem aqui chega já está em uma relação de pertencimento, e uma vez entendendo bem essa selva escura não há mais a possibilidade de retorno à felicidade simples. Escolhe, mas talvez não haja mais tempo, percebo que teus olhos estão sofrendo da estupenda aflição de se integrarem a uma minoria onde são muito raros os confidentes.

Dispersamos, fizemos nossa diáspora do Café Signo simultaneamente, cada um para seus afazeres e sua busca de sentido. A quase totalidade dos meus amigos automatizou seu cotidiano de tal forma que ele é o próprio sentido da vida para eles. Eles não são buscadores de sentido, eles estão dentro da óbvia significação das coisas que devem ser feitas em cada turno dos dias. O senso comum lhes basta, seus sentidos lhes bastam para um andar sorridente, seus problemas são todos de ordem instrumental e não substantiva. Mas nós, caro leitor bem-vindo ao caos, não somos assim. Esses momentos são piores para mim. Despeço-me deles sempre com o coração apertado e um pensamento guerrilheiro na cabeça, saio para enfrentar um dia sempre desconhecido.

Eu sempre deixo o Signo e vou até a livraria na mesma rua, uma quadra dali, eu a visito desde minha chegada a Poentes, há trinta e dois anos. Paro na frente da vitrine e examino lançamentos que me apeteçam, gosto de ver os livros de filosofia e a literatura. Fico quieto um bom tempo tentando adivinhar o conteúdo pelos títulos, e quando se torna irresistível sacrifico minhas sempre pequenas economias para levar algum desses livros. Em casa eu o folheio, olho o índice, vou a pontos que me chamam a atenção, leio um pouco e o separo para uma leitura integral ou o deixo em prateleiras de consulta, onde sei que um dia aquele assunto, que não lerei no momento, me poderá ser útil. Leio muito em pé, diante das estantes, estou certo que já li muitos livros inteiros assim, e depois começo a queixar-me das costas, da posição que usei para ler, mas acontece que um livro interessante não me dá vontade de sentar para lê-lo de acordo com a obviedade do comportamento do leitor comum; eu inicio ali mesmo minha consulta, e vou e vou. Mantenho-me como um homem encantado com um livro na mão. *A Religião e o Declínio da Magia* foi um livro volumoso que venci assim, em pé, durante vários dias, e depois tive de permanecer em repouso, mancando. Isso já faz uns dez anos, mas lembrei desse livro porque foi a leitura mais duradoura que fiz em pé, acredito.

Gosto de livros místicos. Não tenho nenhum apetite pela mística em si, mas eles são evocativos de idéias para a loucura da escrita, um texto com personagens improváveis, a quem se pode emprestar qualquer característica extraordinária, pode ser um texto que me atraia. Borges deu-se conta disso, sempre lembro de seu *A Bau,a Qu*, uma espécie de fantasma que subia atrás das pessoas nas escadas, mas era um espírito agônico em busca de uma companhia viva improvável. Um ser assim é um personagem e tanto, Borges entendeu que a literatura melhor pode não ter contato algum com a realidade e, cego, não precisou de seus olhos para ir adiante com o cérebro invadido por essas criaturas, e o *Livro dos Seres Imaginários* se torna, por sua graça e densidade, tão importante para os homens como um relatório sobre a fome elaborado pelas Nações Unidas. Cada um dá o que tem. Mas, tanto melhor o donativo, tanto melhor ficamos nós todos. Esses autores, os reveladores de alguma beleza obscena, de algum sigilo da imaginação, da hipótese da graça diante do nada são bem mais importantes que os médicos, os advogados, os cientistas. Somente merecem os filósofos em sua companhia, que os filósofos são autores disfarçados de literatura, uma boa metafísica é um bom romance. Sim, sim, eu sei que Hegel talvez tenha sido o último grande metafísico; depois dele vieram as trupes assassinas, eu sei que não se faz mais metafísica no mundo sem enfrentarmos a rejeição dos profissionais do pensamento. Penso que tudo seja, contudo, uma questão de nível. A metafísica está para a literatura assim como está para o que hoje chamamos de filosofia. As portas estão fechadas, mas a porta tem campainha, e se um metafísico a tocar poderá ser recepcionado com alegria por um romancista ou um filósofo. São, no fundo, todos amigos, não estranhe suas relações. Novamente Searle, não é? Novamente a questão da linguagem instituidora do sentido. Ok, faça a metafísica ser o que quiseres, isso é possível. Perde todo o rigor, perde todo o pudor, institui, legisla para tua língua, acha teu sentido nessa miséria toda a que nossa razão nos conduziu. Raciocinamos, e raciocinar é o começo de tudo. E o fim também. Sobretudo o fim.

Perdão pela digressão, passivo leitor. Eu retomarei minhas memórias. Os fios da meada por vezes estão mal emendados, e a própria meada é um amontoado de coisas muito diversas. Os bons metafísicos a chamam – a ela, a meada – de *mundo*; já os neurocientistas têm outros nomes, sempre tão técnicos e insípidos.

Vou contar-te uma história que meu avô me falou numa daquelas tardes já mui distantes da minha infância. Embora os personagens não sejam da ordem imaginária dos de Borges, recordo que eles, tendo realmente existido, um pouco se confundem com seres impressionantes, incogitáveis pela razão sã. O que é razão sã? Deixa-me sorrir um pouco. Rir, até. Tua ingenuidade me assombra, mas gosto de ti. A razão sã não é a nossa, amigo, nossa conversa é absolutamente louca. A razão sã é a razão não desconfiada, a razão dogmática, aquela que pertence aos seres pragmáticos e estupendamente felizes, que olham para os ímãs de geladeiras e vêem apenas os ímãs. Um olhar curto, amigo. Curto e feliz é o olhar dos que possuem a razão sã. A humanidade quase inteira, compreendes? Novamente fico feliz com teu entendimento. Ao piorar teu sofrimento pessoal tu vais te tornando um homem melhor para a pedagogia que haverá de domar a frivolidade, muito embora não consiga fixar sentidos. Pior do que não encontrar sentidos é, além disso, conviver com os frívolos e rasos, ainda que eu admire sua matéria e sua paz. Peço-te perdão pelas traições da memória, mas o que te contarei agora não é da mesma ordem da vida de Abdul. Não tenho compromissos com o que meu avô disse saber, mas tenho uma relação de respeito com Abdul. A ele eu conheci, e não permitirei que a fumaça que me devasta a lembrança faça com que eu o revele a ti a partir da escuridão em que começa a ingressar meu esquecimento.

Sentado em uma poltrona, meu avô deu um longo bocejo e me convidou para uma história na cama dele, antes de se deitar. Meu avô – lembro-me bem – disse-me para deitar ao seu lado e, como sempre, pediu que eu fosse imaginando o que suas palavras estavam tentando me dizer. Era inverno, lembro. Enrolei-me em um cobertor de lã crua feito no Colégio das Irmãs, deveríamos estar em mil novecentos e setenta ou arredores, e falou concentradamente. Não parecia naquele dia ter a descontração de outras tardes, a história não *teria aventuras*, ele disse, porque realmente tinha acontecido. Ele ouvira essa antiga narração de alguém quando era menino, ainda ao início do século XX, e não a esquecera. Queria agora revelá-la a mim, achava-a estranha, mas respeitava todos os acontecimentos verdadeiros. Essa história tinha até título, algo como *O Amor e as Pedras de Fogo*. Vovô começou, e agora te relato com minha linguagem adulta, mas serei fiel a essa história que permaneceu dentro de mim talvez na forma da primeira estranheza que mudou meu olhar sobre as coisas todas. Algo deveria haver para além do elementar.

Fez uma cara um pouco emocionada, nem tanto pelo que me diria, mas porque alguma evocação lhe deve ter ocorrido da pessoa que lhe contara. Acho que meu avô lembrou-se ali de sua infância distante, tal qual agora eu lembro da minha, ainda que sua figura de pouca carne e muitos ossos, já naquele tempo, estivesse próxima dos oitenta anos.

Ele começou a narrativa com os olhos abertos e muito vagos, como quem olha o teto enxergando o céu. Falou-me que algumas lendas francesas antigas mencionam que as predições sobre naufrágios, perigos e catástrofes de toda ordem eram feitas por sacerdotisas que viviam em ilhas selvagens dos mares da Armórica e da Bretanha. Recolhiam-se a refúgios secretos, encravados em rochas costeiras, onde, estabelecidas em rituais de sacrifício, cuidavam de antever o futuro. Em noites de tempestades tenebrosas, nas pontas dos rochedos, podiam-se ver serpentinas de fogo, chamas aleatórias confundidas com fantasmas a agitar esquisitas melenas, como quem dança no beiral de precipícios para assustar os navegadores. Essas sacerdotisas eram conhecidas como druidisas, e possuíam uma peculiaridade absolutamente romântica e cruel: uma vez casadas, os maridos não tinham o direito de ingressar e sequer se aproximar dos abrigos onde aquelas mulheres trabalhavam as profecias. Eram elas que, em momentos propícios, os procuravam, e com eles experimentavam momentos de imenso carinho e sexo febril, para logo após retornarem ao ofício para o qual tinham nascido. Não há registro de que os encontros com seus homens fossem puramente procriativos. Buscavam algo mais, além da geração de filhos. Com seus destinos indefinidos, procuravam também o amor. Esta intenção é que fazia delas algo que as lendas não podem confirmar, porque nem sempre as histórias fantásticas incluem os sentimentos propriamente humanos, mas não custa imaginar que as druidisas da antiguidade eram também fêmeas comuns, apenas prendidas a um ofício que lhes era repassado mais por uma tradição do que por reais poderes extraordinários. Se existiram, é possível que se evadissem de seus esconderijos por simples saudade de seus maridos; talvez até mesmo não compreendessem bem por que haviam de profetizar.

A memória sem início dessa gente registra uma suave história de dois jovens daqueles antigos tempos, e faz crer que as druidisas poderiam considerar os trabalhos de profecias enfadonhos, absorvidas pela dogmática de uma tradição imemorial e aprisionadas em deveres que já haviam perdido no tempo a razão de

sua obrigatoriedade. Pan Lu e Roveral Meidi se transformaram em exemplo da vontade de alforria daqueles assombrosos afazeres. Pan Lu e seu marido viviam na ilha de Visaro, um local respeitado pelos navegadores e por homens com algum poder desde a época em que o Império Romano era o mundo. Segundo se dizia, os fogos que subiam em espiral das pontudas escarpas da ilhota eram sinais infalíveis de perigos. Para os marinheiros, a hipótese da deriva em águas musculosas; para os próceres financiadores das naus e das viagens, a expectativa de perda de poder e, em alguns casos, quando eles próprios participavam dessas travessias, da própria vida, diante de bárbaras, e não raras, sublevações.

Pan Lu estava recolhida havia quatro semanas em sua caverna, juntamente com mais oito sacerdotisas. Na palhoça onde visitava seu marido, estava Roveral Meidi, como sempre esperando Pan Lu. Enquanto esperava, nada fazia; apenas se alimentava e dormia, com os olhos cheios de saudade e ternura. Solitário, via os barcos passarem ao longe e, dentro deles, os homens do mar vigiando a orla e as pedras encrespadas pelo fogo. Ficava apenas olhando, e acompanhava seu ir e vir, sempre durante a noite, horário em que as labaredas fantasmas eram mais visíveis. Tão acostumados estavam estes homens em olhar as falésias, que os jeitos assumidos pelas chamas lhes faziam interpretar com precisão o que as druidisas estavam dizendo.

Um roçar no mato, um quebrar de galho seco, e Roveral Meidi sabia não ser preciso cuidar-se de animais selvagens: do meio das árvores copadas e do capim alto, com as roupas utilizadas nos rituais, apareceria Pan Lu de súbito. Ele aguardava apenas aquele momento para recomeçar a viver. Mas fazia já quatro semanas que Pan Lu não aparecia, e o normal era levar no máximo duas para seu retorno. Roveral Meidi somente não estava preocupado porque também ele acreditava nas sacerdotisas e na proteção que recebiam dos céus, lugar de onde provinham todos os segredos. Tranquilizava-se também porque nenhuma das outras mulheres havia retornado para seus maridos, e todos, como ele, as aguardavam com incandescente aflição e um ardor lúbrico.

Na trigésima quarta noite Roveral Meidi ouviu o capim se abrir ao amanhecer, e sentiu o cheiro da mulher no meio dos imensos vidoeiros brancos. Não precisou sequer voltar a cabeça para o lado de onde provinha o perfume de incenso e defumações que ela ainda trazia no corpo. Pan Lu veio por trás dele e o

enlaçou, e o apertou, e o beijou e disse que a caverna era uma catacumba com gente viva dentro, e que ele era todo o sol que havia no mundo. Vinha como uma foragida, e de fato o era. As demais druidisas haviam permanecido na gruta, concentradas em demasia devido a tantos viajantes que circulavam os barcos ao redor do verticalíssimo barranco. Era preciso resposta para todos. Quando todas rezavam e faziam sacrifícios com animais, buscando nos unguentos sagrados a inspiração para as predições, fechavam os olhos e diziam palavras incompreensíveis até que os primeiros sinais fossem dados e novos fogos pudessem arder nas pedras. Nesse momento de transe coletivo e reserva espiritual, Pan Lu, destroçada pela lembrança de Roveral Meidi, seu sol, escapou furtivamente em carreira larga, buscando levar o menor tempo possível para chegar à palhoça onde lhe aguardava o homem cujos braços a faziam esquecer, já noutra mundo, a missão dos fogos prenunciadores, e para quem se entregava como um redemoinho de paixão.

Dessa época em diante, tendo perdurado a lenda, soube-se que Roveral Meidi foi considerado pernicioso à preservação do ofício das druidisas, e os maridos delas, meio que a contragosto, foram obrigados a julgá-lo e condená-lo à morte, e Pan Lu teve de retornar à caverna para continuar alertando aos observadores dos aclices o que lhes estava por acontecer.

A história daquele povo foi incorporada a um incontável número de relatos contraditórios, mas é sabido que Pan Lu exerceu até o fim dos seus dias a atividade de profetisa. Um velho navegador, sem saber dos acontecimentos, registrou num pergaminho já desaparecido (e que havia sido encontrado por um escocês, Pain of Life, o último a falar dessa anotação) que o lume das rochas subitamente pôs em perdição aquele que o tentava decifrar, pois a todos chegavam labaredas ltuosas, mas de uma tristeza que não era o destino, eram chamas enfastiadas, saídas de dentro da gruta imaculada das feiticeiras.

Se a magia e o amor fizeram a história daquela gente, a magia foi a responsável pela lenda. Por isso, ainda hoje quem passa ao redor da ilha das druidisas procura por eventuais braseiros nas escarpas, como uma espécie de vontade de ver o que restou do fogo, crepitante e assombrado, de tanto tempo. Normalmente são casais aqueles que procuram as brasas, e romanticamente

encontram o amor enquanto procuram os rastros dos sortilégios. Mas já não sabem de Pan Lu e Roveral Meidi, e admiram a transcendência da lenda com ar cândido.

A sacerdotisa e seu homem não deixaram descendentes, foram separados pela morte ainda jovens, mas um dia antes da condenação de Roveral Meidi, debaixo de uma lua profundamente branca, com os pés imersos na água noturna do mar, planejaram ter um filho.

Meu avô, quando falou neste filho, parou subitamente de contar a história. Aquele final era o conteúdo da poesia dessa história que virou um tipo de lenda. Ter um filho. Muitos anos depois eu entendi melhor porque meu avô havia estancado repentinamente sua narrativa e posto os olhos em algum lugar vago. Eu nunca soube bem como seus filhos viviam dentro dele, o falecido e o doado, e nunca saberei. A memória é um cavalo selvagem, amigo, já disse.

O carnaval se aproxima e já sei o que isso me produz, uma quebra de rotina na minha melancolia. O transe da alegria tem alguma coisa estúpida, libertam-se seres horrendos a gritar, a saltar, a dançar. Num lugar da cidade estarão quase todos juntos ao mesmo tempo, em agremiações do samba, embriagados, piadistas, gozadores, pândegos com suas brincadeiras de mau gosto. Andarão alguns quarteirões com suas fantasias e seu ar de embevecimento, gargalhadas parvas, mostrarão seus copos de plástico com cerveja uns aos outros e farão brindes com as pernas amolecidas. A platéia aplaudirá, rirá muito dos mais absurdos, zombarão dos miseráveis, elogiarão criancinhas gingando e passistas que circularão com bandeiras. O som das baterias trará consigo um barulho que me assusta, ritmistas assumirão responsabilidades pela exatidão da batucada e terão o ar sério de quem conduz exércitos. Esse ar circense torna-me a mulher de Ló, viro sal, viro pedra olhando para trás e vendo as medusas passando. Mas meu desencanto e meu pavor não vêm da forma dos carnavais, mas da transformação das pessoas, da possível hostilidade desses outros seres, que ontem eram uns e hoje são outros, como quem é devorado pela alegria de um carrasco sádico, que obriga a todos a ficarem também alegres, como se estivesse a obedecer a uma lei. A ditadura do corisco de quatro dias impõe a felicidade a quem não a experimenta assim, tão de graça, como eu. Percebo, então, a necessidade de fugir desta alegria pavorosa e aquietar-me no apartamento.

Há vários anos – lembro razoavelmente isso – eu estava, como de costume, dentro de uma antiga casa em que vivi por algum tempo. Tomara a decisão de permanecer imóvel durante todo o carnaval. As coisas que me rodeavam pareciam tremendamente estranhas. Podia ouvir o rumor da televisão que ficava após o corredor, onde a família costumava manter-se entretida. Vez por outra, tocava o telefone, entediando-me, especialmente se a ligação era para mim. Crianças entravam e saíam pela porta, a campainha era o próprio sobressalto. Frequentemente dirigia-me até a porta, acorrendo àquele grito exasperante saído de uma caixinha fixada no teto da cozinha, e via uma fila de pigmeus saltitantes ingressarem na sala e se perderem no corredor. Minha casa ficava no caminho para o local do desfile das escolas de samba e dos blocos. Pela janela, eu assistia o transitar de gente fantasiada, algumas em grupo, outras sós, dirigindo-se ao samba que as fazia viver encantadas, como cobras enfeitiçadas por tambores. Olhei a águia operária, pedalando uma bicicleta de pintura desgastada. Atrás dela, a pé, vinham centuriões rodopiantes atijando varetas em tamborins sem ritmo. Uma criatura que vivia no estômago de um macaco imenso espiava pelo seu umbigo, liderando um grupo de araras negras. Numa de minhas idas à porta, entrevi um militar altivo passar de relance na calçada, de mãos dadas com uma egípcia sem futuro. Alguns vizinhos, que eu sabia não serem divindades, guerreiros ou pássaros, acompanhando a batucada de cortesãos do Rei Sol, abandonavam-se a passos dançarinos na frente de suas casas, balançando os corpos e rendendo homenagens àquela música peregrina, que vinha serpenteando as ruas até atingir o local onde os julgadores os observariam sentados em tronos de poder. Finda a passagem daquela gente escandalosa, retornavam para dentro os vizinhos, satisfeitos com a consciência da ilusão. Eu percebia estes movimentos, e isso, de alguma forma, me distraía. A repetição do horror acostuma os vitimados por ele. Distraído, perdia a razão de ser o meu isolamento. Recordo que saí da janela, abandonei as visões e permaneci sentado, absorto. As crianças continuariam a entrar e a sair, talvez fosse melhor deixar a porta definitivamente aberta. O som distante de outra batucada me atormentava um pouco, pressentia que tudo aconteceria novamente. Antes que os repeniques de centauros e os tamborins de víboras aladas me consumissem a paz, acendi um cigarro. Eu procurava urgentemente a liberdade.

Falando de meus humores diante dos carnavais, veio-me agora à mente um carnaval específico que passei com meu pai em Machado, uma cidadezinha deitada ao lado da Serra das Asperezas. Na verdade, não foi exatamente *em razão* de um carnaval. Não estava eu, portanto, aflito com o som dos sambas, da música alta. Nas cidades muito pequenas de meu estado o carnaval somente parece acontecer à noite e nos dias propriamente específicos, entre sábado e terça-feira, nas festas dos clubes ou nos espetáculos modestos de pequenos desfiles pelas ruas. Meu estado não possui alegria popular intensa nas localidades pouco povoadas. A falta de anonimato não autoriza a liberdade de uma falsa Cleópatra, um marajá fajuto ou a impostura de um bispo abençoando crentes dopados. Os pudores devoram os sujeitos dessas cidadezinhas quando a exposição lhes dá uma saliência intolerável, uns riem dos outros, fazem troças que não caem bem a quem, neste pequeno universo municipal, tem algo moral a prezar. Pequenas condições, como o estado civil, a profissão ou os cargos ocupados são motivos impeditivos para uma viúva, um médico ou um prefeito rodopiarem seus corpos entre os pandeiros e cuícas. Nisto tudo há um escalonamento, umas coisas são mais importantes do que as outras para serem fiscalizadas. As viúvas estão mais impedidas do que os prefeitos, as crianças não têm impedimentos e, dependendo da intensidade com que um profissional liberal se entrega ao samba sobre os paralelepípedos, ele pode estar perdendo clientes. A alegria demasiada constrange a população das cidadezinhas do meu estado, e quanto mais se dança e gargalha mais condenado se está pelos olhos de seu imperdoável moralismo.

Num destes carnavais, pela tarde de um sábado muito quente eu me lembro de haver comparecido, acompanhando meu pai, a uma reunião do Lions Clube em Machado. Meu pai era integrante daquela irmandade, possivelmente para não sucumbir ao tédio em um lugar onde ainda se ouvia o vento soprar com a aparência de ser a única voz do mundo. Não havia a interferência de outros sons. Recordo terem homenageado um homem durante um almoço festivo, mas não entendi o que ele falou e nem prestei muita atenção em nada. Ficaram-me na memória apenas os expressivos olhos desse homem. Eu era um menino de dez, doze anos. Muito tempo depois, meu pai me falou sobre aquela homenagem, e então eu imediatamente pude interpretar o olhar daquele homem, que desde aquele dia havia permanecido inexplicável em mim. Há coisas que permanecem apenas em seu aspecto visual em

nossa memória, sem outros signos, sem outras representações. Fatos parados, recortes de um nada humano, onde praticamos uma hermenêutica emocional porque nossa razão está viciada em sentidos mais informativos e não tem muito que fazer com os olhares, os andares e os corpos em silêncio.

Meu pai contou-me muitos anos depois o que tinha acontecido naquele sábado. O Lions Club fazia algum esforço para homenagear um velho aventureiro que havia dado com os costados em Machado há mais de uma década, após ter vivido com grande entusiasmo uma vida de amores e dissolução. Realizara proezas românticas e sobrevivera com habilidade às severas exigências dos namoros simultâneos. Não trouxe consigo testemunhas do passado, ninguém de Machado viu o que afirmou ter acontecido com ele em múltiplas praças. Não tinha lugar fixo e sobrevivia de espertezas, mas não de ilegalidades. Era um homem camarada e sedutor, que fez amizade com quase todos os machadenses, sorrindo, contando piadas e pagando suas contas com algum dinheiro misterioso que trouxera consigo. Nunca souberam bem o que fizera na vida, mas tamanha foi a alegria que trouxe para a cidade que o Lions Club resolveu render-lhe este tributo. A homenagem não tinha nome, o título que lhe atribuíam era inominado, tratava-se apenas do reconhecimento de seu entusiasmo pela vida, pelas coisas leves, pela graça e pela generosidade com que se comportava.

Meu pai tornou-se um bom amigo de Manoel e me disse que ele tinha setenta e oito anos naquele dia. Talvez meu pai fosse o seu melhor confidente, e exatamente por conta desta condição soube antes e melhor do que todos o que aconteceu durante a sessão da entidade. Naquele dia, Manoel estava atormentado e nervoso no momento em que lhe entregaram um velho microfone para que dissesse algumas palavras aos leões e às domadoras (essa é a forma tola, levemente indelicada e indiscutivelmente provida de um machismo gentil com que se tratam os homens e as suas esposas nessa entidade estimulada por um positivismo que consegue fazer de um integralista um ser fraternal).

Assim, quando não tinha uma só palavra a dizer, uma palavra miserável que lhe pudesse explodir na goela, derramando-se como um gel viscoso e salvador por entre os dentes, bem assim num momento desses Manoel precisou contar sua vida em cinco minutos para todas as pessoas que o homenageavam.

Vinha de longe a vida extraordinária de Manoel, grande parte dos anos de sua vida ele passara entre mulheres e muitas geografias. Entregara-se desde muito jovem ao amor feroz, exatamente aquele que obedece à tipologia dos que acabam tão logo começam outros. Era grande o número de mulheres que abandonara, algumas das quais passaram a dedicar a vida à idéia de vê-lo morto ou incapacitado às alcovas, o que era a mesma coisa na sua mente carnal, formidavelmente voluptuosa e de grande engenho. Por isso, levado por essa impressão de que cada vez mais tinha pressa em possuir uma mulher antes do fim de seus dias, desconfiado de que quanto mais para diante andasse nos anos, mais para perto trazia a morte, contou a todos algumas de suas passagens. Lembrou os braseiros de são-joões, a morte precoce da mãe e a impressionante brancura de sua mortalha, a primeira vez que mordeu um ombro feminino diante de uma janela de postigos abertos para uma noite muito clara, seu primeiro mergulho na alma de uma mulher, os filhos que nasceram como uma inevitável consequência estatística da licenciosidade. Fez uma pausa relativamente longa e recordou, com algum sacrifício, o dia em que julgou amar uma judia admiravelmente inteligente que conhecera numa rápida visita à capital, e que por lá chegara sem aviso e a negócios. Ela foi embora sem tê-lo notado além da cama de um hotelzinho já desaparecido, mas ele a preservou como um relicário de afeto em seu coração de frangalhos por muito tempo. Enfim, Manoel, de tudo o que pode lembrar, contou, e contou tanto que até mesmo esqueceu o motivo da homenagem, e esse motivo também seria perdido da consciência dos presentes, absolutamente consumidos pelas histórias desvairadas e envolventes daquele homem que valia tanto escutar.

Ao final, quando já estavam todos ali por mais de hora e sua boca reveladora já começava a cansar dos próprios sons, teve um alerta do instinto que lhe animara a vida toda. No meio do grupo que o ouvia sentado em cadeiras escuras naquele auditório típico de agremiação interiorana havia uma mulher que o fez recordar a judia que não via há mais de quarenta e cinco anos. Ela lhe sorriu o suficiente para que ele, um velho viajante dos amores e do sexo, tivesse um incontido desejo de dizer que o que de mais vivo havia em sua memória não eram os furores dissolutos e nem o apogeu de seu físico apolíneo, mas a simples e pura saudade dos braços daquela mulher que se esvaíra no passado. Recordo-me especialmente do final súbito de sua exposição, uma fala que me parecia, pela

visualização de tudo e de todos no recinto muito quente, um tanto ridícula e constrangedora. Um homem velho falava a senhores e senhoras coisas que, apesar de minha pouca idade, entendia serem inteiramente desarrazoadas, um tanto absurdas. Mesmo com aquele final inesperado, repentino demais, ainda lembro das palmas dos presentes. E depois me lembro de todos comendo costelas de rês assadas, um churrasco muito gaúcho, e que tinha o cheiro inconfundível dos assados realizados com fogo de chão. No pátio preparara-se a carne, cravando-a com espetos de coronilha, essa madeira dura e sagrada da campanha. Inclínadas sobre o braseiro posto em valas, a carne era preparada com um sentimento semelhante ao amor. Esse cheiro, o cheiro da lenha engastado na carne, é para mim até hoje um dos cheiros do lugar do mundo em que nasci. Guardamos como etiquetas na memória os pedaços de identificação das geografias por onde andamos. O lugar em que vivi minha infância, muito embora distante do cotidiano do campo, faz com que a Campanha tenha para mim apenas três cheiros: o odor dos currais, dos fogos de chão e dos arreios suados de cavalos recém chegados da lida. Quase quarenta anos distante das propriedades rurais de Nascentes, e tendo a elas ido tão poucas vezes, ainda alimento minha imaginação da campa a partir do meu olfato. Recordo apenas do verde dos cerros e seus gravatás fincando em minhas pernas, e dedico minha atenção à percepção desse colossal nonsense, como quem se espanta com a condição de protagonista de todos os atos de sua própria vida. Cheio dessas sensações e de outras tantas, há muitos anos faço meu corpo repousar sem abandonar os pensamentos de restauração da vida por detrás dos olhos que fecho.

Para terminar essa história, leitor que já me confunde a identidade, afirmo que relembro exatamente a frase que meu pai me disse sobre aquele seu amigo.

– Voltou só como nunca para a sua tristeza e suas recordações, e precisou dormir com o televisor ligado para confortar-se com os disfarces de mundo que saíam dali.

O mundo, quando reportado, é uma simulação dele mesmo, a realidade é artificial demais quando cai dessas telas. Lembro do efeito desse acontecimento em mim. Nunca mais deixei de usar disfarces. Nunca mais fui um só. Nunca mais entendi a coerência e a moral rígida. Guardo certo rancor daquele homem e do meu pai pela participação de ambos nessa substância em que me tornei e de onde, como

tu da tua também não deves escapar, não consigo fugir. Penso não conseguires te esquivar deste continente em que te tornaste. A ninguém é dado foragir-se do destino. Isso é o destino. Entreguei minha vida à filosofia para encontrar minhas funduras e combater esse fadário que jamais escolhi. Não escolhemos as sinas. Elas nos escolhem. Nunca, contudo, tive qualquer pista de quem sou. O que lembro e o que penso lembrar confundem-me. Agitam-me. Põem-me em disparada, venho de fugir a mim mesmo. Assim, assim, como um cavalo selvagem que se manda à campa atormentado pelo que recorda e pelo que não lembra mais ser o seu próprio caminho. Uma besta com uma pequena ideia de lar e com uma indecifrável certeza de que está perdido.

5. Ferocidade e miséria

*Quem viveu e pensou, não pode / Em sua alma não desprezar os homens. /
Quem sente, perturba-o / O fantasma dos dias irrecuperáveis.
Puchkin, Evgueni Onieguin, I.*

Penso que a lembrança de meu amigo árabe, esse coitado que sumiu no mundo, recobrou em mim o desejo de fazer novas revelações. Não mais sobre ele, agora, que mais nada sei. Abdul foi como uma lufada, tinha o peso nobre da esperança, mas se foi levando os troços de sua bagagem e sua tenda parda. Desapareceu e nos perdemos. Naquele tempo não havia computadores, comunicação eletrônica, essas coisas assim. Aquela mochila aonde tudo ia era, por assim dizer, uma espécie de equipamento. Boa parte do que tinha ali talvez hoje ele colocasse num *pen-drive*, havia uma quantidade inumerável de folhas com anotações que fazia. Por conta de um e-mail alguém é capaz de localizar outra pessoa muitos anos depois se ela se petrificar naquele pequeno nicho da virtualidade. Essa virtualidade é onde todos nós seremos de alguma forma localizados pelos arqueólogos daqui a milhares de anos. Encontrar um e-mail de hoje no ano vinte mil trará a estupefação misteriosamente nostálgica que nos produz no espírito uma pintura rupestre de vinte mil anos atrás. Nossos rastros serão outros, não teremos pegadas no chão, o chão não será mais preciso para nossos pés. Só iremos atrás das imagens dessas máquinas houxleyanas e nos contentarão apenas as fotografias sem cheiro humano. Lamento pelo fato de que nunca os e-mails irão amarelecer ou ganharão um aspecto de documento velho. Essa coisa, o cyberspace, é um lugar espantoso em que podemos levar a mente, mas jamais o corpo. Até hoje, todos os lugares do mundo eram, por assim dizer, *físicos*. Onde o pensamento fosse, o corpo, se quisesse, iria também. Só as fantasias, as elucubrações profundas e os raros espaços da geografia sentimental fechavam as

portas para os corpos. Hoje, em todo o espaço onde se encontra concentrada intensa parte da informação desse velho mundo humano, não entram os corpos. Os corpos sentam-se. Os espíritos caminham pelos milhares de veredas computadorizadas. Nossos corpos, essas massas pacíficas e cada vez mais paquidermizadas, são o depósito imóvel para onde retorna o espírito depois de assolear-se aos sóis dos espaços cibernéticos. Depois, ao seu reencontro, corpo e espírito, juntos, têm uma estranheza um do outro como se fossem dois, e não se conhecessem além de um plano elementar e perfunctório. Há um acoplamento e um desacoplamento: essa é a vida desse casal que já foi imaginado com o nome de uma coisa só. Algo uno. Chamava-se *pessoa*.

Abdul se foi de Poentes uma década antes de o universo *high-tech* estuporar-se em nosso cotidiano. Ele era do tempo em que as pessoas escreviam cartas e enviavam pela Companhia Brasileira de Correios e Telégrafos essas correspondências. Eu nunca recebi uma carta de Abdul, nunca soube para onde foi. Talvez hoje, se vivo estiver – e deve estar, somos ainda um tanto moços para morrer –, se comunique através de redes sociais. Eu, contudo, não o faço, tenho fastio por fotografias em computadores, por pequenas mensagens, por número mínimo de informações. Estou com vontade de retomar aquela idéia de ser um Esclarecedor, esse homem dos Setecentos mal nascido nos Vinte, com essa sede de compreender coisas pela violência de um espírito que ainda se move com a força de seu voluntarismo animal. É essa sofreguidão que se derrama por meus poros, por minha boca, por meus olhos. É essa impaciência que encontra na figura de um Esclarecedor a hipótese de alguma redenção. Apenas um homem a oferecer os vapores de sua miséria mais íntima em busca do consolo que algum ouvido lhe dê. Vapores, sim, porque a água fervente que me desconstrói dia após dia não deve ser ofertada a alguém, à exceção dos casos em que eu possa odiar esse alguém e pretenda presenteá-lo com meus horrores. Essa ebulição, onde moram meu pânico e meus desconsolos, guardo-a para mim, e a levarei para o outro mundo por falta de serventia neste.

O Esclarecedor que me envolve agora é também tocado pelos vícios do professor que sempre fui, e o cacoete derivado desse hábito docente de um quarto de século faz-me pouco educado em face de meus transbordamentos para quem possa não me querer ouvir. Continuo minha história, hoje já muito distante do som

do rádio valvulado do meu avô. Da cidade em que nasci. Onde vi os primeiros clarões da puberdade darem-me nova voz e uma barba incipiente. Da Poentes de quando aqui cheguei. De meu velho amigo jordanês. Do meu primo e das nossas andanças noite adentro. Das *chansons* francesas e do Yves Montand, aquele homem de expressões profundamente humanas. Das minhas primeiras mulheres, de todas as mulheres que tive no tempo em que as amava sem a modéstia um tanto forçada que uma maturidade malvada nos empresta, e longe também de tantas coisas que gostei e que já esqueci, porque esquecemos muitos detalhes da substância total da vida. Tenho apenas mais presente a grande libélula e aquela fada medieval, mas hoje eu já as insiro dentro de um onirismo que aparece quando, distraídos, estamos desaparecendo de dentro de nossos corpos para dar a alma o prazer de se retorcer no ar. Sei de meus sonhos, conheço relativamente meu lugar dentre os seres da minha raça. De qualquer maneira, ainda contemplo com alguma atenção estupefata a esquisitice das pessoas retas e dos seres adaptados. Vejo-os imersos nesse universo de responsabilidades, os cenhos enrugados com cartões de crédito nas mãos, o alívio ao pagar faturas em bancos ferventes no verão, o andar decidido nas ruas com absoluta certeza de onde devem ir. Divirto-me diante da maioria, emitindo os pequenos sinais próprios da opressão que ela causa em mim, um indivíduo minoritário e de sofrida singularidade. Esses sinais se constituem em pequenos desvios pelas ruas, algumas evitações espaciais, certos movimentos emocionais na direção de alguma coisa que possa ser importante para mim. Preciso acreditar que, nessa procura, não estou insano; só quero um pouco de arte e graça. Isso é um prazer grande que a minha cara de cinqüenta anos consegue disfarçar por detrás desses óculos senhoris. Na verdade, para o consumo geral das pessoas, eu sou um deles, misturo-me a eles, indivisível e anônimo como o gado. Na verdade, às vezes tenho a impressão de que todos estamos misturados entre nós, resguardando a individualidade como uma relíquia durante algum tempo da vida; depois, cansados dessa liquidificação esmagadora do ser, damo-nos conta de que houve um erro em nossa proposição fundadora, de que somos indivíduos fadados à fadiga de si próprios, e passamos a tentar apenas superar a natureza bruta de que somos feitos. Somos florações de esperança até um momento, quando ainda acreditamos no futuro e nas pessoas que seremos no futuro, mas quando esse futuro parece ter chegado já não suportamos mais a experiência de haveremos vivido com aquela

esperança magnífica. O problema do homem, assim, não é a sua finitude – esse, aliás, é o seu indulto e seu alívio; seu problema é a consciência de que a esperança é um modelo de utopia pessoal que nunca se plenificará coletivamente, mas ele é um ser inseparável dos outros. Tenho vontade de citar uma frase célebre como ilustração, a grande frase de Sartre, mas eu o utilizaria da forma que ele menos gostaria. Ser sartreano, para mim, amigo, não é nutrir o desprezo por presunção pelo outro, mas o desespero de não saber se amar ou ser indiferente possui alguma diferença ética significativa diante da ausência de sentido de todas as coisas e do conjunto de todas as coisas. Queres mais explicações? Lê Sartre. Ou melhor: não o leias, apenas te dedica a ouvir a respiração absurda da Terra e o olhar estúpido do sol, especialmente nos dias que tu considera lindos. Os dias lindos são os mais propícios a esses sofrimentos, e nem sempre isso é ruim, amigo; às vezes, um bom sofrimento é mais produtivo do que uma imensa alegria. Quase sempre, eu diria, ao menos para espíritos como o meu.

Talvez o teu seja da mesma cepa do meu, mas não saibas. Eu também levei anos para entender a diferença entre muitas coisas, e outros tantos para compreender que poucas diferenças produzem um leve movimento no espírito; e que esse suave balançar, onde se produzem o ódio imenso e o amor profundo, é tudo o que pode animar nossos corpos de animais perdidos entre o que somos e a idéia que temos do que somos. Esse erro, um erro de percepção, apenas, é terrivelmente danoso para a consciência que nota a si mesma, depois de acreditar, por um tempo grande entre os pólos de sua finitude, entre seu nascimento e a certeza de sua morte, numa espécie de natureza biológica e alva, pura como a dos outros bichos. Andamos assim pela vida, até, mas há um momento em que nossa biologia, por ser como é, nos revela que somos imaginativos e capazes de auto-percepções de toda ordem; e quando vemos todas as ordens que existem no plano da auto-imaginação, corre-nos um frio muito denso pelo corpo, e nos perdemos para sempre. O indivíduo cartesiano, se for um pouco emocional, será um indivíduo apavorado, um indivíduo traído pela rigidez de um método que não o aproveita como gente. E ele só quer, como eu só quero, um pouco de alegria e um fundamento, mesmo frágil, para o meu andar sobre esse planeta tedioso, sobre esse filho de um universo que não saberei jamais o que é.

Há os descendentes da talidomida. Eu sou uma vítima das aporias filosóficas, dos *puzzles* da Grande Razão quando pergunta *a si mesma as coisas que merecem somente respostas imprecisas*, ou seja, que não têm respostas. Mas, caro leitor, na minha profissão, perguntar é maravilhoso, encanta mais até do que responder. Quando a filosofia elabora para si mesma um grande *puzzle* sem solução esse é um feito extraordinário para o conjunto de todas as mentes que lidam com esses estranhos temas. Mas quando a cabeça de um filósofo faz essas mesmas perguntas para si, ele pode adoecer, pode ir se desfazer inteiro em consultórios psicanalíticos para ver se é possível reconstruir-se, ou até mesmo *nascer* como um outro indivíduo dentro da mesma existência. Eu sou um maravilhado com as aporias da minha adorada filosofia. Mas, ajuda-me leitor, eu estou enfermo com as dúvidas que produzi para mim mesmo. Entre esse paraíso e esse inferno eu passo os dias subindo e descendo em um elevador; e a ascensorista é minha psiquiatra. Ela me mostra os dois ambientes como um cicerone imparcial, um apresentador de histórias que não é historiador, mas um guia turístico. E todas as coisas que se movem em algum lugar metafísico de meu valimento espiritual dão-me uma absoluta e única certeza: o homem que observa a si mesmo e se detém longamente nesse olhar, morre inteiramente só. Não sei se isso é ruim, mas também não sei nada dessas grandes coisas da humanidade. E, como tu sabes, eu não minto. Mas vê bem, eu tenho algumas defesas contra esse raciocínio que é meu mesmo. Acostumei-me à batalha. Erigi-me Cavaleiro da Ordem da Razão de dia e da Ordem da Sensibilidade à noite. Sou eu mesmo em combate. *Presse le cervaux*, diriam os franceses, esprema-se dentro de você mesmo e tente sair vivo. Costumo andar com minhas armas para não ser pego de surpresa, os Cavaleiros se respeitam, sabem que tem o mesmo poder, mas reconhecem o objetivo superior de manter um pouco lúcido aquele que os abriga. Eu somente persisto em viver da forma como subsisto porque os Cavaleiros mantêm um conflito equilibrado há décadas. Fazem-me esse favor, mas poderiam ser mais gentis se me expurgassem o pânico, a ameaça do pânico, esse medo fundo e imenso de me ir sem tempo para nada. Se um se torna muito superior ao outro, eu acabo internado numa dessas clínicas para desajustados mentais. Não desejo isso, tenho a impressão de que lá eu teria um fastio maior por tudo. A roupa branca. Os azulejos brancos. A louça branca. A vida alva. A assepsia das luvas com que me tocariam aqueles médicos caminhando em corredores

labirínticos. O alimento como ração de cães, essas coisas todas, leitor, me fariam ter de escolher a quem eu mataria primeiro: se a mim ou a eles. Mas, vê bem, como te disse eu tenho minhas defesas, e cada Cavaleiro descobriu e desenvolveu bem essas proteções. Vou te dar um exemplo de como eu me distraio; a distração é uma das melhores formas de esquecimento dos raios que eletrocutam todos os fios e os nexos do mundo. De alma passiva, contemplativa, eu costumo olhar para alguma coisa até interiorizá-la. Ou – e isso é melhor – até imaginá-la diferente do que ela é. Sou platônico e aristotélico, mas todos nós somos platônicos e aristotélicos (acho que nessa mesma ordem, primeiro o deslumbramento e as coisas grandiosas da alma, e depois a concretude e a vida em si), acalma-te. Estou certo, aliás, de que somos bem mais aristotélicos do que platônicos, apreciamos muito mais os escaninhos reais onde estão pousados os assuntos do mundo do que as ideias difusas e magicamente brotadas em obscuros lugares arquetípicos. De vez em quando, contudo, quando nosso coração se enche de um súbito amor e subimos na direção dos espectros puramente inteligíveis, um velho Platão senta-se à frente de nossos corpos, já tesos e nervosos com a potência desse pensamento que não respeita escaninhos. Então Platão nos diz para sermos prudentes com esse novato. Que, enfim, Aristóteles é um jovem voltado à rudeza da experimentação e aos perigos da lógica. Fala-nos como um conselheiro de pouco rigor e nos lembra de que o andar trôpego é mais aventureiro, mesmo trazendo consigo a imprecisão do cambaleio. E assim, de um lado e de outro, liceus e ateneus atravessam-nos com suas lanças pedagógicas e suas fúrias esclarecedoras; e a nós, suas criaturas herdeiras, ora emprestam uma austeridade catalogadora, ora uma beleza organizada sem tantas exigências.

Vê só, um dia desses olhei formigas sobre o parapeito da janela do meu quarto e vi que caminhavam desde longe, na proporção do tamanho das formigas. Olhei-as como um especialista leigo; eu gosto de especialistas leigos, eles emprestam talvez o melhor dos olhares, já que não entendem cientificamente o que vêem e mesmo assim se arrebatam com esse indizível prazer de enlevarem-se com coisas desconhecidas. Não explicar as coisas é poeticamente superior do que explicá-las, porque a explicação solapa inteiramente a estética do vislumbre. Ou somos Galileu ou somos idiotas, não te parece? Pois é, as formigas. As formigas tinham alguma razão biológica para estar ali, correndo em sentidos cruzados,

carregando suas proverbiais folhinhas naquelas antenas de presilha, mas eu as olhei somente para apreciar o que me pareceu ser um passeio desesperado. Fiquei um bom tempo observando aquele parapeito com as cortadeiras frenéticas fazendo seu traslado no começo da tardinha, e as vi até que a noite confundiu as imagens de tudo o que eu via. Voltei os olhos para o interior de minha casa e tinha uma formiga, uma só formiga, sobre a escrivaninha do meu pequeno escritório, esta salinha em que escrevo a maior parte desses registros. Vi que estava atônita e pensei em matá-la. Não a matei, preferi testemunhar sua agonia. Seria agonia, seu ir e vir sem parar? De repente, estancou, e eu então a matei. Não senti nada ao matá-la, um desdém de psicopata. Pensei nas outras, as do parapeito. Não entendi nem a que sacrifiquei nem as que deixei sumirem na noite. Estranhei meus pensamentos. Estranhei a mim. Depois arranjei algum alento pensando que, pela tarde, havia estudado metafísica com o mesmo grau de desconsolo. Sim, sim, metafísica; as filosofias especializadas destinam-se só à metade de um homem e eu prefiro confortar-me com os delírios da razão mais perigosa, aquela que, muitas vezes só imaginando com a força da loucura, trata também de explicar o mundo. Um metafísico age à maneira dos poetas que não fazem versos em sentido formal, mas têm um espírito formado da mesma essência demente e vertiginosa. Um metafísico entra nas coisas sem as referências diplomáticas dos filósofos especializados; a metafísica não possui educação, boas maneiras, essas coisas todas; a metafísica é uma broca de vídia, não bate à porta para ingressar. Os poetas também são assim, mal educados. Mas sem metafísicos e poetas qual seria o filho da puta que trataria da beleza das coisas? Eu sei, eu sei, também tenho minhas dúvidas em relação ao que é a beleza, mas, foda-se, não estou me derramando a ti para que me faças perguntas desse tipo. Como? Ah, estou enfeando o texto, não preciso conceituar a beleza para lidar com ela. É isto? Compreendi, tu estás apenas me avisando sobre o uso indevido de palavrões. Tu és um leitor polido, um ser humano embevecido com certa aparência superior das coisas, mesmo dos textos. Eu te entendo, embora comece a achar que tens um jeitão de aristocrata servil dos bons costumes, quase um bundão. Hein? Tudo bem, faço contigo este trato: vou procurar não chegar ao ponto de dizer que me pareces um bundão, desses que se chocam com palavrões, um desses aristocratazinhos dos tempos republicanos, um babaca fora do tempo. Não diz isso, não me faz pensar muito agora. Não ouvi direito, fala de novo, deixa de

fazer comentários através dessa medida de falar baixinho. Tu achas que o palavrão, em qualquer sentido, é contra-revolucionário? O palavrão é uma expressão que nasce nas bocas apressadas e sem argumento? Amigo, o que essa tua observação tem a ver com as formigas de que te falava? Como assim, tudo tem a ver com tudo? Tu és marxista? Estruturalista? O que és, afinal? Eu não acredito, me surpreendes com esta tão delicada, quase feminina, informação. És um esteta, és? Tens certeza de que és isso mesmo? Eu achei que os estetas tinham desaparecido, que nem os artistas eram mais estetas. Não posso negar que me alegra muito que te apresentes como um e tenhas essa aparência de um ser completamente normal. Eu pensava que um esteta verdadeiro seria esmagado pela radioatividade maligna do contemporâneo. Ah! Espantoso, isso. Fico realmente feliz, ainda mais com esta condição tua, de qual agora me dás notícia. De que és um...como é mesmo a designação? Sim, um *esteta total*. Um esteta total exerce o sacerdócio da beleza integral, tudo deve ser belo para que todos sejam mais intensos. É isso? Legal, não conhecia bem essa filosofia, e olha que leciono filosofia há vinte e...como? Isso não é uma filosofia? É apenas um estado de espírito que três linhas bastam para justificá-lo, nada de tratados e livros imensos. Legal, leitor, mas não posso deixar de fazer minhas habituais catalogações estagiritas. Tu encontras o prazer mediante uma perspectiva epicurista. Gostarias de passear pelo *Kepon*, aquele jardim de Epicuro onde ocorriam as conversas lindas. Tudo bem, tudo bem, mas agora tu já me estás cansando com essa mania de perseguir a beleza sempre. Deixa-me terminar a história das minhas simples formigas. Onde eu estava? Viste, atrapei-me. Queria te dizer algo sobre as sensações que tive olhando as formigas da janela do meu quarto e matando um exemplar que caminhava sobre a minha escrivaninha. Tudo aquilo não ficou muito parado dentro de mim, não sei reproduzir essa tarde da mesma forma, com o mesmo tipo de narrativa em todos os momentos. Perdi-me da estrutura do meu relato inicial. Estou com um pouco de raiva de ti, de tua intrusão intempestiva. Aquela tarde está indo embora de mim agora, levando a lembrança mais exata da tipologia dos meus sentimentos. Estou agora com a sensação de não passar de um hospedeiro de emoções fugidias; tratarei de encontrar algo mais interessante para apegar-me a ele por mais tempo. Algo meu perdeu-se neste momento – e para sempre – da humanidade. Mas não há problemas, a humanidade está perdendo para sempre, a todo momento, as coisas que desaparecem da

lembrança dos indivíduos. Por isso somos sempre historiadores limitados. A história total da humanidade precisaria de outro planeta apenas para as instalações da biblioteca onde seriam registrados os bilhões de instantes da vida de todos os viventes. No fim, os biblioteconomistas, desanimados, perguntariam indefinidamente uns aos outros como é que poderiam os assuntos ser selecionados para organizar as prateleiras desse livro total. Certamente, contudo, a humanidade seria uma abstração sem importância; porque mesmo sendo difícil localizar um assunto, todos eles desceriam ao nível dos indivíduos. A história verdadeira seria a história das percepções individuais, dos pequenos atos. Precisaríamos de outro tipo de especialista, aquele que iria realizar as conexões entre esses pequenos atos de seres humanos individuais e a história do mundo, que passaria quase a não existir mais. Talvez fosse preciso, num dado momento, recuperar a Idade Média e contratar Deus, ele próprio, para fazer o serviço. Ou não é isso que Ele fazia, olhando, de todos os lugares, todos os nossos movimentos, e ainda nos julgando? A Torá, o Novo Testamento e o Corão são apenas os livros teóricos. O grande barato é o cotidiano de Deus e sua ética prática.

Recordo apenas que, depois de matar a formiga, saí. O resto, amigo leitor, depois de tudo o que me fizeste, não tem mais nenhuma importância. Chovia forte sobre Poentes, e mesmo assim andei. Á água, encharcando meus pés e roupas, era talvez mais suportável do que os pensamentos que me inundavam de aridez a cabeça.

Meus últimos tempos têm sido de continuidade amadurecida a partir de tantos desencantos. A única diferença entre as desilusões da mocidade e as tristezas mais adiantadas é que estas são mais desencardidas, mais evidentes, trazem algum cansaço consigo. Hoje, sempre que me encontro em meio a estes sentimentos, tenho um aborrecimento adicional: eu já os conheço, não preciso da aventura de desvendá-los. Simplesmente os revejo como quem cumprimenta velhos amigos, e me deixo dominar pelo silêncio da mesmice de meu cérebro frágil. Dentro dele – soube disso aos trinta e um anos – ocorrem problemas de recaptção de substâncias produtoras de estímulos neuronais, elas têm nomes com cheiro de laboratórios: serotonina, dopamina, noradrenalina. Reconstituo meu vocabulário de homem vulgar, e a vulgaridade é uma dádiva para as pequenas soluções, eu diria que tudo isso é uma boceta de merda, que me liquidou a vida sem me dar qualquer

chance de preparação para a luta. Uma merda. Uma merda, isso tudo. Não, não, agora não me atrapalha, para de falar. Não recomeça essa higiene verbal que preconizas. Deixa o verbo comigo. Eu dizia que essa ridícula circunstância, essa química desastrosa que me inundou cromossomicamente desencadeia minhas crises de pânico, e a tristeza que tenho repousa, com uma placidez natural, no umbigo da perversidade fortuita de minha constituição biológica. O volume de fatos psicológicos investigados que levarei a vida inteira para decifrar, mesmo assim talvez só um pouquinho, e o conjunto desses elementos geram as figuras sofridas da minha espécie, os seres que têm pânico e são tristes. Ao rondar por vezes as ruas como nesta tarde chuvosa, percebo toda a primazia da minha realeza enfraquecida reduzir-se a uma impiedosa invisibilidade, e passo a revestir-me das emoções de um fantasma. Um fantasma tem saudade. Um fantasma enxerga as coisas. Um fantasma tem vontade de conduzir destinos que só ele conhece. Um fantasma quer ser Deus. Mas um fantasma vive diáfano no espaço, transparente como um vidro limpo, lhe atravessa somente a luz e não o calor. É assim que desço sobre a humanidade desta cidade em que vivo há tantos anos, que a gente do nosso lugar é como toda a humanidade, imprecisa e dura. Não sei como adorá-la. Entendes por que tudo isso é uma boceta de merda?

Anteontem eu fui para a faculdade de direito dar as minhas aulas de filosofia. Li bem meus textos, aprontei-me como quem limpa o cano de uma velha arma, rodopiei em minha biblioteca atrás de um bom começo para a conversa com os alunos. Hoje em dia não é um bom negócio falar sobre os pensadores com eles, os grandes dão sono, eu perco prestígio porque me acostumei a eles e não consigo manter mais os alunos atentos como antigamente. Meus assuntos prediletos ainda envolvem Marx, mas Marx não contamina em quase nada esses jovens. No curso de direito só Marx funcionava até poucos anos, os olhos dos estudantes estalavam com as revelações de suas análises sobre a sociedade, queriam fazer coisas, queriam revolver esse mundo até achar uma maneira de derrubar o pensamento burguês. Recordo bem de algumas aulas antigas, meus alunos saíam caminhando comigo pelos corredores, desciam as escadas, atravessávamos a Praça Conselheiro Maupassant e íamos até a esquina para ficar falando alguma coisa teórica. Muitas vezes a noite nos envolvia no inverno e continuávamos conversando, eu os inspirava a alguma mudança, eu os acalentava com utopias, a Guerra Fria era

amiga do humanismo, ou das discussões em torno do humanismo. Dois ou três anos após aquele muro cair eu me tornei invisível, e tudo foi se tornando invisível, todos os alunos foram mudando a expressão, o esplendor de uma luz discursiva subiu como um espiral para o céu, todos foram se deixando convencer pelo engenho alienante do fim do imperialismo norte-americano e o começo monumental do movimento da globalização e do dinheiro sem pátria fixa. Os inimigos também ficaram invisíveis, ou pelo menos passaram a se esconder melhor, e os impérios privados começaram a dançar sobre a Terra e despejar sua política neoliberal, onde vigora, como um totem central, a idéia de que somos todos lançados ao mundo como um vômito antropológico que não escolhe lugares. Forte vence. Fraco perde.

Esse naturalismo da fortuna e da desdita cumpriu seu papel homicida em relação ao Homem com que meu romântico humanismo naqueles tempos estimulava a juventude. Eu também era jovem, eu tinha tempo para me organizar para a luta, para amolar minha língua e cansar meus olhos com os textos das edições Moscovo e Progresso, ambas portuguesas, disseminadas pelo mundo para, cuidadosamente, formar a irmandade socialista. Ainda sou em grande parte assim, um socialista, apenas cansado com o vigor dos fatos e com a morte da confiança. A fé da esquerda desapareceu, a esquerda está imersa na estética horripilante destes tempos em que conversamos uns com os outros agarrados pelas calçadas em fones celulares. A esquerda foi devorada pela falta de ética destes tempos imorais. Sei que afirmo isso com riscos, mas o que faz um professor de filosofia com suas afirmações senão correr riscos. Ademais, fodam-se os riscos, não tenho a pretensão de acertar mais nada, não faço previsões, leio mal tudo, entendo pouco do que me cerca. A academia a que pertença não me auxilia em nada. A educação do meu tempo também é por demais fragmentada, amamos números, amamos quantidade de produções, amamos resultados formais, amamos convites acadêmicos, vivemos para o meio, somos escravos da razão instrumental e Habermas também está capitulando. Sua clareza é fraca para um mundo que faz reflexões com a mesma condição do antílope com chifres em forma de lira: belo, apenas corre e come.

Na quarta-feira eu ingressei na sala de aula, onde me aguardavam cinquenta alunos. Passei a discorrer sobre os motivos pelos quais se deve estudar o direito filosoficamente. Considerei algumas das principais linhas da teoria jurídica, e

comentei como alguns homens pensaram certas coisas. Falei do estado e do fato de este, após a Revolução Francesa, exercer o monopólio da produção jurídica. Comentei, como um artista fatigado pelo tempo de apresentação da mesma peça, a idéia de Hans Kelsen, onde este afirmava que o Direito é, simultaneamente, para todos e para ninguém, pois todos somos potencialmente destinatários das regras, mas enquanto não nos imiscuímos factualmente na previsão normativa, as normas não se dirigem a nós. Falei-lhes da democracia representativa e da validade formal do direito que, por meio desta, é estabelecida. Denotei certo entusiasmo pela matéria. Faz frio nestes últimos dias, é inverno. Na saída da Faculdade, com poucos alunos me seguindo como um séquito encantado, descí as escadarias e vi dois meninos dormindo sobre papelões, encolhidos. Percebi claramente que as normas não são para eles. Percebi a inutilidade do discurso oficial do direito e não compreendi uma vez mais a razão de ser da própria Faculdade. Senti-me vazio. Ingressei na noite e me perdi entre as árvores da praça frontal. Esqueci o direito. Não compreendi a vida. Tentei pensar rapidamente no assunto da próxima aula. Talvez fosse melhor não comparecer. Não havia assuntos eticamente válidos para o meu séquito. Eles viviam. Este professor estava morto.

Aqueles eram alunos ainda vitimados pela vertigem necessária para vencer o mundo dando-se conta da estranheza de toda a marcha humana, da falta de sentido de tudo, do direito, das pessoas, dos fatos. Queriam inventar alguma arte através de mim para apontarem-se também como arpões contra a vida. Perdi-os, perderam-me. Pena, esse instante abortou-se na mínima chance de sua própria oportunidade, nasceu para o nada, sumiu no ar, e voltei para casa com a impressão de que, mesmo assim, fui um professor naquele momento silencioso, e eles foram alunos em sua igual quietude. Aulas são assim mesmo, não escolhem por vezes sua geografia, mas as aulas não comovem mais meu coração a ponto de fazê-lo sangrar de amor como antes. Vivo a severidade de uma contenção imaginativa, e através dela minha ternura seca como uma terra nordestina.

Como disse, saí àquela noite em meio à chuva; já te disse tantas vezes, leitor um pouco torturado, que a chuva me produz boas emoções. Contemplei o efeito visual dos pingos d'água contra os faróis dos carros, chibatadas molhadas descendo com alguma violência, o conjunto de seus estalos chiando como serpentes iradas, um sibilo no meio da noite. É possível ver-se beleza na chuva,

especialmente nas chuvaradas, analisar com benevolência a estética das poças súbitas. Mas a vagueza do sentido de todas as coisas fluuava em minha cabeça e eu comecei a sentir algum incômodo por encharcar as roupas e sentir frio. Minha razão, a Grande Razão que se fixara em mim era agora um Atacama, e a chuvarada era algo extremamente estranho ao ambiente em que se revolia meu pensamento. Busquei abrigo no Café Signo. Pelas nove da noite o café não tem turmas reunidas. São homens – e quase apenas homens, mulheres raras – solitários, perdidos, com nenhuma função doméstica, apenas buscando o som de outros homens para manterem a sensação de estar vivos. Alguns seres são assim: vivem em conjunto com outros, mas não em grupos de amigos, cumprimentam-se, habituam-se a se ver, reconhecem-se, até que um dia morrem e são substituídos por outros desesperados. Há uma sutileza neste convívio, o cafezinho é um motivo que justifica a freqüência dessa gente, até que são contrabandeados para o lado desconhecido da fronteira fatal e esquecidos rapidamente. Alguns desaparecem sem serem notados. Eu mesmo já perguntei por pessoas que via no Café Signo e soube que estavam mortas há vários anos. Nasce-nos um sentimento de desatenção impiedosa; nosso olhar por vezes demora a voltar e esquece seres. Deles nos lembramos quando os olhos já não mais os encontrarão; as pessoas que retornam à lembrança com a fraca força das evocações repentinas muitas vezes estão mortas. Sumiram sem alarde, evaporaram-se em afastamentos definitivos, desapareceram enquanto estávamos desatentos. Muitos também estarão desatentos quando eu me for, e isso me faz compreender, com o horror que acompanha as percepções exatas e diabólicas, a frase de Berkeley, *esse est percipi*, ser é ser percebido. O velho bispo anglicano, viajando para muito além de seu pequeno condado natal, entendeu coisas. Eu te disse: ele é contemporâneo e fatal. Aplique isso às pessoas e você entenderá o sentido mais radical de palavras como *abandono* e *esquecimento*.

Nesta noite eu dei falta de um homem que costumava encontrar por lá, um velho com barba desgrenhada e branca, mãos com unhas mal cuidadas e sujas. Tomava sempre café de favor através do expediente de pedir fichas para os fregueses. Agradecia quando lhe negavam, era gentil e relativamente simpático, dava o ar de não estar com o espírito dentro do corpo. Trazia alguma coisa mortificada dentro dele, ficava muito tempo sentado nas mesas dispostas em paralelo aos grandes vidros do Signo. Quando sentia vontade de outro café dirigia-

se a alguém; muitos não esperavam que ele falasse, e ao vê-lo se aproximar já lhe estendiam a mão com a ficha vermelha. Ele fazia alguma mesura de gesto, apanhava a ficha e a soltava suavemente sobre o balcão, aguardando a atendente. Sorvia o cafezinho escaldante com uma espécie de elegância distraída, pousava os olhos no vazio do ar, seu espírito não estava mesmo dentro de seu corpo. Depositava a xícara vazia sobre o balcão novamente. Não punha açúcar jamais, permanecia estático por alguns instantes e voltava às cadeiras. Ali ficava sem expressão até o Signo fechar as portas, e saía do local desejando boa noite a quem encontrasse, perto das dez. Quando comecei a pensar nele percebi que não o via há tempos. Teria morrido? Se não estava indo ao Café o pobre coitado deveria estar morto, não teria motivos para mudar de cidade e nem trocaria os seus hábitos de tal forma que parasse de ir ao Café solicitar suas fichas. Eu não tinha como perguntar por ele, não lhe sabia o nome e sua figura não era tão impressionante assim que merecesse uma memória coletiva. Não tinha, na verdade, nenhum hábito ou sinal físico que o diferenciasse de forma singular de todos; era um pobre velho pedinte que ficava no Café por muito tempo à noite, mas o Café estava cheio de gente assim; o Café é uma espécie de oásis em meio ao deserto hostil das ruas, principalmente pela noite; há gente, há vozes, a espécie humana se diverte com urgência porque não há alegria maior nas horas longas do dia na vida dos fregueses noturnos.

Atestei-lhe o óbito por ausência e acredito que nunca mais o verei. Fiquei com a impressão abatida de que também eu era um daqueles homens, sócio eventual daquele clube de gente sem eira nem beira, e só não era permanente porque tenho minha família e minhas aulas de filosofia. De qualquer maneira, invade-me a certeza, muitas vezes, de que sou sempre um fugitivo, um resistente a tudo nestas sombras em que me habituei, conduzido por minha doença, a viver perseguindo sempre algo nada claro. Minha filosofia convocou-me a entrar de cabeça no mundo, e entrei. Mas isso significa, de certa forma, abandonar os conceitos filosóficos para fazer filosofia no cotidiano, no acúmulo dos dias e das noites, no meio de todos os homens, sem escolhê-los, porque a escolha traz consigo algum preconceito inconciliável com minha maneira de ver o mundo. Isso não significa que não prefira alguns a outros, e que tenha meu grupo de amigos; minha retidão política inflexível não me permite recusar alguém, o que é curioso para um

homem que não conhece o amor em sua atmosfera rasteira como eu. De fato, acolho a todos por princípio; todos têm acesso a mim. Eu permito essas aproximações sem o exercício de cuidados com as relações pessoais que se podem formar a partir de pequenas distrações. Em alguns momentos futuros eu condenei certos momentos passados; errei em relações que entretive com algumas pessoas; muitas se tornaram insuportáveis, fingi não as ver, desliguei celulares na iminência de ligações, evitei locais onde encontrá-las seria muito possível. Mas, ao início, todas me são possíveis; este pastor não recusa suas ovelhas. Contentam-me com suavidade algumas ortodoxias cristãs, amigo leitor, tu ainda não desconfiaste? Tu me achas cínico? Bem, devo dizer-te que acho o cinismo uma das virtudes da sobrevivência, em certos casos. O problema é quando este cinismo passa a fazer parte de nossa forma de ser quase como uma maneira lúdica de levar a vida através de artifícios fraudulentos de nossas vontades. Aquele tipo de razão cínica de que te falei, lembra? Pois é, ali está uma forma de a humanidade ser um tipo de concretude perversa, uma espécie de corpo humano multiforme capaz de uma impostura original. Quando isso acontece, eu percebo o desabrochar de uma representação dolosa do mundo, germinada no terreno enganoso de uma ideia que se sabe falsa. Em seus momentos de incubação, essas compreensões normalmente estão ligadas a algum poder político. O capitalismo precisa vendê-las, uma vez que o capitalismo cria a novidade e a necessidade da novidade; a artificialidade é irmã desse tipo de necessidade, e o capitalismo é o chefe da família.

Não, não tenho mais vontade alguma de pensar sobre a criação de outro mundo social; minha vida não me quer fazer herói de nada, estou cansado; custa-me muito, hoje, produzir alguma concepção de enfrentamento, mesmo que por passatempo. Essa alternativa me é aterradora. Morrerei neste mesmo planeta em que nasci, com algumas vantagens: a ciência pode prolongar minha vida. Os filhos da puta também ajudam e, se for para viver mais, quem não quer o auxílio de um filho da puta dono de laboratório de fármacos, por exemplo? Eu aceito suas mãos estendidas, mesmo que me roubem. Goethe também aceitaria isso quando pediu luz. Quando já ultrapassamos a metade estatística da vida, salvo a preservação enferma da coerência radical, deixamos sentar à mesa certos cavaleiros que esmurraríamos em nossa juventude. Eles sentam, conversam um pouco, e, quando vão embora deixam em nossa mão algum produto e nós deixamos nos bolsos deles

algum valor. Essa é a corrupção a que se submetem os espíritos alienados e as almas esgotadas: o consumo delirante. Esse consumo galopa bela e descontroladamente. Tem uma certa altivez mesclada com esperteza. Enriquece-se como se fosse um simples exercício de um direito natural. Os divulgadores dos engenhos do capital trazem consigo não apenas o novo produto, mas a necessidade dele. Inventam-no e inventam o seu porquê. Compramos esse porquê. Caímos nos seus contos. Contam mais intensamente com as crianças. Novos brinquedinhos, vitrines coloridas, propagandas generalizadas. Até o momento em que os filhos despedaçam os corações dos pais. Eu não sou uma criança, amigo, mas já estou ficando fácil. Estão infantilizando os adultos, sedando seus olhos com brinquedos para eles, produzindo-lhes fome de consumo. Saem às ruas atrás de coisas e mais coisas, entram e saem de lojas, velejam como barcos ao redor de prateleiras de supermercados, ronronam na frente de estantes. Essa gente é tenaz, não desiste. Os divulgadores caçam gente, são como os antigos vendedores de enciclopédias, não desencostam mais depois da abordagem. E tudo assim vai indo, uns comprando e outros vendendo, e pouco mais que isso parece ser a vida. Meus olhos estão estalados diante do espetáculo que se passa entre as presas e os caçadores. Como é luzidio o ouro! Como é descolorida a humanidade que se estabelece em arquibancadas para ver esse ouro luzir.

Senhor, meu amigo, há tanta coisa para compreender, não é mesmo? Isso tudo é que conduz, numa certa época da vida, ao cansaço de que te falo. Eu te dizia que aceito, a princípio, qualquer pessoa para interagir comigo, mesmo sujeito a arrependimentos. Pois é, entendo, talvez até por cisma, que esse é um artigo de meu estatuto moral que sou capaz de defender perante qualquer juiz misantropo. Sim, sim, eu sou um misantropo também, mas esperava que tu tivesses entendido o caráter filosófico da minha misantropia. Entendeste? Que bom, isso é muito melhor, sinto-me aquecido por tua compreensão.

Contudo, devo fazer uma confissão até certo ponto estupefaciente, eu sei: a defesa deste meu princípio moral também está me cansando, e como a pós-modernidade tornou a vida muito mais chata, ainda que com todas as vantagens tecnológicas, começo a afastar-me do convívio de quase todas as pessoas. Estou em um processo de decodificação desse desamor, dessa fadiga, desta insuportabilidade em estudar e debater as coisas da política, em falar sobre direita e

esquerda, sobre a democracia e os partidos. O problema é que na mesma medida em que não vejo mais ninguém capaz de me persuadir sobre coisas políticas eu também não encontro em mim nenhum argumento amadurecido para conquistar os adversários. Essa perdição desalentada é o momento que vivo. Talvez o início de uma depressão, mas sei até certo ponto o que estou dizendo. E estou precisamente dizendo que gostaria que se danassem os fundamentalistas de uma política desrespeitosa no Brasil, tanto pelo que ainda se pode chamar de direita como pelo que se pode ainda chamar de esquerda. Fodam-se. Quero algo um pouco melhor, algo que se destine explicitamente à felicidade, esse nome que ou é pouco significativo ou que já se contenta com tão pouco para se estabelecer. Voltei aos palavrões, é verdade. Por que devo adorar a beleza expressional? Por que tu queres me obrigar a isso? Falas em nome da beleza e da educação esmerada, isso é extraordinário, mas vá tomar no cu agora, eu ainda preservo os modos pouco educados e a alma violenta e rude de um homem da Campanha.

Que estás querendo me dizer? Por favor, tu deves ser mais claro. Ah, lá vens de novo com essa história de consideração pelos leitores desse inventário? Acreditas que o leitor poderia cochilar diante dessas considerações nada importantes para fazer uma alma se movimentar? Calma, leitor amigo (vou novamente convidá-lo ao convívio apesar da minha passageira irritação; como sabes, eu acolho a todos e contigo não será diferente). Às vezes há coisas em que não precisamos respeitar o teu desejo; um autor não escreve só para ti e para o teu agrado. Ele também escreve para seu próprio exorcismo. Tu não tens demônios atormentadores? Nada te atrapalha? Não tens apelos emocionados que vêm lá de dentro de ti mesmo para, em textos literários, aceitar teus pequenos ensaios? Tudo bem, eu te compreendo, mas eu não estou aqui só para compreender-te. Na verdade, tu és quem deveria me compreender, tu que me procuraste. Mas a gentileza é sempre fundamental para alguma elevação nas relações, mesmo nestas relações, entre autores e leitores, e vou respeitar-te. Receio, contudo, que mesmo assim tornes a dormir. Tenho tantas ideias sobre coisas para te contar, mas esta tua normalidade reduziu-me a vontade. Eu não sei quem és. Podes ser um bioquímico, um despachante, um engenheiro. Isso não interessa? Penso que sim, nós dois poderemos parecer idiotas um para o outro. Cuidado, essa potência de diálogo pela leitura pode não acontecer. Podes ler o que te escrevo e não me entenderes

exatamente no que eu gostaria de ser entendido. Pagas o preço para ver? Muito bem, agradeço-te. Só te peço que não me leias pela rama, que não saias por aí repetindo o que eu não disse ou que, havendo dito, é completamente secundário nessa minha história autobiográfica, da qual já começo a ter receio em autorizar a publicação. Portanto, faz-me o favor de tentar me compreender, e eu também vou fazer-te a fineza de tentar imaginar-te, ainda que aí eu tenha problemas, pois imaginarei um e serás muitos, mas o que posso fazer? Ok, vou oferecer-te um pouco mais da minha ferocidade e da minha miséria. Apanha um café e o sorve devagar, como quem se estabelece para um diálogo que deseja ter.

Sou um devedor. Devo para várias pessoas. Dívidas de dinheiro. Uma ferragem aqui, uma loja ali, uma livraria acolá. Bancos, alguns bancos, empréstimos pessoais, médicos. Até mesmo dois amigos. Não me ataca com vociferações indevidas, não sou uma pessoa sem pruridos, constrangem-me profundamente essas dívidas. Eu faço estranhos movimentos psicológicos depois que as adquiro, paraliso-me, afasto-me, enredo-me logo adiante com outras dívidas, tenho grande dificuldade em planejamentos econômicos, e tudo o que guardo comigo em relação a quem devo é a certeza de que, um dia desses, irei procurá-los como quem chega para um grande e sofrido acerto moral. Repassarei o dinheiro às suas mãos e eles ficarão agradecidos. Lembra-te do jantar de que te falei? Tudo será falso, porém. Nem eu estou convencido da força ética dos pagamentos em dinheiro. Estimulo-me muito pouco com estas coisas, apenas atrapalham-me, na verdade, e nem meus credores retirarão seus reclamos sobre minha tardança. Na verdade, serei já um homem condenado quando pagar o que devo. Um devedor tardio não é apenas um devedor no juízo das pessoas, ele é uma criatura abominável, somente tolerada pela esperança de que um dia abra os olhos com a recordação de seus deveres. O pagamento será feito mediante minhas desculpas e mediante a afirmação dos credores de que tudo estava bem, que não estava fazendo falta ou coisas assim, mas eu saberei perfeitamente que serei um homem guilhotinado doravante. Este é o critério com que se medem muitas pessoas: a sua capacidade de assumir seus compromissos financeiros. Aquele que fraqueja ou se omite será, na lembrança dos que souberam do fato, um homem perigoso para negociar. Talvez até tratem de manter distância desse imoral, afastem seus filhos dos filhos dele, esparjam à boca pequena o que chamarão de safadeza. Um devedor é praticamente um fora-da-lei, a

organização capitalista se encarrega de prover meios de localizá-lo: SPC, SERASA, CADIN, registros que comprovam sua vileza. O nome nestes cadastros impede-o de adquirir novos débitos, ele recebe uma espécie de óbito do capital, uma condenação moral para que não seja alegre através do que o dinheiro lhe possa comprar, e viverá assim, como um proscrito, atemorizado pelas cobranças e adquirindo com muito custo outras coisas. Todas as portas estarão trancadas à sua passagem, e só lhe restará um grito contido contra a hipótese da felicidade que está à venda, e ele passará anos perambulando à margem dos amigos retos e tranqüilos. Conviverá cheio de riscos com todos que possam saber de suas dívidas, viverá assustado com todos, dar-se-á conta de que é culpado e sofrerá por isso. A terra lhe terá sido salgada para que não mais vivifique sobre ela, a carteira carregará murcha, o salário lhe será minguado porque estará sempre pagando o que lhe descontam. Andará com ansiedade na calma das tardes e o sol muitas vezes não aquecerá o frio que traz por dentro. Este homem conversará interminavelmente com sua mulher sobre os problemas que possui, chorará antes de dormir, lerá com prazer textos revoltosos, apreciará manifestos e se transformará muitas vezes em um homem de esquerda apenas para eliminar os credores das dívidas de dinheiro. Ademais, é preciso distinguir entre os credores, há as instituições e as pessoas, os conhecidos, os identificáveis. Minhas dívidas bancárias não me incomodam tanto, ainda que sejam maiores do que as pequenas dívidas que possuo com pessoas que me reconhecem. Sempre procurei pagar-lhes prioritariamente; ainda há hoje, como disse, duas pessoas que não consegui pagar dívidas que tenho há anos, mas vou pagar. Os credores têm um só interesse. Os devedores, mais. E o leitor sabe que não minto.

Eu deslizo pelas calçadas com a esperteza de uma presa que reconhece o predador, desvio, entoco-me em alguma porta, baixo a cabeça. Levo nos ombros a vergonha e nos olhos a tristeza de não conseguir acenar para alguém a quem devo algum trocado. Grande parte de todo o pouco dinheiro que consegui até hoje eu usei para adquirir livros, minha biblioteca é meu orgulho, dei-me de presente essa condição, a de formar minha biblioteca. Ela é grande já, possui milhares de livros, e minhas aventuras econômicas colocaram em minhas prateleiras os livros com que preparo almas e com que acaricio a minha própria, sempre inquieta, ansiosa, perdida. Triste paradoxo: imoralizar-me para moralizar meus estudantes. Meus

livros, minhas páginas magníficas, minhas leituras cuidadosas dos detalhes do pensamento, tudo levado aos alunos à custa de dívidas não saldadas. Meus meios não foram planejados, entretanto; nunca pensei em ter dívidas para não pagá-las. Apenas me inundei tantas vezes de um desejo incontrolável para pôr um texto diante dos olhos que não encontrei freios entre mim e os funcionários das livrarias. Eu os compro e eu os leio, ou consulto, ou dou uma olhadela curiosa, mas sempre sei o que tenho em casa, conheço meu material, ainda que hoje em dia me esteja faltando um pouco de memória em relação aos autores. Um Gregório de Mattos é um Emílio de Menezes, um Oscar Wilde é um Ambrose Beirce, um García Márquez é um Pero Vaz de Caminha, um Vergílio é um Dante etc. Não os estou preservando tão bem como o fazia. Eles já moram em mim, transfundiram-se com minha matéria, e essa indivisibilidade faz de mim um porta-voz de um líquido que tem a escuridão dos séculos e o anonimato das gentes de todos os tempos. Isso é curioso: assistir o vapor da humanidade soltar-se de sua boca; sua boca é um bueiro dos anos, uma boca-de-lobo onde tudo entrou e já nada é distinguível. Isso requer alguma competência a que chamamos erudição, às vezes; mas isso é, no fundo, um fator de desespero porque, sendo-se vários, não se é nenhum. Tu és um ser sem unidade, e teus gritos de socorro não são só teus. No meu caso, são do professor que eu me tornei, são dos autores que li, são de tantos tempos e de tantas pessoas ao mesmo tempo que a sensação de tontura é inevitável. Passas a querer ludibriar aquele em que te tornaste para ires em busca da tua essencialidade primordial. Um dia tu comesças a desconfiar que nenhum homem possui essa essencialidade, que todos são múltiplos. Somos uma unidade fragmentária. O um e a miríade. Uno e plural. Quando enxergas essa situação melhor, quando o dia já está alto, tu sentas e contemplas o mundo inteiro fechando os olhos. Tudo está perdido, tu estás perdido; contudo, tua mão real está sob o teu queixo real. Tuas roupas reais abrigam teu corpo real, e o estranhamento com essa despersonalização acaba sendo notável. Começas a viver de esperanças mágicas com uma espécie de sabedoria que já não faz mais planos. Neste ser eu me tornei, estou me tornando.

Deves saber, amigo perscrutador, como funciona o desejo de um comprador juvenil e cego à presciência de seu prejuízo futuro. Ele agoniza diante do que deseja, implora sua propriedade, chupa-o com o olhar, despeja seus cobres sobre o balcão da caixa registradora e sai, culpado e feliz. Eu saio com meus livros embaixo

do braço, em sacolinhas, passo acelerado para chegar em casa e já poder abri-los e entender seus sentidos. Eu sou esse juvenil, compreensivo leitor. Como já disse Sílvia Rodriguez desde Cuba, *quiero que me perdonen por este día los muertos de mi felicidad*. Depois, o horror, a varredura da paz, o início de uma dívida, o recomeço de tudo, as dificuldades em casa, os frutos pestilentos dessa planta daninha. E lá estarei eu – não faz esta cara de que me considera culpado –, bem no centro desse redemoinho insuportável, onde o juízo alheio começa a ganhar forma e peso, começa a existir cartesianamente, começa a ranger as grades da imensa solidão da cela para onde são enviados seres como eu, os que devem ser expurgados da sociedade porque lhe são nocivos, não pagam suas dívidas de dinheiro. Outras dívidas, amigo, calma, eu sempre fui cuidadoso em quitar, mas aí sou eu quem estabelece a sua condição moral. Dar uma aula que me satisfaça e me justifique o ganho, auxiliar com palavras um amigo nervoso, abraçar minha mulher quando está triste, ser amigável com um desconhecido, uma ética quase escotista, entendes? Uma torrente de emoções cristãs também se locomove nas almas pouco religiosas, e muitas vezes me comovo com a simples caridade. Uma emoção contida, quieta, onde me posto como uma testemunha encantada; maravilha-me o que é simplesmente bom.

Mais ou menos há três meses eu tive uma visão matutina dessa bondade escotista de que te falo. Na esquina das ruas Heidegger com Jaspers, pelas sete da manhã, um homem moço auxiliou um homem velho a ultrapassar, com lentíssimos passos, a faixa de segurança. A sinaleira abriu com o velhinho ainda ao início de seu andar, e os carros foram chegando, um após o outro. O rapaz fez um sinal com uma das mãos para que esperassem e todos esperaram, ninguém acionou as buzinas; o homem velho chegou ao outro meio-fio e o rapaz soltou seu braço e apertou sua mão. Depois os carros partiram em um cortejo inaugurador do dia. Eu olhei o rosto do velhinho, que estava feliz e agradecido. Fiquei bem, minha ética escotista, embora não dê sentido ao mundo, e embora eu sofra muito por isso, traz-me bons momentos. Mas, vê bem, nem sempre sou assim. Se trago comigo a bruxaria corrosiva de um ataque de pânico, ou se estou muito tenso, não vejo os atos bons, não lhes presto atenção e nem os persigo. Sou um bicho largado à sobrevivência, ando com pernas de fugitivo, trago na cabeça alguma imaginação danosa. Não sou sempre igual, e nem tu deves ser. Isso não significa que não procuremos a

estabilidade emocional, mas devemos detestar que nos imponham a coerência. Tenho receio das polícias da coerência. São uma organização criminosa e totalitária. Querem que professemos sempre as mesmas coisas. Que não esqueçamos quem fomos há algum tempo atrás. Que sejamos reprodutores de nós mesmos. Conheço muitos assim, inclusive conheço as brigadas dessa organização, não aceitam mudanças, e a mudança dos sujeitos é considerada a pior delas. Aquela que o desmente e que o revela pernicioso. A esquerda é assim, a direita não o é, mas a direita também não é nada, a não ser a versão mais acabada dos preconceitos. A esquerda é pior neste sentido, uma vez que tem exércitos pouco acostumados ao perdão. São impiedosos diante da individualidade transformada. Quem se desgarrar de seus batalhões contrai uma espécie de doença. A dissidência deve ser banida antes de ser compreendida. A vida democrática da esquerda querará matar a direita, e a vida democrática da direita irá pretender ver sempre a esquerda de cima para baixo, como quem analisa insetos nojentos. Decidi pela caminhada, só pela caminhada. Sempre na dependência tópica das coisas da política, perdi a noção da espinha dorsal ideológica que já me animou tanto. A caminhada, amigo, só a caminhada. Nestas alturas já estou meio proscrito da esquerda; sou uma espécie de dissidente. Pensam que já aderi à direita, mas se equivocam. Não pertenço a mais nada e quase nada a mim pertence. Meu afeto anda rarefeito como o ar do Himalaia. Oxigênio é uma boa pedida, mas esse mundo só me oferece coisas que não entendo. Ficar velho será isso? Será que a opção pela caminhada solitária é um adeus aos homens? Onde estarei andando, que chão é este, amigo leitor? Eu te convoco a desvendá-lo para mim, faz-me o favor. Acho que preciso de ti desde o dia em que, passando por muitas privações, pressenti alguma espécie de fim.

Eu tinha parado de lecionar inglês e ainda não estava formado em direito, acho que foi no meu último ano de faculdade, alguns meses antes do término. Eu ensinei inglês durante meu curso. Sobrevivi assim, afora algum dinheiro que meus pais me enviavam desde Nascentes por ordem de pagamento bancário. Hoje, poucos sabem o que é um *passse* para buscar no banco. Eu esperava, recolhido a uma pseudo-miséria, algum *passse* de meus pais. Banco do Brasil. Sair de casa para ir ao centro da cidade sempre me aborrecia. Era preciso lançar mão de uma agilidade mental indesejável, pensar em tudo, não esquecer nada. Como morava em um ponto relativamente afastado, minhas atividades requeriam precisão: primeiro tal

coisa depois a outra e assim por diante. Àquela época eu estava desempregado, vivendo das sobras de um contrato de trabalho acabado, gastando os últimos trocos com compromissos e sem esperança alguma de obter algum novo salário. Os tempos eram difíceis para mim; sempre enfiado no transporte público, comecei a fazer refeições baratas, não comprava mais livros, apagava todas as luzes da casa, mesmo as externas, e mantinha acesa apenas uma, sobre mim. Morava sozinho neste período; eventualmente levava alguma mulher para dormir comigo. Num tempo sem futuro, acostumei-me às privações do desemprego, já não via muita dificuldade em passar horas num sofá, até ficar com dor de cabeça pela má posição, pensando em nada, fumando cigarros vagabundos, atirando a fumaça para cima e distraíndo-me com suas figuras aleatórias. Distraía-me a monotonia das tardes, ouvindo o som das moscas, apenas incomodando-me quando pousavam em mim e me davam coceiras. Deitava-me de calções e sem camisa no sofá, apoiando meus pés cruzados sobre um dos braços do móvel e a cabeça sobre uma almofada descolorida pelo contato permanente com meus cabelos oleosos. Ficava lá, parado, entretido com a fumaça do tabaco mixuruca, dando-me conta dos primeiros sinais da miséria exatamente enquanto notava o uso dessas coisas vadias. Essa miséria, contudo, ainda não era completamente visível, eu comprava boas coisas quando trabalhava no curso de idiomas, ensinando o inglês para adolescentes tolos; eles ficavam o tempo inteiro repetindo frases e ensaiando diálogos puramente formais. O coordenador da escola gostava da minha técnica, *não importa o sentido do que dizem, mas o aprendizado da mecânica da língua*. Por esse tempo tomei contato com certa modalidade do interesse burguês, onde o interesse por um idioma era quase sempre aritmético, *eu falo duas línguas, a minha e o inglês*. Sim, o inglês, porque outro idioma não tem sentido nesse mundo. Saber inglês parecia o mesmo interesse dos alunos de direito: há várias coisas a fazer com isso, *eu falo inglês e viajo sem problemas ao redor do mundo, eu sou bacharel em direito e posso fazer concursos para várias carreiras públicas*. O inglês, como o curso jurídico, é um abre-latas, e atrás de tudo está o sorriso dos pais burgueses pelo sucesso de seus filhos idiotas. Mas, amigo, não sejamos tão crueis: a idiotia também pode ser santa, da mesma forma que a genialidade pode ser diabólica.

Eu precisava urgentemente pagar o telefone, no dia seguinte a companhia iria desativá-lo, e já era hora de pensar na conta de luz também. Essas eram minhas

atividades, as que referi ao início, indo da minha casa afastada até o centro da cidade realizar as tarefas comuns de um homem normal. A sensação de normalidade sempre me fez mal, não tive jamais nenhuma alegria ao cumprir compromissos, pacto é pacto, dívida é dívida, e a sociedade vê honra nos cumprimentos. Já te falei sobre isso, sobre como isso é bruto. Um homem em dia com credores é um homem bem visto, um senhor que merece um gesto respeitoso de mão, personifica a própria responsabilidade. Será ainda mais admirado se falar inglês, e mais ainda se for juiz. Eu sempre tive cautela com esses deveres e com essa aparência, mas também nunca pretendi mesmo admiração, ao menos a admiração que provém de olhos elementares. De qualquer maneira, eu estava só, e não seriam minhas forças suficientes para furar os olhos elementares e lançá-los à cegueira infinita, para que nem gente como eu e também nem os senhores honestos pudéssemos ser vistos. Isso iria em paz até perdermo-nos para sempre no abdômen de um esquecimento satisfeito. Agora, desempregado, eu sentia bem na pele a noção burguesa de honestidade, e compreendia sua teoria; no cotidiano das ruas um bom número de burgueses é desonesto, mas mantêm a condição de serem reverenciados pela autoridade de seus portes e pelas gravatas combinantes. Eu não era desonesto, mas não cumpria meus compromissos: a questão está em verificar a qual teoria se atende, especialmente quando temos um aspecto de plebeu amargurado, e nossas gravatas são de terceira. De qualquer modo, a explicação desse fato emocional levaria muito tempo para que eu te esclarecesse o suficiente para gostares um pouco de mim, talvez. O trajeto longo da conversa, até atingirmos o ponto em que eu poderia começar a ser entendido, já teria levado a tua calma embora, e começaríamos a nos odiar antes de vermos nascer alguma amizade. Por isto, por este cansaço, pela necessidade professoral requerida a mim para clarificar-te definitivamente o que sinto, acho melhor começar as despedidas. Serão um pouco algo como as exéquias de meus argumentos. Vou no máximo deixar uma semente em tua terra, espargir um pouco d'água e esperar que um dia tu tenhas a vontade da colheita. Talvez esse desejo nunca nasça em ti. Talvez nunca mais olhes para aquele pedaço de tua terra. Para aquela pequena planta que desejo, quase mais do que viver, enxergar nascida para os teus olhos. Mas não posso mexer na tua natureza. Disciplinaram-me também para o respeito à substância com que cada um de nós é feito. Serei apenas aguardo, mesmo que me esqueças. Se eu próprio

não vingar do chão entenderei talvez melhor a tristeza do agricultor com o fracasso de seu plantio. Lanço-me à sorte de tua lembrança. Mesmo que saiba que ela é um cavalo selvagem. Tenho a potente, mas brutalmente humilde intenção de perenizar-me. Não esquece de que temo a morte, de que esta é a minha doença. Dá-me o direito a uma única quimera.

Paguei o telefone. Eu estava agora parado diante da Ótica Idealismo esperando um amigo que não veio. Minha solidão aumentara. Desloquei-me lentamente em direção ao Café Signo. Ia ver se encontrava algum conhecido para filar um cafezinho. Meus bolsos estavam vazios, o dinheiro havia chegado completamente ao fim. Entrei. Ninguém. Nenhum rosto alguma vez visto por mim estava ali dentro. O ambiente estava como sempre nos sábados perto do meio-dia, um vozerio cheio de palavras indistintas. Homens tossindo. Doentes. Outros rindo alto, com uma alegria de pássaros ao nascer do dia. Sentei-me a uma mesa lateral e fiquei observando a todos por vários minutos até meus olhos ganharem uma misteriosa abstração e permaneci absorto em meus pensamentos mortos e sem importância alguma. Não sei dizer quanto tempo depois, pisquei os olhos e saí do transe, estava numa posição amalucada, contorcido sobre minhas pernas dobradas, como se fosse um canivete mal fechado. O vidro da vitrine, recém limpo, fez-me ver a desgrenha de meus cabelos, inteiramente desorientados sobre minha cabeça. Levantei-me rapidamente. Há também a comunidade dos loucos nos cafés e tive receio de uma integração natural à comunidade, como o homem sentado no canto oposto ao meu, solitário e falando em direção ao vidro onde não havia ninguém, com ares de quem está trocando informações confidenciais e receia ser escutado. Saí. Na rua novamente, percebi não ter destino. Voltei para casa e deitei no meu sofá. Dormi profundamente e só acordei com o som do telefone tocando alto sobre um console de belos adornos, comprado com o meu último décimo-terceiro salário. Atordoado, atendi. Era o sr. Colvara, disse-me que seu filho sentia minha falta nas aulas de inglês, estudava comigo havia três anos. Eu lhe falei da minha rescisão, *foi contenção de despesas, o senhor sabe como é uma empresa privada, etc.* Afirmou estar muito sentido e desligou. Voltei para o sofá. Tentei dormir de novo, mas não consegui. Minha cabeça doía bastante, o sofá já não se prestava para deitar, estava côncavo demais para o meu corpo, causava-me desconfortos físicos grandes. Sentei-me e acendi um cigarro, o penúltimo da carteira. Olhei a fumaça, ela fez uma

elipse, parecia um tornado caribenho, depois perdeu essa forma e não ganhou mais nenhuma. O cigarro acabou, acendi o outro imediatamente e busquei novas formas, mas nada de interessante apareceu no ar. Fui ao banheiro e mijei gostoso, longamente. Voltei para a sala, pensei em vender os móveis, desisti, pensei de novo e desisti uma vez mais. Abri a porta frontal, encostei-me no batente e fiquei inclinado por alguns minutos. Notei a fome aumentar, mas eu não tinha nada na geladeira. Em casa, nem pão ou leite. Respirei fundo, fechei a porta lentamente atrás de mim e saí caminhando pela calçada da minha rua. Era preciso preparar-me para a cerimônia do desespero.

Escuto agora o som das asas da minha libélula. És tu, descida do ar, colossal e suprema, vindo me fazer companhia? O que significas? Passou por cima de mim, foi-se embora; era ela, minha libélula espantosa. O que queria? Cheguei a sentir tua companhia absurda, mas talvez menos absurda do que uma pessoa real, que sempre se aproxima como se portasse algum sentido. Tu não tens sentido algum e também não te incomodas com isto. Tu és a arte mais funda desta região incompreensível do mundo em que vivemos; não te explicas e nem queres ser explicada. Tu apenas és. Acho isso ótimo, eu também estou detestando explicações. Também estou com fome de arte. Estou com fome de ti, libélula impossível, aberração necessária, sentido do nonsense. Haverá um dia, sinto em meu coração exausto, em que encontrar uma libélula como a minha será tão normal como encontrar uma pessoa. Veja só, pós-moderno leitor, um telefone celular já não te parece um dado da natureza? Um televisor a cabo não te é também muito natural? E um DVD para Blu-Ray com home theater? E a internet? E os vídeo games? Hein? Reconheces essa tecnologia como uma seqüela magistral da aventura científica da humanidade enquanto a libélula deve ser considerada mitológica? De fato, a fronteira entre a fabulação do mito e a verdade da ciência ainda são distinguíveis, mas tudo é tão tênue. Vendo tua reação, devo confessar meu descontentamento. Minha irritação, até. Desdenhas da libélula e tencionas que eu aprecie o teu computador. Deixa meu bichinho voar sobre ti, ele tem ao menos algum calor. Mesmo que tu não vejas minha libélula ela pode existir. Basta que tu a imagines e nela creias. Tu me apresentaste teu deus e me disseste que eu deveria tomar o mesmo caminho para oficializá-lo e torná-lo operante. Afinal, o que há de diferente entre minha libélula e o teu deus? Ambos existirão, se quisermos. Eu rezarei para

teu deus e tu alimentarás minha libélula, pode ser? Não? Por que não? Porque minha libélula é ridícula e o teu deus salva os homens do pecado? Eu sabia, tu também vês os seres invisíveis dentro de certa hierarquia. Como a direita, com seu preconceito corrosivo, vê a humanidade, só se aquietando em meio aos favorecidos. Mas – peço-te um pouco mais de calma –, vê bem: não vou perseguir-te, não convocarei as milícias da esquerda para detratar-te à vigilância que ela exerce sobre os homens verticalizadores. Não chegarei a esse ponto, talvez nem te queira mal. Podemos ficar com nossos seres: minha libélula, teu deus; talvez estejamos ambos loucos e qualquer altercação possa ser a primeira chama da intolerância. Na verdade, eu não sei nada, como te disse. A libélula também me parece fantástica. Apenas te peço que eu considere o teu deus igualmente fantástico. Aceita isso. Estou confuso, minha cabeça começa a doer, como sempre dói diante dessas coisas. As aporias, lembras? Quem pode responder sobre deuses e libélulas imensas senão a loucura? A metafísica alicia e acalora os cérebros com os desvarios que produz, mas a metafísica é a mãe da arte, e embora esgotado eu ainda a admiro. Ela está no fundo das águas mais esplêndidas. Das vozes mais fortes. Dos sons mais belos.

Agora, depois dessas confissões, espero não te haver irritado. Procurei ser gentil e disse apenas a metade do que lembro, a outra metade pode destruir a honra de famílias conhecidas em Poentes. Tenho segredos de luxúria, revelações de volúpias insondáveis vertidas em dias já perdidos. Senhoras bem havidas já compartilharam comigo os risinhos cúmplices do após amor em tempos de nenhuma desconfiança. Casamentos podem acabar. Tenho meus pudores, não muitos, mas os tenho. Tu também os tens? Ah, também possuis coisas que não gostarias que eu soubesse? Compreendo. Perfeitamente. Que bom, aprecio encontrar no varejo os irmãos libertinos que são também capazes de vexar diante das notícias de suas atividades. Nem todos confessam, vejo que tu, leitor, tens a coragem de revelar-me um pouco do teu aspecto dissoluto. Um corpo tem muito valor, não só o espírito, e toda peripécia na direção de um corpo é igualmente feroz como as rezas de validação das coisas nobres. Tuas rezas, por exemplo. Prometo-te voltar, se ainda me quiseres. Faço um teste contigo: aposto em tua voragem por intrigas e deves apostar que continuarei por aí, desesperado. Se depositarmos confiança nesses elementos eu te conto o resto. Virei com novos exorcismos e tu tornarás a sentar-te

em tua cadeira para repousar-me entre tuas mãos. Quero viver entre elas, como uma pomba a arrulhar aquietada. Se, contudo, não me quiseres mais, eu voltarei de qualquer maneira, pois tudo posso. Eu passo e repasso em minha mente a história que melhor me convém. Neste momento eu sou uma espécie de deus, eu sou o nosso deus. Invento-nos. Inventei-nos.

Mas – que estranho –, fiquei com a impressão de que, ao inventar-me, toquei a argila real de que fui feito. Biografei-me, mas não fiquei com a impressão de que eu tenha uma *história*, um conjunto de fatos que possam ser colocados com justiça dentro de uma narrativa com algum valor. Não sei se alguém possui isso. Mesmo ela, a totalidade do que existe, é uma espécie de compêndio pobre. Ela desanima os que buscam a beleza, oferecendo sempre algo medíocre exatamente por ser algo que existe como as coisas que existem para os retratistas. Valem-lhes as fotografias, não as coisas. Notar a existência é agradável aos Descrevedores, aos cientistas, essa gente estranha. Inventar a inexistência atribuindo-lhe alguma condição de possibilidade é o que de lindo há. Os utopistas são os grandes poetas da Grande Razão. Quando contei minha vida ao amigo, pude perceber como esses juízos descritivos revelaram-me constrangedoramente. Essa vergonha vem apenas da circunstância de eu ter procurado caracterizar-me, e mesmo minha loucura, por existir, é pobre como tudo o que existe e é descrito como esse algo que não consegue deixar de existir. A loucura boa é a loucura que se atribui por imaginação a alguém. De frase em frase, revelei meu ser arisco, e todos agora saberão melhor, e perigosamente, minha identidade, mas não estou nem aí para os moralistas, esses grandes macacos imitadores uns dos outros e repetidores da retidão alheia para exaltá-la como própria. Os moralistas não conseguem ser originais. São como fotocopiadoras estressadas pela atenção que há de ser permanente. E imensamente cuidadosa, temente a qualquer vacilo da atenção. Dou-te o conselho de cuidar-te com os generalizadores das coisas únicas em nome da necessidade de universalização. Mantém a vigília sobre os cientistas. Roga-lhes cautela: eles matam o homem. Suas estatísticas da realidade os integram a uma seita religiosa que tem inventado por aí o *Homem*, mas isso eles nunca saberão. Não se treinaram para a desconfiança e a vertigem. Desconhecerão para sempre a poesia. Nela nunca se verá. Não importa. Nada importa. Vê bem: para além de meu mero nome, esse Viriato que me chamo e que não sei bem a origem, quero anunciar-me a ti, movido

que estou por essa humildade de pessoa assustada. Posso ser teu senhor, uma vez que te sinto como uma criatura minha. Ou teu criado, que nossas criações normalmente nos superam. Nisso, porém, não há hierarquia ou opressão. Já não tenho mais o que sofrer. Não sei mesmo quem somos nesta transitoriedade sobre o mundo.

E não esquece: eu nunca minto.

Epílogo: um só assunto

*A morte, resfriando-vos o rosto,/ consoante a minha concepção vesânica,/ é
a alfândega onde toda vida orgânica/ há de pagar seu último imposto.*

Augusto do Anjos, Eu e Outras Poesias

Se eu entregasse minha vida à escrita, se me projetasse com toda a minha integralidade humana às páginas de uma confissão e se minha cabeça se danasse a imaginar todas as histórias possíveis de que sou capaz de contar, eu não ultrapassaria um parágrafo. Essa economia não seria relacionada a alguma incapacidade de achar palavras, mas à escassez de assuntos. Na verdade, teria um só assunto. De fato, não há muito mais do que um assunto na vida de uma pessoa, e que apenas talvez uma tradição classificatória aristotélica, agregada às nuances mentais com que o freudismo se deleita, faz com que nos alimentemos da idéia de que cada um de nós é muitos. Disso já falei. Ouso até afirmar que alertei. A variedade do cotidiano e a distância temporal entre os eventos da vida dão-nos a impressão de que cada aspecto é um assunto, de que em cada esquina sopra um vento, de que cada dia as bocas se abrem para novas revelações. Assim, ao fim de cada uma de nossas histórias percebemos um longo fio de interligação, e unimos várias histórias numa só. Depois, se trançarmos todos os fios de todas as histórias, notaremos o nosso ser bruto cavalgando sobre todos eles, e reconheceremos risadas, gemidos, prazeres e aflições. Quando somos para nós mesmos esse estranho e solitário cavalarião, ingressamos no interior de uma treva sem fim e no tempo dos inventários. Esses inventários, ao contrário dos que fazem os advogados quando a névoa da morte fecha nossos olhos para sempre, são elaborados por nós mesmos, numa rudeza contrafeita de nossas consciências já desencantadas. São inventários de amor e moralidade, e a impressão de que descobrimos os fios tardiamente nos impõe a tristeza ao coração. Assim, tristes e abandonados à aridez da individualidade, experimentamos a ambivalência emocional causada pela visão

de um imenso céu estrelado. Alenta-me a esperança de que algum sentido desesperado ao viver ainda seja possível encontrar. É um tempo em que nos tornamos um pouco enternecidos, e nos impressionamos com a transcendência e a religiosidade. A juventude nos solapa a desconfiança e constrói seu firme solo para caminharmos; depois dela, quando engolimos os anos, essa comoção inspiradora e suave nos força a visita – talvez para que em nós ainda nos perdesse algum sorriso – a um laboratório misterioso, onde é confeccionada sem muito fundamento a esperança. É quando notamos a presença de nosso assunto único: a fundamentação necessária à existência pálida que ainda nos anima em meio a tão nervosos pensamentos. Assim, somos capazes de eliminar o Mal e desconfiar do Bem através dos prodígios salvadores da grande razão (não vou escrevê-la mais com iniciais maiúsculas; ela está menor, talvez viva o seu ocaso). Nossos valores se tornam bailadores sem coreografia, e dançam para nós em meio à treva a que nos referimos. Por esse tempo, começamos a fazer medições entre o que fizemos e o que faremos até morrer. A morte é cada vez mais a baliza do fim, surge-nos a impressão de trajeto. Nossa métrica é, contudo, benevolente; o tempo se torna um tempo psicológico, onde nos é possível saltar para fora dele, nos tornarmos de certa forma atemporais. Flanamos sobre o destino e conseguimos, em bruxarias tensas, empurrar o futuro para trás, despistando a morte e nos concedendo um tempo improvável para vencer os dias que não são mais dias, são apenas o que existe entre o sono e a vigília. A curvatura do tempo não comove os apressados, que se movem na intuitiva linearidade. Essa linha do tempo se confunde com aqueles fios com que partimos a singularidade angustiante de nossa história única. Diante disto, ou melhor, diante da rara consciência disto (portanto, grande parte da humanidade tem uma felicidade parecida com a dos cães, e de nada desconfia), algumas conseqüências morais são postas sobre a mesa dos que, pensativos, sobre ela se debruçam. Normalmente sobre esta mesa estão folhas e mais folhas, livros e mais livros, e conversamos com os autores-avatars, descidos de mundos desconhecidos e materializados em nossa frente.

Dos papeis brotam Platão, que arrebatou a muitos com a separação do corpo e da alma, e Aristóteles, que, ficando obcecado por classificações, contagiou outros tantos, e ambos mortificaram o Ocidente com a negritude de suas descobertas, ao mesmo tempo em que fundaram uma imensa descendência de

humanos inquietos. Mesmo quando Montaigne, sem saber, se despede com graciosa elegância da Idade Média, ou quando Descartes, presunçoso, nos ensina que sem método nenhum conhecimento é garantido, ou ainda quando Kant e Hegel educam nossos espíritos e Nietzsche, com furor robesperiano, faz Deus morrer como Luis XVI; ou, ainda, quando Freud ensina que temos um eu secreto mais poderoso que o eu nosso de cada dia. Ou que os franceses, desde os anos sessenta, a tudo fragmentam e os *filósofos da diferença* querem eliminar a estupidez da universalização do homem e o fixam na sua história pessoal e nas dobras dos esmaecidos aspectos do mundo, investindo contra aquele marxismo de todos nós que lembramos com tanto amor de nossa esquerda falecida; enfim, mesmo assim, mesmo diante de tudo e de todos, nada alegra os que permanecem debruçados na mesa com seus olhos sombrios, talvez buscando o definitivo sentido moral para viver com algum orgulho fundamentado. Desse ambiente, os debruçados se levantam para seus velórios, procuram seus túmulos e sua derradeira paz. Andam por caminhos de planejamento mínimo, casam, têm filhos, produzem alguma coisa para a família, querem ir embora a toda hora, querem largar-se no vazio sentindo a queima do sol nos dorsos, andar nus atrás de alguma pureza; mas, quando revelam seus delírios de liberdade recebem o látigo arbitral do sacerdote confessor camuflado de verdugo laico, que prontamente lhes constata a imprudência e a falta de pudor. Esta é a moral do homem com consciência do caos que o traga e que não o abona. E ainda há o crime, a condição mais ousada da consciência que se desenvolve dentro de um homem sem nexos e sem culpa. Esse homem – e nele percebo uma crítica semelhança minha – irá agora sem pudor até a morte, o único assunto da sua escritura de um só parágrafo. E assim, como quem encarcera numa cripta o inimigo através de palavras minimamente organizadas, expulsará de si o que nele viveu eclipsadamente para matá-lo. Descoberto o oponente, às armas!

E o homem então viverá, agora atrás de outro parágrafo, docemente iludido de que retorna para assuntos de outra ordem, mas irá divagar sobre a mesma história com outras palavras. Um mesmo assunto se disfarça bem em novas versões, e já parece outro. Ao oponente, a esse tipo de oponente, nunca é dado um fim terminativo.

Contudo, faltam-me as palavras que necessito para costurar alguma inteireza. A memória, esse estojo em que pensamos guardar nossos resíduos, foi-se

de mim e tornou impraticável meu antigo projeto de decifração das coisas que vivi para chegar até esse momento, ainda que mantenha minha cara de aparente lucidez. Gostaria de continuar, mas acho inclusive que essas palavras não apenas me faltam: elas inexistem. As mais intensas passagens da vida de um homem não são representáveis. Nem que ele queira. Nem que ele já esteja ajoelhado de tanto querer. É talvez possível que eu seja uma pessoa absolutamente especial, um único homem incapaz de remontar-se, mas não creio. Aliás, este pensamento revela uma concepção repulsiva. Cada homem é uma maquete da humanidade. Se não for, ele não existe com a dignidade de ser singular pertencendo a um gênero. Esse é, na verdade, o fundamento central da Modernidade, não a renascentista, mas a iluminista. Seria bom leres. Não, não lê nada. Os livros também não possuem palavras para esclarecer-te bem sobre o que digo. Só sente. Faz esse exercício, retoma a hipótese de sentir algo, qualquer coisa, e pode ser que sintas o que te digo, mesmo que não consigas dizer nada.

Daqui para a frente, inventa-me tu. Troquemos as tarefas, é um bom jogo. Se puderes, inscreve em minha lápide a seguinte expressão: *O que é o agora?* Não torna ao meu túmulo. Mas, se voltares, não esquece de que a memória é um cavalo selvagem, e que eu passarei a ser cada vez mais outro indivíduo dentro de tua lembrança. Melhor será esquecer-me. Ser-te-ei grato por tua fidelidade a esse desejo que tenho de não ser restaurado por absoluta falta de confiança nos restauradores. Eu mesmo tentei e tudo foi em vão. Faz-te acompanhar – esse é um singelo conselho que te dou – da palavra *inefável*. Mesmo que jamais consigas dar-lhe um bom conteúdo, faz com que ela pertença a teu relicário, que todo homem tem coisas que ama e que lhe são sublimes.

Adeus.

Glossário

Cavalo *s.m.* **1.** *Zool.* Mamífero doméstico de grande porte da família dos equídeos. Gaúcho e cavalo são inseparáveis. O gaúcho chama ou designa o cavalo por diversos nomes conforme seus atributos físicos, pêlo e qualidades. **2.** *Fig. Depr.* Pessoa grosseira, intratável. In Dicionário Gaúcho Brasileiro, Batista Bossle, pág. 134, Artes e Ofícios, 2003.

Memória *s.* **1.** a capacidade de reter informação ou uma representação de experiência passada, com base nos processos mentais de aprendizagem ou CODIFICAÇÃO, RETENÇÃO durante um período de tempo, e RECUPERAÇÃO ou reativação da memória. **2.** informação específica ou uma experiência passada específica que é lembrada. **3.** a hipotética parte do cérebro onde traços de informação e experiências passadas são armazenados. In Dicionário de Psicologia, American Psychological Association, pág. 587, Artmed, 2010.

Selvagem *adj. 2g.* **1** Que se manifesta numa natureza não civilizada; próprio das selvas; agreste <*vida s.*> **2** (...) **3** Que habita as selvas, que vive longe dos aglomerados de pessoas civilizadas <*tribo s.*> <*animal s.*> **4** Que nasce, cresce e vive sem cultura, sem cuidados especiais; silvestre, selvático <*planta s.*> **5** Que nasce ou se desenvolve de forma indisciplinada ou sem controle, sem regras, sem orientação prévia <*industrialização s.*> <*capitalismo s.*> **6** Que ainda não foi domesticado <*diz-se de animal*> **7** Que se enfurece facilmente <*diz-se de animal*> **8** *p. ana.* Que manifesta crueldade, furor; bárbaro, feroz **9** Diz-se de ou indivíduo não civilizado ou de civilização primitiva; nômade, bárbaro **10** *p. ext.* que ou aquele que cultiva a solidão, que evita o convívio social, que vive só **11** *fig.* Diz-se de ou indivíduo que tem algo de rude, de grosseiro, ou que é intratável, arisco **12** (...) **14** ...**bom s.** Fil Indivíduo puro, dadivoso, fruto do contato estreito com a natureza, considerada como um bem [Os filósofos, esp. Jean-Jacques Rousseau (1712-1778),

viram no índio a figura do *bom selvagem*, em contraposição ao homem, infeliz e cheio de vícios – produto do mundo civilizado.] USO o termo, quando usado para designar ou classificar grupos humanos, tende a ser rejeitado pelas modernas análises das ciências sociais, devido às conotações etnocêntricas explícitas em seu uso comum e por sua imprecisão como conceito. In Dicionário Houaiss da língua portuguesa, pág. 2539, Editora Objetiva, 2001.